

# **O APERTO DE CANHOTA: O MOVIMENTO ESCOTEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 1939-1945**

Do original: THE LEFT HANDSHAKE: THE BOY SCOUT MOVEMENT DURING THE WAR, 1939-1945. London: Collins St. James's Place, 1949.

Hilary St. George Saunders

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

**ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA  
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA.**

“Tenho certeza de que, se abirmos uma disputa entre o passado e o presente, perderemos o futuro. (...) Toda a fúria e o poderio do inimigo devem muito em breve virar-se contra nós. Hitler sabe que terá de nos derrotar nesta Ilha ou perder a guerra. Se pudermos fazer-lhe frente, toda a Europa poderá ser livre, e a vida do mundo poderá seguir para campos amplos e ensolarados. Mas se fracassarmos, o mundo inteiro – incluindo os Estados Unidos, incluindo todos que conhecemos e com quem nos importamos – afundará no abismo de uma nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada pelas luzes da ciência pervertida. Unamo-nos, portanto, para cumprir nossos deveres, e portemo-nos de tal modo que, se o Império Britânico e sua Comunidade durarem mil anos, os homens ainda dirão: ‘Essa foi sua mais bela hora’”. (Winston Churchill, 18 de junho de 1940)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos brasileiros que combateram na Segunda Guerra Mundial, aí incluídos os nossos “Soldados Escoteiros desconhecidos”.

## O TRADUTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia, pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente no idioma inglês. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista e Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy).

Obras publicadas:

- **Um romancista em campanha:** Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- **Jogando para a segurança:** jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (co-autoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- **Comida de aventura:** alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

## **PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA**

Menos de dez anos após a sua criação por Baden-Powell, o Movimento Escoteiro passou pelo seu primeiro grande desafio de sobrevivência: a Primeira Guerra Mundial. Pouco mais de vinte anos depois, já consolidado, ele passaria por um segundo grande teste: a Segunda Guerra Mundial. Em ambos os casos, ele passou com louvor por essa dura prova.

Guerras são, por sua natureza, uma contradição em si. Nelas, os seres humanos conseguem mostrar o que têm de pior e de melhor, não necessariamente nos mesmos indivíduos. Durante esses eventos surgem as histórias das maiores atrocidades que as pessoas são capazes de cometer, mas também surgem os casos de solidariedade extrema, nos quais as pessoas colocam os interesses maiores da coletividade à frente do seu bem estar e da sua própria sobrevivência.

Durante a Segunda Grande Guerra o Movimento Escoteiro encontra, talvez, o seu maior desafio. Reprimido de forma contínua e, na maioria dos casos, violenta pelas tropas de Hitler e seus aliados, o Movimento sobrevive, altivo, a esse grande desafio. Trabalhando em situações diversas, desde a resistência até a assistência a refugiados e prisioneiros, os Escoteiros mostram seu valor pelo mundo a fora. Fica claro que os conhecimentos e os princípios morais recebidos pelos jovens durante sua vida Escoteira foram fundamentais para a sua sobrevivência e para a manutenção de seu espírito e sua dignidade nessa situação de repressão. A despeito de tudo, tropas Escoteiras surgem até mesmo nos locais mais improváveis dos campos de concentração e extermínio, e cumprem o seu papel com dignidade e altivez.

Ao contar as histórias de bravura, resistência e perseverança dos Escoteiros, em vários lugares do mundo, durante a Segunda Grande Guerra – obviamente não se pode tratar de todas as histórias, mas apenas de uma seleção delas – o autor mostra como o Escotismo, o espírito Escoteiro, foi fundamental para a sobrevivência de muitos, não apenas Escoteiros, em condições inóspitas; mostra a força de jovens e adultos em cumprir a sua Promessa nas condições mais adversas.

Este é um livro de história, de história do Movimento Escoteiro e da humanidade, registrando esse difícil momento pelo qual passamos em forma de uma leitura agradável, apesar de tratar de um tema tão duro, e que temos, agora, a oportunidade de ler em Língua Portuguesa. Ele mostra como jovens, limpos de corpo e alma, trabalharam de maneira incansável, muitas vezes dando a sua própria vida, para cumprir seus deveres para com Deus e a sua pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à Lei Escoteira. Ele conta a história da resiliência desse Movimento em face à adversidade extrema e nos faz compreender a sua força e o seu importante papel na educação de muitos jovens, preparando-os para enfrentar de cabeça erguida os desafios que a vida coloca à sua frente.

Certamente aqueles que se “aventurarem” na leitura desse texto agradável, se deliciarão com tudo isso e, sem dúvida, compreenderão melhor o que é o Movimento Escoteiro.

Infelizmente, nos dias de hoje, a desvalorização do conhecimento histórico traz consequências malignas para a nossa sociedade: não avançamos, repetimos os erros do passado, não apreciamos os esforços, a bravura e a coragem daqueles que lutaram nas ruas, nos campos de

batalha, nas salas de aula, nas academias, no Movimento Escoteiro, para fazer-nos avançar e chegar onde chegamos, bem como dos caminhos que nos trouxeram até aqui. Não temos uma cidadania completa, com uma visão clara da sociedade e do mundo no qual estamos inseridos, consequências de uma visão difusa, enevoada e, muitas vezes, distorcida da história.

Este livro procura, também, sanar um pouquinho dessa falha.

Sempre Alerta!

Orlando Pinheiro da Fonseca Rodrigues

Chefe IM – Região de Minas Gerais

Professor – Universidade Federal de Viçosa

## INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Ao longo de minha vida Escoteira, eu já lera ou ouvira, de várias fontes, alguma coisa sobre a atuação de Escoteiros nos dois conflitos mundiais. Na Primeira Guerra Mundial, o caso de Jack Cornwell, apontador de canhão no *HMS Chester* na Batalha da Jutlândia, passou a constar nas edições de *Escotismo para rapazes* a partir de 1916. Em *O milagre de Dunquerque*, que li em 1991, instigou-me a menção de Walter Lord à participação dos Escoteiros do Mar na Operação Dínamo, na qual foram evacuados mais de 338.000 soldados britânicos e franceses através do Canal da Mancha, de 26 de maio a 4 de junho de 1940. Guy de Larigaudie, antigo Escoteiro católico francês<sup>1</sup>, morreu nos primeiros dias da Batalha da França, no começo de maio de 1940. Guy Gibson, comandante do esquadrão que executou a incursão dos *Dambusters*, em 16-17 de maio de 1943, foi Escoteiro. Muitas outras informações podem ser obtidas, hoje, graças aos sites de busca na Internet. A página da BBC ([www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk)) tem muitas matérias interessantes sobre a Segunda Guerra; mesmo que muitas delas não tratem especificamente dos Escoteiros, eles estão presentes, ainda que de passagem, em vários dos relatos.

Pesquisando literatura Escoteira na Internet, descobri *The left handshake* na página *The dump*, da *Scouts of Canada*. Justamente em 2015, o 70º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial. Ao ler a obra, e nela descobrindo tantas ações exemplares da vivência da Lei (de forma mais notável, os 2º, 3º, 4º, 7º, 8º e 9º artigos) e da Promessa, veio-me o propósito de torná-la acessível para leitores brasileiros, se possível começando a executar esse projeto no próprio ano marcante de 2015. Assim, iniciei a tradução em 1º de dezembro, quando atingi meu topo de carreira no Exército e fiquei em condições de passar à Reserva. Decidi engajar-me nesse desafio por alguns motivos: o primeiro, tornar

---

<sup>1</sup> Autor do livro de reflexões espirituais *Estrela de alto-mar*.

acessível aos que não são de língua inglesa esse belo conjunto de relatos; o segundo, tornar essa tradução tão fiel quanto possível, valendo-me da qualificação Escoteira, da qualificação militar, da habilitação no idioma e do estudo da História. Sou aficionado por História, e especialmente a Segunda Guerra Mundial sempre me interessou muito; nascido em 1966, sou da geração dos filhos e netos dos que a viveram.

Gostar de História não é “viver de passado”. É, muito pelo contrário, buscar elementos para entender o presente, o que muitas vezes nos ajuda a enxergar as tendências para o futuro. Todos nós temos história, que é escrita pelo que fizemos, não pelo que faremos. A história é que afirma nossa identidade. Essa afirmação da identidade pode ser agregadora, ressaltando nossos melhores elementos comuns como humanidade, ou pode ser discriminatória, separando irmãos em “nós” e “eles” – uma ameaça não tão distante, para quem souber ler, mesmo em países de grandes dimensões com alto grau de identidade linguística e cultural.

Howard Gardner diz que o líder conta uma história que os outros aceitam para si – para o bem ou para o mal. Assim, vimos, especialmente na Segunda Guerra, as histórias que os líderes contavam aos seus povos: uns contando histórias de supremacia com base em estereótipos “raciais”; outros contando histórias da necessidade de controlar todos os aspectos da vida das pessoas, que de outro modo se portariam anarquicamente; outros contando histórias sobre a preservação da cultura ocidental; outros, sobre a supressão da propriedade e a redistribuição dos bens por uma autoridade suprema inquestionável (mas os bens daqueles ligados à autoridade suprema não eram passíveis de partilha – “o que é seu é meu, e o que é meu é muito meu”); outros, sobre “a Ásia para os asiáticos (mas os asiáticos *certos, superiores*)”; outros, ainda, sobre a democracia e a liberdade de se expressar.

O Escotismo, nascido em 1907, foi resultado de uma história contada por Baden-Powell: treinamento para cuidar de si e conviver com os outros, com desenvolvimento físico, afetivo, do caráter, espiritual, intelectual e social, com base em jogos, aventuras e convívio fraterno extrapolando fronteiras.

O Movimento teve seu “batismo de fogo” na Primeira Guerra Mundial: sobreviveu e cresceu num contexto em que se necessitou do cumprimento do “dever para com a Pátria”, da criatividade para viver em condições como as das trincheiras, e da camaradagem para recuperar-se e aos companheiros. Naquela que prometia ser “a guerra para pôr fim às guerras”, os Escoteiros mostraram-se capazes de combater pelo território e pela população. Inclusive preparando-se para o combate como Escoteiros, com etapas de proficiência em tiro estabelecidas no manual *Marksmanship for boys*, de autoria de B-P<sup>2</sup>. No pós-guerra, a experiência Escoteira teve enorme valor na reintegração de jovens ex-combatentes à vida em sociedade de tempo de paz; a criação do Ramo Pioneiro foi fundamental nesse processo.

As décadas de 1920 e 1930 viram não só o crescimento do Escotismo, mas também, paradoxalmente, o florescimento de regimes totalitários como resposta à “bagunça democrática” do mundo pós-guerra – comunismo na União Soviética em 1917, fascismo na Itália em 1922, nazismo na Alemanha em 1933, e outros exemplos similares, incluindo países como Romênia, Argentina, Espanha, Portugal e Brasil<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Ele mesmo, antes de entrar para o Exército, fizera parte da equipe de tiro em Charterhouse School. Em *Marksmanship for boys*, já indicando a guerra que se aproximava, as ilustrações contendo “um combatente inimigo” para ser alvejado, apresentavam um soldado alemão com o capacete *pickelhaube*. Num contexto de pré-guerra para o país, os Escoteiros tinham de capacitar-se para servi-lo, inclusive nas Forças Armadas (ou na defesa territorial, no caso de invasão), e sendo proficientes no tiro. Até os anos finais do século XX, ainda havia a especialidade de Atirador para os Ramos Escoteiro (a partir dos 13 anos) e Sênior. O objetivo dessa especialidade não é “habilitar o jovem para atirar no próximo”, mas sim, usando com segurança a arma de fogo, desenvolver seus atributos de autocontrole, disciplina, coordenação motora, espacialidade, cultura geral, foco, proteção contra acidentes e zelo pelo material.

<sup>3</sup> Movimentos juvenis ligados aos regimes: *Frente de Juventudes de La Falange Española Tradicionalista*; Mocidade Portuguesa; Organização Nacional da Juventude; não houve, entretanto, a supressão do Escotismo nesses países.

Esses regimes, com o intuito de assegurar sua perpetuação, buscaram formas de doutrinar as pessoas desde muito cedo (se possível, desde o berço) para que se conformassem à ideologia governante. Como o Escotismo prima pela independência e pela liberdade de pensamento e escolha, é incompatível com tais projetos. Em consequência, a União Soviética suprimiu-o, tendo como organizações juvenis partidárias os Jovens Pioneiros e o *Komsomol*<sup>4</sup>; a Alemanha hitleriana também proibiu o Escotismo, só aceitando como organizações juvenis as do Partido Nazista<sup>5</sup> (*Deutsches Jungvolk/Jungmädel* e *Hitlerjugend/Bund Deutscher Mädel*); e a Itália, mesmo não suprimindo o Escotismo (se Mussolini o fizesse, criaria animosidade com o Papa, que apoiava o Movimento – isso seria politicamente desastroso, num país predominantemente católico), limitou-o enormemente para que houvesse a preponderância dos *Balillas*<sup>6</sup>. Todos esses movimentos juvenis partidários inspiraram-se nas ferramentas do Escotismo para atrair os jovens e instilar-lhes a ideologia do regime, usando as atividades físicas e de campo para estimular o vigor físico, a marcialidade e a prontidão para o combate – para implantar ou para preservar o sistema.

A Segunda Guerra, mortandade em escala muito maior que a Primeira e perpetrada de maneira muito mais perversa, foi a “prova de têmpera” do Movimento. Além do combate pelo território, no campo de

---

<sup>4</sup> Jovens Pioneiros, dos 7 aos 14 anos; *Komsomol*, dos 14 aos 28. *Komsomol* era o acrônimo para “União da Juventude Comunista”, em russo.

<sup>5</sup> A DJ recebia os jovens de 10 a 14 anos; a partir dessa idade, os rapazes iam para a HJ e as garotas, para a BDM, onde ficavam até os 18. A não inscrição do jovem na associação juvenil partidária podia colocar os pais sob suspeita. Em março de 1939, a inscrição passou a ser obrigatória. Lema da HJ: *Blut und Ehre*.

<sup>6</sup> A organização (*Opera Nazionale Balilla*) recebeu o nome em homenagem a um garoto genovês, Giovan Battista Perasso, vulgo *Balilla* (“rapazinho”), que, segundo o mito, desencadeou um levante dos genoveses contra os ocupantes austríacos em 1746; segundo o relato, *Balilla*, quando presenciou soldados austríacos forçando cidadãos genoveses e desatolar uma peça de artilharia, começou a atirar-lhes pedras; o que despertou o ânimo dos italianos para rebelar-se contra os austríacos. A ONB tinha as divisões em faixas etárias: *Figli della Lupa*, para crianças de 6 a 8 anos; *Balilla*, para os de 8 a 14 anos; e *Avanguardisti*, para os de 14 a 18 anos. Lema: *Libro e moschetto, fascista perfetto*.

batalha, os Escoteiros tiveram de combater pelas ideias – pela **liberdade** de pensar e escolher, pela **igualdade** nos direitos fundamentais, pela **fraternidade** entre os seres humanos. Ainda que esses três ideais que ecoam 1789 não fossem plenamente atingíveis (com ou sem a guerra – especialmente considerando os impérios coloniais), a luta mais ferrenha foi para que eles não fossem suprimidos.

Nós, seres humanos, somos capazes de produzir cultura por nossa capacidade de contar histórias. Os contadores de histórias eram valorizados nas sociedades antigas porque preservavam os saberes e os valores da tribo, transmitindo-os de forma atraente: até hoje, não há quem não sinta prazer com uma história bem contada.

Este livro conta uma bela história, que chega a ter lances humorísticos e outros tremendamente emocionantes. Seu foco está no Reino Unido e nos países que tiveram mais profundo envolvimento no segundo conflito mundial. O Brasil, conquanto participante, o foi como país periférico – a Força Expedicionária Brasileira e o 1º Grupo de Caça, apesar de terem bem cumprido sua missão, somavam menos de trinta mil homens numa guerra de milhões; pelas lacunas nos registros e pelo longo tempo decorrido (os poucos veteranos ainda vivos nesta data já são nonagenários), não há muita esperança de encontrar alguma coisa sobre Escoteiros que tenham integrado nossas forças combatentes ou sobre a forma como participaram no esforço de guerra. Há algumas revistas da época que tratam do auxílio no esforço de guerra, mas faltam dados sobre o que se obteve.

Uma história que não aparece neste livro, mas que vale a pena contar, é uma que ouvi nos meus primeiros meses no Movimento: é a do Monumento ao Soldado Escoteiro Desconhecido, existente no Japão. Durante a batalha pela ilha de Okinawa<sup>7</sup>, um fuzileiro norte-americano, ferido, perdera os sentidos, e voltou a si a tempo de ver um soldado japonês. Quando o japonês o viu, aprontou-se para avançar sobre ele

---

<sup>7</sup> 1º de abril a 22 de junho de 1945.

com a baioneta e matá-lo. Devido à perda de sangue, o americano desmaiou, já contando que não acordaria mais; por algum motivo, ao desmaiar, fez a saudação Escoteira. Quando voltou a si, seu ferimento fora tratado e protegido, havia água ao alcance, e em seu bolso fora colocado um bilhete, que dizia mais ou menos o seguinte: “Eu sou o soldado japonês que ia matá-lo. Mas você, antes de perder os sentidos, fez a saudação Escoteira. Eu fui Escoteiro, e assim, não poderia, conscientemente, matar um irmão Escoteiro. Tratei seu ferimento da melhor forma que pude. Boa sorte”. Quando a guerra acabou, o norte-americano pôs-se à procura do japonês, mas soube que ele morrera em combate em Okinawa. A história se espalhou, e, em homenagem ao espírito capaz de promover atos de humanidade como esse entre dois irmãos, cada um cumprindo seu dever para com seu país, erigiu-se o monumento no Parque Kodomonokuni, em Yokohama, retratando essa cena.

Cabe lembrar: *The left handshake* foi escrito nos primeiros anos do pós-guerra e da Guerra Fria (a edição é de 1949); nesse tempo, o Escotismo era para rapazes, e as meninas tinham sua associação própria, as *Girl Guides* – que somou seus esforços aos dos Escoteiros; os impérios coloniais estavam no início de seu processo de desmonte. A linguagem e as observações devem ser colocadas no devido contexto de espaço, tempo e visão de mundo. Algumas particularidades da composição do livro são dificilmente traduzíveis, mas fez-se a adaptação na medida do possível e, quando preciso, adicionaram-se notas explicativas – especialmente para contextualizar alguns dos episódios vividos pelos Escoteiros, ou para esclarecer alguma situação caracteristicamente militar ou peculiar à situação de guerra, ou ainda contextualizar no período. Pode-se pesquisar imagens na internet, pelo site de busca Google.

O autor, engenhosamente, dividiu o livro em dez capítulos, lembrando os dez artigos da Lei Escoteira; é finalizado por dois Apêndices. Os títulos expressam atitudes exemplificadas no texto, e as

iniciais compõem o acróstico “BE PREPARED” – assim, não havia como traduzir para “SEMPRE ALERTA”. Os capítulos são:

- BRAVERY (Bravura) – A história de Jan van Hoof
- ENTERPRISE (Empreendimento) – Lord Baden-Powell
- PURPOSE (Propósito) – O Escotismo nas Ilhas Britânicas
- RESOLUTION (Resolução, Determinação) – O Escotismo nos países ocupados
- ENDURANCE (Resistência, “Aguentar firme”) – O Escotismo no cativoiro
- PARTNERSHIP (Parceria, Camaradagem) – O Escotismo no Império Britânico e nos Estados Unidos
- ASSURANCE (Certeza) – O Escotismo nos campos de refugiados e de pessoas deslocadas
- REFORMATION (Reconstrução, Reabilitação) – O Escotismo nos países derrotados
- ENTHUSIASM (Entusiasmo) – O Movimento e seu significado
- DEVOTION (Devoção) – o Jamboree da Paz.

Para gerações que mal se lembram (ou mesmo ignoram!) que tenha havido conflitos como as duas Guerras Mundiais, é importante lembrar: primeiro, que elas moldaram o mundo de hoje; segundo, no caso específico do Movimento Escoteiro, que elas provaram o valor do nosso sistema de vida alicerçado na liberdade de ser, saber e fazer, na igualdade entre os seres humanos e na fraternidade fundada no respeito e cooperação. Nessa grande “guerra de guerreiros desconhecidos<sup>8</sup>”, os Escoteiros (jovens na idade ou no espírito) perfilaram-se entre os que “continuaram até o fim e jamais se renderam<sup>9</sup>”, dando seu esforço para que o mundo não afundasse “no

---

<sup>8</sup> Churchill, discurso de 14 de julho de 1940.

<sup>9</sup> Churchill, discurso de 4 de junho de 1940.

abismo de uma nova Idade das Trevas<sup>10</sup>”, mantendo-se fiéis a valores infensos às ideologias de rebanho.

Dei o trabalho por terminado em 24 de maio de 2016, 4 dias após o meu 50º aniversário e sesquicentenário (150 anos) da Batalha de Tuiuti. A Guerra do Paraguai nada teve a ver com a vida de B-P, que tinha apenas 13 anos quando ela findou. Mas foi a última guerra externa lutada pelo Brasil antes do conflito coberto por este livro. Tuiuti foi a maior batalha terrestre do subcontinente, e assinalou o começo do fim de um ditador megalômano, que pôs fogo no continente e levou seu país à ruína. A guerra de López diferiu da de Hitler na tecnologia e nos fundamentos doutrinários da política nacional (um, territorial; outro, ideológico e territorial). Mas, em ambos os casos, a guerra começou com delírios e terminou com terras e gentes arrasadas.

Vamos à leitura?

---

<sup>10</sup> Churchill, discurso de 18 de junho de 1940.

## PREFÁCIO

Pelo Escoteiro-Chefe do Império e da Comunidade Britânica de Nações,  
Lord Rowallan

Quando o Coronel Baden-Powell adentrou a capital dos Ashantis [Kumassi, no que hoje é Gana], em 1890, foi ao seu encontro um dos Chefes, que lhe estendeu a mão esquerda para cumprimentar. B-P estendeu-lhe a mão direita para corresponder, mas o Chefe disse-lhe: “Não, na minha terra os mais bravos entre os bravos cumprimentam-se com a mão esquerda”. Assim começou o “aperto de canhota” da fraternidade mundial dos Escoteiros.

Neste livro, contam-se algumas histórias de coragem e resistência mostradas pelos Escoteiros em diversos países durante a guerra de 1939-45. Não haveria espaço, ainda que em muitos volumes, para contá-las todas. Muitas, de fato, jamais poderão ser contadas: algumas por motivos políticos, outras porque os personagens morreram, deixando-as desconhecidas.

Eles lembraram-se de sua Promessa, de fazer o melhor possível para cumprir seus deveres para com Deus e a Pátria; para pensarem nos outros antes que em si mesmos. Então, quando veio a ocasião, eles estiveram prontos, de corpo e alma, para servir.

Seu registro é insuperável; eles foram “os mais bravos entre os bravos”.

## CAPÍTULO I

### BRAVURA

#### *A história de Jan van Hoof*

Seu rosto era o de alguém que, no apogeu da juventude, morreria não apenas por seu país, mas pela liberdade do mundo. A testa era alta e lisa sob o cabelo bem cuidado, mas meio torto, como se ele tivesse acabado de correr as mãos para ajeitá-lo. Sob a testa, os olhos, olhando distante, como se para um local que contivesse aquilo que as pessoas comuns às vezes conseguem vislumbrar em momentos de exaltação ou de desespero, mas que para ele era simplesmente o bastante – dever, perigo, morte. Eram os olhos de um idealista, instalados na cabeça de um jovem perspicaz e prático. Pois isso, com toda certeza, é o que Jan van Hoof era. A boca resoluta com o lábio inferior cheio, as orelhas um pouco grandes, o nariz direito com as narinas bem marcadas, eram os traços de alguém que, diriam vocês, iria longe nos negócios<sup>11</sup>. E foi longe, só que no negócio do combate. Esta é a sua história.

Na terceira semana de setembro de 1944, os exércitos alemães, empurrados com pesadas baixas<sup>12</sup> para fora da França e da Bélgica, viram-se encurralados nas fronteiras de seu próprio país. Opunham-se a eles mais de um milhão de homens, em sua maioria britânicos e americanos<sup>13</sup>, que poucas semanas antes haviam se espalhado a partir

---

<sup>11</sup> A interpretação das características da personalidade e do caráter de uma pessoa a partir dos traços do rosto é o escopo de uma pseudociência chamada fisiognomonia, cujo criador foi o médico italiano Cesare Lombroso (1835-1909). O intuito era identificar as pessoas que tivessem indicações de tendências criminosas para impedir a prática do delito. Com base nessa ideia, houve vários casos de suspeitas serem lançadas sobre pessoas que não tinham nada contra si a não ser fatores não controláveis como o formato da cabeça ou a distância entre os olhos. A falta de coerência entre os parâmetros, que no fim das contas indicavam a correlação dos traços fisionômicos com o cometimento de delitos somente após a consumação do crime, ou seja, tendo tanta validade quanto uma profecia do pretérito, derrubou a credibilidade que a fisiognomonia pudesse ter – para alívio dos cidadãos de bem com marcas de feiúra.

<sup>12</sup> Baixas são mortos, feridos, doentes, prisioneiros e desaparecidos; aqueles com quem se deixa de contar no poder de combate de uma unidade.

<sup>13</sup> Mas também canadenses, franceses, poloneses, tchecos e holandeses.

de suas congestionadas cabeças-de-ponte<sup>14</sup> na Normandia<sup>15</sup>. Suas forças estendiam-se agora dos Alpes à foz do Reno, posicionadas para desferir, se pudessem, o golpe final, mortal. Naquele período, parecia que eles poderiam fazer isso a qualquer momento. Aqueles dias de setembro, quando as folhas pouco a pouco se iam tingindo de dourado, trariam o clímax da guerra – era o que todos confiantemente esperavam. Não trouxeram, por imperativo do destino, que se abrandou no último momento e deu alguns meses de fôlego a um povo traiçoeiro e já no caminho da derrota, antes da expiação plena dos seus pecados.

Naquele outono de 1944, o 21º Grupo de Exércitos<sup>16</sup>, constituído por forças britânicas e canadenses, após percorrer o norte da França e a Bélgica, estava às portas da Alemanha, fazendo face a três grandes rios que, no nordeste da Holanda, impediam o prosseguimento do avanço. Eram o Maas, o Waal e o Baixo Reno. Se fosse possível atravessá-los em força<sup>17</sup>, a guerra estaria vencida, pois o principal

---

<sup>14</sup> Cabeça-de-ponte: posição conquistada em terreno inimigo, geralmente após transpor um obstáculo natural, e a partir da qual se pode desencadear ataques que consolidem e ampliem os ganhos. Quando o obstáculo é um trecho de mar, costuma ser chamada cabeça-de-praia, como foi o caso na Normandia. Pode haver, também, uma cabeça-de-ponte aeroterrestre: na operação que ocorreria na Holanda, a proposta era de se estabelecerem três cabeças-de-ponte sucessivas, com as quais o XXX Corpo de Exército, vindo por terra, faria a junção..

<sup>15</sup> Onde, em 6 de junho de 1944, ocorreu a invasão do continente europeu, com os desembarques anfíbios e aeroterrestres da operação Overlord, também conhecida como Dia D. Numa operação militar, o dia D é aquele em que se desencadeia a ação principal. A expressão Dia D é comumente referida ao dia do desembarque Aliado na Normandia por causa da dimensão da operação, com milhares de homens, navios, aviões e veículos lançados através do canal da Mancha sobre uma mesma área, num mesmo dia. Nela, houve a constituição de duas cabeças-de-ponte aeroterrestres (no rio Orne e na península de Cotentin), com as quais teve de ser feita a junção a partir das cabeças-de-praia.

<sup>16</sup> Na composição de forças terrestres, a constituição usual é: Pelotões agrupam-se em Companhias; Companhias, em Batalhões; Batalhões, em Brigadas (ou Regimentos). A Brigada é o menor agrupamento operacional que contém todos os elementos de combate e de apoio. Brigadas agrupam-se em Divisões; Divisões, em Corpos de Exército; Corpos de Exército, em Exércitos de Campanha; Exércitos, em Grupos de Exército; e estes, no componente terrestre de um Teatro de Operações. Na Europa Ocidental, em 1944-45, havia o 21º Grupo de Exércitos, sob o comando de Montgomery, e o 12º Grupo de Exércitos, sob o comando do General Omar Bradley.

<sup>17</sup> Uma ação em força – reconhecimento em força, transposição em força – é aquela executada por uma força militar de tal monta que tem a possibilidade de produzir diretamente um resultado tático ou estratégico.

sistema defensivo alemão no oeste, a tão decantada Linha Siegfried, terminava na floresta do Reichswald e podia, assim, ser flanqueado. Os alemães tinham tanta consciência dessa situação quanto o Marechal-de-Campo Montgomery<sup>18</sup>, e estavam tão determinados a impedir a passagem quanto “Monty” a forçá-la. Isso só podia acontecer em três lugares. O primeiro deles, o rio Maas, era atravessado por uma ponte de aço de nove vãos em Grave<sup>19</sup>. O segundo, o rio Waal, era transposto por uma ponte de cinco vãos em Nijmegen. E sobre o Baixo Reno (*Nijder Rijn*) havia uma ponte semelhante, em Arnhem. A captura dessas três pontes era vital, pois eram os três elos mais importantes em uma única corrente, que era a rodovia Eindhoven-Veghel-Grave-Nijmegen-Arnhem, ligando a Holanda ao norte da Alemanha. Numa região que, em sua maior parte, é de terras baixas e inundáveis, esta era a única estrada capaz de permitir o tráfego de carros de combate, e atrás dos blindados a Infantaria e os suprimentos, transportados em caminhões.

O plano de Montgomery era tomar as três pontes por meio de uma audaciosa e moderna operação de guerra: um “tapete de paraquedistas” seria lançado, e por cima dele seus exércitos se derramariam para dentro do Reich<sup>20</sup>. A missão principal da 101<sup>a</sup>

---

<sup>18</sup> Bernard Law Montgomery, Visconde de Alamein (1887-1976). Lutou na Primeira Guerra Mundial. Na Segunda, comandou a 3ª Divisão de Infantaria na Batalha da França (maio de 1940) e na evacuação de Dunquerque. Sua fama cresceu quando comandou o VIII Exército britânico na campanha do Norte da África (1942-43), advindo-lhe o título de nobreza da vitória na batalha de El Alamein, no Egito (outubro-novembro de 1942), quando o VIII Exército forçou o *Deutsches Afrika Korps* a retirar-se em direção à Tunísia, onde finalmente se renderia em maio de 1943. Comandou o componente terrestre da Operação Overlord (desembarque na Normandia, 6 de junho de 1944) e, depois, o 21º Grupo de Exércitos, responsável pelo setor norte da Frente Ocidental.

<sup>19</sup> O nome da localidade (em holandês, pronunciado “grafe”) foi objeto de piadinhas macabras entre os aeroterrestres norte-americanos, pois a palavra assim grafada (em inglês, pronunciada “greiv”) em inglês significa “sepultura”.

<sup>20</sup> Essa operação recebeu o codinome *Market-Garden*. *Market*, o assalto aeroterrestre, por tropas paraquedistas e planadoristas, para conquistar e manter as pontes; e *Garden*, o avanço terrestre, liderado pelos blindados do XXX Corpo de Exército (britânico), fazendo a junção com os aeroterrestres e consolidando as posições. Ultrapassando Arnhem, as forças Aliadas invadiriam a Alemanha pela região industrial do Ruhr, sufocando a logística alemã. Esperava-se que tal operação levasse a guerra a terminar antes do Natal. O eixo de progressão do XXX Corpo era uma rodovia, única passagem elevada

Divisão Aerotransportada norte-americana<sup>21</sup> era apoderar-se das pontes de Son e Grave<sup>22</sup>; a da 82<sup>a</sup>, também norte-americana<sup>23</sup>, tomar a ponte de Nijmegen, e à 1<sup>a</sup> Divisão Aerotransportada Britânica<sup>24</sup> cabia a ponte de Arnhem<sup>25</sup>. Era com a segunda destas pontes que Jan van Hoof era vitalmente preocupado. Ele vivera com ela à vista durante toda sua curta existência; estava destinado a morrer ao lado dela.

Quando a guerra atingiu a Holanda em 1940, Jan estava com dezoito anos. Os alemães chegaram quase que da noite para o dia, tão rápida e bem preparada tinha sido sua conquista do país. Eles se portavam bem – no início; mas, como muitos de sua geração, Jan não se deixou enganar pelos lobos teutônicos em pele de cordeiro, e de imediato abraçou a causa dos que estavam determinados a abrir os olhos de seus compatriotas para as verdadeiras intenções dos conquistadores, bem diferentes das que eles expressavam. Jan era “um

---

entre terras alagáveis. A operação é detalhadamente contada no livro *Uma ponte longe demais*, de Cornelius Ryan, e muito bem retratada no filme com o mesmo título.

<sup>21</sup> Conhecida como *Screaming Eagles* (Águias Gritadoras), foi criada em novembro de 1918, desmobilizada logo ao fim da I Guerra Mundial, recriada em 1921 na Reserva do Exército. Em agosto de 1942, foi reincorporada ao Exército ativo, designada como Divisão Aerotransportada (poucos dias depois da 82<sup>a</sup>). Descomissionada no processo de desmobilização ao término do conflito, em 1945. Entre 1948 e 1956, passou por sucessivas ativações e desativações como unidade de treinamento, até ser definitivamente reativada em 1956, como Divisão Aeromóvel (transportada por helicópteros).

<sup>22</sup> Equívoco do autor: a ponte de Grave foi incumbência da 82<sup>a</sup>. À 101<sup>a</sup> couberam as pontes de Son, Best, St. Oedenrode e Veghel. A destruição da ponte de Son, pelos alemães, impôs atraso de 36 horas ao cronograma da operação *Garden*: foi preciso construir uma ponte modular tipo Bailey.

<sup>23</sup> A mais antiga unidade paraquedista do Exército dos EUA foi constituída em agosto de 1917, como Divisão regular e combatendo na I Guerra Mundial. Por ter recebido em seu contingente inicial homens oriundos de todos os Estados-membros dos EUA, tornou-se conhecida como *All-American* (totalmente americana, daí o “AA” do seu distintivo). Desmobilizada em 1919, foi reativada na Reserva do Exército em 1921. Em agosto de 1942, reverteu ao Exército ativo, como unidade paraquedista, assim permanecendo.

<sup>24</sup> Atualmente, Regimento Paraquedista. O Corpo Aeroterrestre britânico, originalmente constituído pelas 1<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> Divisões e pelo 2<sup>o</sup> Agrupamento de Brigada, devido aos cortes no orçamento de defesa do pós-guerra, reduziu-se ao que hoje é o Regimento, constituído por 4 Batalhões, que são parte da força de ação rápida do Exército britânico. O 2<sup>o</sup> Batalhão combateu na Guerra das Falklands, em 1982.

<sup>25</sup> O “grande prêmio”, como disse Montgomery. De fato, a de Arnhem era a ponte sem cuja posse todo o empreendimento seria em vão.

rapaz muito idealista com elevados princípios quanto ao que uma boa comunidade deveria ser”. Assim relatou seu Monitor, que o conheceu bem, pois Jan tinha sido um dedicado Lobinho e Escoteiro. “Frequentemente conversávamos sobre isso, e eu sempre ficava impressionado e me contagiava pelo seu entusiasmo, e isso, creio eu, era uma das coisas características de seu trabalho na clandestinidade – seu firme entusiasmo e a seriedade com que cumpria suas tarefas”. O rapaz estava bem equipado, então, para a perigosa, gloriosa, monótona vida de um operador clandestino. Todos que o conheceram descreveram-no como “um garoto simples e calado que fazia seu próprio caminho”. Ele raramente dizia aos seus pais o que estava fazendo e eles nunca perguntavam; nem suas duas irmãs e seu irmão o faziam. Eles conheciam esse traço da natureza de Jan. Quando garotinho, ele dissera em várias ocasiões: “O que eu planejo fazer, eu vou fazer”. Agora o tempo das trevas havia chegado. Seus pais assistiam e esperavam, mas não perguntavam que pensamentos fervilhavam atrás daquela testa alta e daqueles olhos firmes. E, no entanto, ele não era naturalmente propenso a agir em segredo, pois sua ambição era ser o mais aberto e sincero dos homens, um jornalista, se possível um correspondente internacional, e quando os alemães chegaram ele persistiu em seu propósito. “Ele costumava me dizer”, disse sua mãe, “que havia de ser um Goebbels<sup>26</sup>, mas um Goebbels que agisse para o bem”. Jan acreditava no valor do jornalismo e em seu poder para fazer o bem, tanto quanto para fazer o mal.

Em 1941, o período inicial (não é possível chamá-lo de agradável) da ocupação alemã da Holanda terminara. Os holandeses, sempre teimosos, recusaram-se a corresponder às gentilezas com que os invasores tentavam cooptá-los. Tinham um repositório de lembranças

---

<sup>26</sup> Joseph Paul Goebbels (1897-1945), Ministro da Propaganda durante o regime nazista na Alemanha. Suicidou-se pouco depois de Hitler, levando consigo a esposa e os filhos, para não cair nas mãos dos Aliados. É sua a famosa frase: “Grite uma mentira cem vezes e ela será aceita como verdade”. Os princípios e técnicas propagandísticos que estabeleceu ainda hoje servem de fundamento aos trabalhos de publicidade e propaganda.

amargas. Os lanceiros do duque de Alba<sup>27</sup>, as legiões de Luís XIV, os coletores de taxas de Napoleão... não apenas uma, mas várias vezes seu país plano e bem arrumado fora o prêmio cobiçado de um invasor. Hitler era apenas o mais recente. Lidariam bem com ele assim como seus antepassados lidaram com os outros. Paciência e coragem. Essas eram as armas que o movimento clandestino holandês, antes que o ano findasse, começava a mostrar, os sintomas de organização com que os alemães, com sua longa experiência da Tchecoslováquia, Polônia e outros países devastados já estavam bem familiarizados. Eles aplicaram o costumeiro e sempre ineficaz remédio da repressão brutal e sangrenta. Setenta e dois membros de um grupo da Resistência holandesa foram levados embora e fuzilados em uma execução em massa.

Os ecos das metralhadoras alemãs eram o toque de reunir para Jan van Hoof e outros como ele. Sua organização ficou mais forte, melhor equipada, melhor conduzida. Sendo membro do grupo de Nijmegen, Jan estava profundamente imerso nisso. As atividades eram muitas e variadas. Eles forjavam carteiras de identidade e cartões de racionamento, distribuíam jornais clandestinos, levavam mensagens, escondiam “mergulhadores (pessoas que tinham que “mergulhar”, “sumir” porque os alemães sabiam serem membros da Resistência)”. Paralelamente, o Escotismo, apesar da absoluta proibição, era praticado, fundamentalmente por seu comprovado valor educativo, e produzia até mesmo seu próprio informativo clandestino, chamado *Juventude Combatente*. Ansioso por intensificar seus esforços, Jan van Hoof tornou-se um Pioneiro. Sua investidura ocorreu num bosque na periferia de Nijmegen, próximo a um mosteiro que em 1941 os alemães usavam como aquartelamento. Durante a cerimônia, conduzida de

---

<sup>27</sup> Fernando Álvarez de Toledo y Pimentel (1507-1582), militar e político castelhano. Como governador dos Países Baixos (Holanda) ao tempo do rei Filipe II, destacou-se pelo rigor com que conduziu a repressão aos rebeldes holandeses no movimento de independência. A Holanda se tornou independente em 1581.

maneira silenciosa e reverente, os alemães podiam ser ouvidos a poucos metros dali, batendo os pés, gritando ordens, fazendo ordem unida.

E assim Jan tornou-se membro do Clã Pioneiro Clandestino<sup>28</sup>, que continuou a viver o Escotismo sem perder em intensidade por fazê-lo às escondidas. Havia os mesmos Escotistas e companheiros Pioneiros de antes, mas sua tarefa era nova. Era a de construir um novo Movimento Escoteiro, pronto para ressurgir tão logo a guerra acabasse. Para isso, era importante “conter” os garotos mais novos durante a Ocupação, não fisicamente, é claro, mas com os vínculos da mente. Isso ficou difícil depois que o Escotismo foi proibido. Algumas Tropas continuaram a funcionar muito secretamente e a autorizar o ingresso de novos membros. Eles ainda faziam acampamentos escondidos nos bosques e celebravam cerimônias do dia de São Jorge com Fogos de Conselho e a renovação da Promessa Escoteira.

Assim passaram 1941, 1942 e 1943. A ocupação germânica estava se tornando mais mortífera, e a resistência a ela, mais desesperada. A única luz na escuridão vinha das transmissões da *British Broadcasting Corporation* no rádio. “Sem o noticiário da BBC e os discursos de Mr. Churchill<sup>29</sup>, não teríamos continuado a resistência”, disse o Escotista Hans Lombaers, em nome de milhares de seus compatriotas. E ele prosseguiu, descrevendo como era a vida naqueles dias austeros. “A história se movendo devagar”, disse ele, “com os eventos bagunçando nossos planos. Uma pequena vitória aqui – um punhado de pessoas salvas do trabalho escravo para os alemães; um revés ali, outro punhado de pessoas arrebanhadas aleatoriamente e

---

<sup>28</sup> Na época, o Escotismo europeu em geral mantinha como Pioneiros os jovens por volta dos 17 até os 25 anos. Jan van Hoof, é bom lembrar, estava com 19 anos em 1941, e com 22 ao tempo da operação *Market-Garden*.

<sup>29</sup> Winston Churchill (1874-1965), Primeiro-Ministro inglês de 1940 a 1945. Sua tenacidade e seu exemplo de combatividade e de fé na causa Aliada, expressos em seus discursos, inspiraram os britânicos e seus aliados a prosseguirem na guerra até a “virada da maré” em 1942 e a vitória final. De especial destaque são seus discursos de 1940: 10 de maio (“Sangue, fadigas, lágrimas e suor”), 4 de junho (“Lutaremos nas praias”) e 18 de junho (“A mais bela hora”), 14 de julho (“Guerra dos guerreiros desconhecidos”) e 20 de agosto (“Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”).

fuziladas; um *quisling*<sup>30</sup> fala e um líder da Resistência é caçado até morrer num campo de horrores nazista. E, por todo esse tempo, a esperança da libertação final. Então veio 6 de junho de 1944, quando a luz refulgiu na Europa com a notícia dos desembarques Aliados no noroeste da França. Como era difícil manter-se na silenciosa trilha da resistência quando seu coração estava cantando e pulsando de excitação, e corria a esperança de que a guerra estivesse terminada até o Natal! Entretanto, era preciso manter a sobriedade; agora era preciso fazer planos para quando os Aliados alcançassem a Holanda. O que se deve fazer para sabotar as defesas alemãs?”.

Sucedeu-se uma pausa intranquila. Os britânicos e os americanos permaneceram limitados às suas cabeças-de-ponte por semanas, ou assim parecia aos espíritos impacientes na Resistência holandesa. A opressão germânica a cada dia se fazia mais pesada e mais difícil de suportar, e as diretrizes e ordens do infame Seyss-Inquart<sup>31</sup> eram cada vez mais intoleráveis. Então vieram as notícias da batalha do bolsão de Falaise<sup>32</sup> e da arrancada dos Aliados a partir da cabeça-de-ponte. Os espíritos se animavam mais e mais, à medida que a torrente da libertação se espalhava pelas planuras setentrionais da

---

<sup>30</sup> Vidkun Quisling (1887-1945), político norueguês. Fez carreira no Exército até o posto de Major. Ingressou na política, sendo líder do Partido da União Nacional, que seguia a linha do Partido Nazista alemão. Quando as tropas alemãs invadiram a Noruega, em abril de 1940, foi ativo colaborador na caça aos judeus e aos resistentes e estimulando o ingresso de jovens noruegueses nas Waffen-SS. Seu nome acabou virando substantivo comum, com o significado de traidor, entreguista, colaboracionista. No idioma inglês, à época, deu origem até ao verbo *to quisle*, trair. Finda a guerra, foi processado e condenado à morte, e fuzilado pelo crime de alta traição.

<sup>31</sup> Arthur Seyss-Inquart (1892-1946), advogado e líder nazista. *Gauleiter* (comissário provincial) designado por Hitler para a Holanda. Membro do Partido Nazista, foi chanceler (primeiro-ministro) da Áustria após o *anschluss* (anexação ao III Reich). Já em 1940, foi enviado para a Holanda ocupada. Fez instalar pequenos “campos de concentração” e campos de trabalho “voluntário”. Promoveu a remoção de judeus para os campos de extermínio e o combate à Resistência. Procurou estimular o ingresso de jovens holandeses nas forças do Reich. Foi condenado à forca pelo Tribunal de Nuremberg.

<sup>32</sup> A retirada alemã do bolsão de Falaise, em julho e agosto de 1944, abriu para os Aliados o caminho para Paris, e a retirada desordenada dos alemães até a primeira quinzena de setembro deu aos Aliados a errônea impressão de que a frente estava desmoronando e que se poderia acabar a guerra até o Natal.

França, envolvia os bastiões de Bruxelas e Antuérpia, e parou a poucas dezenas de quilômetros da velha cidade de Nijmegen. Mensagens no rádio se multiplicavam. Todos os dias, palavras de esperança e felicidade eram sussurradas nas ruas limpas com suas árvores podadas às margens do Waal, com suas águas amareladas redemoinhando quietamente rumo ao mar.

Mas agora veio uma segunda pausa. Os exércitos Aliados, no final das longas linhas de comunicação, difíceis de manter e tênues pela sua extensão, marcavam passo<sup>33</sup>. Os necessários suprimentos de armas, munições, blindados, aviões, os mil e um itens indispensáveis à guerra moderna, chegavam e iam empilhando-se lentamente<sup>34</sup>. Um dia seriam usados, mas quando, quando? Por todos os lados os holandeses contemplavam os febris preparativos de um inimigo abalado, mas ainda não completamente derrotado, para afastar um destino que tanto merecia. Um destacamento da Juventude Hitlerista enviado às pressas de seus lares na Mãe-Pátria reforçou as tropas de guarnição e preparou-se, com desesperada presteza, para equipar as últimas posições de defesa no território holandês. Os cidadãos de Nijmegen e outras cidades foram impiedosamente pressionados ao trabalho, garotos de doze anos de idade sendo postos a cavar tocas e espaldões<sup>35</sup>, e preparar posições para *pillboxes*<sup>36</sup>. Finalmente, a chegada de armas

---

<sup>33</sup> Marcar passo é um movimento de ordem unida que consiste em marchar sem sair do lugar.

<sup>34</sup> Os suprimentos tinham de viajar mais de 700 km desde a Normandia. Apesar de os Aliados terem conseguido conquistar Antuérpia no começo de setembro de 1944, o estuário do Scheldt, com os acessos ao grande porto, precisava ser limpo dos alemães antes de se poder usar esse canal de abastecimento muito mais próximo da linha de frente. Essa real abertura do porto de Antuérpia só aconteceria depois da *Market-Garden*, em novembro de 1944. Em análise retrospectiva, teria sido mais eficaz priorizar a “limpeza” do estuário do Scheldt, que à época da *Market-Garden* ainda estava relativamente pouco defendido, o que melhoraria o abastecimento dos Aliados. A alegação de Patton, de que teria sido bem-sucedido se o *seu* ataque tivesse recebido prioridade, é improcedente: ele teria esbarrado nos mesmos problemas de logística e de resistência do inimigo.

<sup>35</sup> Toca: espécie de pequena trincheira para um ou dois homens; espaldão: espécie de pequena trincheira para acomodar uma arma coletiva (usualmente, metralhadora ou morteiro).

<sup>36</sup> *Pillbox*: posição defensiva que era uma espécie de casamata rudimentar, geralmente melhorando um espaldão com concreto; podia ser todo em concreto, com seteiras para canhões ou metralhadoras, ou

antiaéreas em números crescentes se fez notável. Isso só podia significar uma coisa: os alemães temiam a chegada de tropas aerotransportadas, que poderiam encher os céus densamente como haviam feito três meses antes para descer sobre as aprazíveis campinas e fartas pastagens da Normandia. Agora os planos campos e pomares junto ao Waal poderiam vê-las.

Os alemães permaneciam junto às suas armas e vigiavam os céus de setembro. Os holandeses cuidavam das pontes, e um holandês em particular, Jan van Hoof, cuidava da ponte de Nijmegen. A essa altura, a convicção de que essa ponte de cinco arcos, com seu grande vão central semicircular de aço, era de vital importância para a campanha já estava profundamente enraizada em sua mente. Se fossem destruídas ela e suas irmãs em Grave, sobre o Maas, e em Arnhem, sobre o *Nijder Rijn*, o avanço dos Aliados poderia ser contido por dias, semanas, talvez meses. A grande manobra de flanqueamento, já levemente percebida e assunto de sussurros e alegres alusões em conversas ao redor das mesas, em quartos dos fundos ou junto aos balcões de cafés mais vazios, seria comprometida. Mais ainda, já estava comprometida, pois os alemães não fizeram grande segredo do fato de que, caso fossem forçados a recuar, destruiriam as pontes atrás de si.

Por dois meses Jan van Hoof estudou os preparativos para a explosão da ponte de Nijmegen com a máxima atenção. Para fazer isso mais detalhadamente e sem levantar suspeitas, ele filiou-se ao Clube de Canoagem De Batavier, porque seus barcos eram guardados próximo ao primeiro pilar da ponte, na margem oposta do rio (a mais próxima de Arnhem). Deste ponto vantajoso ele podia observar o inimigo, e afinal fez uma descoberta da maior importância. Mais ou menos mil quilogramas de alto explosivo haviam sido instalados no segundo arco da ponte, aquele unindo o vão principal semicircular à margem norte (a de Arnhem), e a espoleta que deveria deflagrar a explosão estava

---

um espaldão de concreto sobre o qual se instalava a torreta de um blindado com seu canhão ou metralhadora.

instalada e visível. Esse detonador jamais deveria ser acionado. Essa convicção cresceu e instalou-se em sua mente jovem. Ele tornou-se obcecado com o pensamento na ponte e em sua carga de explosivos, e a partir desse imperativo, chegar ao próximo era simples: ele deveria salvá-la. Era sua missão, para a qual ele fora chamado, especialmente convocado, talvez por uma Força mais elevada, pois Jan era um devoto católico romano. Ele tinha muita fé e a praticava.

Ele elaborou muitos planos e discutiu-os com os membros de seu grupo. Homens mais velhos, mais sábios e mais cautelosos balançaram as cabeças. Aconselharam-no a desistir da ideia. Era muito difícil; ninguém poderia ter a esperança de cumprir uma missão tão perigosa. Não se deixando intimidar, Jan ia embora e voltava com planos novos e mais fantásticos. Se a ponte era muito longa, seus acessos cobertos muito proximamente pelas *pillboxes*, a localização dos explosivos muito distante do lado de Nijmegen, as vigas muito altas para permitir que alguém as escalasse sem ser visto, então por que não tomar um barco, descer pela correnteza até chegar sob o vão contendo os explosivos e então procurar alcançá-lo com uma escada de cordas? Ele e mais dois amigos redobraram de entusiasmo pelo Clube de Canoagem. Observaram, fizeram anotações, medições, tudo em silêncio, dentro de suas cabeças, deitando baixo de costas no fundo das canoas, olhando para a enorme ponte no ar acima deles. Em vão. O plano era inexecutável. Não havia escada longa o suficiente, e subir por uma corda debaixo do nariz dos guardas alemães seria expor-se no meio do ar numa posição perfeita para ser alvejado como um pássaro num galho. “Então terá de ser feito de outra maneira”, disse Jan.

Seus líderes disseram para tirar tais planos da cabeça e concentrar-se em ações mais fáceis. A boca firme fechou-se com mais firmeza, e ele nunca mais voltou a falar na ponte. Eles julgaram que Jan havia finalmente escutado seus conselhos e tinha esquecido essa ideia, tal como eles próprios a haviam tirado da cabeça. Havia outras coisas, mais urgentes, para fazer. Remover as cargas de demolição da

ponte sobre o Waal era um entre vários planos que eles tinham de admitir como extremamente difíceis de levar a termo; mais uma entre as decepções que eles haviam cultivado nos últimos quatro anos para aceitar como parte dos encargos da vida. Moralmente, os germânicos nunca os haviam vencido, mas fisicamente o inimigo ainda era forte, tão forte como as defesas da ponte. A estrutura de aço, pedra e concreto tem cerca de quinhentos metros de comprimento e vinte e quatro de altura. Na sua extremidade norte estava um ponto-forte alemão com *pillboxes* e sentinelas guardando-o dia e noite. No lado de Nijmegen, duas barrancas altas, cobertas por grama de cada lado da estrada, haviam sido transformadas em pontos-fortes alemães. A oeste da estrada, a cidadela medieval de Walkhof dominava a aproximação pelo sul, que, em adição, era defendida por canhões de duplo emprego, mortalmente eficazes contra aeronaves ou tropas. Não havia cobertura em lugar nenhum. Vigas à altura do peito corriam de cada lado da ponte. Logo depois do final da armação de aço constituindo o vão central, no lado norte, junto ao parapeito e visíveis da margem norte, os alemães haviam instalado duas cargas. O mecanismo acionador elétrico estava cerca de duzentos metros distante, próximo aos *pillboxes*.

Jan prosseguiu cumprindo suas tarefas diárias, fazendo com calma e eficiência tudo que lhe era atribuído; mas agora ele se sentia consumido pelo fogo secreto do zelote. Ele se tornou crítico e de difícil convivência, pois se seus companheiros não eram capazes de alcançar seus padrões, ele o dizia franca e secamente. Ele desconsiderava todos os conselhos para que não despendesse suas energias tão depressa, começou a tomar tônicos [energéticos] e sedativos, e como uma contribuição menor para a causa comum descobriu e indicou as posições de um canhão antiaéreo e de uma unidade de radar alemães. Então na sexta-feira, 1º de setembro, pipocaram notícias em Nijmegen de que os Aliados estavam na Bélgica e que se esperava que entrassem na Holanda a qualquer momento. Durante a quinzena que se seguiu, Jan estava ainda mais calado e taciturno que o usual. Sem que ele

soubesse, mas com sua astuta suspeita, as três Divisões Aerotransportadas estavam se reunindo para o ataque, nas terras baixas de Berkshire e nos espaços ventosos da planície de Salisbury. No dia 17 elas decolaram e vieram, deslizando ou descendo dos céus acima de sua casa. Dentro de uma hora, os paraquedistas da 82ª Divisão Aerotransportada estavam engajados em combate nos bosques e campos ao redor de Nijmegen. Seus postos de comando localizaram-se dentro ou nas proximidades do mosteiro onde Jan van Hoof fora investido como Pioneiro.

Ele e seus irmãos Escoteiros prontamente ofereceram seus serviços, e logo os bosques, campos, e finalmente as ruas de Nijmegen fervilhavam de garotos, adolescentes e jovens vestindo uniformes remendados e desbotados, frequentemente muito grandes ou muito pequenos para o usuário, mas todos com o lenço Escoteiro no pescoço, limpo e caprichosamente passado a ferro; todos estavam, também, com a faixa alaranjada da liberdade<sup>37</sup> envolvendo o braço esquerdo. Este exército juvenil entrou imediatamente em ação, provendo guias, mensageiros, olheiros, e os audazes paraquedistas americanos, bem como os não menos audazes combatentes da Divisão Blindada de Guardas, maravilharam-se ao descobrir que todos aqueles garotos falavam excelente inglês. Eles o haviam aprendido nos tenebrosos invernos da Ocupação, enquanto aguardavam a alvorada da libertação. Agora os Aliados haviam chegado, e com eles o clímax da jovem vida de Jan van Hoof. Agora, finalmente ele poderia pôr em prática os planos sobre os quais tantas vezes debatera até que o Major van Burken, o engenheiro Jules Janssen, o Tenente Visser e outros membros do *Orde-Dienst*, ou Força Militar do Interior da Holanda, pusessem um freio em sua língua. Na segunda-feira, 18 de setembro, os canhões britânicos abriram fogo e entre uma e meia e três horas da tarde, a ponte sobre o

---

<sup>37</sup> O laranja é a cor que evoca a família real holandesa (da casa de Orange) e, por extensão, a nacionalidade holandesa. Daí o motivo da cor ser “marca registrada” das seleções esportivas holandesas.

Waal foi continuamente varrida pelo pesado fogo de artilharia. Isso foi tão severo que um soldado alemão chamado Schugard, de um dos grupos de defensores, cuja tarefa era vigiar a ponte, disse aos seus captores que ele e seus camaradas haviam sido retirados de seus postos sobre a própria ponte. Chegara a chance para Jan. Por meses ele havia sido membro do *Geheime Dienst Nederland*, uma organização montada pelo Departamento de Inteligência para os Países Baixos, em Londres, cujo chefe local era G. Jansen op de Haar, com seu quartel-general em Nijmegen. Jan era agora, em virtude da proclamação do General Eisenhower<sup>38</sup>, um soldado Aliado oficialmente instituído. Sozinho, ele partiu para a guerra. Seu objetivo era a ponte envolta em fumaça, ao longo da qual as granadas Aliadas explodiam. Ninguém o viu ir, mas às três horas da tarde, meia hora antes de o bombardeio cessar, ele retornou, encontrando-se com sua irmã Truus na rua próxima à sua casa. Ela lhe contou que a casa fora atingida por um projétil de artilharia e destruída. Jan recebeu a notícia com calma, quase com indiferença. “A ponte está salva, de todo modo”, ele disse, e então virou-se para seus pais, que acabavam de emergir das ruínas da casa, atordoados e abalados, e disse-lhes: “Graças a Deus que pelo menos a ponte está salva”. Sua voz estava bem controlada, mas os olhos, notava-se, brilhavam. Tendo dado esse importantíssimo informe, ele desapareceu mais uma vez, mas retornou naquela noite para o novo endereço onde sua família se abrigara, e disse novamente para sua irmã: “O acionamento foi cortado no último segundo possível; foi por um triz”.

Como ele conseguiu realizar essa tarefa autoimposta, seu feito mais admirável? Ninguém jamais saberá. No dia seguinte, Jan van Hoof foi designado para servir de guia para um veículo blindado de

---

<sup>38</sup> Dwight David Eisenhower (1890-1969), vulgo “Ike”, foi o Supremo Comandante das Forças Aliadas na Europa. Em 1951-52, foi o primeiro Comandante Supremo da OTAN. De 1953 a 1961, foi o 34º Presidente dos EUA. Implementou a dessegregação racial nas Forças Armadas norte-americanas e nas escolas públicas, além de sancionar leis sobre a igualdade dos direitos civis.

reconhecimento britânico, o Humber nº F195193<sup>39</sup>, que estava tomando parte no avanço para a ponte. Ele rodou pela cidade sob o canhoneio, até chegar à Nezelstraat, quando defrontou-se com uma posição defensiva alemã. Lá, o carro recebeu um impacto direto e pegou fogo. Todos que estavam no blindado morreram, Jan van Hoof inclusive, mortos pelo projétil anticarro ou pelo fogo de metralhadora que se seguiu, alvejando quem tentou abandonar o veículo em chamas.

Jan van Hoof estava morto, mas a ponte permaneceu de pé. Discreto até o fim, aparentemente ele não fez nenhum relatório de sua exploração e, se o fez, nada chegou aos postos de comando da 82ª ou da Divisão Blindada de Guardas. Durante todo aquele dia 19 e o seguinte a batalha rugiu; os americanos, com uma coragem não superada na guerra, atravessaram o Waal em botes de assalto, de modo a conseguir fincar pé na margem oposta ao anoitecer do dia 20<sup>40</sup>. Antes do pôr do sol, com reforços da Divisão Blindada de Guardas, eles foram bem sucedidos em limpar do inimigo a área ao redor da extremidade sul (a de Nijmegen) da ponte e as ruas que levavam a ela, mas um pelotão do 2º Batalhão de Guardas Granadeiros que tentou avançar sobre os acessos foi repellido com pesadas baixas. Outra tentativa foi feita e finalmente, um outro pelotão do mesmo batalhão foi montado com quatro tanques Sherman, dois com canhões de 75 mm e dois com canhões de 17 libras (76 mm)<sup>41</sup>. Sob o comando do Sargento Peter

---

<sup>39</sup> Na verdade, conforme mostra a foto do veículo destruído, não era um *Humber*, mas um *Dingo*, blindado de reconhecimento pouco menor e mais levemente armado (enquanto o *Humber* tinha uma metralhadora calibre 15 mm na torreta, o *Dingo* tinha apenas um fuzil-metralhador BREN 7,7 mm).

<sup>40</sup> Com os assaltos pelo lado sul da ponte sendo repellidos, os norte-americanos fizeram que fossem trazidos botes de lona, a remo; a intenção era fazer um assalto através do rio e atacar a ponte pelas suas duas extremidades. Na tarde de 20 de setembro, com a cobertura precária de uma cortina de fumaça e do fogo de artilharia e carros de combate, os homens do 3º Batalhão do 504º Regimento de Infantaria Paraquedista atravessaram o Waal, apesar do fogo de metralhadoras dos alemães, e tomaram as posições que eles mantinham nos arredores da ponte. Então, com o ataque simultâneo pelas duas cabeceiras, a ponte foi conquistada.

<sup>41</sup> O Sherman M4, norte-americano, de 30 toneladas, foi o carro de combate mais usado pelos Aliados. A versão padrão tinha um canhão de 75 mm; os britânicos preferiram uma com um canhão mais longo de

Robinson, que pela ação nesse dia receberia a Medalha de Conduta Destacada, a equipe partiu para a ponte. Ela ainda estava lá, ainda intacta. Por que os alemães não a tinham explodido ainda? Hoje a resposta é conhecida, mas para aqueles Guardas pressionando à frente no crepúsculo após um longo dia de combate, as duas mil jardas de aço e concreto seguindo diretamente através do rio enevoado traziam apavorantes possibilidades. Ainda assim, eles avançaram resolutamente<sup>42</sup>. “Nosso momento mais feliz”, relata o Sgt Pacey, que lutou naquele dia ao lado do Sgt Robinson, “foi quando vimos os alemães realmente sobre a ponte, atirando em nós por detrás dos suportes e vigas. ‘Muito bem’, ele disse, ‘se eles forem explodir a ponte, vão mandar pelos ares com ela alguns dos seus’. A meio caminho, havia um pedaço de encanamento atravessado na estrada. Isso nos preocupou. Pensamos que poderia ser alguma espécie de detonador que fosse acionado quando um carro de combate passasse sobre ele”. Era apenas um pedaço de tubulação, nada mais que isso. “Quando nos vimos do outro lado, o acionador que deveria deflagrar a carga explosiva estava igualmente inofensivo<sup>43</sup>. Fora pressionado sem resultado, pois o contato com a espoleta elétrica fora interrompido<sup>44</sup>.

---

76 mm, o Sherman Firefly (também chamado *17-pounder*, pelo peso da munição, 17 libras), que pela maior velocidade do projétil tinha melhores resultados no combate contra outros blindados.

<sup>42</sup> Com os americanos na outra margem do rio, os carros comandados pelo Sgt Robinson puseram-se a atravessar pela ponte, atirando com suas metralhadoras e canhões contra os alemães que estavam nela e na outra cabeceira. Na travessia, os tanques conseguiram tirar de ação três canhões anticarro e um canhão autopropulsado. Dois dos tanques foram avariados pelo fogo anticarro, mas conseguiram consolidar a posição, permitindo a travessia pelo XXX Corpo, de modo a prosseguir para Arnhem, 18 km adiante.

<sup>43</sup> Enquanto os carros de combate do Sgt Robinson combatiam através da ponte, uma equipe de Engenharia liderada pelo Tenente Tony Jones acompanhou-os, buscando as cargas de demolição. Encontraram várias pequenas minas, que foram lançadas ao rio, e as cargas principais com os detonadores instalados mas sem terem funcionado.

<sup>44</sup> A operação *Market-Garden*, no entanto, não chegou a bom termo. Montgomery desconsiderou as informações da Resistência holandesa, quanto a Arnhem ter-se tornado área de recomposição de duas Divisões Blindadas da SS (9ª e 10ª). A expectativa inicial, de alcançar Arnhem em três dias (o que seria em 20 de setembro), não se realizou. O risco de se adotar a rodovia como único eixo de progressão era não haver rotas alternativas: se veículos da coluna de marcha fossem atingidos, bloqueariam a estrada

Ao longo dos dias seguintes, os Aliados perguntaram a todos que tinham alguma autoridade quem poderia ter praticado essa ação que salvou a ponte. Ninguém era capaz de dizer, mas aos poucos, à medida que a fumaça dos combates foi clareando e as longas linhas de veículos de transporte começaram a correr pela sua majestosa estrutura, os homens se lembraram de Jan van Hoof e sua obsessão. Ele não vivia dizendo que ia salvar a ponte, e ela não estava lá, de pé? Um líder local, um certo Hans, tendo juntado os informes sobre os fatos, relatou-os ao comando militar Aliado em Nijmegen. Foram aceitos, e ele recebeu os cumprimentos do General Comandante Aliado por um feito de grande bravura praticado por um de seus homens. Ele respondeu com modéstia e reserva, pois os holandeses são um povo cauteloso, e não parecia a Hans e seus concidadãos que as evidências do feito atribuído a Jan van Hoof fossem conclusivas.

Eles esperaram por um ano, mas ninguém chamou a si o feito, e quando esse tempo passou eles sentiram que seria ao menos justo e direito atribuir as honras a Jan van Hoof. Então, inscreveram seu nome numa placa e a afixaram no local onde os explosivos haviam sido instalados, e ela está lá até hoje, sob o segundo vão da extremidade norte, pouco antes da superestrutura de aço. O nome de Jan van Hoof está gravado em pedra, mas como aqueles que Péricles, em outro país e em outro tempo, homenageou pelo seu sacrifício, está também nos corações dos homens, como sendo do melhor material humano. Trinta Tropas Escoteiras na Holanda receberam o nome de Jan van Hoof, que,

---

até que se conseguisse retirá-los. Para manter a estrada aberta, era vital neutralizar as ameaças dos flancos, que podiam ser desde incursões para armadilhá-la até posições de canhões anticarro emboscadas. Foi desse modo que um único canhão autopropulsado alemão conteve o avanço do XXX Corpo no trecho entre Nijmegen e Arnhem. A 1ª Divisão Aeroterrestre Britânica foi cercada pelos alemães e resistiu até 25 de setembro, quando seus remanescentes (pouco mais de 20%) foram resgatados através do Reno. Os Aliados ficaram com um saliente de mais de 80 km que não levava a lugar nenhum, que daí por diante seria palco de numerosos combates de inquietação, entre St. Oedenrode e a margem esquerda do Reno. Só transporiam o Reno em Arnhem em abril de 1945. Concretizou-se a advertência do General Frederick Browning, Comandante do Corpo Aeroterrestre Britânico: “Podemos estar indo para uma ponte longe demais”.

quando rompeu a guerra, tinha dezessete anos e morreu aos vinte e dois<sup>45</sup>.

Seu feito foi um de muitos praticados por bravos Escoteiros. Como eles fizeram isso, que perigos eles encontraram e superaram, são histórias a serem contadas. Mas, primeiro, convém que se descreva a origem e o objetivo da organização que lhes deu tanta coragem e engenhosidade, sentimento de honra e resolução, e assim se apresente alguma coisa do fundo contra o qual eles se destacam, bravos símbolos de valor e de vitória.

Quem são os Escoteiros, e quem fundou essa espécie de moderna ordem de Cavalaria?

---

<sup>45</sup> Nota do autor: Foi-lhe outorgada postumamente pela Rainha da Holanda a Ordem Militar de Guilherme [de Orange], com sua inscrição “Voor Moed, Belied, Trouw”, e pelo Exército dos Estados Unidos, a Medalha da Liberdade “por feito excepcionalmente heroico que auxiliou os Estados Unidos no prosseguimento da guerra”, e pelo Reino Unido a Comenda Real por Bravura, “por sua participação na ajuda para salvar a ponte de Nijmegen”.

## **CAPÍTULO II**

### **EMPREENDIMENTO**

*Lord Baden-Powell*

O crepúsculo descera sobre a nave da Abadia de Westminster, e as capelas laterais estavam às escuras, quando um Duque Real, à testa de uma grande congregação, tomou lugar diante do altar. Era o anoitecer de quarta-feira, 23 de abril de 1947, dia de São Jorge – o aniversário de nascimento e morte de Shakespeare<sup>46</sup> e da incursão contra Zeebrugge<sup>47</sup>. Diante do altar estava o Deão<sup>48</sup>, e quando o hino “Senhor, Deus dos Exércitos” se levantou em vozes vibrantes e claras rumo à abóbada, rapazes e moças vestindo um uniforme conhecido no mundo todo por quase quatro décadas, avançaram lentamente desde a grande Porta Ocidental, conduzindo estandartes que depositaram nas mãos do Deão. Este colocou-os sobre o altar, e então dirigiu-se aos jovens dizendo que eles haviam comparecido ali para prestar tributo à memória de um grande homem, e para renovar promessas de permanecerem fiéis a um ideal de dever e serviço que tal homem fora o primeiro a elaborar em palavras e ensinar em todos os países e em todos os climas.

Quando a missa terminou, formou-se uma segunda procissão. Ela percorreu o ambulatório e desceu pelo corredor sul até chegar à Capela de São Jorge. Aí, no chão sob a cobertura estava uma tabuleta de pedra, coberta com a bandeira de São Jorge, a qual o Duque

---

<sup>46</sup> William Shakespeare (1564-1616) é o maior autor da literatura inglesa. Poeta e autor teatral, entre suas principais peças estão *A megera domada*, *Hamlet*, *Júlio César*, *Romeu e Julieta*, *Othello*, *Muito barulho por nada*, *Macbeth*, *Sonho de uma noite de verão*, *Henrique V*, *Ricardo III*, *O mercador de Veneza*, *Antônio e Cleópatra* e *Noite de Reis*.

<sup>47</sup> Ação da Marinha Real britânica, levada a efeito em 1918, na Primeira Guerra Mundial, na qual se tentou, sem sucesso, bloquear o canal de acesso ao porto belga de Zeebrugge. A intenção era afundar navios obsoletos na entrada do canal para fechar a entrada do porto. Mas, com o afundamento dos navios em lugar errado, o bloqueio não se concretizou.

<sup>48</sup> Líder de um órgão colegiado da igreja. No caso, o abade de Westminster.

removeu ao som da fanfarra de trompetes dos Reais Hussardos. Na pedra estava gravado:

Em memória de  
ROBERT BADEN-POWELL  
Escoteiro-Chefe do Mundo  
1857-1941

Num lado da pedra estava o emblema dos Escoteiros, a flor-de-lis com a agulha magnética a apontar o verdadeiro caminho, tal como apontou aos marinheiros e navegadores desde o tempo dos primeiros mapas; e no outro, o das Moças Guias, o trevo de três folhas. O órgão deu seus últimos acordes e seu som foi-se esvanecendo, e as vozes de Lord Rowallan, Escoteiro-Chefe do Império e Comunidade Britânicos, e de Finnola, Lady Somers, Comissária-Chefe das Moças Guias, se fizeram ouvir puxando a renovação da Promessa dos Escoteiros e das Guias.

Quem foi esse homem a quem tão assinalado tributo foi prestado, e cujo nome foi inscrito entre os de poetas e grandes capitães, de exploradores e cientistas, de estadistas e reis? Esse nome tornou-se uma expressão familiar muitos anos antes de sua morte, e lá estava inscrito na tabuleta, enquanto o Duque de Gloucester, que a descerrara, dizia: “em reconhecimento e gratidão por sua vida de serviço à juventude do mundo”. Quem, então, foi esse homem?

Robert, Lord Baden-Powell, O.M., G.C.M.G., G.C.V.O., K.C.B.<sup>49</sup>, nasceu em Stanhope Gardens, Londres, em 1857, o ano do Grande Motim<sup>50</sup>, e era o quinto filho de um reverendo e cientista. Sua mãe era

---

<sup>49</sup> Títulos de condecorações do Império Britânico. Order of Merit, Grand Cross of St Michael and St George, Grand Cross of the Royal Victorian Order, Knight Commander of the Order of the Bath, foram algumas das outorgadas a B-P.

<sup>50</sup> A Revolta dos Sipaios, rebelião das tropas nativas na Índia. Consta que o estopim da rebelião foi a adoção de um fuzil que usava um cartucho cujo envoltório era revestido com gordura de porco e amarrado com tripa bovina – uma abominação tanto para os muçulmanos (para quem o porco é impuro) quanto para os hindus (para quem o bovino é sagrado). Os rebeldes mataram militares e civis

amiga de personalidades vitorianas eminentes, como Jowett<sup>51</sup>, o Deão Stanley<sup>52</sup>, Ruskin<sup>53</sup>, Browning<sup>54</sup> e Thackeray<sup>55</sup>, e familiarizou-o desde cedo com “a arte da argumentação pelo raciocínio indutivo”. Ao mesmo tempo, ela era muito ciosa quanto a educá-lo sob os princípios morais que exerceram tão forte influência sobre sua geração. O efeito que tiveram sobre o jovem Baden-Powell foi lançá-lo na direção do Socialismo Cristão, um desenvolvimento nada desprovido de significado. “Pretendo que as pessoas pobres sejam tão ricas quanto nós”, ele escreveu aos oito anos de idade, “... e posso lhes dizer como ser bom. Agora eu lhes direi. Vocês devem orar a Deus sempre que possível; mas não se consegue ser bom apenas pela oração; é preciso tentar com muita força ser bom”. Seu avô, um almirante da velha escola, afirmava que tais sentimentos cheiravam à doutrina de Jack Cade<sup>56</sup>, e apressou-se a lembrar ao neto do destino que coube àquele reformador.

---

britânicos. Na repressão ao motim, o reduto rebelde em Délhi foi destruído. Após a paz se restabelecer, a cidade teve de ser reconstruída, daí o nome da capital da Índia ser Nova Délhi.

<sup>51</sup> Benjamin Jowett (1817-1893): tutor e reformador administrativo na Universidade de Oxford, diretor da Faculdade Balliol de Oxford. Teólogo e tradutor de obras gregas. Como professor, ficou famoso por sua capacidade de discernir as habilidades dos alunos e instigá-los ao autoconhecimento.

<sup>52</sup> Arthur Penrhyn Stanley, mais conhecido como o Deão Stanley (1815-1881), clérigo que chegou a Deão da Abadia de Westminster, respeitado estudioso da história eclesiástica.

<sup>53</sup> John Ruskin (1819-1900), escritor, crítico de arte, pensador social, desenhista, aquarelista e filantropo.

<sup>54</sup> Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), poetisa romântica inglesa, esposa do também poeta Robert Browning. Apoiou o movimento de unificação italiana e o combate à escravidão.

<sup>55</sup> William Makepeace Thackeray (1811-1863), romancista inglês, foi secretário do Conselho de Receita da Companhia Britânica das Índias Orientais.

<sup>56</sup> Jack Cade (c.1420-1450), líder de uma rebelião popular contra o governo do fraco rei Henrique VI da Inglaterra. A rebelião teve como motivadores agravos locais ligados à corrupção e abuso de poder por parte do rei e seus conselheiros, além dos problemas econômicos devidos ao custeio da guerra contra França e à perda da Normandia. O exército rebelde de Cade deslocou-se para Londres no intento de forçar o fim da corrupção e a remoção dos conselheiros do rei. Mas, ao entrarem na cidade, os revoltosos começaram a saquear, perdendo assim o favor da população. Houve lutas nas ruas e as forças de Cade foram derrotadas pelos cidadãos londrinos. O rei concedeu perdão aos revoltosos, mas revogou-o pouco depois. Jack Cade fugiu, mas foi mortalmente ferido numa escaramuça. Seu cadáver

O treinamento autodidata e a disciplina que o jovem Baden-Powell adquiriu em Charterhouse<sup>57</sup> – onde ele preferia as longas caminhadas e passeios pelos bosques cheios de vida, onde ele se encantava em observar os hábitos dos bichos – em breve lhe dariam uma muito necessária firmeza e sobriedade. Passou com brilhantismo no processo seletivo para o Exército – “ele não tinha lá muita qualificação para Balliol<sup>58</sup>”, opinou Jowett, mostrando nesta circunstância um singular erro de avaliação – lá se foi ele para a Índia, um oficial subalterno de Cavalaria<sup>59</sup>. Jovens soldados, muitos deles analfabetos, após serem treinados por Baden-Powell, tornaram-se exímios rastreadores e esclarecedores<sup>60</sup>, e ele aproveitou tais indivíduos qualificados para exercícios não ortodoxos que se mostraram de grande valia. Ao mesmo tempo, não deixou de lado as práticas militares regulares, e aos vinte e seis anos tornou-se Capitão e ocupou a função

---

foi simbolicamente julgado, condenado, decapitado e esquartejado, sendo os pedaços expostos nas localidades que apoiaram a rebelião. Foi o maior levante popular ocorrido na Inglaterra no século XV.

<sup>57</sup> Nessa escola onde foi aluno interno, Baden-Powell não foi aquilo que se poderia chamar um estudante exemplar. Matava aula para caçar nos bosques, e suas notas o mantinham em situação apertada. Apesar disso, participava das atividades de teatro e foi integrante das equipes de futebol (era goleiro) e tiro com fuzil. Tinha na escola o apelido de *Bathing-towel* (Toalha de Banho), pela semelhança de pronúncia com seu sobrenome.

<sup>58</sup> A Faculdade Balliol (Balliol College) é uma instituição de ensino fundada em 1263, constituinte da Universidade de Oxford. Entre seus ex-alunos mais famosos, podem ser mencionados Adam Smith, Arnold Toynbee, Aldous Huxley, John Keegan, John Schlesinger, Roy Jenkins e Herbert Asquith.

<sup>59</sup> Nesse tempo, por volta de 1876, o Exército Britânico tinha muita necessidade de gente para mobiliar os diversos postos no Império. Assim, havia oficiais que continuavam a ser formados na Academia Militar de Sandhurst e outros que fizeram sua formação na tropa. Baden-Powell foi um destes “tropeiros”, servindo no 13º Regimento de Hussardos, então na Índia e depois sendo movimentado para outras partes do Império. Foi sua sorte, pois não tinha como sustentar a cara vida de oficial na metrópole.

<sup>60</sup> A Cavalaria é uma especialidade militar cujas tarefas compreendem o reconhecimento e exploração. O *scout* é o esclarecedor, aquele que vai à frente verificar “o que está acontecendo”: onde o inimigo está, qual seu efetivo e meios, o que está fazendo, quais suas prováveis intenções. Deve ser capaz de ir, ver e voltar sem ser percebido pelo inimigo, e transmitir informações com a maior precisão possível. Assim, o termo *scout* será traduzido como esclarecedor, e *scouting* como reconhecimento ou exploração.

de Ajudante do Regimento<sup>61</sup>. Seu interesse por animais, que nunca diminuiu em toda a sua vida, não competia com seu espírito de desportista. Era um bom atirador, e um adepto do perigoso esporte da caça ao javali com lança, fazendo-se conhecido como “um audacioso e bem-sucedido espectador de porcos” – Baden-Powell conquistou a Taça Kadir de caça ao javali em 1883<sup>62</sup>. Era também um cavaleiro de primeira classe, com um olho apurado para as ações em campo. Mas estava sempre pronto para escapular do meio de seus companheiros oficiais para sair em longas jornadas pela selva, onde podia observar animais e aprender seus hábitos. Renovado por tais expedições, ele retornava para mergulhar novamente na vida social do quartel, tomando parte em peças ou óperas – pois tinha uma boa voz para cantar –, pintando o cenário e dando uma ajuda na elaboração dos trajes. Certa vez, num concerto regimental, Baden-Powell se vestiu de General e “enganou tão bem seu Comandante que lhe foi oferecido o lugar de honra. Para surpresa dos oficiais, ele disse que preferia o palco e, pulando para lá, irrompeu na canção do personagem “Major-General” da última ópera de Gilbert e Sullivan, *Os Piratas de Penzance*”.

Em 1884, seu Regimento foi movimentado para a Inglaterra, e no caminho de casa fez escala na África do Sul, pois havia problemas na província de Natal, e a tropa poderia ser necessária. Entretanto, Baden-Powell não estava destinado a combater nesta ocasião, e passou o tempo viajando por Natal montado a cavalo. No caminho ele aprendeu alguns hábitos dos Zulus<sup>63</sup>, e aperfeiçoou suas técnicas de reconhecimento e exploração.

---

<sup>61</sup> O Ajudante é o encarregado da seção de Pessoal (controle de efetivos, escala de serviços, licenças, punições, admissões e exclusões, etc.).

<sup>62</sup> Um de seus primeiros livros foi justamente sobre as técnicas de caça ao javali com lança.

<sup>63</sup> Os Zulus são um povo do sul da África que vive em territórios hoje correspondentes à África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique. Foram uma nação guerreira que resistiu às invasões britânica e bôer no século XIX. Promoveram duas grandes rebeliões, em 1879 (liderada por Cetshwayo) e 1888 (liderada por Dinizulu).

Os dois anos seguintes foram dedicados ao trabalho no Serviço Secreto; foi durante esse período, e mais tarde em 1889, quando foi Oficial de Inteligência para o Mediterrâneo, que ele passou por muitas peripécias, das quais algumas são relatadas no livro *Minhas aventuras como espião*. Suas missões foram muitas e variadas. Ele examinou e fez relatórios sobre fortificações nos Bálcãs e na Turquia – descobriu os segredos das fortalezas que guardavam os Dardanelos, as quais, em 1915, se provariam um osso duro de roer até para a Marinha Real<sup>64</sup>; esteve presente às manobras das tropas de montanha austríacas nos Alpes; explorou os recantos do cesto de um balão cativo militar; e esteve presente, de maneira completamente extra-oficial, aos testes secretos de um novo tipo de holofote que equiparia o Exército russo. Nesta ocasião é que foi finalmente apanhado, mas conseguiu escapar graças à presença de espírito de outro agente, um garçom no hotel São Petersburgo, para onde fora enviado sob vigilância policial enquanto seus documentos eram examinados. O garçom manobrou as coisas para que Baden-Powell e seu irmão<sup>65</sup> despistassem os detetives que os vigiavam, alcançassem o rio e embarcassem num pequeno barco britânico cujo comandante queria permitir-lhes passarem-se por tripulantes. Tudo correu bem, e eles chegaram em segurança ao navio que já estava com as caldeiras aquecidas, mas no último momento sua partida foi atrasada pelo irmão de Baden-Powell, que entrara numa feroz discussão com o barqueiro que os conduzia ao navio, porque,

---

<sup>64</sup> Alusão à tentativa britânica de abrir uma segunda frente no extremo sudeste da Europa e tirar a Turquia da guerra. Em 25 de abril de 1915, foram desembarcadas em Galípoli, no estreito de Dardanelos, cinco divisões de exército. A morosidade com que o comando se portou levou a força invasora a deixar a iniciativa para o inimigo, que bloqueou seu avanço e fez estabelecer-se um impasse similar ao das trincheiras da Frente Ocidental, só que em condições muito mais desvantajosas, pois os Aliados não tinham como avançar a partir de suas cabeças-de-praia. Finalmente, em dezembro de 1915, procedeu-se à evacuação. Galípoli fica na extremidade noroeste do estreito de Dardanelos. Troia fica na extremidade sudeste do mesmo estreito, que liga o mar de Mármara ao Egeu.

<sup>65</sup> Baden Fletcher Baden-Powell (1860-1937), fez carreira no Exército Britânico, na Artilharia. Foi um grande incentivador das atividades aeronáuticas no Escotismo, como área de interesse. Fez parte da coluna que levantou o cerco de Mafeking, em maio de 1900.

segundo ele, estava cobrando uma tarifa abusiva pelo serviço. Desconsiderando os protestos de Baden-Powell, ele continuou discutindo até convencer o homem a aceitar um preço mais justo, ressaltando que quando eles estivessem embarcados em segurança e o navio a caminho, sua forma de agir era exatamente aquela que seria de se esperar de um marinheiro retornando ao seu navio após uma noite de gandaia em terra, na qual ele teria presumivelmente gasto a maior parte do seu dinheiro.

Em todas essas missões, a habilidade de Baden-Powell em desenhar com rapidez e precisão e, quando o tema permitisse, admirável toque de humor, foi-lhe de grande valia. Repetidas vezes ele usou esse dom como “cobertura”, fazendo-se passar por um inofensivo turista com forte sotaque britânico e profundo interesse em catedrais, borboletas, flores silvestres e trutas. Na verdade, seus desenhos de folhas de trepadeiras, ou de Almirantes Vermelhos (borboleta cujo nome científico é *Vanessa Atalanta*) e Belezas de Camberwell (borboleta cujo nome científico é *Nymphalis antiopa*), lindamente feitos em cores, revelariam ao olho treinado o esquema de uma fortificação com as posições exatas de seu armamento, ou os contornos de uma posição defensiva com as cúpulas dos obuseiros cuidadosamente identificadas; mas para os olhos da polícia local, se eles se preocupassem em examinar os desenhos, tratava-se de folhas e borboletas, e nada além disso.

Apesar de confessar que essas missões eram uma carga para os nervos e a mente, que tinha de estar constantemente alerta e fértil como a de Ulisses<sup>66</sup>, o maioral dessa profissão, Baden-Powell obviamente encontrava prazer nelas. Não se tratava de brincadeira de criança – mera diversão e jogos em países estrangeiros às custas do Governo. Se ele fosse apanhado, aquele mesmo Governo imediatamente negaria qualquer vínculo com ele e o deixaria receber a pena pela detecção e

---

<sup>66</sup> Herói grego da Guerra de Tróia. Caracterizava-se pela astúcia. Foi quem propôs o truque do cavalo de madeira por meio do qual os gregos conseguiram entrar em Tróia.

captura, cinco anos de prisão numa fortaleza. Baden-Powell sempre defendeu vigorosamente a espionagem, que, como ele dizia, era uma profissão muito longe de desonrosa e, em verdade, imensamente patriótica; mas estabelecia cuidadosamente a distinção entre espões profissionais como o Tenente Carl Lody, que foi mencionado na Câmara dos Comuns como “um patriota que morreu por seu país do mesmo modo que qualquer soldado caído em campanha”, e traidores que vendem os segredos de sua pátria por dinheiro e por quem não sentia a menor piedade.

Essas suas aventuras com arma, rede de borboletas ou vara de pescar, e com o aparentemente inocente livro de desenhos enfiado no bolso ou no samburá, eram a sequência natural do treinamento em habilidades mateiras que ocupou tantas de suas horas livres na escola. Ele bem conhecia esse traço da natureza humana, especialmente na dos garotos, de encantar-se em ser parte de um mistério, em disfarçar-se, em iludir os companheiros. Sabia disso muito bem por ser parte de sua própria natureza, e soube aproveitar isso de forma excelente. Esse instinto, que nos criminosos é distorcido e voltado para maus propósitos – os homens sempre foram enganadores – é nos Escoteiros desenvolvido com vistas ao aperfeiçoamento e fortalecimento do caráter, de modo a torná-los alertas, rápidos de raciocínio, observadores e, portanto, de maior valor como cidadãos.

Em 1887, Baden-Powell retornou à África como ajudante-de-campo<sup>67</sup> de seu tio e entrou em ação pela primeira vez contra os Zulus. Com a perspicácia dos homens que vivem em ambiente selvagem, eles o batizaram *M’hlala Panzi* – “aquele que se deita para atirar” –, ou seja, aquele que define seus objetivos cuidadosamente e pensa antes de

---

<sup>67</sup> Auxiliar pessoal direto, espécie de secretário de um Oficial-General. Quando na função, tem como distintivo um cordão enfeitado chamado *alamar*. Pelo uso desse cordão, o assistente-secretário é, no meio militar, apelidado *cordinha*.

agir<sup>68</sup>. Certo dia, ele estava rastreando deitado, examinando a rota de aproximação para o último ponto-forte de Dinizulu<sup>69</sup>; quando se virou, viu à sua frente um guerreiro nativo “em toda a glória da brilhante pele marrom, com seu grande escudo de flanco de boi e sua reluzente azagaia”. A maior parte dos homens consideraria a situação muito tensa para notar tais detalhes. Mas não Baden-Powell, que, como Ruskin disse sobre o gênio, “via com os olhos das crianças em perpétua maravilha”. Com a aproximação do ordenança<sup>70</sup> de Baden-Powell, o guerreiro evadiu-se. Baden-Powell perseguiu-o até uma ravina e logo começou a induzir os nativos que lá estavam à rendição, ganhando sua confiança imediata por despreocupadamente brincar com uma de suas crianças. Foi durante esta curta e não tão importante campanha que ele pela primeira vez ouviu dez mil homens aclamando seu Chefe a plenos pulmões com um canto ritual – *Eengonyama* – “um hino maravilhoso” – que ele nunca esqueceu e que mais tarde ensinaria aos Escoteiros.

Em 1895, Prempeh<sup>71</sup>, rei dos Ashantis<sup>72</sup>, começou a causar problemas, e Baden-Powell fez parte da expedição que marchou cento e

---

<sup>68</sup> Esse apelido, relata B-P, veio de uma caçada de hipopótamo. Como o animal, imerso, só deixava à tona os olhos e o topo da cabeça, B-P, para uma pontaria mais segura, deitou-se de costas apoiando o fuzil na abertura das pernas, e obteve um tiro preciso. O fato é relatado em sua autobiografia.

<sup>69</sup> Em sua autobiografia (*Lições da escola da vida*), Baden-Powell conta que, chegando a um conjunto de choupanas recentemente abandonado por Dinizulu, encontrou numa delas uma garota muito ferida e um colar com centenas de contas de madeira. A moça morreu dos ferimentos; B-P apoderou-se do colar, como *souvenir* de guerra e, anos depois, usaria as contas para dá-las aos adultos que concluíssem com aproveitamento o processo de formação de Chefes Escoteiros – a Insignia de Madeira.

<sup>70</sup> Ordenança: geralmente um cabo ou soldado que cumpria as funções de auxiliar de um oficial em comando ou de estado-maior, cuidando do uniforme e equipamento, servindo de mensageiro, tratando da montaria...

<sup>71</sup> Prempeh I (1870-1931), rei dos Ashantis de 1888 até sua morte. Sob seu comando, os Ashantis escravizavam outras tribos e faziam sacrifícios humanos. Sua rendição em 1896 pôs fim à independência dos Ashantis. O status da nação passou a ser de relativa autonomia dentro do conjunto maior da Costa do Ouro.

<sup>72</sup> Povo que habita Gana (antiga Costa do Ouro). Seu império, que durou de 1701 a 1896, compreendia Gana central, Togo e Costa do Marfim. Ashanti é hoje um dos estados subnacionais tradicionais reconhecidos na Constituição de Gana. Foram um povo militarista, poderoso e altamente disciplinado.

cinquenta milhas atravessando denso cerrado e floresta para impor-lhe o devido castigo<sup>73</sup>. Foi então que ele aprendeu novas lições sobre pensar nas coisas antes de empreendê-las, ou, como diziam os nativos daquela região, “devagarinho, devagarinho pega-se o macaco” (“*Softlee softlee catchee monkey*”), frase que a partir daí estaria sempre em seus lábios. As tribos selvagens da Costa do Ouro iam, como os Zulus do sul, dar-lhe um novo apelido: *Kantankye* – “aquele que usa um chapelão”, numa alusão ao chapéu de aba larga que ele sempre usava – e ensinar-lhe um novo canto guerreiro que apelava ao seu instinto de soldado:

Se eu avançar, eu morro,  
Se eu recuar, eu morro,  
Melhor avançar e morrer.

Nesta campanha, ele fez amizade com um Capitão de Engenharia<sup>74</sup>, que tinha o costume de carregar um longo bastão, marcado em pés e polegadas. Baden-Powell se lembraria disso e copiaria muito tempo depois, ao pensar no equipamento do Escoteiro. E foi nessa ocasião, também, que ele aprendeu o segredo do aperto de canhoto. Um chefe dos Ashantis ofereceu a Baden-Powell sua mão esquerda, dizendo: “Na minha terra, os mais bravos entre os bravos cumprimentam-se com a mão esquerda”. Esta forma de saudação era, na verdade, um sinal secreto de uma espécie de ordem de cavalaria desse bravo povo.

Nem bem terminara esta expedição e ele já era Tenente-Coronel, a caminho daquilo que chamaria “a melhor aventura de minha vida”, a

---

<sup>73</sup> Baden-Powell, à época Major, comandou o destacamento precursor, com a missão de abrir e mobiliar (com pontes, passarelas, locais de acampamento) o caminho por onde passaria a força principal de pacificação.

<sup>74</sup> Outra coisa que B-P aprendeu nessa campanha foi a técnica de Pioneiria, em inglês *Pioneering*. *Pioneer* era denominação dada ao combatente de Engenharia que, pioneiramente, construía as rotas e os meios de transposição de obstáculos, muitas vezes usando recursos rudimentares – pontes usando troncos de madeira e amarrações com cordas, abrigos usando galhos e folhas... *Pioneering*: trabalho de *Pioneer*.

guerra dos Matabeles<sup>75</sup>. A essa altura, suas habilidades nas práticas de reconhecimento e exploração eram notórias e valorizadas, e coube-lhe coordenar todo o trabalho de reconhecimento da expedição. Deslocando-se à noite pelas elevações banhadas em luar, ele tinha de equiparar sua habilidade trabalhosamente adquirida à astúcia nativa dos Matabeles, e seu êxito pode ser avaliado por um novo apelido que eles lhe deram, o terceiro: *Impeesa*, o “Lobo que nunca dorme<sup>76</sup>”. Certa ocasião, uma lâmina ou duas de capim pisado e uma folha com cheiro de cerveja kaffir<sup>77</sup>, encontrada a dez milhas da árvore mais próxima, deram-lhe informação suficiente para atacar de surpresa um grupo inimigo<sup>78</sup>.

A campanha Matabele completou a educação de B-P na arte da exploração, e quando ele assumiu o comando do 5º Regimento de Dragões da Guarda<sup>79</sup>, então lotado na Índia, imediatamente começou a transmitir os conhecimentos aos outros. Considerando, muito corretamente, que a proficiência em ordem unida no campo de parada era de importância secundária [ao menos ali, no terreno operacional], ele se concentrou nas atividades de exploração. Os homens eram divididos em pequenas equipes comandadas por um graduado (Cabo ou Sargento) e logo se imbuíram do entusiasmo do seu Coronel por esses novos e esquisitos métodos. Logo ficou fora de qualquer dúvida o quanto eles valorizariam essas habilidades para um cavalarião, cuja missão primordial era o reconhecimento (exploração); e passaram a

---

<sup>75</sup> Os Matabeles ou Ndebeles eram uma ramificação dos Zulus que migraram para habitar o que hoje é o Zimbabwe.

<sup>76</sup> Segundo Tim Jeal, a tradução mais correta seria “a criatura que se esgueira na noite”.

<sup>77</sup> Kaffir, ou cafre: para os muçulmanos, são aqueles povos (especialmente referindo-se aos da África negra) que não creem no Deus Único. Por extensão, o termo foi adotado para designar povos de menor grau de desenvolvimento civilizatório.

<sup>78</sup> O caso está relatado no *Escotismo para rapazes*.

<sup>79</sup> Em *Adventures and acidentes*, B-P conta como foi seu retorno à caça do javali e a “emoção adicional” de finalizar a caçada a pé. O episódio da “mistificação de Simla”, que ele conta em *Lições da escola da vida*, também é do seu tempo de Comandante do 5º de Dragões da Guarda.

disputar entre si quem conseguiria no mais curto prazo conquistar a insígnia de uma ponta de flecha mostrando o norte de uma bússola, que era o distintivo especial que B-P criou para indicar o esclarecedor qualificado.

Até então, embora ele não tivesse tomado consciência disso, sua vida fora direcionada a um propósito, a um alvo, a prática da exploração na sua interpretação mais ampla e liberal. Primeiro, aprendeu-a ele mesmo; depois, ensinou-a aos cavalarianos treinados. Em breve ele a ensinaria à juventude de todas as nações. A ideia já estava em sua cabeça quando, em 1899, ele retornou à Inglaterra em licença, trazendo consigo o manuscrito de um livreto que batizara *Aids to scouting* (algo como *Dicas para exploração*). Não era mais que um resumo das palestras, ilustradas por exemplos, que dera aos seus homens, e ele tinha a intenção de publicá-lo na esperança de despertar um interesse mais amplo. Entretanto, antes que a publicação se concretizasse, ele já partira para realizar o maior feito de sua vida – um feito que, numa noite de maio do primeiro ano do século [na verdade, o último ano do século XIX], lançaria os cidadãos de Londres num carnaval de júbilo e acrescentaria uma palavra à língua inglesa<sup>80</sup>.

No outono de 1899 [outono do Hemisfério Norte – outubro], estourou a guerra com os bôeres na África do Sul, e o Coronel Baden-Powell recebeu ordens de organizar uma força de fronteira para auxiliar o Exército regular britânico. Ele estava no meio dessa missão e já havia juntado alguns homens, quando se viu isolado na pequena cidade de Mafeking e cercado por um exército bôer de nove mil homens. Sua guarnição estava em vasta inferioridade numérica, mas aguentou pelo tempo de duzentos e dezessete dias, durante os quais Baden-Powell foi a mola-mestra e a inspiração para a defesa. Neste período de crise, seus longos anos de treinamento autoimposto finalmente mostraram

---

<sup>80</sup> *Maffick*, palavra surgida nas comemorações da suspensão do cerco de Mafeking, significando festa ruidosa. A festa que se fez em Londres pelo levantamento do cerco só viria a ser superada pelas comemorações do término da Primeira Guerra Mundial.

plenamente seus resultados. O inimigo era corajoso, astuto e cheio de recursos, qualidades que B-P possuía em alto grau. Rapidamente ele as infundiu não apenas nos homens que comandava, mas também nos moradores da cidadezinha, que no fim das contas viram-se pondo em ação muitos instrumentos estranhos que B-P adotara para disfarçar do inimigo sitiante a nudez de suas próprias posições<sup>81</sup>. “Blefem o inimigo com demonstrações de força o quanto quiserem”, diz uma passagem de suas instruções gerais à guarnição, “mas tomem o cuidado de não ir longe demais e perder o contato com nosso próprio lado... Não tenham medo de agir por temor de cometer algum erro. Um homem que nunca errou é um que nunca fez nada”.

Os princípios que ele pregava, praticava. Havia mais de oito mil nativos em Mafeking, e em geral não eram confiáveis. O lugar, na verdade, fervilhava de espiões, uma situação da qual B-P procurou tirar o máximo de vantagem. Ele enviou para fora do perímetro vários nativos carregando caixas de madeira que, segundo ele lhes dissera, explodiriam imediatamente se fossem deixadas cair. Elas foram cautelosamente enterradas e algumas, ele anunciou, seriam testadas entre meio-dia e duas da tarde. Durante essas duas horas todo mundo abrigou-se, enquanto ele e um companheiro avançaram e explodiram um bastão de dinamite num cupinzeiro. “Emergiu da poeira um homem numa bicicleta, que estava passando, e ele pedalou com quantas pernas tinha, fugindo para o Transvaal”. Os bôeres foram convencidos de que um grande campo minado tinha sido semeado. Na verdade, as caixas enterradas continham areia. Uma competição pública forneceu bonecos

---

<sup>81</sup> O cerco, na verdade, ficou muito longe de isolar Mafeking por completo. Mensagens conseguiam passar para informar a situação na cidade. Os tiros dos canhões dos bôeres acertavam nas edificações da cidade, mas como estas em sua maioria eram de adobe, os projéteis varavam as paredes e iam explodir longe, em terreno aberto, quando encontrassem algum obstáculo. As mensagens de B-P, concisas e bem-humoradas, não falseavam a situação: “Quatro horas de bombardeio. Um cachorro morreu”. “Canhoneio durante a manhã. Ninguém liga”. Acontece que no final de 1899 e começo de 1900, os britânicos estavam levando a pior em vários dos confrontos, então a resistência nos cercos de Mafeking e Ladysmith era a esperança na metrópole; por isso, as mensagens de B-P eram encaradas na Inglaterra como expressões de suprema bravura na adversidade.

imitando soldados, que foram colocados em fortificações improvisadas e serviram para atrair o fogo dos *snipers*<sup>82</sup> bôeres, e um holofote portátil feito de latas de biscoito era transportado de uma fortificação a outra, acendendo-se a pequenos intervalos, para dar a impressão de haver uma cadeia de holofotes aptos a iluminar ataques noturnos. Aos domingos, sempre havia uma trégua – pois isso era antes dos dias da “guerra total” – e observando que os bôeres saíam cuidadosamente de suas trincheiras para evitar o arame farpado, Baden-Powell determinou aos seus homens que fincassem estacas e fizessem da mesma forma quando caminhassem entre elas. Não havia arame farpado para fazê-los tropeçar, mas os bôeres, observando de longe aquele comportamento cuidadoso, foram enganados, e julgavam serem as defesas muito mais fortes do que na verdade eram.

Muitas das ações de reconhecimento necessárias para manter o comandante da cidade sitiada bem informado sobre os movimentos do inimigo foram feitas pelo próprio Baden-Powell; para ajudá-lo a transmitir as mensagens com rapidez, ele acabou fundando um corpo de mensageiros recrutados entre os garotos de Mafeking<sup>83</sup>. Eles aprendiam rápido, cheios de audácia e determinação sob fogo, e estavam sempre prontos para apresentar-se às diversas missões. Seu comportamento inteligente e corajoso surpreendeu até mesmo seu protetor Baden-Powell, e ele jamais esqueceria a conduta desses garotos, que em breve teria um efeito de longuíssimo alcance sobre milhares como eles em todos os países. Esses rapazes, indo para lá e

---

<sup>82</sup> *Sniper* é o atirador excepcionalmente hábil, destinado a atirar com precisão em alvos selecionados – comandantes, condutores de veículos ou determinados tipos de equipamento, de modo a produzir danos menos pela quantidade que pela qualidade do que seja alvejado.

<sup>83</sup> Ele deu respaldo, como Comandante, à proposta de seu Chefe de Estado-Maior, Lord Edward Cecil. O Corpo de Cadetes de Mafeking teve como comandante o Capitão Charles Goodyear (que foi o primeiro prefeito de Mafeking), e como Sergeant-Major o jovem Warren Goodyear. Empregou jovens com idade a partir de 9 anos, nas funções de mensageiro e socorrista, para liberar o maior número possível de militares para as funções ligadas ao combate. B-P não aproximou os jovens do combate mais do que isso, primeiro, porque era contra seus princípios, segundo, porque era uma violação das leis de guerra. O Corpo de Cadetes de Mafeking teve uma baixa fatal durante o cerco.

para cá animadamente em suas perigosas missões, foram, pelo seu exemplo, um tônico para o moral dos defensores, como o era o próprio Baden-Powell, que demonstrava não apenas habilidade militar no mais alto grau, mas também um humor rápido e contagiante, que naturalmente o levava a substituir o capacete pelo chapéu do bobo da corte em concertos improvisados ou em saraus. Finalmente, em 16 de maio de 1900, o Coronel Mahon, comandando uma coluna volante destacada da força principal de Lord Roberts, levantou o cerco<sup>84</sup>.

Até então um relativamente pouco conhecido coronel, para seus superiores um homem ousado e valoroso, para seus colegas um excelente camarada com o estranho hábito de poder dizer num relance de olhos onde você tinha estado e o que havia feito na noite anterior, Baden-Powell viu-se, da noite para o dia, como o mais jovem Major-General<sup>85</sup> do Exército, aclamado em todo o mundo de fala inglesa, e o herói particular daquele grupo da população com idade entre oito e dezoito anos. Deles, incontáveis cartas despejaram-se sobre B-P pedindo ajuda e conselho, querendo saber o segredo do sucesso do corpo de mensageiros, e ao chegar à Inglaterra, recém-concluída sua missão de organizar o Corpo Policial Sul-Africano (*South African Constabulary – SAC*) para Lord Milner<sup>86</sup>, ele se espantou ao descobrir que seu pequeno manual recém-publicado, *Aids to scouting*, tinha se tornado o *vade-mécum* de jovens e de seus professores por todo o país.

---

<sup>84</sup> O irmão de B-P, Baden Fletcher Baden-Powell, era um dos integrantes dessa coluna; consta que, quando entraram em Mafeking, B-P estava dormindo e seu irmão Baden foi acordá-lo para dar a notícia de sua chegada e do levantamento do cerco.

<sup>85</sup> General-de-Divisão.

<sup>86</sup> B-P foi movimentado para a Inglaterra por motivo de saúde: estafa, depois da campanha contra os bôeres e do processo de constituição da SAC. Na continuação da guerra contra os bôeres, teve de haver-se com ordens imprecisas e contraditórias que lhe eram dadas por Lord Roberts, que só não resultaram em desastre por sorte e pela relativa habilidade que ele e outros comandantes em campo demonstraram. Isso contribuiu fortemente para o quadro de estresse.

Foi neste momento crítico da carreira que ele conheceu o fundador da Brigada de Rapazes (*Boys' Brigade*)<sup>87</sup>, Sir William Smith<sup>88</sup>, cujas ideias e entusiasmo ele logo partilhou. Por sua sugestão, exploração e outras práticas de ar livre foram adicionadas às atividades da Brigada num esforço para aumentar seus efetivos. Baden-Powell tomou a si o trabalho de explicar essas atividades por escrito<sup>89</sup>, e em 1908 começou a publicar em fascículos quinzenais o livro agora famoso, *Escotismo para rapazes*. O resultado de imediato excedeu e confundiu suas expectativas. Garotos em todo lugar compraram o livro aos milhares e, ignorando a Brigada de Rapazes, começaram imediatamente a constituir patrulhas por sua própria conta. No final do ano, contavam-se mais de sessenta mil deles, e haviam encontrado Chefes Escoteiros prontos para cuidar das Tropas. Longe de ressentir-se desse desenvolvimento, Sir William Smith deu aos novos Escoteiros todo encorajamento. As relações com a Brigada de Rapazes foram cordiais desde o início, e assim permanecem. Ambas cresceram lado a lado com mútua boa vontade.

Em breve, Baden-Powell estava lutando para encontrar insígnias, uniformes, carteiras de filiação e outros itens necessários para uma organização que se criara sozinha. Qual seria a sua própria posição? Deveria continuar a carreira no Exército, o que quase certamente o levaria ao mais alto posto, ou colocar-se à testa desta nova organização espontaneamente gerada, pela qual seu próprio livro e seu próprio método de vida haviam sido responsáveis? A cabaceira do profeta

---

<sup>87</sup> A *Boys' Brigade* dava forte ênfase à ordem unida, com treinamento de fanfarras, e à religiosidade cristã. Baden-Powell propunha outras atividades, mais atraentes e variadas, sem deixar de lado a espiritualidade, mas não fazendo da religiosidade um pilar do método.

<sup>88</sup> William Alexander Smith (1854-1914) fundou a *Boys' Brigade* em 1883, em Glasgow.

<sup>89</sup> B-P testou os conceitos do livro que estava escrevendo em um acampamento com 20 jovens na ilha de Brownsea, na baía de Poole, de 1º a 8 de agosto de 1907. A experiência validou a proposta, e *Scouting for boys* foi finalizado no restante do ano, de modo a ser publicado já no início de 1908.

Jonas<sup>90</sup> não cresceu mais rápido. Em dezembro de 1908, duas salas na Henrietta Street abrigavam o quartel-general do novo Movimento. Ele quase não tinha equipe; a dotação de seu equipamento, e a dos seus inscritos, aumentando às centenas diariamente, foi descrito como “acidental”, e não havia reconhecimento oficial. Em dezembro de 1909 – um ano depois – dez salas na Victoria Street já não bastavam para abrigar a sede, e o número de Escoteiros registrados passava dos cem mil. Comitês locais surgiam por toda parte, a patronagem da Casa Real fora assegurada, e o Fundador feito cavaleiro. Baden-Powell não podia mais postergar sua decisão. Pondo de lado todo o pensamento na carreira militar, este personagem frugal, magro e resistente, de voz forte e ressonante, pôs-se à frente de um movimento único em seu tipo e que, apesar de já decorridas mais de quatro décadas, não alcançou ainda sua plena dimensão. Por trinta e três desses anos ele permaneceu em seu posto, estimulando seu crescimento e direcionando suas energias.

Desde o começo, Baden-Powell adotou o princípio de dar tanta liberdade de ação quanto possível aos Chefes Escoteiros locais. Descentralização era sua ideia básica e ele buscou não fazer mais que dar orientação geral, por meio, principalmente, do *Escotismo para rapazes*<sup>91</sup>. Tal configuração lançava uma grande carga de responsabilidade sobre o Escotista local, que, por necessidade, tinha de fazer máximo uso da iniciativa e liderança que possuísse. Uns poucos caíram pelo caminho, mas a grande maioria, por suas ações, seu entusiasmo e o que poderia ser chamado sua lealdade aprendida, provou finalmente e de maneira avassaladora a sabedoria do Escoteiro-Chefe. B-P, como já ficara conhecido por milhões, estava em toda parte.

---

<sup>90</sup> Segundo a Bíblia (Jonas, capítulo 4), Deus fez crescer uma cabaceira junto ao local de pouso de Jonas, a qual lhe deu sombra. Ela cresceu da noite para o dia, e depois também secou da noite para o dia, para demonstrar a Jonas que não lhe cabia enfurecer-se por coisas que ele não tinha condições de modificar. Obviamente, a referência do texto trata apenas do crescimento da árvore.

<sup>91</sup> O *Guia do Chefe Escoteiro (Aids to Scoutmastership)* só viria à luz em 1919.

Deixando os detalhes por conta de homens capazes, experientes e capazes de pensar independentemente, ele se dispôs a recrutar por meio do mais antigo e consistente método – ir e pregar a fé. Nisto ele era incansável. Na primavera de 1910 ele já apresentava uma média de doze palestras sobre Escotismo por mês, em lugares tão distantes entre si como Exeter e Aberdeen<sup>92</sup>.

Suas visitas não se limitavam ao Reino Unido. Naquele ano ele visitou a Escola de Cadetes em Moscou, onde uma Tropa de Escoteiros fora constituída. Eles eram sujeitos à rígida disciplina que era o orgulho das Unidades da Casa Real. Baden-Powell foi conduzido pelas instalações da escola por um coordenador, um coronel idoso que portava uma espada, que mostrava com orgulho a maravilhosa precisão que os cadetes tinham obtido na ordem unida, a apresentação imaculada de seus dormitórios, a exata e meticulosa ordem de suas vidas. Do lado de fora da estação de trem, por ocasião de sua partida, montou-se uma Guarda de Honra com os cadetes que eram Escoteiros. “Rígidos como pedra”, ele se recorda, “eles permaneciam nas fileiras”, mas quando ele passou por eles, cada rapaz olhando-o com a alma saindo pelos olhos, a ocasião foi demais para ele; num momento tornou-se demais para eles também, pois, assim que ele se virou e caminhou ao longo da ala apertando a mão de cada um dos jovens, “houve um grito súbito, eles romperam as linhas e estavam todos em cima de mim num segundo, apertando minhas mãos, beijando minhas roupas, cada um querendo dar-me alguma espécie de lembrança”. Em todos os lugares por onde passava o entusiasmo não era menor, e o clímax parecia ter sido atingido no ano seguinte, quando, após o comparecimento de trinta mil Escoteiros em Windsor Great Park, o jornal satírico *Punch* deu sua bênção ao Movimento, com a publicação de uma charge que mostrava um Escoteiro aclamando das ameias do Castelo.

---

<sup>92</sup> Pontos opostos na Ilha: Exeter no sudoeste da Inglaterra, Aberdeen no nordeste da Escócia.

Tal fervor universal inevitavelmente fez surgir um espírito de ciúme e crítica nos peitos daqueles que em toda geração olham o entusiasmo com suspeita, e o desejo de servir ao público com aversão. Certo cavalheiro, ocultando-se sob o pseudônimo Capitão Nemo, lançou-se à imprensa e, entre outras queixas, afirmou que o novo movimento tinha pendor militarista – um crime infame em 1912. A réplica de Baden-Powell foi simples e completa. “O Escotismo”, disse ele, “não é feito de tambores e bandeiras, mas de vida nos bosques e ao ar livre”. Na outra extremidade da escala estavam aqueles que se queixavam amargamente de serem os Escoteiros pacifistas, uma acusação que desde então foi repetida de quando em quando, com tão pouco fundamento quanto a outra. A verdade, é claro, é que o Escotismo não era nem uma coisa nem outra. Era simples bom senso<sup>93</sup>.

Essas críticas mesquinhas, no entanto, não passavam de mixaria. Um novo desenvolvimento foi mais formidável e muito mais bem-vindo. O sexo oposto começou a ter interesse pelo Escotismo. Para garotas, usar bermudas em 1910 era inconcebível, e elas foram forçadas a usar saias. Apesar desta limitação, cerca de oito mil se haviam registrado como Escoteiras no começo daquele ano. Foi-lhes dado o nome de Moças Guias (*Girl Guides*) e a direção da irmã do Escoteiro-Chefe (Agnes Baden-Powell), cujo manual, publicado dois anos depois, tornou-se seu guia oficial.

Em fins de 1911, a Grã-Bretanha já tinha se tornado pequena demais para os Escoteiros. Eles se haviam espalhado pelo mundo, e Baden-Powell partiu em viagem para visitá-los. O navio que o levava para a Jamaica era novo, o mar estava agitado, os conveses vazavam, e o lugar mais seco a bordo mostrou ser a piscina vazia. Entretanto, não havia meio de convencer B-P a deixar o navio, e em cada porto onde se fazia escala ele obstinadamente permanecia a bordo. O motivo era Miss Olave Soames, para quem ele primeiramente foi atraído pela

---

<sup>93</sup> Noutra vertente, havia os que acusavam o Escotismo de enfatizar excessivamente a religiosidade, e os que acusavam o Movimento de carecer de religiosidade.

determinação expressa no jeito de caminhar. Ele a havia visto dois anos antes, em Knightsbridge, com um cãozinho *spaniel* castanho e branco. Agora eles eram companheiros de viagem e ele finalmente chamou a si a coragem para dirigir-se a ela. “A senhorita já esteve em Londres, perto dos quartéis de Knightsbridge?” “Sim”, foi a resposta, “dois anos atrás”. “Daí nós nos casamos e vivemos felizes desde então”, ele recorda. Lady Olave viria a substituir Agnes Baden-Powell na direção das *Girl Guides*.

Durante esta viagem, Baden-Powell ficou muito impressionado com o rápido crescimento do Movimento nos Estados Unidos da América, mas antes do fim dela, visitas à China e ao Japão convenceram-no de que também naqueles países o mesmo fenômeno era aparente – entusiasmo e determinação para espalhar o novo evangelho. Ele se espalhou, e Baden-Powell, com aquele encantador senso de humor que nunca o abandonou, retratou esse crescimento num desenho mostrando um Escoteiro enorme, com a legenda “O Escotismo está crescendo continuamente”.

Os anos que antecederam a deflagração da Primeira Guerra Mundial culminaram em 1913, com uma exibição de habilidades Escoteiras em Birmingham, quando, pela primeira vez, foi dado aos olhos do público em geral perceber o valor do trabalho realizado. Nessa altura, era evidente, até para os seus poucos inimigos, que o Movimento crescia, não como cogumelos, mas como um broto do qual uma robusta muda, no devido tempo, se tornaria um poderoso carvalho.

O rompimento da Grande Guerra em agosto de 1914 bem poderia ter acabado com a Organização do Movimento Escoteiro. Escotistas aos milhares voluntariaram-se para o Exército e a Marinha, e parecia que muitas Tropas teriam de ser desfeitas. Aconteceu precisamente o contrário. Longe de perder suas ocupações, os Escoteiros as tiveram ampliadas. Antes de findar o primeiro ano da guerra, eles estavam executando todo tipo de tarefa do Serviço à Nação. Eles eram mensageiros nas repartições governamentais; patrulhavam linhas

ferroviárias; ajudavam nos hospitais; coletavam salvados<sup>94</sup>; colhiam linho, e quando os Zeppelins vinham<sup>95</sup>, eram os seus clarins, mais musicais do que as sirenes suas descendentes, que tocavam o sinal de “tudo livre”.

Talvez o melhor trabalho tenha sido feito pelos Escoteiros do Mar, cuja formação foi sugerida pelo próprio Lord Kitchener<sup>96</sup>. Até o fim da guerra, cerca de trinta mil garotos e jovens tinham passado por essa organização. Eles eram constantemente visitados por B-P, que se maravilhava em vê-los cumprindo suas tarefas, que eram muitas e variadas. Em uma estação, ele relatou, o registro mostrava que os Escoteiros do Mar tinham “alertado um destróier para afastar-se dos recifes na neblina, avistaram e informaram sobre dirigível indo para sudoeste cinco milhas distante, forneceram guarda noturna sobre um hidroavião avariado que fora rebocado para a praia”. Outros itens dignos de nota eram: “Luz apareceu perto de... às 03:15h, durante sete minutos, e de novo, aparentemente do mesmo local às 04:35h. A traineira n°... veio à praia. Todas as licenças em ordem exceto no caso de J... M..., que não tinha nenhuma. Seu nome e endereço foram passados ao Superintendente do Posto Policial de... Mina flutuante relatada pelo pescador n°.... Seguiu para o local com barco-patrolha que localizou e explodiu a mina. Fornecida guarda sobre barco naufragado e mercadorias durante três dias e noites na Baía...”.

---

<sup>94</sup> Salvados: aquilo que se consegue recolher de um naufrágio, queda de aeronave ou outro desastre.

<sup>95</sup> Os alemães usaram dirigíveis para bombardear a Grã-Bretanha. Os ingleses lançaram contra os Zeppelins seus aviões de caça, municionando-lhes as metralhadoras mais generosamente com munição traçante, que incendiava o inflamável hidrogênio dos dirigíveis. As baixas levaram os alemães a deixar de promover essas incursões.

<sup>96</sup> Horatio Herbert Kitchener (1850-1916), Marechal-de-Campo britânico. Participou da expedição ao Sudão em 1884, combatendo o exército dos dervixes. Comandou a expedição que finalmente os derrotou em 1898. Foi Chefe do Estado-Maior de Lord Roberts durante a Guerra dos Bôeres. Foi Secretário de Estado (status de ministro) da Guerra quando estourou a Primeira Guerra Mundial, e coordenou a constituição do grande exército de voluntários que combateria em 1915. Morreu no naufrágio do cruzador *HMS Hampshire*, quando o navio foi vitimado por uma mina alemã, perto das ilhas Orkney.

Apesar de o Escoteiro-Chefe ter-se posto à disposição do Ministério da Guerra imediatamente após a declaração de guerra, não lhe foi atribuído nenhum comando, pois Kitchener sabiamente decidiu que poderia “lançar mão de vários generais competentes para comandar divisões<sup>97</sup>, mas não conseguiria encontrar ninguém que pudesse encabeçar o inestimável trabalho dos Escoteiros”<sup>98</sup>. Tal decisão apenas aumentou as atividades do Escoteiro-Chefe, que não se poupou durante esses amargos anos. Ocasionalmente, sua vida de infindáveis inspeções, trabalhos de escritório e tarefas gerais de organização era temperada pela descoberta de que outros julgavam que ele estivesse engajado em um tipo muito diferente de trabalho. Dizia-se à boca pequena que ele estaria na Alemanha, em missão do Serviço Secreto, e um oficial naval chegou ao ponto de destacar o cuidado com que havia conduzido B-P através do Mar do Norte em sua perigosa e secreta missão. Outros, no entanto, viam de forma diferente e afirmavam que ele estava na Torre de Londres, e um empreendedor americano chegou a publicar um relato de sua execução como espião, terminando com a observação que “a Inglaterra levou ao último sono um dos mais bravos soldados que já comandaram seus exércitos”. “Valeu a pena ser fuzilado como espião para ganhar um epitáfio tão doce”, foi o comentário de Baden-Powell.

O advento dos intranquilos anos de paz significou uma expansão cada vez maior do Movimento Escoteiro. A ansiedade dos irmãos mais novos dos Escoteiros para participar do Escotismo levou à formação de um Ramo mais jovem, conhecido como Lobinho, que buscou instilar os princípios do Escotismo por meio de jogos baseados no *Livro da Jângal*, de Rudyard Kipling<sup>99</sup>. O termo geral “Chefe” foi adotado para abranger

---

<sup>97</sup> Como, por exemplo, Sir Herbert Plumer (1857-1932), com a mesma data de entrada em serviço de B-P e seu companheiro na Campanha Matabele e na Guerra dos Bôeres. Plumer foi um dos mais destacados comandantes britânicos na Grande Guerra, e um Dirigente Escoteiro.

<sup>98</sup> B-P e Lady Olave trabalharam durante algum tempo, durante a guerra, num centro de entretenimento para as tropas, na cidade francesa de Étapes.

<sup>99</sup> Isso ainda durante a guerra, em 1916.

as atividades de todos os adultos envolvidos no treinamento de Escoteiros. Foi nessa época, também, que o programa do Ramo Pioneiro foi desenvolvido e lançado para atender ao interesse daqueles jovens, já em idade adulta, que ainda desejavam estar tão unidos quanto possível ao Escotismo e a tudo quanto isso implicava<sup>100</sup>.

Em 1920, aconteceu o primeiro Jamboree, em Olympia. A palavra é de origem incerta, mas o *Oxford English Dictionary* define-a como “uma grande reunião de Escoteiros”. Tornou-se a mais alta expressão do Movimento, e em tais eventos Escoteiros do mundo inteiro conhecem-se e reúnem-se fraternalmente. Nesse primeiro Jamboree, o Dr. Lang, Arcebispo de York, oficiou um culto religioso na arena, pregando para uma congregação de oito mil jovens de diversas nações sentados num círculo ao seu redor, os braços envolvendo os joelhos, os rostos jovens levantados. “Vocês agora são uma grande potência”, ele disse, “que pode fazer muito pela paz. Eu os exorto a fazer deste o seu objetivo... Esta é a minha mensagem para vocês, Escoteiros. Mantenham a confiança”. Um importante resultado deste Jamboree foi a nomeação de B-P como Escoteiro-Chefe Mundial – por unanimidade – e a constituição do Comitê Internacional que, como se depreende do nome, concebeu o Escotismo oficialmente como organização internacional. Dois anos depois, um censo mostrou que havia 1.019.205 Escoteiros em trinta e dois países. Em 1939, o número chegava a 3.305.149. Como se tornará patente, a propagação do Escotismo pelo mundo traria nobres frutos nos tenebrosos anos da Segunda Guerra Mundial.

E os anos passaram, trazendo muitas honrarias. Em 1923, Baden-Powell tornou-se Grão-Comandante da Ordem Vitoriana (G.C.VO.). Em 1929, foi-lhe conferido um Baronato, e em 1937, a Ordem do Mérito (O.M.). Mas apesar das condecorações em seu peito se

---

<sup>100</sup> Um dos benefícios do Ramo Pioneiro foi atender aos jovens veteranos, que, por meio da vida em equipe com mútuo suporte psicológico e das atividades de serviço à comunidade, tiveram maior facilidade em se reintegrar à sociedade de tempos de “paz”.

multiplicarem, ele continuou a ser o homem mais simples e de maior facilidade para se aproximar. Milhares de Escoteiros atualmente na meia-idade<sup>101</sup> lembram-se dele passeando entre os campos dos garotos e conversando com seus ocupantes com a arte que oculta a arte – ou era apenas o espontâneo sussurro de uma natureza que em tempos mais cristãos teria sido saudada como a de um santo? Ele se sentaria junto a uma fogueira para uma conversa, e mais e mais jovens se amontoariam em torno dele para ouvir. Enquanto ele contava suas aventuras, as aprazíveis árvores de um bosque inglês trocariam sua magia pela das palmeiras tropicais, sua sombra pelas profundezas da selva da África Ocidental, o prado adiante se transformaria na areia e nas rochas ardentes do Deserto de Sind, e aquele garoto entrevistado e seu amigo, saindo com um balde para buscar água para seu campo de patrulha, os rastreadores que uma vez seguiram um camelo roubado de Karachi até Sehwan. Tocaia, como se esconder, hábitos dos animais, as condutas das aves e dos répteis, dos peixes e dos insetos, ele falaria destas e outras coisas por horas, e então mudaria o assunto para árvores e seu cultivo, e daí facilmente para o crescimento do homem e como se manter saudável e alerta. O conselho de Dryden:

É melhor caçar nos campos a saúde que não se compra  
 Que pagar ao médico por um remédio horrível:  
 O sábio, para curar-se, depende do exercício;  
 Deus não fez uma obra para que o homem precisasse consertá-la.

- estava sempre em sua simples e tão persuasiva língua, junto com a Lei Escoteira que ele formulou, e que se tornou o credo de imorredoura inspiração para milhões de pessoas.

Os anos passaram-se, cheios de honras e trabalho duro, de promessas e realizações. A guerra de 1914 a 1918<sup>102</sup> foi severa mas,

---

<sup>101</sup> Este livro é uma publicação de 1949.

<sup>102</sup> Entre muitos outros exemplos de ação de Escoteiros na guerra, há o caso de Jack Cornwell, relatado nas edições de *Escotismo para rapazes* posteriores a 2016.

como ele e seus companheiros líderes viam, foi um teste preliminar para a força e o valor da Organização Escoteira. Da guerra, ela emergiu triunfante, apenas para fazer frente a um período de teste mais árduo vinte anos depois. À época desse outro teste, o Escoteiro-Chefe já tinha mais de oitenta anos de idade e já não era forte o suficiente para fazer aquelas viagens e visitas aos seus Escoteiros pelo mundo afora, nas quais tanto se encantava. Por esse tempo, também, ele tinha adquirido o hábito de passar muito tempo nos adoráveis planaltos do Quênia, e foi lá que faleceu em 8 de janeiro de 1941. Soldados e Escoteiros, homens brancos e negros levaram-no à sepultura.

Está escrito: “Seus velhos terão sonhos, seus jovens terão visões” – Baden-Powell fez ambas as coisas. Ele morreu no meio de uma convulsão mundial, mas sua obra, longe de ter sido abafada, seria fortalecida. Como isso aconteceu é que deve ser contado agora.

### **CAPÍTULO III**

#### **PROPÓSITO**

##### *O Escotismo nas Ilhas Britânicas*

Derek Belfall tinha quatorze anos de idade e morava em Bristol. Ao romper a guerra, o Governo estabeleceu a idade mínima de dezesseis anos para trabalhar na Prevenção de Ataques Aéreos [em inglês, *Air Raid Precaution – ARP*]; em consequência, muitos Escoteiros não poderiam de imediato se tornar membros oficiais das diversas organizações com esse fim. Tal proibição oficial não deteve Derek. Pelo contrário, parece ter servido de estímulo, pois ele não cessou de importunar seu pai até que, relutantemente, ele lhe desse a permissão para ingressar no Serviço de Mensageiros ligado ao quartel-general da ARP local. Lá, ele se mostrou ativo, eficiente e inteligente, mais ainda na noite em que um ataque-relâmpago foi lançado sobre Bristol<sup>103</sup>. Quando o ataque estava no auge, uma mensagem tinha de ser enviada, pois as linhas telefônicas tinham sido cortadas. Derek pegou a mensagem, entregou-a no destino, e no caminho de volta passou por uma casa na qual as chamas começavam a crescer. Abrindo a porta da frente, ele tropeçou numa bomba d'água de pedal; apanhou-a e operou-a, dirigindo o jato ao fogo, e em breve conseguiu controlá-lo. Liberado pelo pessoal da casa, ele prosseguiu em seu caminho, mas pouco depois, ouvindo gritos, ele correu para dentro de outro prédio em chamas e trouxe de lá um bebê ferido e muito assustado. Então, pela terceira vez nessa noite de fogo, ele se pôs em marcha rumo ao posto da ARP, apenas para ser atingido por um fragmento de uma bomba. Pegaram-no, ferido com gravidade, e levaram-no para o hospital. Quando o

---

<sup>103</sup>De setembro de 1940 a maio de 1941, após a derrota alemã na Batalha da Grã-Bretanha (disputa pelo domínio do ar, determinante para a invasão da Ilha), a Luftwaffe (Força Aérea Alemã) desencadeou o que ficou conhecido como a *Blitz*, um período de incursões (reides) de bombardeio, em sua maioria à noite. Londres e outras cidades importantes do sul e leste da Inglaterra foram alvos. O mais pesado reide sobre Bristol ocorreu em janeiro de 1941.

deitavam na cama, ele murmurou: “Mensageiro Belfall se apresentando. Entreguei minha mensagem”, e morreu.

O Escoteiro Belfall não foi o único neste tipo de demonstração de coragem e determinação, mas ele foi um exemplo, entre tantos, daquela atitude que torna tantos Escoteiros aptos a se destacarem em tantas ocasiões. Nunca, nem mesmo durante aqueles severos anos de 1914 a 1918, os Escoteiros tiveram tantas ou tão grandes oportunidades de mostrar ao mundo o significado e o propósito, tanto internos quanto externos, do Escotismo. Isto não é mera generalização, mas fato, do que, racionalmente, os números podem dar prova. Foi outorgada a sessenta mil Escoteiros a Insígnia de Serviço à Nação, por trabalho continuado, de todo tipo e descrição. Nenhuma tarefa era grande demais ou pequena demais, importante demais ou insignificante demais para os Escoteiros, e sua variedade de situações de emprego pode ser vista no Apêndice I. Para seus líderes, a Conferência de Munique de 1938<sup>104</sup> foi um marco de sinalização, apontando diretamente para o perigo, e quando, um ano depois, um “desgastado e trágico” Primeiro-Ministro<sup>105</sup> disse a toda uma nação expectante que a Grã-Bretanha estava novamente em guerra contra o mesmo inimigo, os Escoteiros estavam prontos.

A base de sua atividade, na guerra assim como na paz, era o sólido fundamento do 3º artigo da Lei Escoteira (“O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”). Neste artigo, que talvez mais do que os outros nove tenha impressionado a imaginação do mundo, repousa o segredo do sucesso

---

<sup>104</sup> Na qual Hitler obteve confirmou a anexação da Áustria e obteve a incorporação ao Reich de boa parte da Tchecoslováquia, graças à fraqueza demonstrada por Grã-Bretanha e França.

<sup>105</sup> Neville Chamberlain, que conduziu a política de “apaziguamento” da Alemanha no período pré-guerra. Para Churchill, esse procedimento era como “dar comida a um crocodilo na esperança de não ser devorado por ele”. Com a invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, Grã-Bretanha e França deram um ultimato a Hitler, para que em 48 horas se retirasse do território invadido. Como não o fez, em 3 de setembro, com intervalo de poucas horas, primeiro a Grã-Bretanha, depois a França, declararam guerra à Alemanha. Consta que, diante dessa notícia, Goering teria dito: “Se perdermos esta guerra, que Deus tenha piedade de nós”!

dos Escoteiros em tempo de guerra. Sua observância é algo que está “na massa do sangue” de um Escoteiro. Não importava se fosse um caso de fornecer mensageiros para informar aos surdos sobre os alarmes de ataque aéreo ou o toque de “tudo limpo”, vigilância contra incêndios, a construção de abrigos domésticos, fornecer a tripulação de postos de escuta, colher flores de lúpulo, juntar papel velho, cortar lenha, cair meios-fios, ou as mil e uma tarefas que havia para cumprir numa sociedade engajada numa guerra total, o hábito da Boa Ação sempre esteve junto deles.

Classificar os feitos dos Escoteiros durante esses seis anos é muito difícil, porque a variedade das ações é tão grande que descrever cada item separadamente tornaria impossível colocar tudo em um volume ou em muitos. Só será, portanto, possível mencionar os principais serviços prestados à comunidade. Primeiramente, aqueles de natureza geral, sem conexão específica com a Defesa Passiva<sup>106</sup>. Quando rompeu a guerra, os Escoteiros, como todo mundo, estavam alertas e ansiosos por dar sua parcela de contribuição individual para o esforço comum. As Boas Ações multiplicaram-se de maneira prodigiosa. Havia, à época, algo como mais de meio milhão de Escoteiros, e a julgar pelo enorme volume de relatórios das Tropas e Grupos (em sua maioria, modestamente lacônicos) e pelo volume ainda maior de testemunhos públicos e privados, cada um deles deve ter feito bem mais de uma Boa Ação por dia. Eis alguns exemplos. Por todo o país, Escoteiros confeccionaram milhares de redes de camuflagem, uma ocupação na qual os membros mais jovens das Tropas se engajaram por toda a guerra. Em muitos distritos, funcionários dos Correios, perturbados e afogados em trabalho, foram ajudados pelos Escoteiros na separação das cartas, e outros Escoteiros coletaram roupas para refugiados e pessoas que tinham perdido suas propriedades nos ataques aéreos; a

---

<sup>106</sup> A Defesa Passiva compreende as ações de observação aérea, encaminhamento das pessoas aos abrigos, localização de incêndios. A defesa ativa compreende o uso de aviões de caça e armas antiaéreas.

quantidade de itens reunida chegava a milhares de toneladas. Por especial solicitação do Ministério do Combustível e Energia, os Escoteiros fizeram uma quantidade fantástica de briquetes de acendimento (a partir de poeira de carvão) e juntaram feixes de lenha e cargas de toras.

O primeiro Natal da guerra, acontecendo como aconteceu durante o *black-out*<sup>107</sup>, foi corretamente considerado como algo bem diferente da alegre e luminosa festa de tempo de paz. Os Escoteiros em toda a Inglaterra, com um olhar especial para os pobres e necessitados, fizeram um esforço grande e determinado para reproduzir as condições normais o máximo possível. Eles deram centenas de festas de Natal para crianças, coletaram comida para os idosos, especialmente os idosos pobres. Eles tomaram parte destacada no provimento de entretenimento para os militares das diversas Forças. Uma Tropa, de um distrito tão pobre que seus membros não davam conta de pagar nem as mensalidades, coletou brinquedos descartados e, com a ajuda de cola e tinta, fornecidas de boa vontade pelas lojas, fez “uma grande pilha de brinquedos reluzentes” para as crianças do distrito, tão pobres e necessitadas quanto os próprios Escoteiros, mas com menos oportunidades que eles para fazer uso dos recursos de criatividade e improviso. Eles foram além e coletaram, novamente das lojas, cestas de “doces, amêndoas e frutas”, que distribuíram. Em Sheffield, os Escoteiros judeus organizaram um serviço que ajudou vários exaustos integrantes das Forças Armadas, carregando seu equipamento para eles de uma estação ferroviária para outra. Em Edinburgh, Lobinhos juntavam papel, garrafas e outros detritos espalhados pelo Jardim Zoológico, e conduziam mensagens para os hospitais. Na Irlanda do

---

<sup>107</sup> *Black-out* (blecaute): regime no qual se impõe disciplina de luzes à noite, para não dar ao inimigo nenhuma indicação de alvo. Nas casas, as luzes devem ser apagadas e, se isso não for possível, as janelas devem ter cortinas opacas e fechadas de forma a não permitir a passagem de luz para fora.

Norte<sup>108</sup>, os Escoteiros concentraram seus esforços em alumínio, e fizeram tudo que podiam para manter as Forças Armadas supridas de revistas e livros. Os Escoteiros de Gales fizeram uma coleta especial de algas vermelhas para serem usadas pelo departamento de botânica da *University College of Wales* com fins medicinais e bacteriológicos. Em Dublin, que nunca sentiu o peso da guerra<sup>109</sup>, os Escoteiros do Mar prontificaram-se a socorrer sobreviventes de navios torpedeados, um serviço que lhes granjeou a mais profunda gratidão.

No campo das finanças, os Escoteiros se mostraram particularmente úteis. Nenhuma quantia era tão grande ou tão pequena que eles deixassem de notar. Um Lobinho evacuado de Hounslow levantou £60 com seu próprio esforço, a fim de ajudar a custear um Spitfire<sup>110</sup>. O Clube dos Trios Poupadores (*Thrifty Threes Club*) era formado pelos Escoteiros de Richmond, e cada membro devia carregar uma peça de doze faces de moedas de três *pence*, e tinha de apresentá-la quando solicitado; se não o fizesse, tinha de pagar uma multa de dois *dimes*<sup>111</sup>, e deste modo obtiveram-se £100. Os Escoteiros de Glasgow

---

<sup>108</sup> A Irlanda é independente do Reino Unido desde 1922. Entretanto, a Irlanda do Norte (Ulster) permanece ainda a ele ligada.

<sup>109</sup> A Irlanda manteve-se neutra durante a Segunda Guerra Mundial. Uma atitude tomada por seu governo causou aos britânicos, à época, certo ressentimento: para afirmar essa neutralidade, foi proibido acolher nos portos irlandeses navios de países beligerantes. Isso tirou aos comboios anglo-americanos que cruzavam o Atlântico (uma longa travessia sujeita principalmente a ataques de submarinos) um ponto de apoio imediato, forçando-os a contornarem a Irlanda antes de chegarem a algum porto britânico apto a recebê-los. A Batalha do Atlântico foi o maior alvo de preocupação do governo britânico na guerra, pois representou o real risco do estrangulamento logístico da Grã-Bretanha. Os ingleses equipararam a atitude dos irlandeses à do “homem que ficou só olhando enquanto tentavam cortar a garganta do seu vizinho”.

<sup>110</sup> Avião de combate inglês, de alto desempenho, que se tornaria um dos ícones da Segunda Guerra Mundial. O Hawker Hurricane e o Vickers-Supermarine Spitfire compuseram o grosso dos esquadrões de caça que defenderam a Inglaterra durante os combates diurnos da Batalha da Grã-Bretanha.

<sup>111</sup> *Dime*: moeda de valor correspondente a um décimo da moeda corrente – no caso, a libra. Em termos brasileiros, seria como dez centavos.

arrecadaram £1.300 para o custeio de um navio-varredor<sup>112</sup> com todo o seu equipamento auxiliar. Em Fulham, o *Boy Scouts War Savings Group* (Grupo de Poupança de Guerra Escoteira) juntou um total de £57.323 em quatro anos. A 8ª Tropa de Batley (Hanover Street), de Yorkshire, usou alguns métodos incomuns de levantar dinheiro para a Semana de Armamento de Guerra de sua cidade. Eles venderam duas mil jardas de selos de poupança e erigiram uma torre de sinalização, da qual membros do público visitante podiam enviar mensagens, mediante o pagamento de uma taxa. Ao pé da torre eles haviam montado um campo Escoteiro modelo, instalando-o num terreno no centro da cidade e conduzindo uma programação diferente a cada dia, com um Fogo de Conselho todas as noites. Usando seus poderes de persuasão sobre um batalhão do *Royal Armoured Corps* (Corpo Real de Blindados), eles convenceram grande parte do público a dar uma voltinha de carro de combate pelo pagamento de uma pequena taxa. “Isso provou ser uma grande atração; os soldados escolhiam o terreno mais acidentado que podiam, proporcionando fartura de solavancos”. Finalmente, havia o programa *Bob-a-Job*<sup>113</sup>, mencionado no capítulo VII, que rendeu £32.000 em um único dia.

Das Boas Ações feitas pelos Escoteiros no período inicial da guerra, nenhuma foi de maior importância que os seus trabalhos junto a crianças evacuadas<sup>114</sup>. A súbita transferência de crianças em idade escolar das cidades maiores para distritos interioranos apresentou muitos problemas, e as autoridades locais logo se viram em situação de grande dificuldade. Lord De La Warre, Presidente do Conselho de

---

<sup>112</sup> Navio destinado à limpeza de áreas minadas. Muitas vezes, os varredores são construídos com casco de madeira, para que minas magnéticas não possam aderir ao casco.

<sup>113</sup> Programa no qual os jovens prestavam serviços (*job*) pelo valor de 1*Bob* (*shilling*).

<sup>114</sup> Quando se apresentou o risco de a Inglaterra ser bombardeada por aviões alemães vindos de aeródromos na França, grandes números de crianças residentes no sul e leste da Inglaterra foram separadas dos pais e enviadas para lugares mais no interior ou norte da Ilha (em alguns casos, até mesmo para Austrália e Canadá), de modo a ficarem tão fora quanto possível do alcance dos reides alemães.

Educação, apelou aos Escoteiros, dizendo que muitas das crianças “estão saindo de controle, e ouve-se toda sorte de histórias sobre o que está acontecendo”. O apelo foi atendido e logo os Escoteiros das localidades rurais estavam atarefados, apresentando esses estranhos lugares, os bosques e campos da Inglaterra, desconhecidos de quatro quintos de sua população, aos garotos das ruas e praças das grandes cidades, para muitos dos quais “Escotismo” não era nem mesmo um substantivo conhecido. A principal dificuldade era achar uma cura para o tédio. As crianças urbanas, evacuadas à força para o campo, tinham sido privadas de seus velhos interesses e não tinham tido tempo para adquirir novos. “As aventuras de sua rua... o cinema, as lojas, a escola noturna, talvez o clube e as atividades da paróquia, e meios de transporte fácil e rápido, tudo isso se fora”. Os Escoteiros do interior iniciaram sua pesada tarefa com vontade. Era ao mesmo tempo fácil e difícil. Seu sucesso junto a suas contrapartes urbanas nunca esteve em dúvida, mas para aqueles que nunca haviam sido Escoteiros, frequentemente era uma tarefa espinhosa. Ainda assim, pouco a pouco, muito foi conseguido. O garotinho urbano é uma criatura adaptável e acabou por descobrir, guiado por seu novo amigo, que “a roça” tinha muita coisa interessante a oferecer, se ele se desse ao trabalho de descobrir. Reuniões de Patrulha, de Tropa e de Alcateia eram feitas, abriam-se oficinas de artes manuais, e interesses individuais eram estimulados por meio de *hobbies*, leituras e jogos Escoteiros. Os resultados obtidos foram antes cumulativos que pontuais. Se o Escotismo e os Escoteiros não existissem, a situação teria sido muito mais difícil.

Num exemplo solitário do processo inverso, quando 650 crianças foram movidas da relativa segurança de Gibraltar<sup>115</sup> para aguentar os

---

<sup>115</sup> Tomado pelos britânicos em 1704 e oficialmente entregue a eles em 1713, Gibraltar é uma posição de grande relevância estratégica, pois comanda o estreito que liga o Mediterrâneo ao Atlântico. Na vigência da ditadura de Franco na Espanha (1939-1975), o único acesso dos britânicos ao Rochedo foi pelo mar. Apesar de Hitler ter-lhe acenado com a possibilidade de recobrar Gibraltar se entrasse na guerra ao lado do Eixo, Franco “foi levando Hitler em banho-maria” e manteve a Espanha neutra no

rigores da *Blitz* londrina, o valor do Escotismo provou-se inestimável. Estes “escorpiões da rocha” – o apelido acompanhou-os a Londres – “não tinham nada para fazer a não ser comportar-se mal”. Em algumas partes de Londres, mais notadamente Holborn, Tottenham e Ilford, constituíram-se Tropas com eles, e em breve provaram ser bem-sucedidas. Grande dificuldade, entretanto, foi vivenciada na respeitável Kensington. Allan Bilby, da Sede Imperial, tomou a si a missão e em breve relatava que suas experiências no Royal Palace Hotel, onde os potenciais recrutas eram alojados, lembravam-lhe “o *Coro dos demônios* de *O sonho de Gerontius...* Isso me levou de volta às minhas experiências no East End [área oriental de Londres, que era periferia proletária] em 1910 e 1911, quando eu tinha de me desviar de tomates e miolos de repolho ao voltar para casa usando o uniforme. Mas eu não pretendo”, prosseguiu ele, “deixar que um bando de moleques que não conheciam nada melhor me tirasse da missão que eu prometera cumprir”. Começando do princípio, com um núcleo de dezesseis jovens, que estabeleceram uma Corte de Honra, a Tropa foi gradualmente se estruturando, e depois de um começo lento começou a crescer. As dificuldades eram bem grandes, as crianças falavam pouco ou nenhum inglês, reides aéreos eram frequentes, eles passavam a maior parte das noites na estação de metrô de Notting Hill Gate. Eles estavam confusos e longe de casa, estrangeiros do brilhante Mediterrâneo perdidos numa terra de nevoeiro e fogo. Mas a perseverança de Bilby, competentemente apoiado por um sacerdote católico romano, o Reverendo B. F. M. Bussy, obteve a vitória ao final, e antes que a guerra acabasse, “a Tropa Escoteira melhorou o comportamento dos refugiados de Gibraltar num grau além de qualquer avaliação”. Um desses jovens, Harold Wahnnon, membro da 1ª Tropa Escoteira de Gibraltar (Londres), foi condecorado com a *Silver Cross* por seu trabalho durante a *Blitz* em Londres.

---

conflito. A ameaça de bombardeios aéreos e marítimos alemães ou italianos a Gibraltar não se concretizou. Entretanto, aviões da França de Vichy chegaram a fazer umas poucas incursões contra Gibraltar.

Ainda maior em importância que a arrecadação de dinheiro ou roupas e o cuidado com crianças evacuadas foi o cultivo da terra. Para os Escoteiros, “Cavar para a Vitória”, uma exortação mais válida que o “Negócios como de costume” da Primeira Guerra Mundial, significava trabalho duro de verdade<sup>116</sup>. O apelo do Ministério da Agricultura caiu em ouvidos alertas e dispostos, e muitas Tropas lançaram-se a “cultivar”, um nauseante mas eficaz termo para descrever o acampamento anual que eles combinaram com o trabalho na terra. Apanha de frutas – um acampamento em Worcester do qual participaram 600 Escoteiros resultou em cerca de meio milhar de toneladas de ameixas; colheita – os Escoteiros de Doncaster formaram uma Tropa móvel de colheita que manteve um acampamento permanente de fim de semana, do qual eles saíam percorrendo as fazendas por toda aquela área de Yorkshire; coleta de ervas – uma tonelada de ervas diversas, cerca de sete de castanhas e quase oito e meia de quadris-de-rosa, para não falar em mais ou menos vinte e duas toneladas de musgo, quatro de urtigas e quase quatrocentos quilos de bolotas de carvalho; plantio – uma Tropa plantou 50.000 repolhos para um fazendeiro de Wiltshire com um aviso de vinte e quatro horas; tudo isso foi feito com um entusiasmo no qual não faltava habilidade. Em Leicester, as hortas de homens que estavam servindo nas Forças Armadas foram mantidas em excelentes condições pelos Escoteiros. Em Blackburn, eles cuidaram de seus próprios lotes arrendados, e o Grupo de Woodlands extraiu cerca de 400 kg de batatas “sem ultrapassar a divisa do seu lote”, e isso apesar de situado numa área densamente arborizada que precisou, antes do plantio, ser limpa de velhas árvores e arbustos. Talvez a missão agrícola mais curiosa seja a que foi cumprida por uma Patrulha de Escoteiros de Stepney, que auxiliou a Seção de População Animal da Universidade de Oxford a monitorar os movimentos do esquilo-cinzento na região sudeste de East Anglia, com

---

<sup>116</sup> Outro slogan mantido pela Associação Escoteira no Reino Unido foi “The Boy Scouts carry on” – “Os Escoteiros prosseguem”.

o objetivo de determinar a quantidade de danos que ele poderia causar às colheitas. De junho de 1944 a dezembro de 1945, a Patrulha percorreu cerca de 200 milhas (320 km) por conta dessa investigação. Antes de a guerra acabar, os Escoteiros nas Ilhas Britânicas haviam trabalhado dois milhões e meio de horas em colheitas e trabalhos de fazenda em geral, e mais de seiscentas mil horas em trabalhos de plantio de árvores.

Na coleta de materiais, também, os Escoteiros mostraram-se igualmente pertinazes. Lançando slogans, tais como “Poupe sua rapa para garantir seu bacon”, ou “Seus restos podem render toucinho”, os Escoteiros de Salisbury coletaram vinte toneladas de lavagem para porcos em um mês. 24 Escoteiros da 1ª Tropa de Radlett, Hertfordshire, coletaram 70.200 lâminas de barbear em uma semana, sendo esse recorde batido pela 3ª Tropa Escoteira de Ewell (Ewell Castle), que juntou 80.000 no mesmo período. Antes do fim da guerra, o total de lâminas coletadas pelos Escoteiros na Grã-Bretanha deixou de chegar ao milhão por apenas 50.000 unidades. Em junho e julho de 1940, os Escoteiros “zelosos pelo aço” de Sheffield juntaram 378 toneladas de ferro-velho. Duas mil toneladas de metal, 840.000 kg de borracha, 42.000 kg de ossos, 112.000 kg de trapos, 85.000 garrafas, 900.000 potes de geleia, 1.125.000 kg de algas – estes foram alguns dos principais itens ao crédito desses coletores onívoros.

Sobras de papel provaram-se uma atração irresistível. O Conselho de Controle do Papel apelou à Associação Escoteira, e um depósito central foi montado em cada distrito, a cargo das autoridades Escoteiras locais. O Quartel-General Imperial do Movimento Escoteiro em breve estava lidando com 250 ofertas de sobras de papel por dia. A Tropa de St Matthew, em Ponders End, para citar um exemplo, juntou 45 toneladas em nove meses, os Escoteiros de Cambridge, 201 toneladas no mesmo período, enquanto os de Norwich acumularam 250 toneladas em dez meses, e os de Harpenden, 240 toneladas em dezoito meses. Mesmo estes esforços empalidecem quando postos junto ao

resultado obtido pelos Escoteiros de Kent, que coletaram 2.000 toneladas em seis meses, sendo que uma Tropa sozinha contribuiu com 100 delas.

Defrontando-se com a tarefa de visitar mais de 1.500 casas quinzenalmente para coletar sobras de papel, a 1ª Tropa de Balderton tentou contratar uma carroça com cavalo. O preço era muito caro para eles, mas o proprietário, quando lhe foi pedido, apresentou a equipagem completa, com arreios e rodas reserva “em reconhecimento pelo trabalho que os Escoteiros estavam fazendo”. O Escoteiro Joseph Cleasby e seu pequeno amigo Charles Score, ambos Escoteiros com Necessidades Especiais, arrastaram seus membros atrofiados por infundáveis ruas, sua bolsa atrás deles, em sua “caça diária ao papel”. Em Durham, onde duas toneladas de papel foram coletadas em oito meses, objetos adicionais encontrados incluíam uma nota de £1, alguns quilos de doces em embrulhos pequenos (muitos ainda comestíveis), carvão suficiente para aquecer uma casa, palha suficiente para manter um cavalo por um ano, alguns pares de meias de nylon, bananas, queijo, um gato morto, uma quantidade incontável de lâmpadas elétricas, cordões suficientes para ligar Durham a New York, muitas cartolas, e uma quantidade de arame suficiente pra cercar um campo de tamanho considerável. O dinheiro assim obtido era usado para vários fins. Pagavam-se as despesas de acampamento de Escoteiros pobres, sedes de Tropa foram construídas, e adquiriu-se equipamento de campo. Os Escoteiros de Glasgow repassaram £182 para o Lord Provost (representante da monarquia numa cidade, semelhante a um prefeito) como contribuição para o custeio de uma ambulância, os de Durham repassaram £50 para a Cruz Vermelha, e os Escoteiros de Bishops Stortford e a 1ª Tropa de Hockerill emprestaram £50 ao Governo, sem juros. Em Kent, um fundo central mantido pela venda de sobras de papel enviou frequentes donativos a hospitais locais e à Associação das Famílias dos Soldados, Marinheiros e Aeronautas. Os Escoteiros de Farsley, Leeds, gastaram o dinheiro que ganharam

mandando 250 encomendas para Escoteiros servindo nas Forças Armadas. Ao todo, 100.000 toneladas de sobras de papel foram coletadas pelos Escoteiros durante a guerra, uma média de pouco mais de 20 toneladas por Tropa, ao ano. Todos os itens desta grande quantidade foram coletados fora dos horários de escola e durante fins de semana.

Os Escoteiros receberam muitos elogios dos hospitais. Para estas instituições, sempre sobrecarregadas, especialmente em tempo de guerra, eles se fizeram úteis de muitas formas. Eles atuaram como mensageiros e telefonistas, limpavam alas e carregaram macas. Os mais qualificados se viram trabalhando em salas de operação limpando ferimentos, aplicando curativos, suturando, ministrando anestesia local, esterilizando instrumentos, cuidando de carrinhos de bandagem de emplastro, e todos eles, do mais velho ao mais jovem, estavam prontos a qualquer momento para doar seu sangue para transfusão. A regularidade de sua presença e sua confiabilidade eram especialmente notáveis. O Monitor Arthur Penfold, do 10º Grupo de St. Marylebone (Londres), que tinha quatorze anos quando começou, trabalhou por dois anos sem interrupção no Hospital Middlesex no turno da noite, e por isso recebeu um Certificado de Mérito. Outro certificado deste tipo foi conferido ao Monitor Alan G. Stephenson, do 41º Grupo de Newcastle-on-Tyne. Ele estava acompanhando um soldado que perdera uma perna até Roehampton, e notou que o coto, que o homem acidentalmente batera na porta quando embarcava no trem, começou a sangrar. Stephenson rompeu o lacre do armário de emergência, que continha o material de primeiros socorros, encontrou uma enfermeira no trem, e eles se revezavam tomando conta do paciente, que a essa altura já se tornara um caso para ser transportado em maca. Quando da chegada a King's Cross, uma equipe de padioleiros os esperava, tendo sido acionada por Stephenson, que, quando o trem passou estrondosamente por uma estação intermediária, conseguira lançar uma mensagem pela janela do vagão até a plataforma.

Os Escoteiros de Croydon, pertencentes a treze Tropas, trabalharam tão continuamente no hospital, que se tornaram conhecidos como os “Escoteiros do Hospital”. Podiam ser encontrados em todas as repartições e suas atribuições iam desde a revelação de filmes de raio-x até a preparação de cadáveres para necropsia. Em 16 de setembro de 1942, os serviços prestados pelos Escoteiros de St. Marylebone ao Hospital Middlesex foram oficialmente reconhecidos com a atribuição do nome a um leito e o descerramento de uma placa em sua homenagem. A Cruz Escoteira de Ouro (*Scout Gilt Cross*) por bravura foi outorgada à 48<sup>a</sup> Tropa Escoteira de Kensington coletivamente, e individualmente a Peter Cronbach. O superintendente médico do hospital relatou que “eles representaram à altura a grande organização a que pertenciam”.

Todas essas atividades, e outras de menor calibre, foram realizadas não apenas num país envolto em absoluta escuridão a partir do pôr-do-sol, de Land’s End<sup>117</sup> a John o’ Groats<sup>118</sup>, mas também sujeito de tempos em tempos, às vezes por semanas ou meses, a selvagens ataques aéreos. Pela primeira vez desde as invasões dinamarquesas dos séculos IX e X, com exceção da desanimada guerra aérea conduzida pelos Zeppelins na guerra de 1914-1918, a população civil das Ilhas viu-se em agudo perigo físico. Umas 50.000 pessoas morreram, muitos milhares mais ficaram feridas. Foi um período estranho e terrível, que aqueles que o viveram jamais esquecerão. Destes, muitos se lembrarão daqueles garotos de uniforme empoeirado ou roupas comuns mais empoeiradas ainda, que não achavam nenhum perigo demasiado, nenhuma fadiga excessivamente penosa no cumprimento de sua missão autoimposta de ajudar seus concidadãos – como um médico londrino que escreveu sobre os Escoteiros: “Sua coragem e inabalável devoção ao dever foram magníficas. Sinto-me

---

<sup>117</sup> Extremo sudoeste da Inglaterra.

<sup>118</sup> Extremo norte da Ilha da Grã-Bretanha.

orgulhoso de trabalhar sob a mesma bandeira que estes excelentes exemplos de nossa juventude”. Por jovens como estes, seria mais de se louvar as brechas do que a estrita observância das regras do Ministério do Interior, já mencionadas, que intentavam evitar que jovens menores de dezesseis anos ingressassem como voluntários no Serviço à Nação. Mensageiros, telefonistas, anunciadores auxiliares para os membros da ARP, condutores, policiais para o interior dos abrigos antiaéreos, enchedores de sacos de areia, montadores de máscaras contra gás, desinfectores, encarregados de entreter os ocupantes dos abrigos, construtores de abrigos dentro das casas, vigilantes do fogo, essas foram algumas das “profissões” nas quais os Escoteiros se engajaram.

No primeiro dia de guerra, um Lobinho foi mandado com uma mensagem a um centro comunitário em Londres. Ele a entregou, e, descobrindo que não havia resposta, permaneceu com o pessoal do centro e continuou a trabalhar com eles até que foi descoberto – e ainda assim continuou. Seu espírito é típico daquele demonstrado em toda parte pelos Escoteiros. Agências de Serviço Escoteiro foram instaladas em cidades e aldeias por todo o reino, e ali eram mantidas listas de todos os Escoteiros disponíveis para o serviço, além de dados sobre sua idade, escola, ocupação, endereço, horas em que estariam livres, e detalhes sobre quaisquer insígnias especiais ou qualificações que poderiam torná-los aptos para trabalhos especializados: aos Escoteiros assim registrados eram dadas horas de plantão, durante as quais eles estavam disponíveis para assumir qualquer tarefa.

Uma dessas tarefas era a construção de abrigos Morrison<sup>119</sup>. Os Escoteiros instalaram mais de 40.000 deles, sendo chamados a fazê-lo

---

<sup>119</sup> O abrigo Morrison era para ser instalado dentro de casa, no térreo. Era uma espécie de gaiola, com uma grossa chapa de aço por teto e tela de arame nas laterais, na qual as pessoas entravam e ficavam em relativa proteção para o caso de o teto vir abaixo. Quando não estivesse servindo de abrigo, podia ser usado como um aparador (mesa não, porque as paredes de tela impediam entrar com as pernas para baixo do tampo). O abrigo Anderson, maior, era para ser construído mediante uma escavação no jardim, na qual as paredes, piso e teto eram chapas de metal corrugado, fazendo como que uma casinha semi-enterrada.

pelo Ministério da Segurança Interna, que percebeu as dificuldades que muitas donas-de-casa cujos maridos estavam servindo nas Forças Armadas poderiam encontrar ao tentar instalá-los. Os Escoteiros trabalharam com rapidez, e com um pouco de prática eram capazes de construir um desses abrigos em vinte minutos, mesmo sendo ele constituído por mais de duzentas peças. O recorde foi obtido por uma Patrulha de Liverpool, que erigiu um abrigo Morrison em dezesseis minutos. A Tropa Escoteira de Aintree construiu não menos de 200 desses abrigos, e um morador agradecido escreveu: “Minha mãe é inválida e eu esperava que fosse um serviço muito barulhento, mas os seus rapazes o fizeram tão silenciosa e eficientemente, que foi um prazer assisti-los”. Em Bethnal Green, a falta de suprimentos impôs um retardo na montagem de bancos de três lugares dentro dos abrigos tubulares. A Tropa Escoteira local foi chamada, e em nove meses construiu 5.000, trabalhando apenas nas noites e nos fins de semana.

Da construção de abrigos à tarefa de cuidar daqueles que os usavam era só um pulinho. Aqui, talvez mais do que em qualquer outro lugar, a ação dos Escoteiros foi inestimável. Eles mesmos pouco mais que crianças, sabiam como tomar conta de crianças. “Você pode encontrá-lo na estação do metrô de Holborn todas as noites”, escreveu um vigilante da ARP. Ele carrega um bernal com alfinetes de segurança para cobertores e faz uma ronda noturna, dobrando e prendendo alfinetes nos cobertores das crianças, à maneira Escoteira. Todos os ocupantes o chamam “Grande Chefe Alfinete de Cobertor”.

No East End de Londres, que teve de aguentar a fúria dos primeiros ataques aéreos, os Escoteiros foram particularmente ativos nos abrigos superlotados e fedorentos, que era tudo que de início podia ser provido a uma população confusa e amedrontada, mas resolvida a aguentar. “A cena é típica de tantas noites”, diz uma carta escrita à época. “Um vigilante da ARP em serviço passa, e com ele alguns Escoteiros para servirem de mensageiros. As bombas estão caindo, e o som da artilharia antiaérea enche o ar. Um pequeno Escoteiro tem uma

bebê no colo, e brinca com ela e mostra um livro ilustrado para distrair sua atenção. Uma mãe chega chorando com algumas crianças; uma delas ficou para trás, e a mãe pergunta ao vigilante se pode ir buscá-la. O vigilante balança a cabeça negativamente. De imediato, uma voz interrompe: ‘Onde a senhora mora, Mãe?’ Ela dá o endereço. ‘Dê-me a chave, por favor’, e o dono da voz sai e traz a criança. Há umas setecentas pessoas de todas as idades dentro do abrigo. Os Escoteiros juntam-se ao redor do piano e começam a cantar o tema musical do abrigo, *Green grow the Rushes O*. Um empoeirado bombeiro auxiliar (*Auxiliary Fire Service – AFS*) olha para dentro; ele precisa de ajuda e lá vai um Escoteiro para guiá-lo e à sua equipe até o local do incêndio. O gás foi cortado, então os Escoteiros aquecem mamadeiras sobre as chamas de velas. À meia-noite, os Escoteiros de serviço reagrupam-se e faz-se silêncio no abrigo, pois toda noite a essa hora eles conduzem um momento de Espiritualidade Escoteira (*Scout’s Own Service*), por dez minutos – um hino e uma prece”.

Logo nos primeiros dias da *Blitz*, eles já se haviam acostumado a tomar conta de gente apavorada levantada da cama por bombas caídas próximo a suas casas, explodindo ou não, e a fazer incontáveis montes de sanduíches, e a preparar incontáveis galões de chá para serem bebidos pelos bombeiros, policiais e vigilantes da ARP, e este tipo de trabalho, nada espetacular e exigente, eles o fizeram noite após noite por todo o sul da Inglaterra. Não havia nada de heroico nisso. O heroísmo tinha de ser demonstrado nas ruas lá fora, e o era.

Os Escoteiros de Londres foram mais duramente provados do que os de outras cidades devido à longa duração dos reides. Sua cidade foi bombardeada por noventa e cinco noites seguidas, e eles tiveram pouco tempo para dormir. Aqui, tal como em outros lugares, muitos Escoteiros atuaram como mensageiros e vigilantes do fogo. Uma noite, o Escoteiro John Cox estava de serviço no telhado de uma igreja em Stepney. Uma carga de bombas incendiárias caiu sobre a extremidade mais distante do telhado, e Cox logo estava engajado, manejando as bombas e em

seguida saindo para buscar ajuda. Quando ele se punha a caminho, os sinos do campanário despencaram varando o teto e deixando de acertá-lo por pouco. Ele controlou seu medo natural e correu para ajudar na evacuação das pessoas que estavam no abrigo sob a igreja. Cox era evidentemente um garoto determinado, pois poucas noites depois ele foi descoberto por policiais quando carregava latas de glicerina para longe de uma fábrica em chamas, com risco iminente para sua vida. O vigilante da ARP com quem trabalhava frequentemente “tinha de admoestá-lo devido à sua teimosa desconsideração com sua própria segurança quando na faina de ajudar os outros”.

Em 7 de outubro de 1940, a 36ª Tropa de Boplar (Bow Baptist Church) perdeu a igreja e a sede. Em meados de março, eles haviam reconstruído sua sala de reuniões com armários recuperados dos destroços da igreja, mas no dia 19 desse mês, outra incursão aérea completou a destruição da propriedade da igreja, incluindo o salão no qual se faziam os cultos. Os Escoteiros ofereceram sua sala recém-inaugurada, mas nem bem a oferta fora aceita e ela também foi esmigalhada no grande reide de 10 de maio. A essa altura, seria justo esperar que eles mostrassem algum desânimo. Em vez disso, eles reconstruíram a cabana, que em outubro estava pronta para acomodar os congregados batistas. Ela se manteve pelo resto da guerra e ainda hoje [1949] está de pé, se bem que o golpe final tenha caído sobre esses pertinazes Escoteiros quando, no Dia da Vitória na Europa (V-E Day – 8 de maio de 1945), a população local arrancou a cerca que eles tão trabalhosamente haviam construído ao redor da igreja, para usar a madeira numa fogueira.

Com a continuação da *Blitz*, o perigo aumentava. Os Escoteiros John e Alan Cantillon, com idades de 14 e 12 anos, do 9º Grupo de Franham (Tongham), Surrey, ouviram “os gritos de sua mãe e... descobriram que uma bomba incendiária havia posto fogo em sua cama”. Os dois meninos apagaram o fogo da cama e mantiveram sob controle as chamas que haviam se levantado na casa até a chegada dos

bombeiros. Nessa mesma noite, o Chefe George Keen fez por merecer a mais alta condecoração Escoteira, a Cruz de Bronze, por conseguir desengatar os vagões que estavam em chamas pertencentes a um trem de munições, salvando assim quarenta e cinco dos cinquenta e um vagões da composição. Com esse feito, ele também salvou toda a vizinhança, pois se os vagões tivessem explodido as consequências seriam catastróficas.

Os Escoteiros foram ativos nas estações ferroviárias, não apenas servindo como mensageiros, mas também fazendo “o seu melhor possível” para ajudar as equipes já sobrecarregadas de trabalho. Durante os ataques com bombas voadoras<sup>120</sup>, vários Escoteiros foram descobertos postados no telhado de uma estação ferroviária de Londres. Quando lhes foi perguntado o que estavam fazendo ali, responderam: “Estamos de olho nos portadores de más notícias”. A bilheteira confirmou. “É isso toda noite, moço”, ela disse. “Eles nos avisam quando um *doodlebug* (apelido dado pelos ingleses à bomba voadora V1) está a caminho, e nós nos abrigamos”.

Seis Escoteiros de Holborn receberam condecorações por bravura; assim também foi com trinta escoteiros de Bermondsey, dos quais um, o Escoteiro Frank Davis, de 17 anos, morreu durante o resgate de um passageiro do seu mesmo transporte e que tinha sido ferido. Por esse feito, foi-lhe outorgada postumamente a Cruz de Bronze. No geral, Bermondsley teve um registro notável de atos de bravura, com seis Cruzes de Bronze individuais e duas outorgadas a Tropas Escoteiras.

Apesar de Londres ter sido mais continuamente bombardeada que qualquer outra cidade, os ataques da Luftwaffe noutras localidades foram muito severos e causaram muitos danos e muitas baixas. Em

---

<sup>120</sup> A partir de meados de 1944, os alemães lançaram contra áreas controladas pelos Aliados e contra o sul da Inglaterra suas novas “armas de represália”, a V1 (precursora dos modernos mísseis de cruzeiro) e a V2 (precursora dos mísseis balísticos). Como a V1 era subsônica e voava a altitudes compatíveis com as de aviões, havia patrulhas de aviões com o intento de interceptá-las e “vigilantes do ar” para identificar sua aproximação. Os primeiros caças a jato britânicos (Meteor e Vampire) foram usados como interceptores das V1.

Coventry, na noite de 14 de novembro de 1940<sup>121</sup>, os Escoteiros praticaram “atos de bravura, serviço altruísta e incansável, e um espírito de animação presente o tempo todo, que provocaram a mais elevada admiração entre todos os Serviços junto aos quais os Escoteiros operaram”. Naquela noite pavorosa, um Pioneiro de apenas 17 anos tomou o lugar de um motorista do AFS que fora posto fora de ação mais cedo durante o reide, e dirigiu o carro-cisterna ainda por um bom tempo depois do sinal de “tudo limpo”. A devoção ao dever de cinco Monitores ligados ao AFS foi tão notável que, quando veio a madrugada e eles ainda estavam em ação apagando as chamas em uma casa, uma pequena multidão de pessoas desabrigadas e desorientadas interrompeu seu caminho para um centro de acolhimento, para aplaudi-los. Seis de seus jovens companheiros, também Pioneiros, foram descritos pelo coordenador da ARP como “valendo por cinquenta homens”, e deles, três pereceram “após trabalhar quase a noite toda”. Em Plymouth, o Monitor William Cappola, de plantão como vigilante do fogo, subiu para o telhado de um prédio alto e, à medida que as pequenas bombas incendiárias caíam, ele as chutava para dentro da calha pluvial. Mais tarde, nessa mesma noite, ele ficou enterrado sob escombros, mas uma hora ou duas depois foi retirado e apresentou-se pronto para o serviço na noite seguinte. Em Bath, havia um espírito semelhante. Os reides, que os alemães diziam serem uma represália aos danos infligidos pela Royal Air Force às cidades germânicas, foram breves, mas muito severos, e muito dano foi causado. Uma noite, o Monitor Lionel Hawkins achou-se engajado na grave tarefa de cavar para resgatar uma família soterrada. Alguns deles estavam mortos, mas uma garotinha não estava. Com o senso de cuidado da juventude, Hawkins cobriu os olhos dela com bandagens antes de carregá-la para

---

<sup>121</sup> O grande bombardeio alemão sobre Coventry nessa noite tornou-se emblemático do tempo da *Blitz*. Ele seria largamente superado pelos bombardeios dos Aliados sobre a Alemanha a partir de 1943. Mas pela impressão causada à época, com os incêndios e a destruição causados, chegou a ser criado o verbo “coventrizar”, significando arrasar uma cidade.

fora das ruínas, para poupá-la de ver os corpos despedaçados e retorcidos de seus pais. Por esta e outra ação noturna ele recebeu a Cruz Dourada Escoteira (*Scout Gilt Cross*). Durante as pesadas incursões sobre Bootle, James Armstrong, um mensageiro de 16 anos, recebeu a Medalha do Rei Jorge<sup>122</sup> por sua intrepidez. Lançado fora de sua bicicleta pelo sopro de uma explosão de bomba, ele continuou seu trajeto a pé, entregou sua mensagem, e no caminho de volta, tomando de uma mangueira, subiu numa escada para lançar água sobre uma casa posta em chamas por uma bomba incendiária. Ele permaneceu nesta condição exposta por um bom tempo, ignorando as bombas que, a intervalos, continuavam a cair. Tendo extinguido o fogo, ele retornou ao quartel-general, onde ficou sabendo que agentes da ARP postados junto a bombas de ação retardada estavam com dificuldades para obter comida. Ele imediatamente voluntariou-se para levar-lhes chá quente e sanduíches, e fez várias viagens até que todos estivessem alimentados. Tão eficientes e corajosos foram os membros do Serviço de Mensageiros da Defesa Civil<sup>123</sup> de Bootle, quase todos eles Escoteiros, que foram especialmente condecorados pelo Ministro da Segurança Interna.

Perto, em Liverpool, o Escoteiro William Alfred Leigh, da 19ª Tropa de Fairfield, ganhou a Cruz de Prata Escoteira para somar-se à Medalha do Rei Jorge com a qual já fora condecorado, por trabalhar durante horas para resgatar um homem, sua mulher e filho soterrados por uma casa. Sendo pequeno, ele foi capaz de rastejar pelo túnel feito

---

<sup>122</sup> A George Cross e a George Medal são as mais altas condecorações por bravura outorgadas a civis no Reino Unido. A George Cross (a de grau mais elevado) equivale, para os civis, à Victoria Cross dos militares. Essas duas condecorações foram instituídas pelo rei George VI à época da *Blitz*, e trazem, numa face a efígie de Jorge VI e no verso a de São Jorge, padroeiro da Inglaterra.

<sup>123</sup> O serviço de Defesa Civil nasceu na Segunda Guerra Mundial, durante a *Blitz* sobre a Grã-Bretanha, com o propósito de reduzir os danos causados pelos bombardeios, resgatar pessoas e (quando possível) bens, identificar e combater incêndios, identificar e isolar áreas de risco, conduzir e manter as pessoas nos locais de abrigo antiaéreo, coletar e distribuir alimentos e agasalhos e prover alojamentos para os desabrigados. Das medidas de socorro para os bombardeios numa situação de guerra, a Defesa Civil passou a atuar na prevenção e socorro de emergências produzidas, principalmente, por fenômenos da natureza (enchentes, incêndios, deslizamentos). Como se pode notar, os Escoteiros estão presentes nas ações de Defesa Civil desde que esta função começou a ser organizada.

nos destroços e prolongou-o por mais cinco metros, passando tijolos para trás, um por um. Esse trabalho de resgate levou algumas horas, e foi prejudicado por vazamento de gás, que tirou de ação dois integrantes do grupo de resgate. Mais ou menos na mesma hora, mais ao sul, o Monitor Anthony Dove e seus dois irmãos, Henry e Terence, do Grupo de Pitsea and Bowers Gifford, Essex, todos receberam *Scout Gilt Crosses* pelo resgate de uma mulher numa casa isolada atingida por uma bomba descartada<sup>124</sup>. A edificação estava em chamas, e a mulher bloqueada pelos escombros. Havia um nevoeiro denso, e a guarnição de bombeiros levou mais de uma hora para chegar ao local. Enquanto a esperavam, os três Escoteiros, com as idades de 14, 12 e 10 anos, carregavam água em panelas e baldes desde um reservatório próximo e a despejavam sobre as ruínas que queimavam, mantendo o material encharcado e evitando, assim, que as chamas alcançassem a mulher. Mais ainda para o sul, em Kent, o Chefe de Tropa Donald Jones, da 37ª Tropa (Medway), que se tornara vigilante da ARP aos 18 anos, foi o primeiro desse valoroso grupo a receber a O.B.E (*Order of the British Empire*). Ele rastejou sob os destroços de uma casa, e sustentou com os ombros e as costas algumas vigas de modo a evitar que elas caíssem sobre três pessoas, presas alguns centímetros abaixo delas. Tão precária era a condição da casa que ele não ousou sequer se mover, mantendo a mesma posição das 2 às 6 da manhã, “mantendo um papo animado o tempo todo”, até a chegada da equipe de resgate.

Em Glasgow, aqueles Escoteiros com menos de 16 anos de idade e que não tinham jeito de “blefar a idade para entrar na ARP” formaram “Esquadras Pós-Reide”, que entravam em ação tão logo soava o sinal de “tudo limpo”. Eles ajudavam no resgate de pessoas enterradas sob casas bombardeadas, recuperavam móveis, cuidavam de crianças sem

---

<sup>124</sup> Quando o avião não conseguia cumprir uma missão de bombardeio, ele tinha de se desfazer de sua carga de bombas antes de chegar à área do aeródromo. Geralmente, se esse lançamento da carga não pudesse ser feito sobre território inimigo, era feito sobre o mar, em áreas consideradas sem navios amigos circulando por perto.

casa, ajudavam nos centros de acolhimento e nas cantinas, e serviram como mensageiros. Numa das piores incursões, uma fileira de casinhas foi varrida do mapa, e uma Patrulha trabalhou por horas cavando em busca das vítimas. Quando tinham feito tudo que podiam, eles estavam a caminho de uma cantina móvel, “suas roupas rasgadas, mãos e rostos arranhados e sangrando”, quando um deles “ouviu um grito lamentoso vindo de uma casa destruída”. O Monitor escavou seu caminho para dentro e finalmente saiu “carregando o corpo nu de uma menina. O sangue pingava de um profundo ferimento no pescoço, que estava tinto de vermelho”. “Pegue-a, Chefe”, disse o Monitor ao Escotista que os acompanhava, enquanto a enfiava nos seus braços. “Eu vou vomitar”.

Essas vistas, das quais a maioria dos pais procuraria ao máximo proteger suas crianças, eram muito comuns naqueles dias de guerra. Muitos Escoteiros as viam não apenas nos corpos de outras pessoas, mas também nos dos seus. Atravessados por súbita dor de agonia e aquele momento de medo mortal que é causado até mesmo por um pequeno ferimento, eles ainda assim não deixaram a desejar. Ronald Eke, de Londres, foi resgatado de um prédio sob o qual ele e seus pais haviam se abrigado. Suas pernas haviam sido esmagadas, mas “ele não se queixou e deu indicações claras de onde sua mãe e seu pai poderiam ser encontrados. Eles estavam mortos, e ele morreu a caminho do hospital”. Foi-lhe outorgada postumamente a Cruz de Bronze. David Friar, de 8 anos, teve de fugir de abrigos bombardeados cinco vezes numa noite. Somente quando soou o sinal de “tudo limpo” ele avisou seus pais que o pulso estava doendo. Tinha sido fraturado na primeira bomba, mas ele suportou a dor a noite inteira sem dizer nada. Os Lobinhos em um distrito de Londres foram incitados pelo seu Chefe a serem bravos. Poucas noites depois, Ronald Troman viu-se enterrado até o pescoço em destroços. Levou muitas horas para a equipe de resgate alcançá-lo. O tempo todo ele foi ouvido cantarolando uma canção, e quando conseguiram agarrá-lo para retirá-lo dali, ele disse: “Eu sou um Lobinho. Eu aguento”. Ele tinha 9 anos de idade. “Sinto

que preciso escrever e informá-los da coragem demonstrada por Alan Grover”, escreveu um coordenador da ARP ao Comissário Distrital Escoteiro. “Ele manteve a cabeça fria após ter sido enterrado por escombros, e perguntou por sua mãe soterrada”.

Arthur Rossiter, de 14 anos, da 45<sup>a</sup> Tropa de Camberwell, Londres, foi ferido por uma bomba incendiária num reide diurno. Ele ficou seriamente queimado e teve de ficar meses deitado de bruços e passou por “várias formas de tratamento muito doloroso”. As enfermeiras e médicos do hospital ficaram impressionados por sua coragem e resistência, e mais que tudo por “sua preocupação em não dar trabalho para os outros”. Foi-lhe conferida a Medalha Escoteira Cornwell<sup>125</sup> por ser um destacado exemplo de um Escoteiro que sorri na adversidade. Igualmente condecorado foi o Lobinho George Wooldridge, cuja perna esquerda foi amputada por uma bomba. Para alguns, a morte, não os ferimentos, era a recompensa pelos serviços, como dão testemunho as muitas condecorações póstumas. Ao todo, 194 Escoteiros foram mortos e os pais nos relataram com muita clareza onde eles estavam quando de serviço nos ataques aéreos.

É o bastante para os Escoteiros em terra. Os Escoteiros do Mar, embora menos numerosos, foram igualmente ativos. Por um acordo entre o Almirantado e a Associação Escoteira, suas Tropas foram reconhecidas pelo treinamento de rapazes para ingresso na Marinha pelo Programa Y. O Almirantado inspecionou essas unidades e forneceu equipamento básico e uma insígnia especial indicando que os Escoteiros do Mar eram integrantes de uma unidade reconhecida<sup>126</sup>. O

---

<sup>125</sup> A Medalha Escoteira Cornwell (*Cornwell Scout Badge*) é concedida aos membros juvenis do Movimento Escoteiro pela demonstração de elevado caráter, sentimento do dever, coragem e resistência.

<sup>126</sup> Os Escoteiros do Ar, instituídos no Reino Unido em 1941, após a morte de B-P (ele não era favorável à criação da Modalidade do Ar, por considerar pouco exequível para os Escoteiros a prática de atividades ligadas à aviação), também se ligaram ao processo de capacitação prévia de tripulações. Várias Tropas Escoteiras do Ar ficaram ligadas às ATU (*Air Training Unit*). O jovem recebia um treinamento tal que, quando chegava aos 18 anos, ia para a ATU e recebia a qualificação inicial de piloto, habilitando-se para ingressar no processo de formação de pilotos para a RAF.

treinamento era variado, mas ocorria em diversos lugares e também no *Discovery*, navio do Capitão Scott<sup>127</sup> agora passando uma confortável velhice atracado – no Tâmisia. Dos muitos Escoteiros do Mar, não houve outros mais eficientes que os noventa e seis que foram parte do efetivo da Autoridade de Emergência do Rio Tâmisia. Esta era uma organização do tipo ARP, sob controle da Capitania dos Portos de Londres, e seus membros foram buscados entre aqueles que conheciam e amavam o Tâmisia, além de serem capazes de manejar barcos. Entre eles havia pares do Reino, advogados, escritores, lojistas e artistas. Se alguma embarcação no rio precisasse de socorro durante um reide, o pequeno barco que eles tripulavam ia prestar auxílio, retirava os feridos e levava-os ao hospital. Escoteiros do Mar sinaleiros ficavam vinculados a cada posto da organização e mantinham prontidão 24 horas ao dia. Outros tripulavam barcos em patrulha e os vários postos da organização em terra firme. A mais importante destas era uma fortificação em Kent, onde quinze Escoteiros do Mar estavam em serviço permanente. Essa fortificação tinha comandamento sobre dois longos trechos do rio e, por esse motivo, no passado ela já fizera parte do sistema defensivo do Tâmisia. Já havia sido tripulada antes, na guerra de 1914, também pelos Escoteiros.

Uma Tropa de Escoteiros do Mar teve uma grande chance de mostrar seu valor. A 1ª Tropa de Mortlake tinha um barco a motor de 45 pés, o *Minotaur*, que eles haviam comprado do Almirantado em 1929 e adaptado para seus propósitos. Dez anos depois, o barco foi comissionado, fazendo parte da frota pertencente à Capitania dos Portos de Londres, mas maio de 1940<sup>128</sup> encontrou-o de volta ao seu

---

<sup>127</sup> Capitão Robert Falcon Scott (1868-1912), um dos exploradores da Antártica. Chegou ao Polo Sul dias depois de seu concorrente, o norueguês Roald Amundsen. Scott e seus companheiros de expedição morreram no caminho de retorno do Polo à sua base, por uma combinação de exaustão, fome e frio.

<sup>128</sup> Em 10 de maio de 1940, os exércitos alemães atacaram a França. Usando eficazmente aviões e blindados, aplicando o conceito de *blitzkrieg*, ou guerra-relâmpago, desarticularam as ações defensivas das tropas inglesas e francesas, forçando-as a recuar, e em poucos dias apertavam-nas num bolsão ao redor de Dunquerque.

atracadouro em Mortlake, outra vez em uso para fins de treinamento. Em 29 de maio, T. A. Towndrow, Chefe da Tropa de Mortlake, deu de cara com um oficial superior da Marinha e dois suboficiais, que determinaram que o *Minotaur* seguisse imediatamente para Sheerness. Percebendo a natureza da tarefa que tinha pela frente, Towndrow contatou seu chefe, o administrador da cidade, e obteve alguns dias de licença, e partiu com mais dois tripulantes. Alcançando Sheerness, eles foram mandados seguir para Ramsgate, onde foram abastecidos de suprimentos e combustível, e, apanhando mais dois graduados da Marinha, tocaram para Dunquerque<sup>129</sup>.

“A travessia levou de cinco e meia a seis horas, e não foi de modo algum livre de incidentes”, relatou Towndrow, que era habilitado como Arrais. “Um destróier após outro passava velozmente, quase cortando a água debaixo de nós, e colocando-nos em risco de adernar com a água que lançavam. Nós nos aproximamos cautelosamente da praia em Dunquerque, por causa dos destroços. Encontramos uma situação razoavelmente calma, e metemos mãos ao trabalho de rebocar pequenos botes abertos, lotados de soldados, para os transportes de tropas fundeados em águas mais profundas, ou de recebê-los dos botes e levá-los a bordo de nosso barco até os transportes. As coisas não ficaram quietas por muito tempo. Estávamos trabalhando a mais ou menos um quarto de milha (uns 400 m) de seis destróieres. De repente, todas as suas armas antiaéreas abriram fogo. Ao mesmo tempo, ouvimos o ronco dos motores de vinte e cinco aviões nazistas, acima. Os alvos deles eram as praias cheias de gente e os destróieres. Um avião insistia em circular à nossa volta. Outro avião nazista, atingido pela antiaérea, abateu-se em chamas, perto demais para o nosso gosto”.

---

<sup>129</sup> A evacuação da BEF (*British Expeditionary Force*) de Dunquerque, de 26 de maio a 4 de junho de 1940, foi um feito memorável, envolvendo não apenas as Forças Armadas britânicas (o Exército, defendendo o bolsão e sendo resgatado; a Força Aérea, combatendo a Luftwaffe; e a Marinha, coordenando, provendo meios e fazendo o resgate), mas a própria população – não apenas na Ilha, acolhendo os soldados, mas operando centenas de pequenos barcos que participaram do esforço que resultou em mais de 338.000 soldados britânicos e franceses trazidos através do Canal da Mancha.

“Depois que os atacantes se foram, nós, tremendo, continuamos com o trabalho. No fim das contas, ficamos curtos de combustível e o motor começou a fazer ruídos muito esquisitos, então fomos substituídos. Levamos uma carga final para uma traineira, retornamos à nossa base na Costa Leste, reabastecemos e entramos para umas horinhas de sono. Então, foi-nos dito para ficarmos de prontidão, pois barcos rápidos fariam a próxima travessia. Embarcamos noutra barco a motor como tripulantes. Partimos antes de escurecer, sob comboio de um grande rebocador oceânico. Nossa tarefa desta vez era trabalhar a partir do molhe do porto de Dunquerque, em conjunto com o rebocador. Pretendia-se que a operação fosse feita sob a cobertura da escuridão, mas com os reservatórios de combustível do porto em chamas, era como se fosse à luz do dia. Tendo carregado o rebocador, nós partimos em cima da hora. Assim que deixamos o molhe, a artilharia alemã acertou o seu alcance e um projétil destruiu-lhe a extremidade”.

“No caminho de volta, nós Escoteiros fomos transferidos para um barco de patrulha naval, cheio de soldados, que estava fazendo a viagem de retorno. O oficial encarregado havia perdido suas cartas. Conhecendo bem a rota, estávamos em condições de assumir. Após nove horas de travessia, chegamos uma vez mais à nossa base da Costa Leste. Os aviões alemães constantemente seguiam os pequenos barcos rumo ao mar, metralhando os seus ocupantes”<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> Em Dunquerque, além de Towndrow e seus companheiros do *Minotaur*, outros Escoteiros estiveram presentes em outros barcos que participaram do resgate. Um exemplo foi o iate *Sundowner*, de 58 pés, que trouxe 130 soldados para a Inglaterra; seus três tripulantes foram o proprietário, seu filho e um Escoteiro do Mar. Além do fato de se conseguir espremer 130 homens num barco de 58 pés (75 embaixo e 55 no convés), há uma curiosidade: o proprietário do *Sundowner* era o Comandante Charles Lightoller (1874-1952), que foi o imediato do *Titanic*. Seu filho mais novo, piloto da RAF, morreu numa missão de bombardeio na noite de 3 para 4 de setembro de 1939. O filho mais velho, que participou do resgate de Dunquerque, morreria em combate servindo à Marinha, em 1945. Outro filho, este no Exército, e duas filhas sobreviveram à guerra. O *Sundowner* está preservado no *Ramsgate Maritime Museum*, e é presença constante nas comemorações do aniversário do resgate de Dunquerque.

Estes Escoteiros de terra e do mar cumpriram seu dever durante os longos anos da guerra<sup>131</sup>. Registrar todos os seus feitos por completo seria escrever uma detalhadíssima história dos ataques aéreos sobre a Grã-Bretanha e a ameaça da invasão<sup>132</sup>. Os exemplos aqui apresentados foram sacados quase que ao acaso entre os relatórios que se pôde acumular durante seis longos anos de intermitente, às vezes agudo, mas sempre presente perigo. A história que eles contam é tecida verdadeiramente com a matéria de que é feita a própria vida, e a morte, e as cores da tapeçaria são escuras. Entretanto, virada em cada fio de sombra há uma luminosidade, pois a coragem desses garotos, todos eles abaixo de 18 anos, e muitos com a metade dessa idade, transformou uma imagem de raiva e horror em uma de resiliência e brilhante valor.

Estas múltiplas tarefas impostas aos Escoteiros pelas circunstâncias da guerra significaram muito pouco tempo para reservar para outras atividades. Mais ainda, com o progresso da guerra, inevitavelmente diminuiu o efetivo de Escotistas. 222.215 Escoteiros ingressaram nas Forças Armadas. Uma vez mais, o fenômeno observado

---

<sup>131</sup> O resgate de Dunquerque foi dado por findo na madrugada de 4 de junho de 1940. Nesse dia, Churchill discursou no Parlamento. Seu discurso descreveu, com franqueza, a rapidez e habilidade com que os alemães atacaram e forçaram os Aliados ao recuo, e o magnífico esforço da evacuação. Alertou a nação para que não se deixasse levar a um clima de “já ganhou”, pois “não se ganham guerras com retiradas”. No final, fez a memorável exortação: “Ainda que grande parte da Europa e muitas nações antigas e famosas tenham caído ou venham a cair nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparato do regime nazista, nós não esmoreceremos nem falharemos. Lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos com crescente confiança e crescente poder aéreo; defenderemos nossa Ilha, custe o que custar. Lutaremos nas praias, lutaremos nos locais de desembarque, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas colinas. Jamais nos renderemos, e ainda que – no que nem por um momento creio – esta Ilha ou grande parte dela viesse a ser subjugada e posta à fome, então nosso Império do ultramar, armado e guarnecido pela Esquadra Britânica, continuaria a luta, até que, quando Deus considere propício, o Novo Mundo, com todo seu poderio, avance para o socorro e libertação do Velho”.

<sup>132</sup> O período entre a retirada de Dunquerque e o final da Batalha da Grã-Bretanha foi o de maior risco para a Ilha. Se Hitler desencadeasse a Operação Leão-Marinho, apanharia os ingleses com o moral abalado pela retirada e com falta de armas e equipamento para seu Exército. A operação não ocorreu por falta de preparo em treinamento e material (poucas embarcações para transporte e desembarque de tropas) e por não ter sido conquistada superioridade aérea pela Luftwaffe – além de a Esquadra Britânica ser uma grande ameaça para a frota de invasão.

na Primeira Guerra Mundial aconteceu na Segunda. As Tropas que fizeram o uso mais pleno do Sistema de Patrulhas e deram responsabilidade aos Monitores foram aquelas que melhor suportaram a carga. Foi de grande auxílio a instituição da Insígnia de Serviço à Nação, que podia ser conquistada por qualquer Escoteiro acima de 14 anos que tivesse sido aprovado nas provas de Segunda Classe, e uma flâmula com uma coroa de ouro para as Tropas que tivessem maior quantidade de tais insígnias. Os requisitos para a insígnia eram, resumidamente, habilidade para escrever e conduzir mensagens, conhecimento aprofundado da localidade em que o Escoteiro morasse, saber como lidar com o pânico e preservar a disciplina, e estar inscrito regularmente em alguma forma de Serviço Nacional. Ao todo, como foi dito, mais de 60 mil Escoteiros conquistaram essa insígnia, pertencendo o recorde provavelmente à 1ª Tropa de Balderton, de Nottingham, que ganhou o pendão por três anos seguidos, tendo cada um de seus membros recebido a Insígnia de Serviço à Nação e vinte e cinco deles, a Insígnia de Defesa Civil.

O Escotismo propriamente dito, distinto das tarefas assumidas pelos Escoteiros como resultado da guerra, foi posteriormente encorajado e estimulado pela instalação, na Sede Imperial, de um clube para ser usado pelos Escoteiros que estivessem servindo nas Forças Armadas de Sua Majestade e em unidades da Defesa Civil. Nele, ficavam expostos condecorações e troféus associados a Lord Baden-Powell of Gilwell. Nas paredes estavam suas insígnias e, num escrínio de vidro, a brava e esfarrapada *Union Jack* (bandeira do Reino Unido) que ficara hasteada sobre seu posto de comando em Mafeking. O clube foi visitado por muitos Escoteiros de diferentes nacionalidades, sendo o número médio de usuários ao redor de 1.100 por mês.

Não apenas os numerosos serviços prestados pelos Escoteiros durante os ataques aéreos serviram para mantê-los sob os olhos do público; eles também foram tornados conhecidos para milhares de pessoas pelo espetáculo *The Gang Show*, do produtor teatral Ralph

Reader. Estes shows, que originalmente foram encenados no Teatro Scala de Londres, onde atraíram enorme público, viajaram por toda a Grã-Bretanha e para todos os teatros de guerra.

Escoteiros que se incorporaram às Forças Armadas, e houve mais de meio milhão deles, acharam que sua vivência Escoteira foi da máxima valia, um fato amplamente reconhecido pelos seus camaradas. “Meu oficial é um Chefe Escoteiro”, escreveu um sargento ao relatar sua evasão da Alemanha para a Suíça, “e apenas com uma bússola e um mapa ele nos guiou por 120 milhas de matas até a Suíça. Que tal, quanto ao treinamento Escoteiro?”.

“Eu poupo uma quantiazinha em dinheiro para ajudar as futuras gerações”, escreveu um oficial de Marinha que passou seis meses em território inimigo e finalmente chegou à Inglaterra em segurança, graças, segundo ele asseverou, inteiramente ao seu treinamento Escoteiro. Outro Escoteiro escreveu para a Sede Imperial pedindo que sua carta fosse encaminhada ao seu antigo Chefe, a quem ele queria agradecer por ter-lhe ensinado a nadar. Nadar foi o que ele fez, das praias de Dunquerque até um dos navios de resgate. Um Pioneiro de Glasgow, tripulante de uma traineira afundada próximo à costa norueguesa por um bombardeiro alemão, chegou à costa com seus companheiros e, com uma lanterna, sinalizou para um cruzador britânico ao largo, que os tirou dali. Augustus Charlwood, radioperador de um bombardeiro da Royal Air Force, deveu sua vida a John Finlayson, o navegador, que pôs bandagens nos ferimentos que sofreu quando o avião foi atingido ao atacar um navio inimigo em águas norueguesas. Um comboio de cem caminhões da Força Aérea na Birmânia<sup>133</sup> chegou a destino seguro, porque um Escoteiro, o Cabo Alfred Deany, foi capaz de reparar uma ponte destruída usando velhos dormentes e cordas<sup>134</sup>. Ele levou vinte e cinco minutos para fazer o

---

<sup>133</sup> Hoje Myanmar.

<sup>134</sup> Aplicou as técnicas de construção de pioneiras.

reparo, e depois que a última viatura pesada a havia cruzado, a ponte “suavemente arriou”.

Em todo lugar em que Escoteiros serviram, fosse na Europa, no Oriente Médio ou no Extremo Oriente, a história era a mesma. Para trabalhos requerendo inteligência e treinamento, a primeira escolha era um Escotista ou um antigo Escoteiro, se houvesse algum à mão. A reputação dos Escoteiros nas Forças Armadas foi bem resumida por um Brigadeiro<sup>135</sup> com mais de trinta anos de experiência no treinamento de homens para o Exército Regular e o Exército Territorial<sup>136</sup>. “Um punhado de Escoteiros de Primeira Classe”, disse ele, “se provariam muito mais aceitáveis para um Comandante ou Sargento-Maior que um número similar de rapazes que tivessem tido qualquer outra forma de ocupação de tempo livre no passado”.

Muitos receberam as mais altas condecorações. Entre os que receberam a *Victoria Cross*, estava o Tenente Cyril Barton, do 1º Grupo de Oxshot, que bombardeou Nuremberg depois que seis membros de sua tripulação foram forçados a saltar de paraquedas, e perdeu sua vida ao pousar o avião, mas salvou os demais tripulantes. Outros foram: o Tenente Donald Cameron, da Reserva Naval, pertencente ao 3º Grupo de Glasgow, que com sucesso atacou o *Tirpitz*<sup>137</sup> num minissubmarino; o Brigadeiro L. M. Campbell, Comissário Distrital Assistente de Guilford, que com seus homens abriu um caminho através das linhas alemãs e comportaram-se de tal modo “que raramente pode ser ultrapassado na história da Brigada das Highlands”; o Tenente J. A. Cruikshank, da 4ª Tropa de Edinburgh (Greenbank), que, ferido em setenta e dois lugares, levou seu

---

<sup>135</sup> General-de-Brigada.

<sup>136</sup> Exército Territorial: formação militar com treinamento menos apurado que o do Exército Regular, por destinar-se a funções de segurança interna, não se destinando imediatamente ao combate.

<sup>137</sup> Encouraçado alemão, gêmeo do *Bismarck*. O *Bismarck* foi afundado em 27 de maio de 1941. O *Tirpitz* tinha a missão de obstar a passagem dos comboios Aliados que passavam pelo Ártico, entre a Escócia e Murmansk, na Rússia. Em setembro de 1943, fundeado num fiorde na Noruega, foi avariado por uma incursão de minissubmarinos britânicos, e afundado por bombardeiros da RAF em novembro de 1944.

Catalina<sup>138</sup> de volta à base após destruir um submarino alemão; o Sargento T. F. Durrant, do 1º Grupo de Green Street Green, que combateu em Saint-Nazaire<sup>139</sup>; e o Tenente C. Furnes, da 3ª Tropa de Eton College, que lutou até o fim num transportador de metralhadora Bren para cobrir a retirada de uma grande coluna de veículos na estrada para Dunquerque.

O mais conhecido de todos que receberam essa, a mais alta condecoração por valor, foi o Comandante de Esquadrão Guy P. Gibson, do 1º Grupo de Tóvil, que liderou o reide contra a Represa Moehne, no Ruhr, e que perdeu a vida como piloto de incursão do Comando de Bombardeiros<sup>140</sup>. Gibson foi Escoteiro na escola e, em suas próprias palavras, “voltou a assentar praça” no 1º Grupo de Tóvil como Pioneiro.

A devoção ao dever do Grumete Jack Cornwell, que conquistou a *Victoria Cross* ao perder a vida na Jutlândia, na Primeira Guerra Mundial, foi repetida na Segunda por outro Escoteiro, Marinheiro de Primeira Classe Jack Foreman Mantle, do *HMS Foylebank*<sup>141</sup>, que foi membro da 6ª Tropa de Southampton (St Paul's). Em 4 de julho de

---

<sup>138</sup> Aeronave anfíbia, de patrulha de longo alcance, de fabricação norte-americana, muito usada durante a guerra e, após, em missões de busca e salvamento. Um Catalina da Força Aérea Brasileira afundou, em 31 de julho de 1943, o submarino alemão U-199, ao largo do litoral brasileiro.

<sup>139</sup> Cidade portuária da França, contra a qual foi feita uma incursão por tropas especiais britânicas, em 28 de março de 1942, com o objetivo de impedir o uso de sua doca seca para manutenção dos grandes navios de superfície alemães. O reide foi bem sucedido, apesar de apenas 228 dos homens envolvidos terem retornado à Inglaterra (169 mortos, 215 feitos prisioneiros).

<sup>140</sup> Esse reide foi feito com bombardeiros Lancaster modificados para transportar uma bomba especialmente projetada para destruir represas – os chamados *Dam Busters* – em 1943. Gibson morreu em setembro de 1944, pilotando um caça-bombardeiro Mosquito numa missão de reconhecimento sobre a Holanda.

<sup>141</sup> Originalmente navio mercante lançado em 1930, foi requisitado pela Royal Navy em 1939; foi transformado em navio de defesa antiaérea, armado com 4 torres duplas de canhões de 100 mm, 2 torres com canhões quádruplos (pom-pom) de 2 libras (40 mm) e metralhadoras .50”. Em 4 de julho de 1940, o navio estava próximo à ilha de Portland, em Dorset, quando foi atacado por 26 bombardeiros de mergulho Stuka. Duas aeronaves foram abatidas, mas as bombas levaram o navio a afundar no dia seguinte, tendo morrido 176 dos 298 tripulantes.

1940, ele estava encarregado do *pom-pom*<sup>142</sup> de boreste, quando seu navio foi atacado por aviões inimigos. “No começo da ação sua perna foi feita em pedaços por uma bomba, mas ele se manteve firme junto à sua peça<sup>143</sup> e continuou atirando... Quase imediatamente ele foi ferido novamente em muitos lugares. Entre as rajadas que disparava ele tinha tempo para refletir sobre os horríveis ferimentos dos quais em breve morreria, mas sua grande coragem o conduziu até o fim do combate, quando ele caiu junto à peça que tão magnificamente servira”.

Assim os Escoteiros, velhos e jovens, serviram juntos – todos eles, conhecidos e desconhecidos, pequenos e grandes –, desde aquele que enfrentou a emergência quando ela repentinamente se abateu sobre ele em chamas ou rugindo, sem levar em conta o que custasse, até o mensageiro dos vigilantes da ARP, deslizando pelas ruas devastadas pelas bombas com socorro para seus semelhantes soterrados vivos.

Eles sustentaram a Lei, eles mantiveram a Promessa; um e todos colheram da mesma urtiga, o perigo, a flor da segurança, para honra e glória da Grã-Bretanha.

---

<sup>142</sup> *Pom-pom*: apelido dado, pelo ruído, a canhões antiaéreos múltiplos, usualmente em calibre 40 mm, em reparos de 4 ou 8 tubos, instalados em navios. O reparo múltiplo tinha o objetivo de dar um grande volume de fogo concentrado, para aumentar as chances de alguns tiros acertarem os aviões inimigos.

<sup>143</sup> Peça: canhão.

## **CAPÍTULO IV**

### **DETERMINAÇÃO**

#### *O Escotismo nos países ocupados*

Continuar Escoteiro na Grã-Bretanha, um país em guerra e encurralado, mas com as fronteiras íntegras e não violadas, era tarefa simples, se bem que dura. Quão diferente era a situação na Europa continental! Lá, antes que 1941 acabasse, um tirano impiedoso manejando poder impiedosamente, havia escravizado homens do Cabo Norte [Noruega] aos Pireneus, de Ushant [Bretanha] até os sombrios bosques poucas milhas a oeste de Moscou. Pisando suas pegadas, um pajem raquítico seguindo um mau Rei Wenceslau<sup>144</sup>, outro tirano tentou fazer o mesmo na Grécia e na Albânia<sup>145</sup>. Por toda essa vasta área, todas as formas de Escotismo foram proibidas de imediato, e depois ferozmente suprimidas. O simples fato de o Movimento ter continuado a existir já é em si notável, e ter alcançado o que alcançou é um reluzente tributo à alma humana. Para Escoteiros por toda a Europa e, quando o Japão entrou na luta, grande parte da China, Malásia e Extremo Oriente em geral, o lema “Sempre Alerta” teve um significado peculiar e trágico. Eles tinham de estar prontos não apenas para encarar os altos e baixos usuais da vida, aos quais se acrescentaram os ataques do inimigo em forma de bombas, como foi o caso com os Escoteiros na Grã-Bretanha; eles tinham também de estar

---

<sup>144</sup> Alusão ao bom rei Wenceslau (São Wenceslau da Boêmia), tema de uma canção natalina que conta a história de um rei tcheco que, acompanhado de seu pajem, enfrenta uma jornada no inverno para levar esmola a um pobre; seu pajem, menos resistente, fica para trás, mas consegue seguir o caminho pisando nas pegadas de seu amo, que, por graça divina, o aqueciam de modo a permitir-lhe concluir o trajeto.

<sup>145</sup> Mussolini, em 1940-41, atacou a Albânia e a Grécia. Ante a dura resistência, reforçada com a chegada dos ingleses à Grécia, ameaçando o sul da “esfera de influência” nazista, Hitler enviou divisões alemãs para submeter os povos balcânicos (Iugoslávia, Albânia, Grécia), o que foi conseguido numa campanha rápida e cruel em abril de 1941. Em 20 de maio de 1941, desencadeou-se a maior operação aeroterrestre alemã, a invasão de Creta. A vitória foi tão custosa que Hitler, daí em diante, desistiu de lançar tropas paraquedistas. Ao mesmo tempo, entre fevereiro de 1941 e maio de 1943, operou no norte da África, junto com tropas italianas, o *Afrika Korps*, sob o comando do General Erwin Rommel.

preparados para algo bem pior, bem mais sutil e mais sinistro: o ataque infatigável, insidioso, mortal da Gestapo e da Kempeitai<sup>146</sup>. Aí reside a diferença essencial entre a vida de um Escoteiro na Grã-Bretanha ou seus Domínios durante a guerra, e o que se aguentou na Polônia, Tchecoslováquia, França, Bélgica, Holanda, Grécia, China, Malásia ou qualquer outro país ocupado por Alemanha, Itália ou Japão. Quaisquer sinais exteriores de associação tinham de ser cuidadosamente ocultados. A saudação Escoteira, se viesse a ser feita, tinha de ser feita furtivamente, rapidamente, com uma cuidadosa olhada ao redor para certificar-se que “eles” não estavam vendo. Uma jornada tinha de ser feita sozinho, em roupas comuns, e era preciso chegar ao ponto de encontro secreto sozinho. Não havia conversa animada com amigos pelo caminho, nem canções, nem discussões. O garoto deslizava pelo percurso sozinho, amedrontado, mas impelido pela resolução em seu coração. “Eles” podiam estar vendo, “eles” podiam detê-lo. Ele não devia dizer nem aos seus pais onde estava indo.

Que o Escotismo, essencialmente uma forma de viver para rapazes em tempo de paz, tenha podido realizar tanto durante uma longa e pavorosa guerra, é um tributo imediato à sua consistência e à sua resiliência, e é com sentimentos de maravilha e gratidão que se pode registrar que em 1945 havia um número bem maior de Escoteiros ativos na Europa que em 1940. Durante esses cinco amargos anos, o Escotismo nas nações sob o tacão nazista tornou-se quase uma religião. Foi apoiado e encorajado por todos os homens leais e de bem – e havia muitos em todo país – não apenas por causa da força e da beleza de seus princípios, mas também porque ele era, por si mesmo, um antídoto forte e salutar contra os insidiosos assaltos dos vários

---

<sup>146</sup> Gestapo: *Geheime Staats Polizei*, Polícia Secreta do Estado, órgão de repressão vinculado ao regime nazista. Desencadeava operações de busca de dissidentes do regime ou de resistentes nos territórios ocupados, interrogatórios e pseudoprocessos criminais para desarticular redes subversivas. A Kempeitai era seu equivalente no Império Japonês.

movimentos da Juventude Hitlerista<sup>147</sup>. Estes eram, nos tempos que corriam, o reverso da medalha, a face do demônio aparecendo entre as puras chamas crepitantes. Muitos dos pais recusaram-se a encorajar os garotos a se tornarem Escoteiros “subversivos”, pois os perigos eram muitos e seu amor por eles, muito grande; mas se, a despeito disso, o filho se tornasse Escoteiro, eles tinham o cuidado de fechar os olhos e não fazer esforço nenhum para ficar em seu caminho. Os Escoteiros foram, assim, deixados livres para seguir sua própria consciência e adotar a atitude definida por eles em relação à potência que ocupava seu país. Na prática, isso significava que, sendo a Lei Escoteira e a fé Escoteira praticamente idênticas aos ideais pelos quais os Aliados foram à guerra – liberdade individual, o direito de viver de acordo com suas próprias crenças –, havia, de fato, muito poucos Escoteiros que não pertencessem a um ou outro movimento de resistência.

Do seu trabalho nesses movimentos, do perigo que correram, dos triunfos que obtiveram, há muitos registros, e num ponto todos os relatos, escritos e verbais, concordam. O trabalho feito pelos Escoteiros nos movimentos subterrâneos jamais poderia ter sido feito com a mesma eficiência e presteza se não fosse pelo seu treinamento Escoteiro. Isso foi de valor inestimável. Eles eram capazes, por exemplo, de ler mapas com uma rapidez e facilidade de que outros membros do movimento sem tal treinamento não dispunham. Eles eram capazes de acampar ao ar livre, em todas as estações do ano, em todas as condições de bom ou mau tempo, sem equipamento e sem qualquer outro tipo de facilidade de campo, e ainda assim prosperar. Sua indiferença às adversidades, ou a tolerância a elas, pode ser descrita apenas como fenomenal. Acima de tudo, seu treinamento ensinou-os a confiar em seu próprio cérebro e não esperar por ordens que poderiam nunca vir. Autoconfiança, autoaperfeiçoamento, isso é o que, como Escoteiros, eles tinham em alto grau. Assim, não é de espantar que o

---

<sup>147</sup> Não apenas a *Jungvolk* e a *Hitler Jugend*, mas também os movimentos juvenis locais que as imitavam, nos países conquistados, como os *Jengstorm* na Holanda.

Escotismo fosse alvo de sobrelanceiras franzidas em países governados por ditadores.

Mas todos os disfarces que os Escoteiros tiveram de assumir, todos os passos que eles deram para enganar seus inimigos, foram para eles parte do “grande jogo”, o jogo que eles aprenderam como Escoteiros e agora jogavam por apostas mais altas que qualquer coisa sonhada pelo Fundador. Muitos deles jogaram esse jogo até o amargo fim, com habilidade e altruísmo. Aqui, então, país por país, estão as suas histórias.

#### TCHECOSLOVÁQUIA<sup>148</sup>

Começamos com a Tchecoslováquia, o primeiro país europeu a sentir o chicote da opressão de Hitler. A Alemanha abocanhou uma parte do país em setembro de 1938 e completou o roubo em março de 1939. O Acordo de Munique deu os Sudetos, uma terra de colinas cobertas de bosques e de vales, nos quais acampamentos para Escoteiros eram quase tão numerosos quanto os terrenos para praticá-los. Toda a zona rural era ideal para praticar Escotismo e por um longo tempo vinha sendo usado para esse fim pelo grande e bem organizado Movimento Escoteiro na Tchecoslováquia.

Durante os seis intranquilos meses que transcorreram entre setembro de 1938 e março de 1939, os Escoteiros tchecos assistiram com crescente indignação seus lugares preferidos serem percorridos pelos jovens alemães, que haviam tido sucesso em aproveitar as técnicas do Escotismo para basear seu próprio treinamento para o campo de batalha. Então, com o começo da primavera, veio o eclipse total da Tchecoslováquia. A sombra que havia caído sobre os Sudetos espalhou-se por todo o país e aprofundou-se numa negra noite que duraria seis terríveis anos.

Naquele dia, 15 de março, houve muitos fogos de acampamento ardendo nos bosques e colinas. Ao redor deles, Patrulhas de Escoteiros

---

<sup>148</sup> Atualmente, separada em dois países, República Tcheca (capital, Praga) e Eslováquia (capital, Bratislava).

tchecos reuniram-se, e com amargura, mas nenhum medo em seus corações, eles renovaram sua Promessa. Por audiência, apenas os escuros abetos e pinheiros ao seu redor ouvindo as claras vozes dos garotos:

“Por minha honra e por minha consciência, cumprirei meu dever para com minha Pátria, a República Tchecoslovaca; eu a amarei e trabalharei pela libertação de minha Pátria; obedecerei às ordens do meu Chefe e cumprirei cada uma delas sem hesitação; amarei meus irmãos Escoteiros, a quem nunca trairei, e estou pronto a fazer o sacrifício de minha própria vida”.

Estas foram palavras solenes, mais solenes ainda nos lábios de crianças que subitamente se viram face a face com os problemas de homens adultos. Eles sabiam o que vinha pela frente, pois em suas veias corria o sangue dos homens da Boêmia, que com tanta frequência haviam lutado por sua liberdade. Uma vez mais ela estava comprometida; de fato, ela já havia sido despedaçada pelo invasor germânico. O compromisso que eles fizeram naquela noite, portanto, era de certa forma quase um assunto de rotina. Seus antepassados já haviam assumido vários compromissos semelhantes, e cumprido até a morte. Agora era a vez deles.

Apesar de os alemães não terem desmantelado a Associação Escoteira imediatamente, eles proibiram o uso de uniformes Escoteiros e determinaram que todas as bandeiras nacionais, usualmente hasteadas em acampamentos Escoteiros, fossem arriadas e substituídas pela suástica. Imediatamente aderiu-se ao tema, pois os Escoteiros tchecos não tinham intenção nenhuma de atender a essas exigências. Exteriormente, eles o fizeram. Seus uniformes foram postos de lado e escondidos quando eles estavam nas cidades e aldeias, mas, uma vez dentro dos bosques, eram sacados de dentro de bolsos aumentados para esse fim e de mochilas, os lenços e insígnias dos seus agrupamentos. Onde a fivela do cinto Escoteiro se articulava nas cinturas, um remendo de pano era costurado, de modo a permitir

esconder a fivela do cinto por baixo dele, para o caso de encontrar algum alemão. Cada acampamento tinha sua bandeira nacional, mas ela não era hasteada – nem a suástica. “Como se poderia hastear bandeiras?”, diziam os Escoteiros tchecos. “Os alemães não haviam proibido o abate de árvores? Nesse caso, como poderiam obter os mastros necessários?”. Seus opressores murmuravam e resmungavam, mas não podiam tomar qualquer medida, e enquanto isso a bandeira de seu país recebia as honras deposta sobre o solo, para ser instantaneamente escondida quando houvesse perigo.

Em julho de 1940, a situação tornou-se aguda. Inopinadamente, acampamentos Escoteiros por toda a Tchecoslováquia foram tomados de assalto e dispersados pela polícia alemã. Eles estavam cheios de garotos vestindo o uniforme proibido, que, como o reide fora astuciosamente planejado e cuidadosamente executado, não tiveram tempo de ocultar. Os germânicos estavam encantados com o resultado. Mandaram que todos os garotos despissem os uniformes. E assim aconteceu que, numa noite de verão, garotos às centenas foram vistos indo para casa vestindo nada mais que a roupa de baixo. O equipamento confiscado foi repassado à *Hitler Jugend*.

Seguiu-se uma pausa, e então, em novembro, a Associação Escoteira foi tornada ilegal e dissolvida. Sua sede, uma antiga casa de três andares no centro de Praga, foi tomada e redistribuída à mesma odiada organização. Os Escoteiros passaram para a clandestinidade e intensificaram o trabalho iniciado em 1939. Eles mantiveram diante de si os preceitos da Lei Escoteira, aos quais deram a mais ampla interpretação. O quinto artigo da Lei, por exemplo, “O Escoteiro é cortês”, eles consideraram como impondo o dever de guiar estrangeiros e mostrar-lhes o caminho se estivessem em um local desconhecido. Com isso em mente, eles o aplicaram ao lidar com os numerosos refugiados políticos. Estes estavam sendo impiedosamente reunidos e lançados em campos de concentração. Os Escoteiros encaminhavam mensagens para muitos que estivessem em perigo de serem apanhados

e ajudaram muitos mais a escapar. O único caminho para a segurança, e ainda assim duvidoso, passava pela fronteira para a Polônia ou para a Hungria. Tropas Escoteiras, constituídas por garotos das aldeias que conheciam a área rural intimamente, organizaram um serviço de guias para conduzir os fugitivos através das montanhas ou por baixo da terra, através das escavações de minas de carvão abandonadas. Estes Escoteiros da fronteira tornaram-se altamente qualificados. Eles conheciam cada cachorro pertencente aos guardas de fronteira e como eram usados e, adotando medidas evasivas, eles se aproveitaram bastante do tamanho e formato das botas militares, que deixavam um padrão tão distinto de pegadas no solo.

Não apenas os refugiados políticos precisavam de ajuda, havia muitos forçados a ficar para trás, como, por exemplo, as famílias dos homens que foram remetidos para campos de concentração. Estas também tinham de ser socorridas, e a tarefa era perigosa. Os Escoteiros andavam por toda parte juntando comida e buscando pessoas que pudessem cuidar das crianças abandonadas. Foram ainda além e conseguiam fornecer comida para os internos dos campos. Dentre estes, um situado na Morávia era povoado predominantemente por refêns e por familiares daqueles que se sabia haverem se alistado nas Forças Armadas de países que combatiam a Alemanha. Uma Tropa Escoteira local organizou um suprimento regular de comida contrabandeada, passada através ou por cima do arame farpado durante a noite, e inauguraram um serviço postal altamente eficiente.

Para os habitantes do Reino Unido e da América, que tiveram a sorte de não experimentar a ocupação, a percepção de seres humanos menos afortunados que tinham de aguentá-la pode ser difícil de imaginar. Viver num país onde a qualquer momento você, ou seus parentes, ou seus amigos podem ser apanhados, lançados numa prisão ou atrás do arame farpado, ou levados para lugares distantes centenas de milhas para o trabalho forçado, impõe uma tensão que às vezes ultrapassa a capacidade de aguentar. Assim aconteceu na

Tchecoslováquia, e foi na ajuda para aliviar essa tensão que os Escoteiros, tendo em mente o oitavo artigo da Lei (“O Escoteiro sorri e assobia nas dificuldades”), provaram-se especialmente úteis. Eles desenvolveram vários métodos para manter elevados os espíritos dos seus compatriotas desprezados, sombrios, mas ainda firmes de coração. Destes métodos, nenhum era mais eficaz ou causava maior satisfação que a orquestra ambulante formada por Escoteiros numa cidadezinha. Eles andavam pelas ruas tocando vários instrumentos musicais. Todos na localidade sabiam serem eles Escoteiros, apesar de não usarem nenhuma espécie de uniforme ou distintivo, e ouviam apaixonadamente as melodias que tocavam, pois eram de um tipo muito especial: eram velhas canções tchecas escolhidas por seu significado patriótico, que, quando ouvidas, traziam um nó à garganta e água aos olhos. Para a ignorante infantaria teutônica, eram apenas melodias, não muito bem tocadas por um bando de meninos malvestidos. Para os tchecos, era a música das esferas celestiais.

Com a continuidade da guerra e o aumento da atividade do Movimento de Resistência Tcheco, os perigos encarados pelos Escoteiros tornavam-se cada vez maiores, assim como as necessidades dos *partisans*<sup>149</sup> espalhados pelo país. Para eles, os Escoteiros foram valiosíssimos. Obtinham comida para eles, entregavam mensagens, davam alertas. Às vezes, eles encontravam o desastre. Por exemplo, um grupo de quinze Escoteiros, dos quais o mais novo tinha apenas doze anos, tentou entrar em contato com alguns *partisans*, a maioria dos quais antigos Escoteiros, que se escondiam nas montanhas Beskydy. Eles precisavam de alimentos e de meios de comunicações. Os Escoteiros estavam determinados a supri-los, e estavam quase no ponto de alcançar pleno êxito quando foram traídos por uma evacuada alemã, que, por ser fluente em tcheco, não lhes despertou suspeitas. Ela denunciou seu esconderijo à Gestapo. Todos os quinze foram presos e

---

<sup>149</sup> *Partisan* (francês) ou *partigiano* (italiano): literalmente, “partidário”; combatente da resistência contra um invasor.

levados ao quartel em Tesin. Lá eles se juntaram a oitenta poloneses, e todos juntos foram conduzidos em marcha até o cemitério. Lá, poloneses e Escoteiros receberam pás e foi-lhes ordenado cavar uma sepultura comum. Quando essa tarefa foi completada, os garotos foram separados, suas mãos brutalmente atadas às costas com arame farpado, e um por um eles foram até a beira da vala, onde cada um, ao se posicionar, recebeu um tiro na nuca.

Esses Escoteiros foram menos afortunados que os que auxiliaram o Chefe “S” após ter ele morto a tiros um soldado da SS<sup>150</sup> nas ruas de Kladno. Matar um alemão já era ruim, mas se era um membro da SS, o crime era agravado. Mais ainda, um tal feito colocou todos os alemães que usassem uniforme em alvoroço. A polícia rastelou Kladno à procura de “S”, e acabou cercando sua casa. “S” conseguiu abrir caminho lutando, e conseguiu escapar para as montanhas, onde se escondeu. Os Escoteiros traziam-lhe alimento, e dois Lobinhos, de apenas 10 anos de idade, iam todos os dias à mata, ostensivamente para colher morangos selvagens, mas também para deixar mensagens para “S”, avisando-o dos movimentos da polícia. Toda noite ele dormia num lugar diferente, encontrado para ele pelos Escoteiros. Apesar de todas as precauções, em poucas semanas a floresta começou a ficar “quente” demais para abrigá-lo, pois a essa altura centenas de policiais germânicos já estavam fazendo um pente fino por ela, num esforço determinado para vingar o colega morto. “S” caminhou direto através do cordão de busca, trajando o uniforme de um soldado alemão, chegou a Praga e estava prestes a entrar na obscuridade quando teve notícia de que os alemães

---

<sup>150</sup> SS: *Schutz-Staffel*, Esquadrão de Proteção. Força paramilitar destinada à proteção dos dirigentes do Partido Nazista. Após o expurgo da SA (*Sturm Abteilung*, Tropa de Assalto, outra milícia do Partido), a SS cresceu. Tendo à testa Heinrich Himmler, tornou-se uma organização poderosíssima. Exigindo para o ingresso a filiação ao Partido e a ascendência “ariana” (se possível, vindo da *Hitler Jugend*), seu treinamento incluía a dessensibilização para com outros seres vivos, humanos ou não. Forneceu guardas para os campos de concentração (*Allgemeine-SS*) e teve suas formações armadas (*Waffen-SS*), constituindo Divisões de Infantaria e Blindadas, que se fizeram presentes nas várias campanhas alemãs da Segunda Guerra, e que se destacaram não só por combaterem de forma aguerrida, mas também pela crueldade, como o atestam os casos de execução de prisioneiros de guerra.

sabiam de sua presença na cidade e estavam prestes a fazer buscas de ponta a ponta. Eles o fizeram, e destacando-se entre suas fileiras estava “S”, que procurou por si mesmo por todos os lugares. No fim das contas, tendo-se tornado impossível para ele permanecer por mais tempo em seu próprio país, ele fez seu caminho entre os inimigos e, fazendo-se passar por um trabalhador forçado, alcançou a Baviera. Esperou o momento certo, cruzou a fronteira para a Suíça, alcançou a Inglaterra e juntou-se a um esquadrão tcheco da Royal Air Force, no qual serviu até o fim da guerra. Então, ele voltou a Kladno e reencontrou-se com os Lobinhos sem cujo auxílio ele jamais teria escapado. “Eles riram sinceramente enquanto conversavam sobre suas aventuras”.

O Chefe “M” foi preso, com 23 garotos de sua Tropa, e interrogado pela Gestapo. Incapazes de obter informações, os captores fizeram que alguns dos rapazes fossem enviados para um campo de concentração, enquanto “M” foi levado para Praga. No caminho para o quartel-general da Gestapo, o carro no qual ele viajava diminuiu a velocidade, e ele pulou fora num ponto onde começava a cidade velha. “M” correu por suas ruas estreitas, entrando numa passagem, saindo de outra, atravessou uma velha quadra onde as casas proliferavam, para dentro de outro bloco de edificações. Acionando um jorro d’água, ele ganhou tempo para distanciar-se de seus perseguidores, e ao virar uma esquina, trombou com um jovem, a quem pediu ajuda. O jovem era um Escoteiro, e escondeu-o num porão enquanto o grupo da Gestapo passava, e finalmente levou-o à sala de reuniões da Tropa Escoteira, situada numa velha torre com vista para o rio. Aí “M” passou algumas semanas, e quando a busca chegou perto demais, pegou um pequeno bote e remou para cima e para baixo no rio enquanto a Gestapo vistoriava cada casa nas margens. Ele permaneceu na sala da Tropa tempo suficiente para deixar crescer uma barba, e assim disfarçado pôde fugir para a Iugoslávia e daí, por rotas tortuosas, chegar à Rússia,

onde se juntou a um contingente tcheco e, tempos depois, retornou triunfante a Praga.

A história dos três irmãos, Eugen, Vladimir e Jan, termina de maneira mais trágica. Eugen, proeminente no Movimento de Resistência Tcheco, foi preso e executado em novembro de 1942. Vladimir, que havia conseguido fugir do país quando rompeu a guerra e alcançado as forças tchecas na Inglaterra em 14 de dezembro de 1939. Quando ficou sabendo da execução de Eugen, como ele registrou em seu diário, em inglês capenga, “foi um choque terrível. Há uma longa lista de rapazes que foram mortos, todos da minha cidade natal, colegas de escola e irmãos Escoteiros... Caminho como que em sonhos... Mas não posso ajudar... Eugen, vou vingá-lo. Eu vou”. E o fez. Ele, também, acabou chegando à Rússia e colocando-se na primeira linha para o combate. Algumas vezes ferido e condecorado, ele finalmente chegou a um lugar próximo à sua cidade natal nas montanhas, e lá ele recebeu seu último e fatal ferimento. Levado para uma cabana, seu olhar moribundo caiu sobre seu vale natal, e assim ele faleceu, contente e em paz, quatro dias antes da rendição incondicional de seus inimigos. Desta família, somente Jan sobreviveu. Ele escapou de um campo de concentração e atualmente tem a seu cargo uma Tropa Escoteira.

Além de ajudar fugitivos dos alemães, pessoas aprisionadas em campos de concentração e líderes da resistência, os Escoteiros fizeram todo o possível para aliviar o sofrimento de trabalhadores tchecos deportados à força para trabalhar em fábricas na Alemanha, longe de seus lares e famílias. Eles mantiveram um constante serviço de cartas para eles, que funcionou tão bem que, apesar de esses homens infelizes estarem separados de tudo que lhes era caro e sujeitos ao constante bombardeio da RAF – pois eles trabalhavam em fábricas situadas em áreas-alvo –, eles nunca sucumbiram à propaganda germânica.

Quando, poucas semanas antes do fim da guerra, os alemães promoveram uma migração em massa de prisioneiros de guerra, do leste para o oeste da Tchecoslováquia, os Escoteiros de perto da

fronteira alemã subtraíram cerca de sessenta prisioneiros de guerra norte-americanos que haviam chegado em terrível condição de esgotamento e fome, esconderam-nos nas matas e alimentaram-nos até que seus compatriotas chegassem e os encontrassem vivos e bem de saúde, conversando com seus hospedeiros por meio da linguagem de sinais dos índios americanos.

Fez-se menção aos cães que acompanhavam os guardas de fronteira alemães. Os teutônicos faziam grande uso de tais cães, não apenas para vigiar prisioneiros, mas também para transportar mensagens sob fogo, e catavam todo cachorro que podiam para treiná-lo. O método era simples. Um tiro era disparado por cima de suas cabeças. Qualquer cão que, mesmo assustado, não fugisse, era imediatamente posto em serviço. Os que fugissem eram deixados em paz. Não levou muito tempo para que os Escoteiros tchecos descobrissem esse método de treinamento: eles faziam todo cachorro em que conseguissem pôr as mãos passar por um “retreinamento”, e logo foram bem sucedidos em fazer todos eles medrosos.

Assim, por vários modos, uns cômicos, outros severos, mas todos eficazes, os Escoteiros da Tchecoslováquia mantiveram a resistência contra o inimigo, e assim fazendo sustentaram a gloriosa tradição de seu país e de seu compromisso. Para que o fizessem, o custo não foi pequeno: 397 perderam a vida em campos de concentração, nos combates de rua, nas câmaras de tortura, e 137 no ar sobre o campo de batalha. Quando afinal tudo terminou, quão cheios de alegria e esperança estavam os que sobreviveram! “Tive sorte suficiente”, escreveu um deles em junho de 1947, “para chegar até Praga na semana passada, para passar um par de noites e dar uma olhada no Escotismo por lá. Onde quer que eu fosse, na Zona Americana ou na Zona Russa, vi montes de Escoteiros uniformizados, rapazes e garotas em ação. Os Escoteiros foram muito ativos nos dias da luta em Praga, os líderes da Resistência eram na maioria Escoteiros e antigos Escotistas. Os garotos construíram barricadas nas ruas da cidade

(havia barricadas em cada cruzamento), as garotas trabalharam em hospitais e enfermarias... A principal atividade dos Escoteiros após cessar a luta nas ruas (onde muitos deles, e todos os adultos, tomaram parte) foi o serviço de mensageiros, pois o serviço de telefonia estava em grande parte desorganizado e com linhas destruídas... Os Escoteiros na Tchecoslováquia ocupada passaram pelo fogo. Eles tiveram de usar de todos os meios para manter seu modo de vida na clandestinidade, eles tiveram de aprender a mentir, a dissimular, a pregar enganações de vários tipos... Mas a despeito de tudo isso, quando os grilhões se romperam e uma nova liberdade veio reger o país, milhares de Tropas emergiram das sombras. Os corações estavam limpos e cheios de entusiasmo...”

Esse dia feliz inaugurou uma nova era de felicidade. Não chegou a durar três anos. Então, em 24 de fevereiro de 1948, sem nenhuma consulta aos líderes Escoteiros da Tchecoslováquia, o recém-constituído governo comunista informou que a Associação Escoteira deveria filiar-se a algum dos Comitês de Ação Comunistas. No dia seguinte, guiados por um traidor, vários homens, uns poucos entre eles ex-Escoteiros, marcharam para a sede da Associação Escoteira em Praga à testa de força policial armada de submetralhadoras, ocuparam o prédio e expulsaram o Escoteiro-Chefe e sua equipe. Ações similares ocorreram nas províncias. A cortina das trevas desceu uma vez mais<sup>151</sup>.

#### POLÔNIA<sup>152</sup>

A expressão fundamental do caráter de um polaco é patriotismo. Há um ditado daquele país segundo o qual a criança já recebe o amor pela Polônia no leite materno. Não é preciso buscar muito longe a razão. A Polônia foi repartida pelos vizinhos quatro vezes. A não ser por um

---

<sup>151</sup> A repressão se tornaria ainda mais séria a partir de 1968; a Tchecoslováquia só se veria livre da posição de satélite soviético no final da década de 1980, e o Escotismo seria uma das primeiras associações a ressurgir.

<sup>152</sup> A invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, marca o início da Segunda Guerra Mundial. Em 3 de setembro, Inglaterra e França, fiéis ao compromisso assumido com a Polônia, declararam guerra à Alemanha.

curto período após a Primeira Guerra Mundial, durante o qual ainda teve de viver dissensões internas, nunca lhe foi permitido governar a si mesma, por mais de dois séculos. Portanto, não é de forma alguma surpreendente que os poloneses sejam fortemente nacionalistas, e que, quando os exércitos de Hitler avassalaram seu país no outono de 1939, eles tenham formado o mais feroz de todos os movimentos de resistência<sup>153</sup>. Como se fossem um só homem, os Escoteiros juntaram-se a esse movimento. Chefes Escoteiros em outros países poderiam ter tentado, e de fato tentaram refrear os jovens a seu cargo e evitar que eles se expusessem aos mesmos riscos que os membros mais velhos da comunidade. Não houve esse tipo de tentativa na Polônia, e nem os garotos poloneses a entenderiam se tivesse sido feita. Cada um e todos eles trabalharam com abnegada devoção pela causa de seu país.

A vitalidade do Escotismo sempre foi característica do Movimento na Polônia<sup>154</sup>. Tropas, Grupos, Patrulhas, Equipes Pioneiras, Escoteiros isolados, pareciam brotar espontaneamente por toda parte. Durante a guerra eles poderiam ser encontrados em campos de prisioneiros de guerra, em campos de concentração, nas florestas da Sibéria, em assentamentos poloneses espalhados pela África, Índia, Nova Zelândia, México, Inglaterra, Escócia e França, mas especialmente no próprio interior da torturada Polônia. Aí, não há como exagerar a parte executada pelos Escoteiros no Movimento de Resistência. Desde o começo, Escoteiros tornaram-se membros do Exército Doméstico Polonês, aquela organização secreta que desafiou os alemães e os combateu desde o dia em que a Polônia foi subjugada até o dia da vitória. Foi um dos exércitos mais severos que o mundo já conheceu.

---

<sup>153</sup> A partir da invasão, os alemães infligiram duro tratamento aos poloneses, submetendo-os à fome, à escravidão e a um processo de extermínio semelhante ao que foi aplicado aos russos de 1941 em diante, quase no mesmo nível do que se fez aos judeus. Assim, como os poloneses não tinham mercê nenhuma a esperar dos germânicos, também não a concederam.

<sup>154</sup> S. Broniewski explica que os Escoteiros poloneses, ao fazerem a Promessa, recebem um distintivo metálico. Esse não é passível de troca, e durante o período em que o Escotismo esteve proibido na Polônia, os membros do Movimento mantinham essa insígnia oculta.

Não era pedido nem dado quartel<sup>155</sup> por nenhum dos lados. O campo de batalha eram os lares dos homens em suas fileiras; as armas, aquelas subtraídas ao inimigo ou feitas secretamente, ou mais sutilmente, livros e jornais impressos clandestinamente e distribuídos com astúcia e engenhosidade.

Neste exército, os Escoteiros poloneses eram os esclarecedores, movendo-se por toda parte, colhendo informes, distribuindo ordens, molestando os germânicos. Ao lado destas atividades, seguiam na busca de sua vida Escoteira. De alguma forma, em algum lugar, apesar da polícia, o treinamento Escoteiro regular continuava. Durante todos esses anos, existiram três Polônias: a parte ocidental, absorvida à força pela Alemanha; a central, regida por um governador alemão<sup>156</sup>; e a Polônia Subterrânea (o Movimento de Resistência), cobrindo todo o território povoado por gente trabalhando, pensando, combatendo, rindo, chorando, vivendo, de fato, uma plena vida polonesa<sup>157</sup>. Entre estes do *underground*, os Escoteiros estavam em todo lugar, num momento ensinando um Pata-Tenra a fazer nós, noutra descarrilando um trem ou atacando de surpresa uma patrulha alemã. Que a história de Wojtek e Czarny (nome fictícios de pessoas reais) dê um retrato dessa estranha, fantástica, perigosa existência.

Amigos íntimos, eles pertenceram à Patrulha “das Faias”, assim apelidada porque seus membros costumavam fazer expedições anuais, no verão para as florestas de faias próximas de suas residências. Vinham de classes diferentes. O pai de Wojtek era um rico industrial.

---

<sup>155</sup> A expressão “dar quartel” ou “pedir quartel” significa conceder ao oponente tratamento humanitário aos feridos ou aos que se rendessem.

<sup>156</sup> O chamado “Governo Geral”, sob a cruel gestão de Hans Frank.

<sup>157</sup> Há que se lembrar, ainda, que a parte oriental da Polônia esteve sob o domínio soviético de setembro de 1939 a junho de 1941, quando Hitler deu início à campanha contra a Rússia. Em 1944, os soviéticos avançaram sobre a Polônia, combatendo os alemães; mantiveram-se apáticos durante o Levante de Varsóvia (1º de agosto a 2 de outubro), para deixar que os alemães liquidassem os resistentes poloneses, para só depois atacar a cidade; dessa forma, haveria menos líderes potenciais para se oporem à dominação soviética. Finalmente, as forças russas expulsaram os alemães da Polónia, mantendo-a como satélite do fim da guerra até fins da década de 1980.

Czarny era filho de um camponês. Com o tempo, Wojtek tornou-se o líder de um grupo de rapazes conhecido como “Os Cinco”, que conquistaram fama entre seus companheiros pela habilidade com que escalavam os picos dos Tatras<sup>158</sup>, e por sua audácia como esquiadores. Czarny era um técnico, capaz de construir uma ponte ou uma cabana melhor que qualquer outro.

Eles passaram o esplêndido verão de 1939 nas matas, mas a sombra da guerra espalhava-se pesadamente pela terra, e quando ela irrompeu em setembro, os dois rapazes partiram para o leste, mas logo voltaram a Varsóvia. Ali, o pai de Wojtek foi preso e, seis meses depois, fuzilado. A partir de então, Wojtek determinou-se a combater os alemães com toda e qualquer arma. Neste desígnio, juntaram-se a ele Czarny e os Cinco. Eles editavam um jornal clandestino, *O Apelo Polonês*, danificavam pôsteres alemães, lançavam bombas de vômito em restaurantes de luxo apadrinhados pelas tropas ocupantes, quebravam janelas de colaboracionistas. Todas estas atividades eram ainda café pequeno. Ao executar essas traquinagens, os jovens punham seu treinamento Escoteiro em uso perverso, mas ao mesmo tempo ajudavam seus compatriotas a suportar uma opressão que crescia diariamente até que culminasse numa orgia de terror.

Em novembro de 1942, iniciou-se a era dos *partisans* polacos, e entre os primeiros a se juntarem a eles estavam Wojtek, Czarny e seus amigos. Após um breve período de treinamento, Czarny cumpriu sua primeira missão, explodindo um trem alemão com minas feitas por ele em seu apartamento. Este logo se tornou um local de refúgio para seu amigo Wojtek, que fora preso mas escapara quase imediatamente, ao saltar do caminhão que o levava à prisão. Em poucas semanas, de garotos animados jogando um jogo perigoso com o coração leve, eles se tornaram astuciosos e resolutos soldados das sombras. Eles reuniam armas, explodiam trens, emboscavam oficiais e praças da

---

<sup>158</sup> Cadeia montanhosa na fronteira da Polônia com a Eslováquia, no setor mais alto dos Cárpatos.

Wehrmacht<sup>159</sup>. Wojtek era o líder, Czarny o auxiliar cheio de recursos inventivos. Mas o andamento já estava muito quente para durar. Antes de se passarem três meses, a localização de Czarny foi denunciada por um amigo que cedeu à tortura, e ele foi preso.

Por dois dias ele foi impiedosamente torturado, às vezes na presença do homem que o traíra e que estava, ele mesmo, quase *in extremis* pelo mesmo motivo. Czarny não disse uma única palavra e, por fim, perdendo a paciência, o interrogador da Gestapo mandou que ele fosse espancado até a morte.

Enquanto isso, Wojtek, do lado de fora, estava organizando o resgate. A primeira tentativa falhou, mas a segunda foi bem sucedida; o caminhão no qual Czarny, ainda vivo, estava sendo conduzido da sede da Gestapo à prisão foi emboscado por Wojtek e seus homens. Na luta, Wojtek foi mortalmente ferido. Ele morreu dois dias depois. Suas últimas palavras foram endereçadas a seu amigo Czarny.

Czarny também estava morrendo noutra parte da cidade, dos múltiplos ferimentos e de exaustão. Sua morte foi lenta e dolorosa. Entretanto, ele estava cheio de alegria e continuou a fazer graça e rir com seus amigos até o fim. Suas últimas palavras, saídas dos lábios já azulados e sem sangue, foram os versos de Slowacki<sup>160</sup>:

Imploro aos ainda vivos que não percam a esperança,  
Mas que, quando chegar a hora de avançar para a morte,  
Que o façam como pedras lançadas por Deus sobre uma grande  
muralha.

Assim ele passou para juntar-se ao seu amigo, que morreu mais ou menos no mesmo dia e hora. Eles tinham 22 anos de idade.

Os polacos, a acreditar-se em sua própria autoavaliação, não são um povo lá muito dado ao humor. Sofreram muito e, em consequência,

---

<sup>159</sup> Exército alemão.

<sup>160</sup> Juliusz Slowacki, poeta e dramaturgo polonês (1809-1849).

tendem a levar a vida a sério. Desde o começo a base do Escotismo naquele país foi moral e cristã, e o décimo artigo da Lei Escoteira “O Escoteiro é limpo no pensamento, na palavra e na ação” – tornou-se um “Décimo-primeiro Mandamento [somado aos Dez da Bíblia]” para todos que ingressaram no Movimento. Paradoxal como possa parecer, o Escotismo foi ao mesmo tempo um fator de fortalecimento dos laços familiares e um substituto para eles. Ser Escoteiro era amar, honrar e respeitar a família da qual se fazia parte, mas se essa família viesse a ser destruída – e na Polônia a quantidade das que sofreram tal destino pode ser contada não às dezenas, mas às centenas de milhares –, então havia uma família mais ampla à qual o Escoteiro pertencia, em virtude da Promessa que havia feito e do uniforme que vestira. A grande família Escoteira, com seus milhões de membros, tornou-se sua família; as alegrias deles eram as suas, as tristezas deles eram as suas, as realizações deles eram as suas. Este aspecto do Escotismo, antevisto pelo Fundador mas pensando por ele muito mais como aplicado aos socialmente pobres e atrasados do que à juventude de uma nação oprimida, foi, mais do que em qualquer outro país, enfatizado na Polônia. Lá, era maximamente necessário manter alguma espécie de espírito familiar, de modo a opor-se de todas as maneiras possíveis a que o Estado tomasse conta das funções da vida familiar. As dificuldades sob o brutal e selvagem tacão da Alemanha nazista eram enormes, especialmente no campo da educação. A ocupação da Polônia destruiu, em questão de dias, o trabalho de muitos anos. Antes de se passarem muitos meses, todas as escolas para garotos acima de 12 anos de idade foram fechadas, exceto por um reduzidíssimo número de escolas técnicas. Somente poloneses que consentissem em trabalhar com os conquistadores, e seu número era ínfimo, poderiam obter educação.

Foi nesse grande momento de crise que as crianças polonesas elevaram-se acima do nível de seu destino. Um sistema educacional clandestino, elaborado como uma colcha de retalhos, mas

admiravelmente vigoroso, foi construído, e o seu crescimento e manutenção foram garantidos pelas próprias crianças. “O aluno reclamão com o rosto matinal amassado e a mochila, arrastando-se de má vontade rumo à escola” não era espécime encontradiço na Polônia. Meninos e meninas iam para suas escolas secretas com uma gana que teria deixado Tom Brown<sup>161</sup> aturdido, e espantados os examinadores de grau escolar. As escolas eram regidas pelos Chefes de Tropa, e os alunos eram os Escoteiros da Tropa. Grupos organizados reuniam-se nas casas de professores, e assim, por meio do Escotismo, uma rede de professores e alunos estendeu-se por todo o país. Considerando que os alemães não permitiriam que se reunissem mais de três pessoas em qualquer lugar, tinha-se de tomar o máximo cuidado. Se alguma dessas escolas clandestinas fosse descoberta, ou mesmo se seus frequentadores fossem encontrados na rua de posse de algum livro escolar, punição rápida e imediata caria sobre todos. Mestres e alunos seriam mandados para trabalhos forçados na Alemanha [ou para os campos de extermínio]. As turmas, em consequência, tiveram de ser divididas ao meio. Metade ficava lidando com os livros e lições enquanto a outra metade ficava de sentinela. “Alguns dos meus meninos menores” – conta um professor polonês – “ficavam de guarda do lado de fora da casa onde eu estava lecionando. Quando algum deles via um soldado se aproximando, ele tossia, ou batia com o pé numa parede, ou fazia algum outro ruído previamente combinado. Então, ele abordava o soldado e tentava entabular conversa com ele, enquanto seu parceiro – pois os que ficavam de vigia sempre trabalhavam aos pares – corria para avisar a turma que havia perigo. Isso exigia grande coragem dos muito jovens, e eles a demonstraram”. Cenas como essa eram representadas por anos a fio por toda a Polônia. Era certamente a escolarização mais dura que o mundo já vira. Um fenômeno tornou-se imediatamente aparente, e assim permaneceu. Nenhuma punição era

---

<sup>161</sup> Personagem do romance *Tom Brown's school days*, obra de Thomas Hughes publicada em 1857, ambientada no cotidiano de uma escola pública para garotos.

necessária, nem houve em momento algum falta de disciplina. Cada criança conhecia os riscos envolvidos e esforçou-se humanamente para adquirir todo o conhecimento disponível. A escolarização clandestina era apenas uma das múltiplas atividades a que os Escoteiros poloneses tenazmente se dedicaram. Houve outras que, à medida que a guerra prosseguia, tornaram-se cada vez maiores. Em adição às pequenas sabotagens praticadas por garotos como Wojtek e Czarny, havia, por exemplo, a grande organização de imprensa subterrânea, conduzida majoritariamente por Escoteiros e antigos Escoteiros, responsável pela impressão e distribuição de folhetos noticiosos clandestinos e pela manutenção de comunicações secretas por rádio com os Aliados. Havia os clubes atléticos, ostensivamente fundados para a organização de esportes, mas na verdade para promoção da resistência. E então, quando a rebelião aberta irrompeu em Varsóvia em 1944, houve os famosos Escoteiros e Guias do Exército Doméstico, cidadãos da capital combatente, Zoska, Parasol, Wigry e os demais, que rastejaram por milhas e milhas de tubulões para entregar mensagens e cartas de esperança e conforto. Esses jovens carteiros eram conhecidos como Mensageiros da Alegria, e levaram esperança e conforto aos cidadãos cujos filhos, rapazes e moças, estavam nas barricadas. Saber que eles haviam morrido lutando por seu país trazia algum consolo. Más notícias, ainda que fossem as piores, ainda eram melhores do que notícia nenhuma. Certamente o grande jogo de Baden-Powell nunca fora jogado em condições tão austeras e tão heroicas.

Com o prosseguimento da guerra, as dificuldades para recrutar homens e mulheres adequados para treinar Escoteiros aumentaram. Trabalhos forçados, massacres, baixas de combate, tudo isso raleou as quantidades daqueles aptos pela idade e educação para prosseguir na tarefa. Ela era tão importante que escolas secretas para o treinamento de Chefes Escoteiros se estabeleceram na arruinada Varsóvia, nas florestas perto de Lublin, nas montanhas dos Cárpatos, nos campos de Mazowsze. Aí, candidatos selecionados vinham para a instrução e eram

visitados regularmente pelos Comissários Escoteiros do Distrito. O curso durava uns poucos dias, por vezes apenas um final de semana, mas o treinamento Escoteiro era intensivo e vigoroso, incluindo os jogos e esportes favoritos dos tempos de paz, e aquele ponto central da atividade Escoteira, o Fogo de Conselho. Nesses lugares, aqueles que ensinavam e aqueles que aprendiam podiam, por um breve momento, esquecer a dominação por um povo estrangeiro, e traduzir pausada e lentamente, mas nem por isso menos assertivamente, seus sonhos de liberdade em ações.

Retornando confortados às durezas do seu dia a dia, eles punham em prática o que aprenderam na quietude dos bosques e das clareiras das altas montanhas. Alguns trabalharam por meses sem serem detectados. Outros foram menos afortunados. Destes, o mais reverenciado talvez seja Stanizlaus Sedlacek, um dos primeiros poloneses a se tornar Escoteiro, e por muitos anos foi o Comissário Nacional na Polônia. Retornando de uma visita às escolas de Escotistas, esse homem de sessenta anos, tradutor do *Guia do Chefe Escoteiro* para o polonês foi apanhado e lançado no terrível campo de Oswiecim [Auschwitz]. Sedlacek não fez esforço algum para esconder sua identidade ou a natureza do chamado a que respondia, e os guardas alemães determinaram-se a fazer dele um exemplo e a quebrar seu espírito. Com alguns outros, ele foi obrigado a carregar caminhões com pesadas barras de ferro e, quando a carga estivesse completa, descarregá-la novamente. Esta forma de tortura – pois não é outra coisa – durou todo o dia, e sempre que Sedlacek fazia alguma pausa, tomado pelo cansaço, ele era chutado na cabeça e no estômago até perder a consciência. Ele era, então, revivido por meio de um balde d'água gelada e voltava a ser chutado. Ele aguentou esse tratamento da alvorada ao crepúsculo e entrou em forma no dia seguinte com os demais, miseravelmente fraco e doente. Mas “seus olhos estavam brilhantes e animados”, como recorda um dos que sofreram com ele e que conseguiu sobreviver. Ele era até mesmo capaz de sorrir quando se curvava uma

vez mais para sua tarefa sem sentido, mas não demorou muito para que suas pernas se recusassem a fazer seu trabalho e ele caísse. “Um guarda apanhou uma barra de ferro e atingiu o homem semiconsciente na cabeça, uma, duas vezes e novamente. Então ele jogou longe o pedaço de ferro todo vermelho de sangue. Um grande cachorro pertencente ao campo se aproximou e lambeu o sangue quente que soltava vapores no ar frio”. Isso aconteceu no começo de dezembro de 1941.

A produção e distribuição de jornais clandestinos e boletins de notícias era, como já foi dito, um trabalho no qual os Escoteiros da Polônia exerceram um papel da mais alta importância. a circulação das cópias feitas em segredo era ao mesmo tempo monótona e perigosa, primeiro porque o “jornaleiro”, usualmente um Escoteiro, podia acabar esquecendo que havia algum perigo em seu chamado, e deixar, portanto, de vibrar com essa tarefa diária, cumprida em quaisquer condições climáticas, de caminhar milhas e milhas por ruas desalinhadas (vielas), subir escadarias infinitas, frequentemente carregando pacotes pesados para os “pontos” onde eram divididos em conjuntos menores, e finalmente distribuídos individualmente. A pontualidade era vital, pois os pacotes, especialmente os contendo grandes cargas de jornais ilegais, não podiam ser depositados em qualquer lugar, um apartamento, um escritório ou um porão, por mais que umas poucas horas, sob pena de serem descobertas, com as inevitáveis consequências fatais. Mais ainda, os “jornaleiros” tinham de entregar cada cópia do boletim informativo a cada cliente numa determinada hora para assegurar-se de haver alguém lá para receber o papel. Ele não podia ser simplesmente enfiado por debaixo da porta. Quando se recorda que, no fim das contas, cinquenta mil cópias do boletim informativo foram impressas e distribuídas por toda a Polônia, o nada espetacular feito diário dos Escoteiros pode ser devidamente reconhecido.

Às vezes, o próprio papel era uma forma de proteção. Um garotinho, Mis, deu de cara com uma patrulha alemã quando estava transportando dez cópias do boletim. Os três grandalhões germânicos revistaram-no no local e não demorou para que encontrassem os incriminadores folhetos noticiosos. Apesar de nenhum dos alemães poder verdadeiramente ler polonês, eles podiam entender facilmente o significado daquelas pequenas folhas com suas caricaturas. Mantido em suas garras, Mis ficou rígido tentando não tremer. No dia anterior, eles haviam prendido Zbyszek, e uma semana antes, Antek. Agora era sua vez. De repente, a pressão em seu ombro relaxou-se. O homem que examinava os boletins enfiou-os apressadamente nas mãos de Mis e os três alemães giraram sobre os calcanhares e puseram-se a correr com quantas pernas tinham assim que viraram a esquina da rua. Surpreso, Mis olhou ao redor e viu, caminhando em sua direção, seis jovens poloneses com as mãos nos bolsos das jaquetas. Vendo seu espanto, eles pararam e perguntaram-lhe qual era o problema. Ele explicou e mostrou-lhes os boletins que os alemães haviam-lhe devolvido. Todos eles começaram a rir, pois perceberam de imediato por que os alemães haviam fugido. Vendo-os andando em grupo com as mãos nos bolsos, os alemães os confundiram com membros da Resistência que estariam acompanhando Mis, que eles sem dúvida supuseram ser um dos mensageiros do exército subversivo. Era costume prover escolta a um mensageiro que levasse documentos importantes, e aqueles alemães não tinham vontade nenhuma de confrontar-se com tais homens desesperados.

No verão de 1943, num esforço para apertar seu controle da situação, que lhes escapava entre os dedos, os alemães desenvolveram a prática de cercar algumas ruas em cada cidade e então dar buscas em cada casa, porão e sótão na área assim isolada. Por vezes eles conseguiam um sucesso considerável, particularmente no começo, quando suas incursões eram inesperadas, e por essa forma eles obtiveram estoques consideráveis de comida do mercado-negro, usadas

principalmente como rações para os membros do Movimento de Resistência, e também de material comprometedor, do qual a carga principal era do boletim informativo. Numa quente manhã de julho de 1943, o Escotista Wojtek (não confundir com o outro Wojtek que dera a vida por seu país três meses antes) estava a caminho para recolher a mais recente emissão de ordens para despachar para todas as principais cidades da Polônia, quando um “jornaleiro” que passava sussurrou em seu ouvido uma única palavra, “Lapanka”. Isso era gíria da Resistência polonesa, e significava que os alemães estavam nas ruas, incursionando. Prosseguindo com cautela, Wojtek logo descobriu que a área isolada para buscas incluía a rua Kowelska, onde ficava o apartamento em que se guardava a edição do boletim. Imediatamente, ele seguiu para aquela rua e encontrou a agente de ligação, uma garota chamada Gena, que o esperava. Ela estava muito nervosa, e informou que a gestapo, que já removera três caminhões de gente de suas casas, alcançaria o apartamento dentro de, no máximo, meia hora. Wojtek chamou um Escoteiro de 14 anos, Edek, mandou-o comprar um grande ramallete de flores e meio quilo de maçãs, e então pegar um táxi e seguir imediatamente para o apartamento. O garoto correu para as lojas, Wojtek e Gena para o apartamento. Não lhes foi difícil entrar, pois os alemães não prestavam atenção em quem entrasse na área isolada; eles se preocupavam apenas com aqueles que saíssem dela. Wojtek e Gena rapidamente empacotaram a edição do boletim em duas grandes valises<sup>162</sup> que eram mantidas sempre à mão para esse fim, e tinham acabado de fazer isso quando o táxi, transportando o jovem Edek com seu ramallete e suas maçãs, chegou. Wojtek e Gena desceram as escadas, uma valise pesada numa das mãos e uma maçã na outra. Eles estavam rindo, pois, disse Wojtek quando chegaram à porta da rua, “Você deve se lembrar, Gena, que acabamos de nos casar e estamos partindo em lua-de-mel. Como nossa bagagem é pesada”. Colocando as

---

<sup>162</sup> Espécie de mala de mão destinada a acomodar roupas.

valises sobre o táxi, eles embarcaram em meio às aclamações dos vizinhos, Gena agarrando o buquê nupcial comprado por Edek. Cinco soldados alemães apareceram naquele momento, vindos de uma casa próxima, e pararam o táxi. Wojtek explicou a situação. “Estas valises”, disse ele, “já foram revistadas. Estou partindo em minha lua-de-mel. Certamente vocês não teriam coração tão duro”... – os germânicos acenaram-lhes para passar. Naquela noite, a edição do boletim foi despachada com segurança para seus vários destinos. É agradável registrar que Wojtek e Gena eram casados de fato, tal como na encenação. Um menino, Chris, nasceu algum tempo depois, mas Wojtek só veria seu filho pela primeira vez depois de ser libertado de um campo de prisioneiros de guerra alemão, pois fora capturado no levante de Varsóvia.

Foi durante o feroz e terrível cerco de Varsóvia em 1944 que os Escoteiros e Guias na cidade enviaram um emissário com uma mensagem para seus irmãos e irmãs na Inglaterra. No seu trecho mais significativo, ela lembrava que os Escoteiros na Polônia cresceram com os mesmos inalterados princípios do Escotismo seguidos pelos Escoteiros britânicos. “Todas as organizações Escoteiras”, dizia o texto, “partilham a responsabilidade pelo Escotismo internacional tanto quanto por cada associação separada em cada país. Elas não devem limitar-se exclusivamente à sua respectiva pátria”, e prosseguia para dizer que o Movimento Escoteiro Polonês fundava-se na Lei e na Promessa conforme enunciadas por Baden-Powell, e que eles sempre se mantiveram fiéis a esses princípios, a despeito de quase cinco anos de combate subterrâneo. Era sua intenção permanecer-lhes fiéis até o fim.

Após 63 dias de amargos combates, a insurreição foi esmagada, e em 3 de outubro de 1944, Varsóvia caiu pela segunda vez. Era um dia frio e cinzento, e numa casa na rua Wilcza, mais de uma centena de Escoteiros e Guias se haviam reunido. Eles conheciam bem o local, pois alguns deles haviam ajudado no hospital que ali havia sido montado. Agora, tudo que restava era um esqueleto de tijolos e alvenaria cheios

de cicatrizes. Uns poucos eram Chefes Escoteiros que haviam comandado unidades Escoteiras no Exército Doméstico, mas a grande maioria daquele bando silente era de rapazes e garotas com idade a partir de 12 anos, dos quais todos haviam estado fortemente engajados na luta. Eles haviam levado mensagens, mobiliado postos de primeiros socorros e equipes de combate a incêndio, cuidado de crianças sem casa, operado a agência postal Escoteira, imprimido e distribuído jornais e panfletos, cantado canções para entreter civis aterrorizados escondidos nos porões durante bombardeios, cozinhado para o exército. Ali estavam eles, em pé, formados em ferradura nas ruínas de sua cidade, e dentre eles quarenta haviam naquela manhã sido condecorados com a Cruz de Mérito e a Cruz de Bravura pelo Comissário Chefe. Ele não fez nenhum discurso, nem houve nenhum adeus. Todos que se encontravam ali no “terrível silêncio das ruínas” sabiam que, em toda probabilidade humana, eles jamais se encontrariam novamente, mas isso não os desanimou. “Lentamente, solenemente, eles recitaram a Promessa Escoteira, que tanto significava para eles. Todos eles entendiam que o serviço a Deus, à Polônia e ao próximo lhes mostraria o caminho correto, o que quer que lhes acontecesse”. Assim eles permaneceram por um momento, entre as casas destruídas, respirando pela última vez o ar carregado de fumaça da cidade em chamas. Então, eles cantaram o Hino Nacional Polonês e como um ato desesperado de fé, disseram uns aos outros que a Polônia ainda vivia e para sempre viveria. “Czuwaj”, “Sempre Alerta”, eles disseram. Para eles, isso não era frase de papagaio. Eles haviam aprendido seu significado através de dias amargos que, como eles viam agora, haviam sido uma promessa do pior que havia de vir. O Comissário Chefe comandou “Firme” e “debandar”, e eles foram-se embora, aqueles pertencentes ao exército para campos de prisioneiros de guerra em algum lugar na Alemanha, os civis para o trabalho escravo. Por cima, o céu ainda estava cinzento e o sol não brilhava<sup>163</sup>.

---

<sup>163</sup> Stalin e seus sucessores manteriam a Polônia como satélite soviético até fins da década de 1980. Os

## DINAMARCA

É marcante o contraste entre o destino que coube aos Escoteiros da Dinamarca, o próximo país a ser submetido pelos alemães, e o daqueles da Polônia. Mas a Dinamarca era um país confortável do qual os alemães muito necessitavam para provê-los de leite, manteiga, bacon e outros alimentos. Os dinamarqueses tinham de ser bem tratados e pacificados, se não numa sensação de segurança, pelo menos numa de aquiescência. De acordo com essa percepção, o mínimo de restrições possível foi-lhes imposto. O Escotismo foi autorizado a continuar plenamente e livremente, exceto pelo fato de não se poder acender fogos de campo durante as horas de escuridão devido à regulamentação dos *black-outs*. Após certo tempo, o núcleo relativamente pequeno de nazistas dinamarqueses ativos fez uma tentativa de iniciar um movimento juvenil financiado pela Alemanha e devotado aos ideais germânicos. Este movimento teve um efeito marcante sobre os Escoteiros dinamarqueses, apesar de talvez não ser exatamente aquele que os conquistadores pretendiam. O número de Escoteiros cresceu e todos os seus Ramos eram estimulados. Os dinamarqueses, com lembranças da guerra de 1864, não tinham grandes amores pelos alemães<sup>164</sup>. Não obstante, ainda se passou algum tempo até que eles adotassem medidas ativas em escala similar às predominantes em outros países ocupados. Não foi senão em 1944, quando a Associação Escoteira Dinamarquesa foi oficialmente abolida, que muitos dos Escoteiros mais velhos, Pioneiros e Escotistas juntaram-se ao nascente Movimento de Resistência. Em breve, alguns dos seus grupos eram constituídos inteiramente de Escoteiros, e eles provaram ser de grande ajuda para os judeus, dos quais 90% obtiveram êxito em evadir-se para a Suécia, muitas e muitas vezes por meio dos Escoteiros.

---

poloneses não comunistas teriam de recomeçar a vida no Ocidente.

<sup>164</sup> Contexto das guerras de unificação da Alemanha, que se concretizaria em 1870-71, com a derrota da França de Napoleão III.

No curso destas e outras operações contra o inimigo, mais de um Escoteiro perdeu a vida, alguns sendo judicialmente assassinados, outros levando tiros a sangue-frio ou no calor da batalha. Entre eles estava Orla, que, em 13 de janeiro de 1944, foi preso por prestar auxílio a agentes britânicos lançados de paraquedas na Dinamarca. Com o moral elevado, ele foi encaminhado para um campo de concentração, onde logo se tornou um líder local entre os internos, e tinha força de caráter suficiente para protestar quando algum deles era torturado. Foi provavelmente devido ao seu comportamento corajoso que os alemães determinaram-se a fazer dele um exemplo. Em 24 de maio ele foi condenado à morte e, a despeito de uma apelação interposta por seus pais ao Dr. Best, Ministro alemão na Dinamarca, foi executado às quatro horas da manhã seguinte. Ele morreu com grande compostura, e em sua última carta para os pais ele escreveu: “A vida só me deu coisas boas. Não sou nenhum miserável acusado que suba ao patíbulo com os joelhos tremendo... Escrevo esta carta às 11:35h da noite, e me sinto bastante seguro de que passarei uma noite animada rapidamente, dormindo. A guerra clama por muitas vítimas, e eu sou uma delas. Espero que meu sacrifício não seja em vão”. Aos seus irmãos Escoteiros ele enviou uma mensagem: “Na vida”, ele escreveu, “nós precisamos ter um objetivo, e por ele nós devemos lutar e nunca fazer conchavos”.

Do mesmo puro metal era Charles, o radioperador de um grupo de transmissões rádio clandestino. Em 26 de abril de 1944, a casa onde ele trabalhava foi cercada, mas em lugar de se render ele lutou até à morte, matando alguns inimigos antes de ele mesmo tombar. Um destino semelhante derrubou Preben, que, em 9 de agosto, após ter estado na prisão por alguns meses, foi assassinado junto com dez dos seus companheiros, num porão no quartel-general da Gestapo em Copenhague, um ato que causou o maior ressentimento por todo o país. Dos onze que morreram naquele dia, 4 eram Escoteiros.

Eric era um membro muito ativo do Movimento de Resistência. Sozinho e demonstrando grande ousadia, ele fez muitas jornadas entre

vários de seus grupos, a cada vez levando uma remessa de armas numa grande bolsa que raramente estava sem equipamentos letais. Ele atuou também como mensageiro na organização de correio clandestino, abrigou fugitivos da Gestapo, e manteve uma volumosa correspondência com amigos e apoiadores na Suécia. Em 13 de janeiro de 1945, a Gestapo deu busca na casa de seus pais, mas Eric havia, de há muito, deixado o lar. Sem ter encontrado nada, os agentes partiram, mas, quase em seguida, Eric chegou e, ao saber do que ocorrera, saiu para alertar um outro membro da Tropa à qual pertencera e que morava ali perto. Ao entrar na casa, ele levou tiros na perna e no estômago. O ferimento, ele sabia, era mortal, mas ele sabia também que podia durar algumas horas, durante as quais a Gestapo não hesitaria em torturá-lo para obter informações que sabiam que ele teria sobre o movimento de resistência. Ele levantou o revólver e estourou os próprios miolos.

Preben, assassinado na adega de Copenhague, era um membro da organização de correio clandestino. O “malote” era encaminhado à Suécia através de uma das numerosas ilhas dinamarquesas. Em uma ocasião, um grupo transportando um “malote” estava para descê-lo a terra, quando o ruído de seis tiros de fuzil seguidos do grito de um homem ferido deram-lhes aviso da presença de alemães. Um momento depois, eles foram abordados por três soldados germânicos, mas os que carregavam as bolsas de correio estavam vestindo uniformes da polícia dinamarquesa e blefaram para ser-lhes franqueado o acesso ao barco, que conseguiu pôr-se a salvo. Na escuridão, outro membro da Resistência estava esperando, com os malotes vindos da Suécia, que haviam acabado de ser desembarcados. Na confusão, e temendo que eles pudessem ser capturados, ele os escondeu sob uma cerca viva e relatou a localização no dia seguinte. Uma vez mais, os “carteiros” clandestinos envergaram seus uniformes policiais, saíram em suas bicicletas e recolheram os malotes faltantes. Eles foram bem-sucedidos em enganar um oficial alemão dizendo-lhe que os malotes continham listas de barcos pesqueiros dinamarqueses, e conseguiram trazê-los em

segurança para Copenhague. Dois dias depois, o homem que escreveu o relatório contando a história foi capturado pela Gestapo e passou quinze meses em um campo de concentração. Todos os envolvidos eram Escoteiros.

A posição geográfica da Dinamarca fez o contrabando de armas para dentro do país, por *partisans* dinamarqueses, de certa forma mais fácil do que em outros países. O grosso do armamento vinha da Inglaterra, na maior parte lançado em paraquedas, mas às vezes trazido pelo mar, em navios que se encontravam com pescadores dinamarqueses a umas 270 milhas da costa. Após o transbordo, as armas eram descarregadas em vários pontos da Dinamarca, em quantidades tais como quatro toneladas e meia de metralhadoras, pistolas e granadas demão sendo contrabandeadas com segurança. “Começamos a descarregar à meia-noite no cais, a apenas 75 metros da guarda alemã”, conta o relatório de um Escotista. “Tudo fluiu bem. As mercadorias foram carregadas num caminhão, e pareciam caixotes de peixe. Duas horas depois, estávamos prontos para levar tudo para um armazém duas milhas fora da cidade. Os guardas relataram que tudo estava em ordem, quando repentinamente quarenta soldados alemães vieram marchando pela escuridão, de tal maneira que nosso carro quase atropelou a força inteira. Somente por desviá-lo para a margem macia da estrada é que se evitou uma colisão. Mas o carro ficou preso no acostamento e nós ficamos mais ou menos certos de que estávamos condenados. Houve uma tremenda confusão entre os soldados, com a usual gritaria que caracteriza esse povo. Quietamente o restante de nós aprontou-se para atirar, preparando-se para o pior. Estávamos de acordo quanto a vender nossas vidas tão caro quanto possível. Mas os alemães não suspeitavam de nada. Esforçamo-nos para desatolar o carro, mas sem sucesso. Que mais podíamos fazer a não ser pedir aos alemães para ajudar? Assim o fizemos, e o carro ficou livre. Os alemães prosseguiram sua marcha. Nós prosseguimos para nosso depósito de

munição, mas é preciso admitir que nossos corações batiam loucamente”.

As armas e explosivos assim contrabandeados foram usadas para sabotagem, e para dar aos sabotadores, muitos deles antigos Escoteiros, uma chance de se defenderem, se fosse necessário. Um carregamento que chegou à Dinamarca em 1944 tinha aterrissado numa pequena ilha, consistindo de algumas carabinas com munição. Três Escotistas foram enviados para recolhê-las, e acabaram trazendo-as ao continente dentro de uma ambulância que os alemães, num gesto de gentileza, permitiram fosse embarcada numa balsa reservada à Wehrmacht. Assim, essa remessa de armas foi transportada cercada por homens contra os quais destinava-se a ser usada. Em outra ocasião, um Escoteiro dinamarquês induziu um soldado alemão a ajudá-lo a empurrar seu triciclo subindo uma ladeira íngreme. Na cesta de transporte estava um grande caixote de madeira marcado “FRUTAS FRESCAS”. Ele continha pistolas automáticas. Era constantemente necessário mudar os depósitos de armas de um lugar para outro de modo a minimizar a chance de serem descobertos. Durante uma dessas operações, deflagrou-se um combate entre alemães e dinamarqueses, e um cordão de isolamento foi instalado, atravessando a rua na qual se situava o depósito de armas. Felizmente, a quantidade era pequena e podia ser escondida num carrinho de bebê. E o foi, apesar do bebê ter protestado veementemente contra deitar sobre um colchão duro e empelotado de armas automáticas. Dois antigos Escoteiros foram enviados para explodir uma rotunda<sup>165</sup>, e foram bem sucedidos em fazê-lo, a despeito do cordão de guardas que os alemães haviam disposto nas saídas de todas as ruas que levavam ao pátio em que ela se situava. No momento em que a explosão foi ouvida, estes guardas prenderam todo mundo que estava na rua. Apenas dois homens foram autorizados a passar pelo cordão. Eles estavam vestidos para a noite, muito

---

<sup>165</sup> Plataforma giratória, usada em pátios de manobras de ferrovias, que permite mudar partes de um trem de uma linha férrea para outra.

bêbados e muito propensos a cantar. Esses eram os sabotadores. O líder de um grupo de sabotagem foi atingido por nove tiros e levado por seus companheiros a um hospital para ser tratado. “Temendo que a Gestapo pudesse encontrá-lo ali”, diz o relatório, “nós o trouxemos no dia seguinte numa ambulância que havíamos ‘tomado emprestada’ para a ocasião. Tudo correu bem, mas quando estávamos para deixar o hospital ocorreu-nos que seria melhor se as enfermeiras pudessem contar a história de terem sido coagidas por armas apontadas. Um dos meus companheiros Escoteiros fez a seguinte combinação: ‘Senhoras’, disse ele, ‘agora vocês precisam prometer não se assustar. Em um momento, eu arranjurei uma pistola – pequena – que está em condição de segurança’. Assim ele fez, e colocou a pistola na palma da mão. ‘Agora, senhoras, vocês já sabem com que uma pistola se parece, e quando a Gestapo chegar para inquiri-las, vocês podem declarar que foram forçadas ao silêncio e retidas por sabotadores armados com revólveres e pistolas’. As enfermeiras estavam de acordo e agiram em conformidade”.

Nem sempre as equipes de sabotagem eram bem sucedidas. Uma delas, composta em sua maior parte por Escoteiros, não conseguiu destruir uma fábrica grande e fortemente guardada na periferia de Copenhague, pois eles foram descobertos pelo “cachorro”, um soldado alemão acompanhado de um cão pastor-alsaciano. Ele deu o alarma, e eles tiveram que combater para sair, mas sobreviveram para tirar proveito da experiência e posteriormente causar muitos danos. Mais afortunada foi a destruição de um grande navio tomado pelos alemães, que o usaram para transportar suprimentos e material de guerra. O líder da equipe de sabotagem, um antigo Escoteiro, desceu para o cais com uma vara de pesca ao ombro. Ele começou a pescar, a alguma distância do navio, mas pouco a pouco foi-se aproximando até ficar bem perto do costado. Sua vara de pescar tinha sido especialmente preparada e, em lugar do anzol, no fim da linha havia um poderoso ímã, que, quando o “pescador” estava perto o suficiente do navio, aderiu ao

casco. O “pescador” cortava a linha e repetia o processo com outra linha e outro ímã, noutra ponta do costado. Na outra ponta das linhas cortadas, bombas de ação retardada foram amarradas e gentilmente postas n’água. Elas explodiram uma hora mais tarde e arrombaram o fundo do navio.

A coragem e inteligência de dois Escotistas uma vez obteve uma grande entrega de combustível para o Movimento de resistência. Eles acompanharam um caminhão-cisterna [caminhão-pipa] tripulado por dois alemães e um motorista, que visitou vários postos de abastecimento e extraiu combustível de cada um até ficar de tanque cheio. De fato, já estava com combustível pela borda quando os dois Escotistas subjugarão os alemães com pistolas, desarmaram-nos e amarraram-nos, e então “agradecerem-lhes pelo seu trabalho de três horas de árduo bombeamento” antes de partir com o caminhão-cisterna.

A ação mais benéfica que qualquer Escoteiro dinamarquês possa ter executado durante a guerra foi, inquestionavelmente, a obtenção de fotos de uma bomba experimental alemã V1, e a bem-sucedida remessa delas para a Suécia. Uma destas bombas, com uma ogiva de concreto, disparada de Peenemünde<sup>166</sup>, caiu na ilha de Bornholm. Aconteceu de um Escoteiro dinamarquês estar trabalhando a uma milha de distância. Imediatamente, ele pegou sua câmera, correu para o local e fotografou a bomba de todos os ângulos que pôde. Mal tinha ele acabado, quando chegaram os inevitáveis guardas germânicos e estenderam um cordão de isolamento ao redor do míssil. Dois dias depois, o Escoteiro furtou um barquinho à vela e atravessou para a Suécia com uma tripulação de cinco pessoas. Eles não tinham senão uma bússola, e com alguma dificuldade evadiram-se de algumas embarcações alemãs no Estreito. Chegando a Estocolmo, o Escoteiro imediatamente entregou no destino correto as fotos e uma descrição da bomba.

---

<sup>166</sup> Local de desenvolvimento das bombas voadoras V1 e dos foguetes balísticos V2.

Com motivos talvez não tão fortes quanto os de outros países ocupados, pois até os últimos meses da guerra a perseguição aos dinamarqueses não foi tão severa como noutros lugares, os Escoteiros dinamarqueses, não obstante, mostraram as mesmas qualidades de resistência que seus irmãos menos afortunados, e assim prestaram relevante serviço ao seu país.

#### NORUEGA

A invasão da Noruega ocorreu vinte e quatro horas após a da Dinamarca. Os noruegueses são um povo corajoso, tão modesto quanto bravo. Como os dinamarqueses, eles foram apanhados completamente de surpresa, e a rapidez do golpe alemão deixou-os totalmente atônitos<sup>167</sup>. Num momento eles eram um pacífico país neutro, preocupados, é claro, por um lado com as demandas dos ingleses e franceses, reclamando que a navegação germânica estava se aproveitando da segurança de suas águas territoriais – houve mais que um pequeno problema concernente ao *Altmark*<sup>168</sup>, de infausta memória –, e pelo outro lado com a crescente pressão diplomática dos alemães. Entretanto, não parecia ao seu Governo e ao seu Rei que uma crise pudesse vir sobre eles, quando de repente ela desceu, mergulhando com a velocidade, precisão e impacto de uma águia.

---

<sup>167</sup> Os desembarques alemães ocorreram em 9 de abril de 1940. A operação, na verdade, não começou tão bem quanto os invasores esperavam: o cruzador pesado *Blücher*, novo em folha, carregando centenas de soldados de Infantaria destinados à invasão de Oslo, entrava pelo Oslofjord quando foi atingido por duas salvas dos canhões costeiros da fortaleza de Oscarsborg (três peças antigas de 11 polegadas, batizadas “Josué”, “Moisés” e “Aarão”), que o avariaram seriamente e permitiram que torpedos disparados de baterias em terra também o atingissem; explosões nas caldeiras e nos depósitos de munição fizeram que o navio fosse a pique, com grande perda de vidas.

<sup>168</sup> O navio *Altmark*, alemão, operava em apoio à ação corsária do encouraçado de bolso *Admiral Graf Spee*, como seu reabastecedor. Recebeu a bordo os sobreviventes dos navios mercantes afundados pelo encouraçado. Em fevereiro de 1940, ele se dirigia à Alemanha com 299 prisioneiros britânicos. Em águas norueguesas, ele foi visitado pelas autoridades navais daquele país, então neutro, com os alemães declarando que estava em cruzeiro puramente comercial, sem deixar perceber a presença dos ingleses. Pouco depois, ainda em águas norueguesas, o navio foi interceptado pelo contratorpedeiro britânico *HMS Cossack*, cujos tripulantes abordaram o *Altmark*. Após breve combate, tomaram o navio e puseram em liberdade os prisioneiros, que puderam ser reconduzidos à Inglaterra.

Por um momento, o país ficou paralisado. Todas as formas de atividade corporativa, incluindo o Escotismo, cessaram, mas os Escoteiros permaneceram, e imediatamente começaram a mostrar de que eram feitos. A chegada dos germânicos a Oslo e a Bergen foi o sinal para algo não muito distante de pânico. Os escoteiros adiantaram-se imediatamente e cumpriram seu dever. “Vi Escoteiros absolutamente tranquilos”, relata um Chefe Escoteiro, “tentando impedir pessoas de entrar em pânico naquele 10 de abril. Em todas as grandes cidades os Escoteiros auxiliaram a polícia, o corpo de bombeiros, os hospitais, etc. Eu me lembro de que em Oslo a situação não estava muito clara, e não era possível saber quem era amigo e quem era inimigo. Então um camarada, Helge Inster, que fora o Comissário Real para os Escoteiros, foi enviado pelo pessoal da Saúde para levantar a situação quanto ao que seria preciso no que dizia respeito a sanitarismo, primeiros socorros, etc., no interior. Nesta expedição ele tinha consigo um Escoteiro que era um jovem estudante de Medicina, e quando retornaram ele disse: ‘Vamos montar três expedições e você precisará ser o encarregado de uma delas’, e este camarada respondeu: ‘Eu sou apenas um estudante; não posso assumir a chefia’. Então Inster disse: ‘Sei disso, mas você é um Escoteiro’”. Ele assumiu a chefia da missão.

Como em Oslo, ocorreu em outros lugares. Chefes Escoteiros e Escoteiros vinham à frente para acalmar as pessoas. Eles estavam motivados por uma carta dirigida a eles pelo Escoteiro-Chefe da Noruega. “Agora a guerra está aqui”, ele disse, “e é inútil perguntar por quê e por quanto tempo. O que conta é fazer o melhor das condições que se apresentam”, e ele prosseguia para estimular os Escoteiros a aprender cada lição que pudessem e para lembrar-se de quanto dependia deles, especialmente em tempos de adversidade tais como os que agora haviam acometido o país. “Haverá necessidade de autossacrifício e ajuda mútua”, ele disse, “e lembrem-se, por mais difíceis que as coisas possam ser para vocês, sempre haverá outros em situação pior”. Ele encerrou conclamando-os a continuar a praticar o

Escotismo tanto quanto fosse possível, e em todas as ocasiões comportar-se como Escoteiros.

Eles nunca esqueceram esse conselho através dos longos anos de opressão que os aguardavam. De início, tal como na Dinamarca, os alemães se portaram bem, e o Escotismo começou a levantar a cabeça. Dois meses após a invasão, muitas Tropas se acharam em condições de organizar os costumeiros acampamentos de verão, e aquelas que não podiam retomaram seu treinamento Escoteiro. Este período, entretanto, não durou muito, pois Quisling e aquela minúscula parcela da população que o apoiava fundaram um Movimento Juvenil que eles esperavam que engolisse o Escotismo Norueguês. Estava bem organizado, mas com o passar dos meses ele ainda permanecia com baixa adesão, mesmo com os alemães já bem estabelecidos no domínio. Na altura do outono de 1941, já ficara óbvio que a persuasão não traria resultados, e então, tipicamente, os alemães golpearam com força. O Escotismo na Noruega foi suprimido. Não foram dadas explicações dos motivos. Alguns pensaram que os motivos fossem políticos; outros, que os Escoteiros nesse tempo estivessem intimamente ligados ao Movimento de Resistência, uma consequência inevitável da invasão de qualquer país pelos alemães. Ambas as opiniões estavam corretas.

A supressão do Escotismo norueguês foi facilitada pela infeliz defecção de um dos seus secretários viajantes. Ele era um *quisling* [entreguista, colaboracionista], e já era de profunda confiança dos nazistas desde bem antes da guerra estourar. Seu conhecimento foi de grande utilidade aos invasores, pois ele sabia a quantidade e o tamanho das Tropas, a localização de suas sedes, e o que tinham em fundos e equipamentos. Tendo sido instruído pelos alemães para liquidar o Movimento Escoteiro em seu país, ele emitiu uma proclamação determinando que todas as Tropas Escoteiras cessassem o treinamento e entregassem seus uniformes. Uma nota foi enviada a todo banco na Noruega para que pusessem todo o dinheiro das entidades Escoteiras

que neles estivesse depositado à disposição da Organização da Juventude Nazista.

Por este e outros atos de traição, esse *quisling* – melhor lançar seu nome ao esquecimento – acabou recebendo a devida pena, e agora [1949] está cumprindo oito anos de prisão rigorosa.

Os Escoteiros em Oslo decidiram salvar tanto quanto pudessem dos seus uniformes e equipamentos. Para tal, cada um dividiu o que tinha em dois pacotes; um continha as roupas já velhas e desgastadas; o outro, tudo que estava novo, resistente, ou ainda utilizável. Feito isso, todos esperaram até o último dia do prazo determinado na proclamação para entregar uniformes e materiais. Então eles foram em massa para o local de depósito, que logo estava cercado por dezenas de Escoteiros e Guias, todos ansiosos, assim parecia, por cumprir a lei, mas inevitavelmente causando o máximo de confusão. As autoridades que recebiam o material ficaram assoberbadas, como os Escoteiros esperavam que ficassem. Cada Escoteiro ou Guia entregou apenas o primeiro pacote, aquele contendo o uniforme desgastado e imprestável. Então eles esperaram, calculando se os alemães iriam requisitar o segundo pacote. Entretanto, estando ocupados e atrapalhados com a primeira inundação de pacotes, eles não convocaram uma segunda dose. Os Escoteiros e as Guias partiram de volta com seu material bom debaixo do braço, e o mantiveram escondido até o dia da libertação. Nos locais mais isolados do interior, no entanto, nas montanhas e nas ilhotas, os Escoteiros não tiveram tanta sorte. Todas as suas casas foram visitadas por soldados da SS ou da polícia *quisling* e revistadas, e tiveram todos os seus pertences Escoteiros confiscados. “Jens chorou o dia inteiro”, escreveu uma mãe na Noruega para sua irmã nos Estados Unidos; “os alemães vieram a noite passada e levaram embora seu uniforme Escoteiros, sua mochila, sua barraca de jornada, sua machadinha e sua faca”. Jens tinha 12 anos de idade, e “sorrir e assobiar” ante um desastre como esse era mais do que ele podia suportar.

Tendo sido proibido, o Movimento Escoteiro, como em outros países, foi para a subversão. Num país como a Noruega, esparsamente povoado, com poucas cidades e longos trechos de floresta e montanha, isso não foi difícil. Ostensivamente, os Escoteiros obedeceram às ordens e tomavam o cuidado de não serem vistos usando distintivos ou qualquer artigo ou peça de vestuário que pudesse ligá-los ao Movimento proibido. Em segredo, eles continuaram a praticar o Escotismo. Muitos entraram para a Cruz Vermelha e para a Associação Cristã de Moços, ficando assim aptos a combinar o bem-estar com o trabalho Escoteiro. Muitos dos rapazes mais velhos e a maioria dos Escotistas juntou-se ao Movimento de Resistência, que ocupava todo o seu tempo e que, em muitos casos, os levava à prisão e à morte.

Um exame dos relatórios mostra que, apesar das dificuldades causadas, por um lado pela potência ocupante, que os havia suprimido, e do outro pelas demandas do Movimento de Resistência, não muito longe de insaciáveis, os Escoteiros continuaram a registrar novos membros e manter seu treinamento. Numa cidadezinha provinciana, por exemplo, na primavera de 1942, uma Patrulha havia reiniciado o trabalho e tinha-se dividido em oito. Antes do ano acabar, duas Tropas tinham sido constituídas, fazendo as reuniões nas áreas rurais abertas e às vezes nos locais de reunião públicos da cidade. Em acréscimo ao treinamento, os Escoteiros praticavam boas ações diárias para pessoas “cuja capacidade de trabalho tinha sido prejudicada pelos alemães de diversos modos” – uma frase sinistra – ao cuidar de suas hortas e assegurar-se de que elas fossem devidamente cultivadas. Batatas, um produto fundamental naquelas terras do norte, tinham de ser semeadas e colhidas nas estações corretas; lenha era coletada contra o terrível frio invernal. Todo o tempo, em qualquer ocasião que pudessem, essas Patrulhas divertiam-se em “atividades atléticas ilegais com grande entusiasmo”. Em Whitsun, em 1943, elas realizaram um acampamento ao qual compareceram cerca de sessenta Escoteiros, com a maioria das tendas usadas tendo sido “adquirida” da potência ocupante.

Uma Tropa de perto de Oslo constituiu uma Patrulha especial as Corujas, para servir como um núcleo para o tempo em que o Escotismo viesse a ser legalmente retomado. Apesar de muito do treinamento regular ter sido abandonado, muito foi preservado, e houve um fluxo regular e firme de entrada de garotos. As reuniões aconteciam numa cabana de 200 anos de idade, da qual a principal característica era uma chaminé que tinha o desconcertante hábito de desabar, usualmente durante o mais aceso de um debate. Com o progresso da guerra, o número de Escoteiros dessa Tropa cresceu, mas a quantidade de Corujas caiu. Eles haviam crescido e se juntado à Resistência. O relatório de suas atividades é típico de muitos outros, e todos contam a mesma história – supressão em setembro de 1941, trabalho subversivo até a primavera de 1944, e então uma transferência em massa dos membros mais velhos da Tropa para o Movimento de Resistência. Noutra cidade, os próprios garotos se fizeram úteis como auxiliares de enfermagem no Hospital de Saint Joseph e na unidade de pronto socorro, e serviram como auxiliares da polícia e como mensageiros. Um dos seus mais queridos Escoteiros mais velhos acabou sendo preso e morreu num campo de concentração. Seu exemplo parece ter posto fogo nos outros garotos, pois eles redobram sua atuação em todos os campos de atividade, ao ponto de seu Chefe ser abordado por um cidadão na rua e este dizer-lhe: “Cada garoto fez o seu ‘pequeno melhor possível’ para ajudar o país. A cidade pode orgulhar-se de seus Escoteiros”.

A crise para esta Tropa, como para outras, veio em 1944, quando os alemães fizeram um grande esforço para a conscrição da juventude norueguesa, que eles procuravam enquadrar nos padrões do *Arbeitsdienst*<sup>169</sup>. Para escapar ao recrutamento, todos que tinham idade suficiente desapareceram para a clandestinidade. Aqueles que não “mergulharam” praticaram muitos pequenos atos furtivos de

---

<sup>169</sup> Serviço de Trabalho Obrigatório, organização que engajava pessoas para trabalhar no esforço de guerra da Alemanha, principalmente na indústria ou na agricultura.

sabotagem. “Nunca deixe escapar nem uma palavra sobre seu trabalho”, exortou um Chefe. “Muita gente foi para o paredão<sup>170</sup>, para a prisão ou para os campos de concentração, não porque os alemães sejam muito espertos, mas porque outras pessoas falaram demais”. Estas palavras, e outras exortações similares ao silêncio com relação a outros, foram bem observadas ao longo da guerra. A quantidade de Tropas e Patrulhas reunindo-se e treinando, literalmente no meio dos alemães, era muito grande, e todavia nenhum dos seus membros jamais disse uma única palavra. “A sede era bem no centro da cidade, no mesmo prédio que os alemães também usavam”... “Havia um grande número de soldados em nosso prédio, bem diante das janelas”... “Os rapazes mais velhos foram convocados para formar uma nova Tropa de Seniores cercados por *bunkers* e baionetas alemães”... “Um nazista muito entusiasta morava bem debaixo de nós, conseqüentemente nós não podíamos cantar muito, mas ele tinha de se acomodar com a Oração Escoteira”... Não é de admirar que os alemães ficassem perplexos.

Diferentemente dos Lobinhos holandeses, belgas e dinamarqueses, os Lobinhos noruegueses foram usados pela Resistência para executar certas incumbências. Na sua maioria, era o transporte de mensagens, e “era muito estranho e maravilhoso como esses meninos mantiveram suas cabeças frias e contiveram suas línguas”. Um agente britânico, lançado de paraquedas na Noruega, ficou muito impressionado com a admirável ajuda que recebeu de meninos muito novos. Eles sabiam muito bem que estavam arriscando suas vidas, mas nunca disseram uma palavra. “Garotinhos”, escreveu o agente, “que antes da guerra não sabiam nada sobre os alemães aprenderam a realmente detestá-los. Desenvolveram uma resistência natural a eles e a mantiveram através de longos anos, o que é extraordinário quando você pensa nisso, pois eles eram muito jovens, e

---

<sup>170</sup> Fuzilamento.

seria de se esperar que ficassem excitados no início e depois se cansassem dessa excitação e mistério com o passar de mês após mês”.

Como em outros países ocupados, Escoteiros individualmente pagaram o preço por sua bravura, alguns comparativamente de maneira mais leve ao tornar a Noruega um lugar “quente” demais para mantê-los e precisando, portanto, fugir para a Inglaterra. Destes, Victor Carlson é um exemplo. Em tempo de paz ele era encarregado de um serviço de guarda costeira executado por Escoteiros. Na guerra, foi transformado em uma central para remessa de mensagens dando a posição dos navios germânicos. Seu sucesso nesse perigoso trabalho foi muito grande, e eles mereceram a Comenda do Almirantado. Antes do fim da guerra, Carlson tornou-se líder dos Escoteiros Noruegueses na Grã-Bretanha, uma associação constituída de jovens e garotos, todos os quais tinham precisado fugir de sua terra natal. Alguns deles tinham vindo de lugares tão distantes como Spitzbergen, viajando de volta com as forças britânicas após o reide dos *Commandos*<sup>171</sup> naquela ilha, em agosto de 1941.

O método de evasão para a Inglaterra, ou, mais frequentemente, Escócia, era quase invariavelmente em barcos pesqueiros. Frequentemente a passagem não era coisa simples. Olaf Reed Olsen, por exemplo, um rapaz de 18 anos em 1940, teve necessidade de deixar a Noruega às pressas no final daquele ano. Com dois companheiros ele partiu pelo Mar do Norte contra um vento oeste. Em quatro dias eles chegavam ao litoral da Escócia, quando uma ventania muito forte impeliu seu barco de volta às costas da Dinamarca, emborcando-o duas vezes. Apesar de exaustos, eles se determinaram a não desembarcar em um país ocupado pelo inimigo, então fizeram meia-volta e recomeçaram a peleja do deslocamento rumo à Inglaterra, finalmente alcançando o Canal da Mancha, onde foram avistados por um contratorpedeiro. Eles se recusaram, entretanto, a abandonar seu barco, que foi içado a bordo.

---

<sup>171</sup> *Commandos*: tropas de operações especiais, altamente treinadas para ações não convencionais de infiltração atrás das linhas inimigas .

“Ouvi muitas histórias sobre os vikings noruegueses”, comentou o comandante do navio, “mas a sua põe todas as outras no chinelo”. A ventania que os conduziu à Dinamarca havia provocado o recolhimento dos navios de patrulha da Royal Navy de volta às suas bases. Atualmente, Olsen, tendo retornado à Noruega, chefia uma Tropa Escoteira, e diz aos jovens que se não fosse por seu treinamento Escoteiro e pela atitude que os Escoteiros costumam ter diante da vida, ele jamais teria sido capaz de levar seu barquinho com êxito ao fim de uma viagem tão perigosa.

Olsen teve boa sorte. Eric Knoll, não. Aos 15 anos este jovem Escoteiro tornou-se membro de um grupo da Resistência. Um especialista em técnica mateira e em leitura de mapas, ele fez noventa viagens através da fronteira sueca auxiliando agentes, refugiados e outros a fugirem da Noruega. Então, um dia, ele foi capturado. Os alemães sabiam o suficiente sobre ele para ter certeza de que ele detinha muitas informações. Então, torturaram-no, mas ele não se dispôs a falar. Por fim, eles o enfiaram numa cela com água até meia altura, na qual ele não tinha como sentar nem deitar, e ali o deixaram por muitos dias. Mas ainda assim ele não quis falar, e finalmente eles o enviaram para um campo de concentração, onde ele morreu aos 18 anos de idade.

Odd Starheim, um Chefe Escoteiro que vivia perto do Flekkefjord, organizou a resistência no sudoeste da Noruega, desembarcando de um submarino perto de Egersund em janeiro de 1941. Antes que se passassem seis meses, ele já havia enviado mais de cem mensagens por rádio, incluindo a primeira notícia de que o encouraçado *Bismarck*<sup>172</sup> zarpara para o Atlântico Norte. Retornando à Inglaterra no verão desse ano, ele retornou à Noruega em janeiro de 1942, tendo sido lançado de

---

<sup>172</sup> O *Bismarck* e seu irmão gêmeo, o *Tirpitz*, eram os mais poderosos encouraçados construídos até então, com 8 canhões de 15 polegadas e o casco dividido em compartimentos estanques que tornariam difícil o seu afundamento. Entretanto, o *Bismarck* foi posto a pique em maio de 1941 por ação de aviões torpedeiros e pelo fogo de navios britânicos, e o *Tirpitz* também foi afundado num fiorde norueguês por ação de bombardeiros britânicos, em 1944.

paraquedas como membro de uma unidade especial. Umas poucas semanas se passaram e ele foi preso por engano. A Gestapo tinha vindo prender seu hospedeiro, suspeito de propaganda ilegal. Starheim pediu para ir ao lavatório, sabendo que ele tinha duas portas. Ele entrou por uma, escapuliu pela outra e pulou de uma janela de primeiro andar para uma estrada, onde pegou uma carona com o motorista de uma van que passava, e assim pôs-se a seguro. A Noruega já estava ficando “quente” demais, então ele e mais cinco amigos embarcaram num vapor costeiro de 600 toneladas, o *Galtesund*, que levava mercadorias na rota regular Christiansun-Bergen. Quando perderam a terra de vista, Starheim manteve o timoneiro rendido com um revólver, lidaram também com o capitão, e o navio pôs-se no rumo da Escócia. No trajeto, enviaram um sinal ao Almirantado britânico, que forneceu escolta aérea e uma traineira para conduzir o barco através dos campos minados até o porto de Aberdeen. Umas poucas semanas se passaram e Starheim tornou-se membro de uma Companhia Norueguesa Independente, sob o controle conjunto das Forças Especiais britânicas e do Alto Comando norueguês. Eles fizeram algumas incursões num navio baleeiro norueguês, o *Bodo*, que acabou sendo afundado por uma mina. Em 1º de janeiro de 1943, Starheim, agora um Tenente, detentor da D.S.O.<sup>173</sup>, no comando de uma pequena força altamente treinada com o efetivo de 42 homens, iniciou operações de guerrilha na Noruega, mas o azar o acompanhou e sua tentativa de destruir a mina “Titânia” em Songdal fracassou. Reforços que lhe foram enviados foram dispersados por uma tempestade e ele se pôs ao trabalho para exfiltrar sua pequena força. Repetindo seu feito anterior, ele se apoderou do vapor costeiro *Tromoysund* e nele empreendeu a viagem para a Escócia. Tudo foi bem até que as aeronaves de escolta do Comando Costeiro foram obrigadas a retornar à base para reabastecer. Durante sua ausência, o *Tromoysund* foi atacado por um Focke-Wulf 190<sup>174</sup> e posto a pique. O corpo de

---

<sup>173</sup> *Distinguished Service Order*.

<sup>174</sup> Avião de caça alemão, um dos melhores produzidos na guerra.

Starheim deu à praia na Escócia semanas depois e foi posteriormente levado para a Noruega, onde repousa no campo santo da igreja de sua aldeia natal.

Naquele ano de 1943, outro bravo Escoteiro norueguês, Knut Haugland – a ele seriam outorgadas a D.S.O. e a M.C.<sup>175</sup> –, esteve envolvido, com outros onze combatentes, dos quais vários eram Escoteiros, no ataque às instalações de “água pesada” na Noruega, que os germânicos esperavam usar em conexão com suas tentativas de produzir a bomba atômica. Mais sortudo que Starheim, ele sobreviveu à guerra e partiu em 1947 na expedição Kon-tiki, que se dispunha a provar a teoria etnológica segundo a qual, milhares de anos atrás, uma movimentação de povos entre o Peru e o Taiti. Ele e alguns outros viajaram pelo Oceano Pacífico rumo ao Taiti numa jangada (batizada *Kon-tiki*) equipada com rádio. Por volta do final daquele ano, dois terços de sua vasta jornada haviam sido completados com êxito<sup>176</sup>.

“Água pesada (óxido de deutério)” é usada em física nuclear para produzir a energia atômica. Sua produção – um processo singularmente demorado – era de grande importância para os alemães em sua pesquisa em busca de recursos atômicos para destruição, e sua única fonte considerável na Europa desse material durante a guerra era a usina de eletrólise do hidrogênio Norsk Hydro, em Vemork, no profundo vale norueguês de Rjukan. A destruição desta usina tinha grande importância para os Aliados, e o relato de como isso foi feito merece lugar de honra nos registros do que os Escoteiros noruegueses realizaram durante a guerra, pois o planejamento, montagem e controle da operação estavam nas mãos de Escoteiros. O consultor técnico em Londres, Professor Lief Tronstad, O.B.E.<sup>177</sup>, foi Escoteiro em Trondheim,

---

<sup>175</sup> *Military Cross*.

<sup>176</sup> A expedição foi concluída com êxito, valendo-se dos ventos e correntes marítimas no Pacífico.

<sup>177</sup> *Order of the British Empire*.

e dos doze homens verdadeiramente empenhados na operação, oito tinham sido Escoteiros.

Einar Skinnerland era um velho Escoteiro de Rjukan, e chegara à Escócia em março de 1942, no vapor costeiro *Galtesund*, em companhia do bravo Starheim. Ele recebeu um treinamento intensivo de uma semana, e foi lançado em paraquedas de volta na Noruega dez dias após ter desembarcado em Aberdeen. Ele deveria ficar em Rjukan e descobrir tudo que pudesse sobre as intenções dos alemães em relação à usina de “água pesada”. Em outubro de 1942, um destacamento precursor de quatro homens, três dos quais Escoteiros, foram lançados sobre o elevado platô Hardangervidda, a oeste de Rjukan. O radioperador era Knut Haugland, outro era Claus Helberg, sobre o qual o líder da equipe escreveu: “Claus fez o percurso até Barunuten e de volta, uma distância de cinquenta milhas, sob terríveis condições de deslocamento, e deu prova do ditado ‘Homem que é homem prossegue até não aguentar mais, e então vai duas vezes mais longe’”.

Para juntar-se a esses quatro homens e praticar o feito com eles, uma força transportada em planadores de trinta combatentes britânicos dos Serviços Especiais partiu da Escócia em 19 de novembro, mas o desastre os apanhou. Um avião-reboque e ambos os planadores espatifaram-se quase 200 km a sudoeste de Vemork. Os poucos sobreviventes foram “interrogados” e, nas melhores tradições do “*fair play*” alemão, foram fuzilados logo em seguida. A entrada no diário do destacamento precursor para 20 de novembro diz: “A mensagem rádio de Londres sobre o desastre dos planadores foi um golpe duro. Foi triste e amargo, especialmente com a melhora das condições do tempo em nossa parte do país. Mas estamos felizes em ouvir que outra tentativa pode ser feita no próximo período da lua”.

As dificuldades do ataque se multiplicaram. Devidamente ciente do objetivo dos planadores, o Comissário do reich, Coronel-General Von Falkenhorst inspecionou Vemork; a guarnição de Rjukan foi aumentada; a área foi “rastelada” em busca de sabotadores. Uma

segunda tentativa de aterragem foi abortada devido ao mau tempo. “... Para piorar as coisas”, diz a entrada no diário para 13 de dezembro, “todos, exceto eu, ficaram doentes com febre e dores no estômago. Estávamos com pouca comida e fomos obrigados a comer musgo. Knut encontrou um fuzil Krag e alguns cartuchos. Eu saí todos os dias à caça de renas, mas o tempo estava ruim e não consegui encontrar nada. Nosso suprimento de comida acabou...”. Em 23 de dezembro, “o tempo clareou e finalmente consegui abater uma rena. Celebramos um feliz Natal”.

Uma terceira tentativa foi feita em janeiro. A equipe operacional sobrevoou, mas a neblina escondeu todas as referências terrestres e os seis noruegueses que a compunham retornaram à Escócia. Esses homens – dos quais quatro eram Escoteiros, incluindo o líder, Capitão Joachim Ronneberg, D.S.O., da Tropa de Aalesund – tinham sido selecionados por seu conhecimento militar, aptidão física, habilidade em esquiar e, acima de tudo, pelo seu caráter. Finalmente, à meia-noite em 16 de fevereiro de 1943, eles aterrissaram em segurança em solo norueguês. “O salto foi feito de uma altura de mil pés. Um fardo, contendo quatro mochilas, aterrou e foi arrastado pelo paraquedas inflado pelo vento por cerca de dois quilômetros até parar numa clareira de gelo fragmentado, de onde foi resgatado”. A equipe foi lançada trinta milhas a noroeste do destacamento precursor devido ao aumento da atividade inimiga em Rjukan, e uma jornada de trinta milhas no inverno norueguês pode demorar tanto quanto uma de trezentas em terreno mais plano e mais quente. Por volta de 24 de fevereiro, entretanto, todos os homens haviam-se reunido e os dois líderes podiam preparar os planos para o ataque. Suas ordens de operação encerravam-se com a sentença: “Se algum homem estiver em risco de cair prisioneiro, ele se compromete a pôr fim à própria vida”.

Na noite de 27 de fevereiro, Claus Heiberg liderou no caminho descendo para Vemork. “Esquis e mochilas foram escondidos próximo ao lugar onde se cortaria os cabos de energia elétrica, e dali começamos

uma descida íngreme e escorregadia para o rio às dez da noite. No rio, o gelo estava a ponto de quebrar. Havia apenas uma ponte de neve praticável, com três polegadas de água sobre ela. Do rio, escalamos uma parede de rocha por cerca de 150 metros até a ferrovia de Vemork. Avançamos até uns 500 metros do portão ferroviário da fábrica... Ali nós esperamos até meia-noite e meia e assistimos a rendição da guarda vindo da ponte”...

Um bocadinho de comida, uma garantia final de que cada homem sabia o que fazer, e o avanço para algumas cabanas de depósito a uns 100 metros do portão começou. Um homem se adiantou, e com um par de alicates para cadeado, facilmente abriu o portão da fábrica. Uma vez lá dentro, a equipe de cobertura tomou posições provisórias enquanto a equipe de demolição abriu um segundo portão dez metros abaixo do primeiro. A um sinal dado, a equipe de cobertura avançou em direção a cabana da guarda alemã, enquanto a equipe de demolição seguia para a porta do portão da fábrica, pela qual esperava entrar. Estava trancada. “Não conseguimos forçá-la, nem tivemos sucesso com a porta do andar acima. Por uma janela da usina de alta concentração, onde ficava nosso alvo, podia-se ver um homem”. Enquanto isso, a equipe de cobertura, em posição ao redor do corpo da guarda, passou um momento com a respiração suspensa quando a porta da cabana se abriu e um graduado alemão ficou de pé no umbral, sua silhueta destacada contra a luz. Ele olhou ao redor, escutando. A menos de quatro metros dele, quatro homens davam-lhe cobertura, um dos quais com uma submetralhadora. Após alguns segundos, que pareceram horas, ele fez meia-volta e entrou, fechando a porta atrás de si.

Em sua busca pelo túnel dos cabos – o único meio de entrada que sobrara – a equipe de demolição se separou. Um dos seus integrantes descobriu o túnel e, seguido por outro, “rastejou para dentro de uma confusão de tubos e cabos... Decidimos prosseguir com a demolição nós mesmos. Entramos numa sala adjacente ao alvo, encontramos a porta da usina de alta concentração aberta, prosseguimos e pegamos o

guarda completamente de surpresa. Comecei a assentar as cargas explosivas. Isso foi fácil e rápido. Os modelos nos quais praticáramos na Inglaterra eram duplicatas perfeitas da instalação verdadeira”. A essa altura, mais dois companheiros juntaram-se a eles, e a carga foi verificada antes da ignição. Então, ambos os pavios foram acesos e ao guarda aprisionado foi dito que corresse para proteger-se. Ele disse que tinha perdido os óculos e que seria impossível obter outro par na Noruega. Houve uma busca frenética e os óculos foram achados. “Deixamos a sala”, escreveu o Capitão Ronneberg, “e uns vinte metros fora da porta do porão ouvimos a explosão. Nossa sentinela do portão principal foi chamada de seu posto. Passamos pelo portão e subimos para os trilhos. Por um momento eu olhei para trás, lá para baixo, e escutei. Exceto pelo fraco zumbido das máquinas que ouvíamos quando chegamos, tudo na fábrica estava calmo”.

As duas equipes retiraram-se independentemente. Ronneberg conduziu quatro homens através da fronteira sueca, uma jornada de 250 milhas em esquis, em condições muito difíceis. Knut Haukelid, D.S.O., M.C., ficou para trás para organizar a resistência mais a oeste entre as montanhas. O destacamento precursor, após esperar para relatar os resultados, dispersou-se, deixando apenas Einar Skinnerland e Claus Helberg.

Claus escapou por pouco quando, virando uma curva numa colina, ele repentinamente se viu cara a cara com três alemães, que começaram a atirar. Ele fez meia-volta e fugiu esquiando, mas descobriu que um dos inimigos inevitavelmente acabaria por alcançá-lo. Ele então disparou um tiro com sua pistola, calculando que, àquela distância, quem primeiro esvaziasse seu carregador perderia. Ele permaneceu ali, como um alvo, até que o alemão tivesse esvaziado sua pistola Luger, virando-se então para bater em retirada. Claus deu um tiro em sua direção, e o alemão cambaleou e parou, apoiado sobre seus bastões de esqui. Claus deu no pé. Pouco mais tarde, no escuro, ele passou da borda de um penhasco e caiu quarenta metros, machucando

o ombro direito e quebrando o braço direito. Após várias aventuras, de cujas desagradáveis consequências ele escapou graças à sua coragem e recursos, ele retornou à Grã-Bretanha. No outono de 1944, ele retornou a Rjukan com uma equipe para proteger a usina Norsk Hydro de demolição pelos alemães. O Coronel-General Von Falkenhorst visitou Vermork imediatamente após a explosão e descreveu a operação como “o melhor golpe de mão que já vi”. O Sr Winston Churchill caracterizou-a como “plenamente bem-sucedida” e escreveu na margem do relatório: “O que está sendo feito por esses homens corajosos no que tange a condecorações?”. Os guardas alemães foram punidos, e as patrulhas, reforçadas.

Mantendo a pressão, a 8ª Força Aérea dos Estados Unidos atacou Vemork em 16 de novembro de 1943, mas, devido ao terreno montanhoso, produziram-se poucos danos. Para os alemães, entretanto, era a dose que faltava. Eles decidiram abandonar Vemork e remover todos os estoques de “água pesada” para a Alemanha. Enviaram-se mensagens a Knut Haukelid e Einar Skinnerland para unirem forças e destruir o material em trânsito. Em 10 de fevereiro de 1944, Haukelid pediu permissão para afundar a balsa *Hydro* no lago Tinnsji, pois ela poderia transportar os contêineres até a ferrovia em Tinnoset, de modo a embarcá-los em Skien a fim de seguirem para a Alemanha.

O inimigo tomou todas as precauções exceto uma. Tropas da SS foram mandadas para o vale de Rjukan; dois aviões patrulhavam as montanhas todos os dias; guardas foram postados na ferrovia da fábrica entre Vemork e o atracadouro da balsa. Os contêineres, carregados em vagonetes em Vemork sob forte guarda, eram fortemente iluminados à noite, com muitos guardas ao redor. Mas, por alguma esquisitice da sorte, nenhum alemão foi postado na balsa.

Haukelid e dois amigos – um deles Gunnar Syverstad, outro Escoteiro de Rjukan – subiram a bordo do *Hydro* às duas da manhã do domingo, 20 de fevereiro de 1944, deixando um terceiro companheiro

tomando conta do carro. Eles persuadiram um guarda norueguês de que estavam fugindo da Gestapo, e ele permitiu-lhes acesso ao porão da embarcação, onde eles rastejaram até as extremidades e ali colocaram as cargas explosivas, esperando que a explosão danificasse proa e popa de tal modo que tornasse a balsa incapaz de navegar. As cargas foram acopladas a dois mecanismos de tempo, feitos por Haukelid a partir de relógios despertadores, e a hora foi ajustada para 10:45, pois Haukelid tinha descoberto que nessa hora a balsa estaria na parte mais funda do lago. “Às quatro da manhã, o trabalho estava feito, então partimos. O carro nos levou a Jondal e chegamos a Oslo na própria noite de domingo”. Foi simples assim, mas poderia ter sido muitíssimo diferente.

A parte que coube a Einar Skinnerland foi a coleta de informações sobre a operação. Naquele domingo à tarde, ele enviou a Londres uma mensagem alegre que dizia que pouco antes das onze da manhã o *Hydro* tinha afundado após uma explosão e que os vagonetes com “água pesada” estavam na parte mais funda do lago Tinnsji.

Foi assim que a fabricação de “água pesada” chegou ao fim na Noruega e todos os estoques disponíveis para os cientistas alemães foram perdidos. A resposta dos Aliados foi a primeira bomba atômica lançada em Hiroshima, em 6 de agosto de 1945. O Major Lief Tronstad não viveu para ver esse dia, e Gunnar Syverstad morreu com ele. Einar Skinnersand permaneceu em Rjukan identificando-se com a usina elétrica Norsk Hydro até após o Dia da Vitória na Europa (V-E Day), quando ele emergiu como Líder Distrital das Forças Domésticas em Rjukan e Norte de Telemark. Seu treinamento de uma semana foi aplicado em bons resultados.

Quando chegou o dia da libertação<sup>178</sup>, os Escoteiros apareceram por toda a Noruega, como coelhos emergindo da toca. A organização foi afogada pela demanda dos garotos para que lhes fosse permitido unir-se abertamente a um movimento que tantos deles haviam apoiado em

---

<sup>178</sup> A ocupação alemã da Noruega durou até o Dia da Vitória na Europa, com a rendição dos germânicos.

segredo. Observadores estrangeiros testemunharam esse entusiasmo universal. O Chefe de Tropa do 38º Grupo de Bradford East, West Riding, Yorkshire, J. E. Yarborough, que aterrissou com a Divisão Aeroterrestre, viu distintivos Escoteiros sendo usados em toda parte quando chegou a Oslo. Logo ele foi cercado pelos Escoteiros noruegueses da 24ª Tropa de Oslo, que enviaram mensagens cordiais aos seus irmãos ingleses. Seus uniformes e os das outras Tropas tinham sido entregues, e os alemães os haviam mandado para serem refeitos numa confecção norueguesa, para que fossem distribuídos ao Movimento Juvenil *quisling*. Apesar de não ser ele próprio um Escoteiro, o gestor da fábrica, cujo filho era Escoteiro, tinha outra percepção e os havia escondido, passando aos *quislings* uniformes feitos com material obtido, com grande dificuldade, de outras fontes. Quando Yarborough chegou, os velhos uniformes tinham acabado de ser redistribuídos em meio a cenas de grande regozijo. Outro Escoteiro inglês, o Assistente de Chefe de Tropa Roy Marian, da 3ª Tropa de Bilston, também se lembra da calorosa acolhida que recebeu dos Escoteiros noruegueses, que o conduziram a um canto “onde perguntas e respostas eram arremessadas de um lado para o outro em inglês capenga”. Ele sentia “como se sua mão esquerda fosse se desprender”, de tantas vezes que foi apertada.

Ficou reservado para o Escoteiro-Chefe da Noruega, Reverendo Hans Moller Gasmann, pôr a marca no grande dia da libertação. Pouco depois de os alemães terem deposto as armas, ele oficiou um serviço religioso na maior igreja de Oslo, onde, dirigindo-se aos Escoteiros, ele os instou, agora que a liberdade havia chegado, a que cada um e todos eles fizessem tudo que pudessem para reconstruir seu país. A esta exortação eles responderam de todo coração, e nenhum cidadão norueguês fez mais que os Escoteiros para reparar as devastações da guerra. Os noruegueses são um povo modesto, tímidos para descrever seus próprios feitos, mas “pelas suas obras os conheceréis”, e entre todos os grupos de resistência em todos os países, os noruegueses

foram, do ponto de vista daqueles melhor qualificados para saber, merecedores de lugar de honra. Esta elevada homenagem eles devem aos seus Escoteiros tanto quanto a quaisquer outras pessoas. O Escotismo na Noruega provou seu valor entre 1940 e 1945.

#### LUXEMBURGO<sup>179</sup>

Luxemburgo é um país quase ideal para o Escotismo. Apesar de pequeno, tem fartura de bosques, colinas, rios e córregos, nos quais, ou próximo aos quais se pode encontrar os melhores lugares de acampamento imagináveis. Acampar é um passatempo nacional. Os bosques têm atraído os luxemburgueses por séculos, e por séculos os luxemburgueses têm atendido a esse apelo.

Com tantos encantos da natureza para ajudar, não é de surpreender que o Escotismo esteja no sangue dos luxemburgueses, e foi preciso apenas que o Movimento fosse criado por Baden-Powell para dar-lhe forma concreta. Em maio de 1940, os alemães invadiram e anexaram Luxemburgo. Imediatamente, seus cidadãos foram incorporados à força ao Reich, sendo intenção de Hitler abolir de uma vez por todas o histórico Grão-ducado. A ocupação foi imediata e completa. Na madrugada de 10 de maio de 1940, tanques e veículos blindados aos milhares, alguns destinados ao ataque à Bélgica e outros à França, atravessaram a zona rural, fresca e cintilante em suas vestes de primavera. Despejaram-se através do Moselle e do Sauer, e antes do sol se pôr Luxemburgo estava nas mãos do invasor. Era época de Pentecostes, e os Escoteiros estavam dando os toques finais nos preparativos para os acampamentos do feriado. A invasão pôs-lhes fim imediatamente, como o fez a muitos outros felizes e pacíficos trabalhos.

Passaram-se alguns meses de incerteza, e então, em agosto de 1940, a Gestapo com todos os seus horrores veio estabelecer-se na cidade murada instalada sobre a colina. Organizações nacionais foram

---

<sup>179</sup> Na madrugada de 10 de maio de 1940, as Forças Armadas alemãs desencadearam o ataque ao ocidente, invadindo Luxemburgo, Bélgica, Holanda e França, valendo-se de assalto por tropas paraquedistas e planadoristas e por forças blindadas apoiadas por bombardeiros táticos.

imediate e impiedosamente suprimidas, estando entre as primeiras a *Fédération Nationale des Eclaireurs de Luxembourg*. A reação dos Escoteiros foi a mesma do restante da população, feroz e imediata. Cada homem e mulher apto naquele pequeno país logo se tornou ao mesmo tempo um caçador e uma presa. Eles perseguiram os alemães, que os perseguiram, e os pacíficos locais de acampamento tornaram-se lugares onde fugitivos de sua própria nação ou de país Aliado, evadidos de campos de prisioneiros ou de concentração alemães, podiam encontrar refúgio.

A resistência começou a funcionar realmente em outubro de 1940, quando o slogan “*Vive Charlotte*” foi escrito a giz em toda parte para comemorar o aniversário da bem-amada Grã-duquesa de Luxemburgo, e na primavera de 1941 vários grupos da Resistência tinham sido iniciados e estavam bem estabelecidos. Em todos eles, Escotistas e antigos Escoteiros desempenharam-se com bravura e êxito. Ao mesmo tempo, o trabalho da Resistência, que tomou tanto da sua atenção, não os levou a negligenciar o treinamento de Escoteiros. Algumas novas Tropas foram fundadas, entre elas a do Leão Vermelho, cuja data de nascimento é 3 de setembro de 1942.

Os garotos de 14 anos eram o núcleo formador. Começando com sete companheiros, eles chegaram a vinte e oito, todos ansiando por se tornarem proficientes, de modo a poder servir cada vez melhor ao seu país. O único tipo de manual Escoteiro que eles possuíam eram algumas notas escritas às pressas pelo irmão de um dos Chefes. Em pouco tempo, todos eles se tornaram Escoteiros de 2ª e 1ª Classe, sendo objetivo dos dois jovens líderes preservar os princípios Escoteiros e mostrar aos alemães que até mesmo os jovens de Luxemburgo eram seus inimigos mortais. Tal como na Polônia, Noruega e outros países ocupados, reuniões de Patrulha e de Tropa ocorriam quase sob os narizes dos agentes da Gestapo; de fato, usavam uma sala bem debaixo da ocupada por um inspetor da Gestapo. Tudo correu razoavelmente bem por um ano e meio, mas no domingo de Pentecostes de 1944, os

dois jovens Chefes, que haviam organizado uma longa jornada para aquele dia, foram apanhados pela Gestapo. Cada um deles estava vestindo a bermuda e a camisa do que fora um uniforme Escoteiro e, portanto, eram altamente suspeitos. Tendo-lhes sido ordenado que se apresentassem na sede da Gestapo na segunda-feira seguinte, eles voltaram para casa, queimaram todos os documentos comprometedores e se prepararam para o suplício. A segunda-feira era um dia escuro, de céu muito encoberto. No momento em que os dois rapazes adentraram o temido prédio, a Gestapo começou a questioná-los. Cada um era interrogado separadamente por um alemão bem habituado a tratar com veemência e violência. Os procedimentos foram repentina e felizmente interrompidos pela chegada de um oficial da Gestapo, que bruscamente mandou-os para casa. Mal acreditando no que ouviam, eles partiram sem imaginar por que os teriam deixado ir embora. Se o oficial pensou que sua clemência amoleceria os corações deles, enganou-se redondamente. Uma vez em liberdade, a Tropa do Leão Vermelho redobrou seus esforços, e de então até o fim da guerra provou ser uma pedra no sapato dos invasores. Quando chegou o Dia V-E, eram uma Tropa bem treinada, em condições de ser avaliada de todas as formas pelo Major Georges Schommer, Vice-Escoteiro-Chefe de Luxemburgo. Terminada a inspeção, eles mudaram o nome da Tropa para Diabos Violáceos (*Les Diables Mauves*).

Outra Tropa sob o comando dos dois Chefes, Josy Wengler e Josy Wirol, foi presa *en masse* pela Gestapo em setembro de 1940. Foram postos em liberdade poucos dias depois, na vã esperança dos captores de que por métodos gentis eles poderiam ser cooptados para a causa alemã. Poderiam pensar que garotos, como a maioria deles era, teriam ficado muito amedrontados para continuar, após tal experiência. Afinal, um garoto de 13 ou 14 anos não espera passar alguns dias numa prisão e ser ameaçado de coisa pior se persistir em desafiar aqueles que usurparam a autoridade sobre ele. Mas esta Tropa, como tantas outras em tantos outros países ocupados, recusou-se teimosamente a

aprender com a experiência. Longe de abandonar o Escotismo, eles dedicaram-se ao Movimento com maior fervor. Os dois Josys finalmente os deixaram para entrar no Movimento de Resistência, e ambos passaram longos períodos de internação em campos de concentração. Eles tiveram menos sorte que Adij Reich, que escapou da prisão na Alemanha, trazendo consigo trinta prisioneiros franceses. Adij estava sempre entrando e saindo da prisão, sendo capturado e recapturado quatro vezes. Ele terminou combatendo com um grupo do *Maquis* (guerrilha) francês. Franz Stielens não foi tão sortudo. Ele também escapou e foi recapturado algumas vezes, mas acabou desaparecendo e ninguém sabe que destino teve. Jacques Tillman foi torturado até a morte na prisão. Roland Victor, de 19 anos, lutou vigorosamente por sua vida do lado de fora de uma câmara de gás, mas perdeu-a por uma bala de um guarda da SS, não sem antes ter matado outro dessa raça perversa.

Estes, e outros como eles, tinham o hábito de frequentar um café na Cidade de Luxemburgo, que se tornou o local de encontro secreto, muito extra-oficial para Escoteiros e Escotistas que se haviam unido à Resistência. Ele era gerenciado por uma mulher jovem, Madame Noel, e ela continuou a gerenciá-lo sozinha depois que seu marido, um Escotista, foi preso e fuzilado com dois outros companheiros Escotistas. Nada mostra mais claramente o espírito dos Escoteiros luxemburgueses do que o breve *curriculum vitae* de um Aimé Stol, que tinha 17 anos quando seu país foi invadido. Ei-lo, completo:

- 3 de janeiro de 1941: admitido no Movimento de Resistência de Luxemburgo.
- 1941-1942: propagandista e outras atividades para a Resistência.
- Abril de 1942: alemães esmagam o Movimento de Resistência de Luxemburgo.
- 26 de maio: expulso do colégio por demonstração antinazista.

- Junho a agosto: três meses de trabalhos forçados numa fábrica alemã de TNT [explosivo], em Brahnau, perto de Bromberg (Polônia – Prússia Ocidental) com prisioneiros de guerra britânicos. Início de atividades de espionagem.
- Setembro: trabalhadores luxemburgueses convocados para serviço na Wehrmacht. Greve geral, na qual Stoll tomou parte.
- Outubro: posto sob custódia em Bad Veueushr com prisioneiros de guerra britânicos e franceses.
- Novembro: primeira convocação para os paraquedistas alemães, evitada por fingir doença.
- Dezembro: segunda convocação, para a Luftwaffe. Evitada por prévia operação de apêndice.
- Janeiro de 1943: terceira convocação, para a Marinha alemã. Engajado para evitar problemas para a família. Permanência na Marinha até 2 de maio do mesmo ano.
- 2 de maio: fuga do navio de treinamento alemão *Monte Olivia* em Gdynia (porto polonês), com documentos falsos, para Luxemburgo.
- 7 de maio: partida da casa, a caminho da Inglaterra. Escondido nas Ardenas luxemburguesas até 22 de agosto.
- 23 de agosto: transposição da fronteira belga. Permaneceu com o Exército Branco por um mês. Contato com oficial da Inteligência britânica. Organizada partida para a França.
- 20 de setembro: travessia da fronteira francesa em Erquelines. Paris.
- 30 de setembro: partida para o sul da França.
- Outubro de 1943 a março de 1944: sul da França (Bordeaux, etc.).
- 4 de março: por acerto com a Inteligência Aliada, partiu secretamente em lancha torpedeira para a Inglaterra (com Commandos de St. Froc).

- 13 de março: chegada a Tilbury. Enviado para Inteligência Especial (nome de guerra, J. J. Manet). Voluntário para treinamento especial paraquedista.
- Julho de 1944: de volta ao Continente com as Forças Expedicionárias Aliadas.
- 13 de setembro: de volta a Luxemburgo três dias após sua libertação (em licença).
- 31 de outubro: primeira operação atrás das linhas inimigas, cruzando a fronteira Luxemburgo-Alemanha perto de Merttert.
- 2 de novembro: segunda operação atrás das linhas inimigas (Echternach).
- Fevereiro de 1945: terceira operação atrás das linhas inimigas, na Holanda.
- 1º de abril (Domingo de Páscoa): lançado de paraquedas em trajes civis com documentos falsos e radioperador, em Leukirch, próximo ao lago de Constança (Baviera).
- 27 de abril: libertado pelo 3º Exército norte-americano.

Se os Escoteiros e os Escotistas demonstraram tal determinação, seus pais não fizeram por menos. Um dia, um Escoteiro foi fuzilado. Ele fora condenado sob a acusação de trabalhar para a Resistência. Os alemães expuseram o corpo nos degraus da igreja de sua aldeia e obrigaram a população a passar em fila junto ao esquife de modo a ele poder ser identificado e permitir-lhes obter mais informações sobre ele. Entre aqueles que passaram estava o pai do garoto, mas ele contemplou seu filho morto sem mover um músculo do rosto, apesar de não ter sabido que o garoto tinha sido fuzilado.

Luxemburgo pode ser pequeno em tamanho, mas seus habitantes são grandes de coração, e destes nenhum coração foi maior que o dos Escoteiros.

HOLANDA

“Construímos uma cabana num lugar de boa camuflagem, de galhos, capim e corda; também construímos um posto de observação numa árvore alta. Frequentemente trabalhamos nisso à noite (após o horário da escola). Era um belo trabalho, fazer pioneiria naquela árvore alta, o sol poente vermelho nos galhos que balançavam... era pitoresco. Um dia, fomos lá e encontramos tudo destruído. Estava claro que os garotos da Juventude Hitlerista tinham feito seu trabalho”.

O relatório, do qual o texto acima é um extrato, descreve uma cena repetida várias vezes por toda a Holanda, por cinco longos anos. Os holandeses têm a reputação de serem o povo mais obstinado ou teimoso do mundo. Eles são os primeiros quando se defrontam com o inimigo, e os segundos quando combatendo lado a lado com seus amigos. Ambas estas características nacionais foram plenamente demonstradas entre 1940 e 1945.

A história começa de uma maneira por demais familiar, a súbita e violenta entrada dos alemães na Holanda. Naquela bela manhã de maio, o 10º dia do mês, Koos, Monitor da 6ª Tropa de Rotterdam, a caminho da firma em que trabalhava como aprendiz de eletricitista, ouviu tiros de canhão e de fuzil. Ele fez meia-volta, rapidamente vestiu seu uniforme Escoteiro e pôs sua cabeça para dentro do escritório gritando: “Agora é a guerra, e vou ver o que posso fazer”, e correu para as pontes que cruzavam o rio. Do outro lado, os Fuzileiros Navais Holandeses estavam pesadamente engajados em combate. Koos passou aquela manhã levando comida para a linha de frente, e carregando os feridos para longe dela. Havia muitos feridos, mas ele não estava entre eles, apesar de durante uma das viagens uma bala ter danificado a empunhadura do carrinho de mão que ele estava usando para levar os feridos para a segurança.

Koos era um dos milhares de Escoteiros holandeses que naquele dia foram lançados em uma nova existência, uma que para muitos deles continha perigo mas não pouca glória. Após os primeiros quatro dias de luta desesperada, quando o Exército Holandês, dominado, foi compelido

à rendição, uma falsa calma caiu sobre a cidade. Das muitas invasões que a Holanda sofreu ao longo de sua história, esta foi a última, a mais rápida, a mais avassaladora. Mas agora havia terminado, e os campos e cidades, exceto pelas fumegantes ruínas de Rotterdam, pareciam não ter mudado. Altos campanários sobre igrejas espaçosas, casas brancas e vermelhas em meio a ricos campos de milho, canais retos e de margens definidas como lâminas de espadas, a própria generosidade do cenário parecia ser uma garantia contra o acaso, uma contradição da violência, um símbolo exterior de uma paz interior. Quão diferente era a realidade! Um invasor havia aparecido, mais um para adicionar à lista. Devia-se resistir a ele pelos velhos e já testados processos. Mas era importante não se apressar. Tudo deveria ser feito em ordem, seguindo um plano, e para começá-lo era preciso descobrir as intenções do inimigo.

Eles pareciam inofensivos o bastante, quase merecedores de louvor – de início. O Escotismo não fora posto em xeque, e como o Escotismo sempre foi popular na Holanda, especialmente após o grande Jamboree de 1937 em Vogelensang, que lhe deu grande impulso, havia muitos Escoteiros e muitas Tropas. Um grande serviço eles podiam prestar e o fizeram imediatamente: em todas as cidades eles estavam entre os mais destacados membros das organizações de Prevenção de Ataques Aéreos (*Air Raid Precautions* – ARP) e tinham muito trabalho a fazer, especialmente em Rotterdam, naquela terrível tarde de 14 de maio de 1940, quando 30.000 pessoas perderam a vida em um bombardeio aéreo que aconteceu após a rendição dos holandeses<sup>180</sup>. “Hávamos adquirido alguma experiência nos dias precedentes”, escreveu o líder da 6ª Tropa de Rotterdam, “mas isto estava além de qualquer possibilidade de descrição. O centro da cidade estava em

---

<sup>180</sup> Os representantes do governo holandês haviam entrado em negociações com os alemães e, acertada a rendição, fora marcado o horário para cessar fogo. Os alemães deram um jeito de fazer que Amsterdam fosse bombardeada meia hora antes do armistício entrar em vigor, como forma de aterrorizar o povo para reduzi-lo à submissão.

chamas, com as unidades de bombeiros condenadas à inação, pois os canos de água haviam sido atingidos. Tudo que podíamos fazer, portanto, era dar uma mão na evacuação dos hospitais, socorrer a grande quantidade de feridos, e retirar os mortos. Tivemos de improvisar, pois não houve tempo para organizar. Nem um único Escoteiro permaneceu na sede em Rotterdam Oeste, que era fora da área-alvo. Todos eles, e todo Escoteiro que pôde ser encontrado correu para a cidade que queimava, e cada um fez o que pôde, sem precisar esperar por ordens”. Tais serviços, iniciados em maio de 1940, nunca esmoreceram até o dia da libertação, cinco anos depois. Por muito tempo após a supressão do Escotismo na Holanda, aqueles que o praticavam continuaram a ser o sustentáculo da Defesa Passiva, mesmo com o risco sempre presente de severa punição e sua frequente aplicação por desobediência às ordens da Alemanha. O número de vidas que eles salvaram, o número de prédios que eles preservaram da destruição por ataques aéreos, a maioria infelizmente no cumprimento da missão pelas Forças Aéreas Aliadas, foi muito grande. Por sua contribuição para o bem-estar de seu país eles mereceram, e lhes foi dada, a gratidão de toda a nação.

A maior parte das misérias que as incursões aéreas infligiriam ainda estavam no futuro quando, no outono de 1940, os alemães começaram a pôr as manguinhas de fora. A Lei Escoteira, a própria antítese do fascismo, era ainda o farol de milhares de jovens holandeses, pelos quais era assiduamente pregada e praticada. A potência ocupante procurou impor sua própria versão de Movimento Juvenil. A mais notória era a *Jengstorm*. Para nove em cada dez garotos holandeses ela não tinha atrativo; em consequência, havia raras adesões. Os alemães – há uma temível mesmice em seu procedimento – foram forçados a adotar medidas mais rigorosas. Considerando que os Escoteiros da Holanda não se dispunham a trabalhar para eles, nem se contentavam em ficar passivos, eles deveriam ser suprimidos. O Escotismo, que sempre provocara um franzir de sobrancelhas desde no

mínimo agosto de 1940, meros três meses após a invasão, foi abolido por completo em 2 de abril de 1941.

Esta ação dos alemães teve um duplo efeito sobre os holandeses. Aí estava um exemplo concreto de crueldade germânica contra uma organização estritamente apartidária. Devia ser uma boa organização, senão os alemães não teriam tomado tal medida, portanto ela deveria ser encorajada. A população de Escoteiros, que já era grande, aumentou. Eles vieram a ser amplamente considerados pela Holanda como mártires pela causa de seu país. Na verdade, as medidas mais duras ainda não haviam sido tomadas contra eles, mas a juventude da nação havia sido proibida de seguir um método saudável, popular e consistente de torná-los aptos para a batalha da vida, uma batalha que para muitos deles estava em vias de se provar mais que usualmente desgastante.

O resultado imediato da supressão foi, portanto, que o Escotismo continuou a ser praticado secretamente. Aqui, entretanto, uma dificuldade imediata se apresentou. Uma instrução geral foi emitida pelas autoridades Escoteiras para suspender o recrutamento e o treinamento de Lobinhos, pois estas crianças eram muito pequenas para entender a necessidade do segredo e poderiam, portanto, expor desnecessariamente a perigo aqueles que as teriam a seus cuidados. Não obstante, o Escotismo tinha se firmado tão fortemente na Holanda que não se podia conceber que morresse por falta de treinamento inicial. De alguma forma, em condições de crescente dificuldade e perigo, acampamentos de verão foram feitos em 1942 e 1943. Não apenas Lobinhos, mas também os jovens Escoteiros de 2ª Classe de 12 e 14 anos puderam vangloriar-se perante seus amigos sobre como tapearam os alemães e prosseguiram em sua vida Escoteira. Os rapazes mais velhos de 17 a 19 anos acharam a vida bastante difícil, pois se eles queriam escapar ao trabalho forçado ou ao alistamento no Exército Alemão, eles tinham de desaparecer na clandestinidade. E ainda assim, a despeito de toda dificuldade, de todo perigo, muitos ainda deram jeito

de praticar alguma forma ativa de Escotismo. “A eliminação do Escotismo foi para nós um osso duro de roer”, diz o relatório da respeitável 6ª Tropa de Rotterdam. “Levou algum tempo para que nós nos recuperássemos do golpe. Mais ainda, não tínhamos certeza se o *Sicherheitsdienst* (Serviço de Segurança alemão) estava ou não de olho em nós. Logo descobrimos que eles estavam atarefadíssimos com outras coisas perversas, e não prestavam atenção em nós. Então, gradualmente fomos reunindo parte do Grupo para retomar as atividades. Talvez fosse mais por causa das velhas amizades e da tendência para comer do fruto proibido da resistência que permanecemos ligados ao Escotismo”.

Esse espírito inflamou todo o país. Nos distritos de mineração, eles jogaram o jogo do Escotismo resolutamente através do que foi chamado “o tempo das catacumbas”, mas tiveram de cessar o trabalho com Lobinhos, que se transformaram em garotos de coral, juntaram-se a várias organizações religiosas análogas à Brigada dos Rapazes da Igreja, e assim deram um jeito de aprender alguma coisa de Escotismo. Com as Tropas, as situações variaram e, de forma geral, a despeito da espionagem constante pelos alemães e pelos traidores holandeses, que aumentavam as dificuldades, muitas continuaram a se reunir, mas sempre sob disfarce. Seguindo o exemplo dos mais novos, eles se tornaram clubes esportivos ou teatrais, corais, sociedades missionárias, e assim foram capazes de se reunir sem risco indevido. Pelo final de 1942, entretanto, os alemães descobriram esses subterfúgios e as Tropas tiveram de ser desfeitas, com os líderes indo para a clandestinidade.

Entretanto o Escotismo continuou a ser praticado, sendo isso possível em grande parte graças à determinação dos garotos para fazer acampamentos de verão a qualquer custo. É verdade que eles se assemelhavam muito pouco aos de tempo de paz. Os Escoteiros de Hulst, um distrito de mineração, usaram as cavernas de Valkenburg, onde seus antepassados de 150 anos antes haviam se escondido dos

soldados de Napoleão. A Patrulha Cegonha, de Nijmegen, dormiu “em sótãos e celeiros”. Os Escoteiros de Tilberg uma vez acamparam em um grande castelo pertencente ao Conde d’Outremont, completamente mobiliado mas vazio. “Como olhamos pelas janelas góticas para o fosso silencioso... Como cozinhamos, jantamos, cantamos, lutamos e brincamos... Como choramos de rir por prazerosas e poderosas lembranças. Em uma palavra, como vivemos lá tal qual os cavaleiros de antigamente”. Por um breve momento, os sonhos românticos da juventude se haviam realizado, e então, naquela última manhã, “o Oficial de Justiça nos contou... da arrancada dos exércitos Aliados na França, pois era agosto de 1944”.

Contar a história dos Escoteiros no exército subterrâneo da Holanda seria, com efeito, escrever a história de todo o Movimento de Resistência. Em cada um de seus ramos eles estavam ativos, em todos os seus combates eles podiam ser encontrados nas posições perigosas. As aventuras individuais de alguns homens e mulheres, brevemente apresentadas a seguir, devem servir de exemplos, esplêndidos e heroicos, mas muito longe de únicos, de feitos praticados também por seus numerosos camaradas.

Primeiro, a história de Wim, um jovem cidadão de Amersfoort. Quando a guerra estourou, ele tinha 23 anos e era Chefe Escoteiro (atualmente, há quatro Tropas Escoteiras nomeadas em sua homenagem). Em setembro de 1942, ele era um membro ativo do Grupo K.P. (Knok Ploeg), um grupo muito ativo que se especializou em executar reides contra escritórios administrativos germânicos para obter cartões de racionamento. Essas incursões ocorriam em larga escala, tendo por objetivo não apenas fornecer comida para a crescente quantidade de homens e mulheres compelidos a “mergulhar” para escapar ao trabalho forçado ou ao campo de concentração, mas também geralmente para confundir e atrapalhar os alemães em seus esforços para controlar a Holanda. Wim liderou uma incursão muito bem sucedida em Tilburg, que resultou na captura de um carimbo especial

usado pelos alemães em todas as carteiras de identidade. A esta seguiu-se outra operação bem sucedida na pequena aldeia de Maartensdijk, na qual se obteve boa quantidade de cartões de racionamento. Estes reides foram comparativamente fáceis de executar, pois em cada caso os guardas atacados eram aquilo que se conhecia por “bons” holandeses, policiais que haviam sido obrigados, muitas vezes por razões de família, a prestar serviço com os invasores – eles não podiam ver suas mulheres e filhos passar fome ou ser transportados para a Alemanha –, mas que estavam determinados a fazer tão pouco quanto pudessem para ajudá-los. Confrontados por Wim e seus amigos, eles puseram as mãos nas costas e se deixaram amarrar. O terceiro ataque, entretanto, conduzido contra alemães em Amersfoort, fracassou. Wim havia sido contra ele desde o início, pois àquela altura já se havia conseguido uma quantidade suficiente de cartões de racionamento, e correr mais riscos por mais cartões era desnecessário. Ele não tomou parte na ação, o que não adiantou muito, pois o líder do ataque foi capturado e tendo em seu poder os nomes de toda a sua Tropa. Entre eles estava o de Wim, que foi capturado em seu quarto. Num esforço para proteger seus amigos, ele imediatamente assumiu total responsabilidade pelos reides que havia realizado, e jurou que os cartões de racionamento e de identidade encontrados em sua bolsa tinham sido roubados por ele, sozinho. Ele foi mantido em confinamento solitário em Amsterdam, depois transferido para Haia e em breve tempo foi fuzilado.

Van D., um Líder de Tropa da mesma cidade, teve melhor sorte. Aos 19 anos, ele era líder de uma Tropa Escoteira em Amersfoort e tinha um atestado dos médicos locais que o declarava inapto para o trabalho forçado. Em consequência, ele foi posto a trabalhar numa repartição alemã cujo ofício era selecionar os holandeses que seriam enviados à Alemanha para trabalhar nas fábricas. Sua missão parecia-lhe óbvia: impedir que tantas pessoas quantas fosse possível fossem convocadas para o trabalho forçado. Logo ele aprendeu a imitar a caligrafia do médico encarregado de examiná-las, e em breve o número

de certificados emitidos para pessoas inaptas começou a crescer. Mesmo quando Van D. não obtinha sucesso com os atestados médicos, ele achava jeito, em muitos casos, de enviar as pessoas escolhidas, não para alguma distante cidade na Alemanha como Berlim ou Breslau, mas para uma cidade juntinho da fronteira, de onde elas poderiam escapar. Quando elas retornavam, ele lhes fornecia cartões de racionamento. Naturalmente, era impossível que ele ajudasse todo mundo nas listas com que sua agência lidava, mas ele se descobriu apto a ajudar pelo menos um em cada quatro que passassem por suas mãos, e ao todo, em dezoito meses cerca de um milhar de seus compatriotas haviam sido salvos do trabalho forçado ou do campo de concentração. Finalmente, em fevereiro de 1944, devido à indiscrição de um jovem estudante de medicina, os alemães descobriram suas atividades. Ele foi preso e condenado a cinco anos de prisão, e estava cumprindo essa sentença quando o fim da guerra o libertou.

As histórias de Frans, um Chefe Escoteiro, e Else, também de Amersfoort, são especialmente reveladoras, mostrando não apenas coragem altruísta, como também a fria ferocidade com que a Resistência holandesa fez o seu trabalho. Else era noiva de Frans, e uma Chefe de Lobinhos. Quando o Escotismo foi suprimido em 1941, sua Alcateia foi dispersa e ela se encontrou trabalhando totalmente em proveito da Resistência. Uma das primeiras missões dadas ao grupo ao qual ela pertencia foi eliminar a tiros alguns *quislings* que se haviam feito amigos dos invasores e, pior, traído vários de seus compatriotas. Resolutamente ela se preparou para o seu grave dever. Na vizinhança de Eiper havia um rico fazendeiro que era um *quisling* fervoroso e um traidor muito ativo. Else, seu noivo e mais dois usando o uniforme da polícia holandesa, saíram para ajustar suas contas. Eles foram separadamente para o local de encontro, o fazendeiro *quisling* foi devidamente executado, e o pequeno grupo dispersou-se. No dia seguinte, um deles relatou que na pressa da evasão ele havia deixado seu chapéu para trás, e que ele tinha suas iniciais gravadas na

carreira. Era uma falha séria, e por vários dias eles viveram com medo, até ficarem sabendo que um *quisling* local, amigo do fazendeiro que tinha sofrido a pena por sua traição, fora preso. Ele também tinha perdido um chapéu, sua cabeça era do mesmo tamanho da do companheiro de Frans e, mais ainda, tinha as mesmas iniciais.

Else acabou sendo capturada, mas Frans continuou suas atividades subversivas, tendo conseguido escapar da guarda policial que o levava ao tribunal para ser julgado, pois ele também tinha sido preso. Por algum tempo ele trabalhou para “Uncle John”, o líder de um grupo da Resistência, e então, em setembro de 1943, ele deu um passo grave e corajoso. Ele decidiu juntar-se ao Partido Nacional-Socialista Holandês, de modo a ascender tanto quanto pudesse em seus Conselhos e ao mesmo tempo, por usar o odiado uniforme, ter liberdade de movimentos para ajudar a Resistência. Fazer isso não era fácil, mas fingindo namorar a filha de um nazista holandês que vivia com sua família perto de Schutfen, ele foi bem sucedido. Frans aparecia como um jovem que tinha sofrido prisão por deixar de fazer o que deveria pelo Partido. Ele fazia tudo que pudesse, assim ele explicava, para ser restaurado no bom conceito. Seu charme e o poder de sua capacidade de cortejar convenceram a garota, que se impôs perante as autoridades nazistas locais para admiti-lo em suas fileiras. Uma vez dentro, ele se mostrou tão empenhado e ativo que foi enviado para a escola de treinamento de oficiais do Serviço de Segurança Nacional-Socialista Holandês. Completado seu treinamento, ele foi designado para o Escritório de Administração e achou-se manejando toda a sua correspondência. Boa parte dela consistia na mais traiçoeira forma de denúncia, a carta anônima. Logo, Frans estava atarefado avisando as pessoas cujos nomes estavam nas missivas, e no fim das contas descobriu-se forte o suficiente para ir mais adiante. Pessoas presas eram frequentemente trazidas à sua repartição. Ao vê-las, Frans entrava num acesso de raiva, berrando com todas elas em geral, mas reservando sua ira especial para um ou dois em particular. Com estes,

ele era especialmente abusivo, gritando no seu máximo volume e pondo-lhes o dedo na cara. Ao mesmo tempo, seu polegar apontava a direção da porta. Ele tinha pouca dificuldade em fazê-las entender, assim dizia. “Estar na subversão faz você pegar as coisas rápido”. Após um tempo, Frans sentiu que se ficasse mais tempo nessa repartição em Amersfoort sua identidade poderia ser revelada. Então, ele obteve uma transferência para o escritório de Utrecht, onde se viu encarregado de toda a correspondência de chegada e de partida. Suas atividades foram redobradas e ele foi capaz de lidar com cartas anônimas até uma quantidade de trinta ou quarenta por dia, e assim continuar seu trabalho de avisar os interessados.

Chegou setembro de 1944. Os Aliados estavam ao alcance da mão e Frans, diante de um difícil problema. Por um ano, ele trabalhara como um nazista holandês. Como ele seria capaz de restabelecer sua verdadeira identidade? Se falhasse, seus próprios compatriotas o justificarão. Ele refletiu sobre o problema e, numa noite, encontrou-se num novo refeitório de oficiais construído para o Serviço de Segurança dos nazistas holandeses e alemães. Era o dia marcado para a inauguração oficial, mas o oficial alemão escolhido para discursar estava bêbado demais para fazê-lo. Por um impulso comum, a audiência, da qual todos consideravam Frans um enérgico e eficiente jovem nazista holandês, chamou-o para falar. Ele lhes deu, então, “um discurso muito retórico e alegórico”, cheio de longas citações dos discursos de Hitler e de Mussert, líder dos *quislings* holandeses. A caminho do fim do discurso, Frans frequentemente inseria a expressão “os bons tempos estão chegando”, uma frase que era uma senha para o exército da Resistência. Os nazistas alemães e holandeses o aclamaram até produzirem ecos, “puseram-no sobre uma mesa e deram-lhe a distinção de tratamento de um oficial”. Ao deixar o ambiente, ele meteu nos bolsos todos os revólveres deixados na ante-sala, furtou a bicicleta novinha que pertencia ao comandante, e partiu para Haia, trinta quilômetros distante. No caminho, ele parou um comboio alemão de

doze caminhões e pegou uma carona. Seu gesto de despedida foi orientar os caminhões para a estrada errada, de tal modo que eles ficaram engarrafados num beco sem saída.

Frans estava em Haia quando ficou sabendo da prisão de Else. A notícia inspirou-o a engajar-se na mais perigosa de todas as suas missões, a formação de um grupo especial da Resistência vestindo uniformes da SS alemã. Estes foram obtidos abatendo a tiros a quantidade necessária de alemães e retirando-lhes as roupas. Frans logo tinha vinte homens sob seu comando e conduziu uma série de operações, que, como eles estavam vestindo uniformes alemães, puderam ser executadas à luz do dia. Por algum tempo eles tiveram êxito, notadamente na captura de alguns nazistas alemães e holandeses selecionados, que foram mantidos numa prisão secreta, para que eles pudessem ser julgados por seus crimes quando a guerra acabasse. Mas o grupo acabou sendo traído por um dos seus próprios membros, e dois integrantes foram presos. Frans estava determinado a resgatá-los. Ainda vestindo seu uniforme, ele blefou para entrar na prisão, passando por três sentinelas. Às primeiras duas ele deu uma senha, mas sabia que para a terceira a senha seria diferente, e ele não a sabia. Chamando a si todo seu treinamento Escoteiro, ele fi até o homem e, pegando-lhe a mão, disse: “Camarada, como vai? Não nos vemos há dois anos! Você se lembra daquele lugar na Frente Russa – esqueci o nome?”. A sentinela nunca havia visto Frans mais gordo, mas não queria confessar sua ignorância, uma fraqueza com que Frans, conhecendo a natureza humana, havia contado. Não apenas o alemão deixou-o passar, mas também, obedientemente, trouxe-lhe os dois prisioneiros. Frans de imediato informou que tinha de levá-los para interrogatório, e conduziu-os para fora debaixo do nariz das sentinelas. Um dos prisioneiros era seu irmão, e ele sobreviveu à guerra. O outro, como se descobriu depois, era o traidor, que foi fuzilado.

O feito final de Frans, que ele praticou em outubro de 1944, foi esconder treze rapazes que os alemães estavam procurando, na galeria

da Casa da Ópera de Haia. Eles apreciaram uma apresentação de *Die Fledermaus*, enquanto Frans obtinha falsas carteiras de identidade para eles. Frans era tão corajoso e imaginativo quanto o “Pimpinela Escarlata” da ficção, e tão sortudo quanto ele. Ele deve ser destacado como um brilhante exemplo daqueles holandeses com treinamento Escoteiro que ousaram arriscar tudo e triunfaram.

Muitos, igualmente ousados, não conseguiram. A sorte não favoreceu Piet de Lunteren, que foi descrito como “um bom Escoteiro, um Assistente de Chefe de Tropa, e um grande entusiasta”. Em junho de 1943, ele “mergulhou” e ajudou uma organização clandestina fornecendo milhares de jovens que haviam feito o mesmo para adquirir falsos cartões de racionamento. Ele então se tornou membro de um grupo de sinalização, e nessa função foi capturado e fuzilado pelos SS alemães.

O mesmo destino abateu muitos dos bravos Escoteiros holandeses que ajudaram os homens da 1ª Divisão Aeroterrestre na batalha de Arnhem<sup>181</sup>. Ao longo dos dez dias durante os quais lutaram para capturar e manter a ponte sobre o Baixo Reno, eles receberam todo apoio possível dos habitantes. Ninguém estava em maior prontidão para isso que os Escoteiros. Destes, Hans e Bert, que tinham 15 e 16 anos em 1940, haviam constituído uma Tropa clandestina de Pioneiros. Com seu líder e mais três camaradas, eles foram imediatamente para o hospital estabelecido pelos paraquedistas em Arnhem tão logo a luta começou, trabalharam lá entre os feridos e, quando o último deles foi levado embora pelos alemães, eles permaneceram ali por três semanas para enterrar os mortos. Só então pensaram em sua própria segurança. Eles puseram-se a caminho de Appeldoorn, mas no caminho foram presos por alguns SS holandeses. Três semanas depois eles foram encontrados caídos de bruços, tendo obviamente recebido tiros “quando tentaram escapar aos seus captores”.

---

<sup>181</sup> Arnhem era o alvo da 1ª Divisão Aeroterrestre Britânica, na Operação *Market-Garden*, referida no capítulo I desta obra. A cidade só foi libertada pelos Aliados em abril de 1945.

Um dos seus camaradas, Piet, não teve melhor sorte. Após a batalha de Arnhem, ele estabeleceu um serviço de transporte através do Waal, tendo como objetivo ajudar paraquedistas deixados para trás a se esconder, a fim de poderem escapar para as linhas britânicas. Eles eram levados através do rio à noite, e durante o dia ficavam escondidos numa fazenda produtora de frutas de propriedade de um amigo seu. Em 23 de outubro ele foi capturado, tendo sido denunciado por um casal judeu, que informara aos nazistas que Piet estava de posse de um bote de borracha. Ele e os dois que o ajudaram foram apanhados no ato de enchê-lo. Foram levados para uma escola em Tiel, e Piet foi morto a tiros quando tentava escapar por uma das janelas. Ele foi um dos quatro de sua Tropa Escoteira que foram mortos lutando pela Resistência durante a guerra. “Creio que o Escotismo contribuiu muito para mantê-lo ativo”, disse seu pai, “e para dar-lhe o sentimento de que jamais deveria desistir”.

Eddy de Haarlem era um Monitor em 1939. Ele juntou-se ao Movimento de Resistência tão logo foi fundado, e ainda estava nessa atividade quando os britânicos e os canadenses entraram na cidade. Entretanto, antes que esse dia feliz chegasse, ele trabalhou para seu Serviço de Inteligência e quando, como Piet, ele se achou em condições de auxiliar soldados paraquedistas deixados para trás em Arnhem, ele fez uso de um telefone oculto, que ligava a casa em que ele ficava com o quartel-general britânico do outro lado do Waal. Um oficial alemão estava alojado na casa, e sempre que Eddy tinha ocasião de telefonar, o proprietário ou seu filho tocava Beethoven e outros compositores no piano, para delícia do oficial teutônico. Os soldados britânicos fugitivos eram levados através do rio em botes, em locais previamente arranjados, com o restante do rio sendo sujeito a forte bombardeio de Artilharia. Eddy conduzia esses homens na travessia num bote de borracha, e trazia outros em caminhão ou ambulância, usando estradas vicinais. “Era um trabalho solitário, e ele permaneceu em Arnhem para executá-lo de setembro de 1944 a março de 1945”. Para fazê-lo com

sucesso, Eddy organizou uma Tropa de vinte e cinco rapazes, dos quais muitos eram Escoteiros.

Enquanto o Exército Britânico existir, o nome de Arnhem terá lugar honroso em seus anais, e jamais serão esquecidos aqueles bravos holandeses, tantos deles Escoteiros ou antigos Escoteiros, que ajudaram durante a desesperada batalha e pelas semanas e meses seguintes. Em maio de 1945, quando a guerra por fim terminou, os Escoteiros de Arnhem mandaram esta mensagem para seus irmãos na Inglaterra:

“Como Escoteiros holandeses, nós saudamos nossos irmãos e irmãs na Inglaterra. Por mais de cinco anos, nosso contato com vocês foi interrompido, mas as notícias que obtivemos sobre suas ações foram tão esplêndidas que nos trouxeram orgulho em pertencer a esta organização mundial. Desde 1º de abril de 1941, o Escotismo foi proibido pelos alemães, mas secretamente continuamos a praticá-lo, e aqueles de nós que não puderam fazê-lo permaneceram Escoteiros de coração. Pouco depois da libertação, viemos a conhecer alguns dos seus irmãos e irmãs ingleses, e estamos felizes em ouvir dizer do belo trabalho que estão fazendo, especialmente em prol das pessoas que estão passando fome no oeste do nosso país. Esperamos que em breve nós próprios possamos cumprir nosso dever de Escoteiros e também ajudar nosso povo no oeste da Holanda. Em toda nossa prática Escoteira, tomaremos como exemplo o trabalho de vocês e o de B-P. OS ESCOTEIROS DE ARNHEM”.

A missiva foi calorosamente respondida. Todos os anos, ingleses e holandeses reúnem-se naquela cidade para celebrar a luta e os tombados, entre os quais aqueles que foram Escoteiros não são os menos honrados.

Dos muitos atos de bravura e astúcia que os Escoteiros e Escotistas da Holanda praticaram a serviço de seu país, os do Sr. B, de Amsterdam, não devem ser esquecidos. Ele era um Chefe Escoteiro, e sendo funcionário na delegacia do trabalho daquela cidade, mostrou

grande engenhosidade para ajudar seus compatriotas a escaparem do trabalho forçado. Ele deu particular atenção aos que eram Escoteiros, e médicos empenhados em examinar clinicamente pessoas convocadas para o trabalho forçado eram também alvo de sua solicitude. Ele foi capaz de extrair deles grande quantidade de atestados médicos fajutos, que ele deu aos Escoteiros, e as estatísticas do padrão de saúde em Amsterdam logo começaram a declinar. O Sr. B acabou encontrando um impressor capaz de forjar documentos em grande escala. Certidões, cadernetas de racionamento, todo tipo de documento oficial era manufaturado com cuidado e presteza, e a curva das isenções subiu ainda mais acentuadamente. Então, o Sr. B descobriu que os alemães tinham uma norma segundo a qual pessoas com ascendentes negros jamais deveriam ser enviadas para a Alemanha, para não corromper a raça superior com sua presença. Este foi um magnífico golpe de sorte. O próprio Sr. B tinha rosto bem moreno e cabelos crespos, e deixou tornar-se conhecido que não muitas gerações atrás em sua família tinha havido uma miscigenação nas Índias Orientais. O rumor se espalhou, e em breve qualquer um de cabelos pretos e pele morena – e eles não eram poucos – descobria uma avó “negra” similar na sua cristaleira. Todos esses foram isentados.

Mas o ritmo começou a ficar quente demais para durar. O impressor foi preso e mandado para um campo de concentração, onde foi morto. Sem se deixar deter por isso, o Sr. B preparou o carimbo especial que os alemães usavam nos cartões. Ele trabalhou num pequeno porão escondido no meio da cidade, indo para lá e para cá num carro fúnebre, frequentemente saudado pelos bem educados alemães. Um dia, o inevitável aconteceu. As certidões que o Sr. B vinha tão generosamente distribuindo foram examinados com cuidado e descobriu-se que eram forjadas. O Sr. B saiu da delegacia do trabalho às pressas, mas continuou sua ação numa escala menor, furtando cartões genuínos da Prefeitura e modificando-os. Entretanto, em outubro de 1943 suas atividades foram temporariamente interrompidas

por sua prisão. Por um ano e meio ele padeceu em vários campos de concentração até chegar em Sieberg. Ali, esperando por uma oportunidade, ele se escondeu por uma quinzena com um amigo numa caldeira abandonada e escapou.

Um dos Escoteiros de Middleburg era L. K., um Pioneiro e um campeão de luta-livre da Marinha. Ele ingressou na organização K. P. e, sendo um lutador habilidoso e um homem de força fora do comum, “sempre que passava por um posto de guarda alemão, ele fazia uma pequena prática de nocautear os guardas. Então, ele seguiria seu caminho, poria um chapéu ou roupa diferente e voltaria para ver quanto dano havia produzido”. Seus dois feitos mais memoráveis foram a explosão de “uma importante ponte no norte da Holanda no momento em que uma coluna de alemães passava sobre ela. Ele fez isso sozinho, por sua própria iniciativa. Era seu hobby”. Seu segundo grande feito foi a substituição, por inofensiva areia, das cargas explosivas que os alemães haviam instalado sob o prédio da Agência dos Correios de Leewarden. Apesar de haver dezoito soldados alemães de guarda, L. K. praticou este feito com êxito, mas até hoje recusa-se a dizer como o fez. À força física ele aliava engenhosidade e sagacidade. Quando, como era de se esperar que acontecesse cedo ou tarde nas vidas daqueles que lutavam na Resistência Holandesa, os homens da Gestapo vieram prendê-lo, ele estava pronto para eles. Nesse tempo, ele vivia numa grande casa em Haia. Três agentes bateram à porta e disseram que queriam conversar com o Sr. K. Ele respondeu: “Oh, o Sr. K está morando no 3º andar”. Eles entraram, ele saiu.

Que estas histórias sobre o que o Escotismo significou na Holanda, e dos feitos de uns poucos dentre os muitos Escoteiros que pertenceram ao Movimento de Resistência, sejam concluídas com a história de Nellie. Em 1939, ela era Comissária Nacional de Lobinhos para toda a Holanda, e como tal organizou o trabalho dos Lobinhos por todo o país. Havia muitas tarefas de assistência que poderiam ser feitas, e o foram. Nellie coordenou-as até a supressão do Escotismo em 2 de

abril de 1941. Então ela apostou seu destino indo trabalhar com o prefeito de uma aldeiazinha que era o líder de uma seção da Resistência. Seus trabalhos eram muitos e variados. Eles enviavam mensagens para Londres, ajudavam aviadores Aliados e outros a tomar o longo caminho para a Espanha<sup>182</sup>, eles forneciam a “mergulhadores” cadernetas de racionamento e carteiras de identidade falsas.

Em junho de 1942, o prefeito foi preso e Nellie assumiu seu trabalho. Equipada com uma carteira de identidade falsa e um passaporte para a temporada na ferrovia, ela se lançou às suas perigosas tarefas, e desde então até sua prisão ela nunca dormiu mais de uma noite num mesmo lugar.

Em março de 1943, ela salvou a vida de um agente do Departamento de Inteligência dos Países Baixos, que havia caído no Zuider Zee quando o avião do qual ele se lançaria em paraquedas foi abatido por um caça noturno alemão. Ela trabalhou com ele até que ele retornasse à Inglaterra, e então ela “organizou o processo de retorno de pilotos derrubados via Bélgica e França”. Era trabalho perigoso, pois a Gestapo tinha o hábito de plantar “pombos de madeira”, pessoas que fingiam ser pilotos da RAF para se infiltrarem nas redes de apoio. Com a ajuda de “um vil e maldito *quisling* holandês” – Nellie não suaviza as palavras – “meu grupo caiu nas mãos do departamento de contra-espionagem da Gestapo”. Era apenas questão de tempo até que eles

---

<sup>182</sup> A Espanha saíra da Guerra Civil em março de 1939, com a vitória dos falangistas, liderados por Francisco Franco Bahamonde (1892-1975), com o auxílio de forças alemãs e italianas. Franco, entretanto, apesar das promessas de Hitler de reincorporar Gibraltar, manteve a Espanha fora da guerra, o que lhe permitiu sobreviver aos parceiros e ao conflito, obter a entrada da Espanha na OTAN e, com sua morte, reinstaurar a monarquia na Espanha. A Divisão Azul, que combateu na Frente Russa, foi constituída com homens nascidos na Espanha, mas que, ao serem nela incorporados, foram naturalizados alemães – formalmente, portanto, não houve cidadãos espanhóis lutando nas forças do Eixo durante a guerra. Sendo oficialmente neutra, a Espanha recebia de tudo: espiões, agentes, refugiados, evadidos... Por isso, Huelva, na Espanha, foi o local escolhido para “plantar” o cadáver do “Major Martin (operação *Mincemeat*)”, com documentos indicando não ser a Sicília o alvo da invasão Aliada após a campanha do Norte da África; graças a esse engano, numerosas tropas alemãs foram retiradas da Sicília, tornando menos custosa a operação.

encontrassem Nellie. Em 27 de setembro “a Gestapo deu sorte!”, e ela foi presa por não menos de oito dos seus agentes.

Parecia impossível que ela escapasse da morte. Ela não estivera engajada em trabalho de espionagem? E não era verdade que “a Convenção de Genebra dava aos alemães o direito de executar espões”? Mais ainda, não havia um general alemão declarado em Bruxelas que “este grupo causara a morte de milhares de soldados germânicos”? Todavia, para seu espanto, ela foi interrogada polidamente. “Tive a sorte”, ela recorda, “de encontrar oficiais da Gestapo que não eram bestas sádicas. Um huno<sup>183</sup> é um huno, nunca esquecerei isso, mas meus interrogadores nunca me bateram”. No primeiro dia ela permaneceu calada. No seguinte, os alemães a levaram à prisão em Scheveningen. “Na primeira noite em sua cela você não dorme. Você fica pensando em qual é a melhor coisa a fazer. Apenas por um momento eu cheguei a pensar em suicídio. Eu disse que prepararia para os hunos uma boa surpresa quando eles me encontrassem no dia seguinte, morta como um parafuso de porta. Mas logo seu bom senso assume o controle. Só há um caminho para mim: combater os hunos até o fim”.

No dia seguinte, ela foi interrogada das oito da manhã à meia-noite, cada agente da Gestapo pegando um turno. Sua fama tinha-se espalhado pela Holanda e eles estavam ansiosos por vê-la. “A cada um que chegava, eles faziam a mesma observação: ‘Esta é a Nel’, como se eu fosse uma velha amiga deles”. Ela não lhes deu informação alguma, nem naquele dia, nem em nenhum outro. Em julho de 1944, Nellie foi julgada por um tribunal de oficiais da Força Aérea Alemã (Luftwaffe), instalado em Utrecht. Ela foi condenada à morte com base em dois crimes: espionagem e ajuda a pilotos Aliados, e dos vinte e um que estavam na ala com ela, todos pertencentes ao seu mesmo grupo da Resistência, dez receberam a mesma pena. “Ainda me sinto orgulhosa do comportamento de todos eles”, ela escreveu. “Ninguém demonstrou

---

<sup>183</sup> Forma depreciativa como os Aliados, especialmente os anglo-americanos, se referiam aos alemães, na Primeira e Segunda Guerra Mundial.

alteração emocional, ninguém disse que se arrependia do trabalho que fez. Naquele 4 de julho vimos a morte cara a cara e ninguém teve medo dela”. Até mesmo o presidente do tribunal ficou impressionado com a atitude deles.

Antes que a confirmação da sentença de morte chegasse, os Aliados chegaram à Holanda, e Nellie e os outros foram colocados num caminhão de gado e levados para a Alemanha, levando três dias para fazer uma viagem que em tempo de paz levaria quatro horas. Na Alemanha, ela e seus companheiros foram confinados com um grupo de prisioneiros da operação *Nacht und Nebel*, vítimas do que talvez se possa considerar o maior de todos os crimes alemães, o decreto *Noite e Neblina*, pelo qual várias pessoas presas [ativistas políticos, integrantes de movimentos de resistência e aqueles que lhes dessem qualquer tipo de auxílio] nunca mais foram vistas, nem se ouviu falar delas, permanecendo seu destino um mistério não elucidado para seus familiares. Em companhia destes, Nellie e seus companheiros passaram o resto da guerra, numa austera prisão em Kotbus, trabalhando duro, sua alimentação consistindo de “duas fatias finas de pão amolecido e para o jantar um litro de água com alguma coisa nela do tipo que na Holanda damos ao gado”. Ela dava jeito de manter elevado o moral de todos fazendo-os jogar jogos Escoteiros, aprender Morse e resolver quebra-cabeças e charadas uns dos outros. Ela também deu um jeito de ensinar bordados.

Transportados para fora de Kotbus em fevereiro de 1945, eles foram levados em caminhões de gado, no pico do inverno, para Waldheim, na Saxônia. A viagem levou três dias e noites, setenta mulheres sendo amontoadas num caminhão de gado sem comida nem água. Muitas delas morreram. Nellie sobreviveu, apesar de a essa altura ela já haver perdido uns 28 kg. Em sua nova prisão, eles podiam ouvir os canhões da Artilharia russa. “Nunca esquecerei essas últimas semanas praticamente sem comida e com os Aliados tão perto. Foram os dias mais pesados de nossa prisão. Em 6 de maio de 1945, às 10 da

noite, alguns soldados russos bêbados arrebentaram as portas das nossas celas e nos libertaram... eles eram meio abrutalhados, mas o fato é que estávamos livres”.

Nellie está agora de volta ao seu trabalho formando Alcateias, promovendo o Escotismo pelo seu país afora. Ela, e milhares como ela estão convencidos de que o escotismo deve ter, e realmente tem, um papel relevante na reconstrução de qualquer país devastado pela guerra. Certamente fará sua parte na Holanda, pois as tradições que criou nos cinco anos de 1940 a 1945 não serão facilmente esquecidas. Após um começo lento, os holandeses criaram um movimento de resistência aos opressores tão poderoso e bem-sucedido quanto aqueles que os levaram a obter a independência da Espanha e frustraram as ambições de Napoleão. Nele, pessoas de todas as classes e de todas as idades tomaram parte, desde o Lobinho de 10 anos de idade levando uma mensagem ou uma caderneta de racionamento forjada para um “mergulhador”, até a velha dama de muitos ancestrais ilustres que dizia que os alemães jamais poderiam alcançar a altura do seu desdém por eles.

#### BÉLGICA

O ataque dos alemães à Holanda foi acompanhado por um assalto simultâneo à Bélgica, o vizinho mais próximo. Pela segunda vez em uma geração esta pequena e brava nação, “os mais duros guerreiros das Gálias<sup>184</sup>”, como César, o primeiro dos ditadores a tentar registrar observações sobre eles, descreveu os belgas, achou-se encurralada confrontando as tropas do mais ignóbil dos seus imitadores. A campanha durou dezoito dias. Ao seu final, o país foi derrotado, e os Exércitos Britânico e Francês, que haviam ocorrido em seu apoio, recuaram, o primeiro através do Canal da Mancha<sup>185</sup>, o segundo de

---

<sup>184</sup> Júlio César (100-44 a.C), em seus *Comentários sobre a guerra das Gálias*.

<sup>185</sup> A evacuação de Dunquerque, mencionada no capítulo III desta obra.

volta ao seu próprio território para ali se desintegrar com uma velocidade que chocou toda a Europa.

O pequeno e tenaz Exército Belga contava muitos Escotistas em suas fileiras, e destes, muitos foram mortos na breve porém feroz campanha. A maioria estava em idade para o serviço militar, mas havia na Bélgica milhares de Escoteiros de todos os níveis que ainda eram muito jovens para o serviço ativo, mas constituindo em si mesmos a reserva nacional de jovens. Em poucas horas após o rompimento das hostilidades, o governo, percebendo que a Bélgica certamente seria um campo de batalha, determinou que se removessem para lugar seguro tantos jovens quantos fosse possível. Eles deveriam ir para a França, de modo que, à medida que fossem chegando à idade, pudessem engrossar as fileiras do Exército belga. Na ocasião em que essa decisão foi tomada, nem se sonhava com a possibilidade da iminente queda do grande vizinho da Bélgica. Em 14 de maio, um trem especial Escoteiro partiu de Bruxelas, cada vagão cheio de garotos uniformizados, animados e resolutos. Cerca de 1.200 chegaram a Montpellier, no sul da França, por esse meio. Foram mais sortudos que os restantes, que em breve se viram a caminho do mesmo destino a pé, sem comida, dinheiro ou abrigo, todas as suas posses em suas mochilas, nos ombros. Mas eles eram Escoteiros e, portanto, capazes de cuidar de si próprios. Mais que isso, eles tinham condições de cuidar de outros, naquela grande enxurrada de refugiados civis serpenteando rumo ao sul, sem um final definido para a jornada, com o único pensamento de escapar aos alemães. Ao longo dessa *via dolorosa*, podia-se por vezes ouvir o som de cantoria. Vinha dos lábios dos Escoteiros, os garotos belgas que, “confiantes em Deus e em seus próprios recursos”, esforçavam-se por cumprir o seu dever. Ao redor deles, havia homens e mulheres no último extremo de miséria. Foi para uma ocasião assim que a Lei Escoteira foi instituída. Eles se prontificaram a cumprir, tão literalmente quanto possível, o 4º artigo – “O Escoteiro é amigo de todos”. Uma Tropa de Tournai trabalhou sem parar, dia e noite,

durante três dias em uma cantina cortando pão, levando bebidas e guiando aos centros de acolhimento uma quantidade cada vez maior de refugiados aterrorizados pelas bombas.

Nem todos os Escoteiros seguiram pelas estradas. Em adição aos que haviam sido enviados nos trens especiais Escoteiros, houve outros que viajaram em trens de refugiados, recusando tomar assento nos vagões, cedendo lugar a idosos e crianças; em lugar disso, amontoavam-se nos corredores e nos vagões de freio<sup>186</sup>. Um trem desses colidiu, perto de Calais, com um cargueiro lotado. O quarto e o quinto vagões se amontoaram, soterrando os sobreviventes, mas os Escoteiros saltaram do vagão de freio assim que os dois trens se encontraram. A maioria dos passageiros pensou que o acidente fora resultado de um ataque aéreo e fugiu correndo e gritando para longe da linha férrea. Fizeram-lhes frente resolutos Escoteiros e Pioneiros, que controlaram o pânico e então retornaram ao trem, acalmando as pessoas e afastando-as dos destroços. Durante uma hora os Escoteiros trabalharam sozinhos, com dois médicos identificados no trem tão tomados pelo pânico que se tornavam inúteis. Os Escoteiros mais novos fizeram o melhor que puderam para recuperar a bagagem espalhada para todos os lados, muito preciosa, pois representava todas as posses dos seus proprietários; os Escoteiros mais velhos encarregavam-se das vítimas, socorriam os feridos, retiravam os mortos. “Eles trabalharam sem repouso, como autômatos, no meio do impregnante cheiro de sangue”. Finalmente, duas ambulâncias chegaram, mas o motorista de uma delas deu no pé. Um Pioneiro assumiu o lugar dele, apesar de nunca ter dirigido um carro em toda sua vida. Ele levou os feridos a salvo para o hospital. Sem se abalar por essa severa experiência, essa Tropa de Escoteiros belgas chegou a Paris, onde eles trabalharam na sede dos

---

<sup>186</sup> Quando o tamanho do trem não permitia que um só sistema de freio fosse eficaz, dispunha-se no meio da composição um vagão mais simples, que continha um dispositivo de freio, e no qual viajavam funcionários da ferrovia, prontos a acionar o freio quando fosse preciso.

*Scouts de France* antes de juntar-se à enorme massa de refugiados que fluía pelos portões do sul da capital.

O Comissário Geral Belga, Armand de Coninck, finalmente estabeleceu seu escritório central em Toulouse, e nesta cidade e em seus arredores um pequeno exército de jovens belgas, uns 1.500 deles, começou a se agrupar. Os Escoteiros mais velhos, pertencendo, como pertenciam, à única organização disciplinada no local, tinham a tarefa de cuidar desse povo todo, e receberam graduação equivalente à de oficiais. De 5 a 18 de junho, os belgas chegavam. Eles foram divididos em 54 Companhias, e 300 Chefes Escoteiros com 20 capelães assumiram o comando, sob a coordenação do Barão Charley Del Marmol, Comissário Internacional Belga. Eles cuidavam de arranjar alojamentos, rações e, acima de tudo, ocupações, pois muitos dos jovens chutados para a inatividade consideraram esse exílio forçado em terra estrangeira irritante e difícil de suportar. Os Escoteiros belgas ensinaram aos jovens adultos a “fazer e consertar”, e a lavar. Uma vez por semana, as sedes eram pintadas com creosoto para eliminar os bichos daninhos. Sua comida era melhorada e melhor preparada. Arranjaram-se espaços, e aulas de educação física, e havia um toque de cerimônia, tão importante quando lidando com a natureza humana *en masse*. Toda noite, saudava-se a bandeira belga. Depois, estabeleceram-se cantorias, reminiscências das noites ao redor da fogueira, e os sons da harmônica e do acordeão enchiam a noite do sul da França.

Tudo isso se conseguiu com bastante rapidez, mas não sem certo atrito com as autoridades militares, que, entretanto, terminaram por perceber o valor de pessoas que, independentemente da idade, sabiam a importância da disciplina e tinham um espírito alegre e sereno. Nas Ordens Gerais publicadas em 13 de junho, constou: “Em princípio, os quadros de toda companhia de jovens serão constituídos por Escoteiros. Este arranjo vem trazendo bons resultados e todos os esforços noutras direções falharam. Onde for possível, esta solução deve ser ampliada e usada”.

Ao tempo em que essa ordem foi publicada, o comportamento dos Escoteiros belgas confundira seus anfitriões franceses que não haviam sido mesquinhos na dureza com que criticaram a rendição da Bélgica. Agora, entretanto, tanto franceses quanto belgas estavam no mesmo barco, e ele estava ancorado, aparentemente para seu bem-estar, nos portos do inimigo. Por algum tempo, os Escoteiros belgas tentaram levar adiante a vida no sul da França. A essa altura, havia muitos pequenos acampamentos espalhados pela Provença nas vizinhanças de Montpellier, e desses acampamentos eles saíam dia após dia e trabalhavam nos vinhedos, pulverizando as parreiras e cavando a terra vermelha. Em agosto, por ordem dos alemães, eles foram mandados de volta da Zona Ocupada da França para seu próprio país, que era livre quando o deixaram mas que agora “sentia a dureza da bota alemã”. Antes de deixar as terras da França, eles construíram pequenos monumentos nas pequenas aldeias banhadas de sol do Sul, para celebrar sua breve permanência ali e agradecer aos seus hospedeiros. A viagem de volta foi triste, longa e difícil. No curto período de um mês França e Bélgica haviam sofrido terrivelmente com a guerra. Muitas estradas e ferrovias haviam sido danificadas ou destruídas. As que sobraram estavam embaraçadas por refugiados que retornavam para casa após não terem conseguido achar lugar seguro na França. Estes foram ajudados pelos Escoteiros, sendo que um jovem Pioneiro de 18 anos foi bem sucedido em trazer de volta à Bélgica algumas famílias de refugiados e sua bagagem amontoados num grande furgão de móveis.

De início, como em qualquer outro país conquistado exceto a Polônia, os alemães se comportaram bem, procurando, com palavras agradáveis e ações gentis, cooptar a população que, pela segunda vez na vida, tinha de suportar seus exércitos. Para os Escoteiros, entretanto, esse período foi de curtíssima duração. Uns poucos meses haviam decorrido, e então a Gestapo convocou os líderes Escoteiros da Bélgica e exigiu informações detalhadas sobre todas as atividades Escoteiras. Eles foram iludidos com vagas declarações generalistas, e os

arquivos contendo o que eles procuravam foram queimados ou escondidos em lugar seguro. A exigência de um inventário detalhado de equipamentos, barracas, locais de acampamento, grutas de Alcateia, etc., encontrou uma franca recusa, e a *Boy Scouts de Belgique*, uma das três Associações Escoteiras que floresciam naquele país, informou aos alemães que todo o seu acervo pertencia à Igreja. O inevitável aconteceu. O Escotismo foi proibido, exceto com permissão dos ocupantes. Aparentemente, os Escoteiros belgas obedeceram. “Despimos os uniformes e vestimos o espírito”.

Com a chegada da fome à Bélgica, como costumava acontecer nos rastros dos exércitos alemães, acampamentos e “abrigos” para crianças subnutridas foram organizados, e eles “asseguraram a existência de um canal pessoal para praticar o Escotismo em uma ampla base”. Um fenômeno ficou logo aparente: a quantidade de Escoteiros aumentou de forma contínua. Em 1940, as três Associações Escoteiras, a *Boy Scouts de Belgique*, a *Fédération des Scouts Catholiques* e a *Vlaamsch verbond der Katholieke Scouts*, somavam um total de 17.780 membros. Em 1941, esse número subiu para 23.430, e em 1944, o ano da libertação, para 41.950, ou mais que o dobro da quantidade de 1940. Os motivos para esse aumento foram os mesmos que em outros países. A Bélgica foi chamada quase imediatamente para aguentar uma opressão feroz e injusta, e isso produziu uma reação natural nos corações dos oprimidos, um profundo ressentimento e a determinação para resistir. Um lugar óbvio para exteriorizar esses sentimentos era o Movimento Escoteiro: considerado em tempo de paz como um passatempo limpo e agradável, tornou-se nos anos de ocupação, uma vívida e, depois, perigosa forma de manifestar patriotismo.

Sendo um Movimento Juvenil, o Escotismo inspirava confiança em todas as famílias belgas, que nele viam um meio para formar bons cidadãos, e ele naturalmente atraía, pelas várias ações sociais que fazia, jovens ansiosos por fazer o que pudessem para ajudar sua comunidade. O desastre de duas invasões alemãs num período tão curto forçou o

belga comum a pensar muito cuidadosamente, a resguardar sua vida, fosse como fosse, e a determinar que das asperezas do presente um novo mundo haveria de surgir no futuro. Esse mundo, entretanto, teria de basear-se na educação e treinamento do caráter. *Quid leges sine moribus?* [Que é da lei sem os costumes?]. O Escotismo continha ambas as coisas. Mais ainda, juntar-se ao Movimento significava familiarizar-se com o perigo, e qual o jovem com espírito que poderia resistir a tal isca? A maior causa isolada do crescimento da filiação foi, provavelmente, a tentativa dos alemães de criar um Movimento Juvenil para seus próprios propósitos. Eles tentaram alcançar esse objetivo com a Organização Rexista, construída pelo traidor Degrelle<sup>187</sup>, cuja missão era pregar e praticar a Nova Ordem. Seus métodos eram tão grosseiros quanto suas ideias, e assim foram os melhores agentes de recrutamento para os Escoteiros.

Durante a ocupação, dois princípios fundamentais balizaram as atividades Escoteiras na Bélgica. Diante das crescentes necessidades materiais, a prática das boas ações tornou-se cada vez mais importante. Portanto, em cada uma das três Associações instituíram-se Comissários para o Serviço, e seu papel era organizar e coordenar as diferentes maneiras pelas quais os Escoteiros poderiam cumprir esse dever. Destas, destacam-se em importância os *Camps des Jeunes* (Acampamentos de Jovens), os campos para crianças subnutridas já mencionados. Na maioria das vezes eram organizados por Pioneiros e a eles compareciam crianças com idades de 6 e 7 anos sofrendo os efeitos da quase-inanição. Muitas dessas crianças eram filhos e filhas de prisioneiros de guerra belgas. Os Escoteiros basearam os acampamentos em sua própria experiência de campismo e se desempenharam muito bem. Não apenas foram as crianças supridas de nutrição e ar fresco, mas também com os fundamentos morais de uma

---

<sup>187</sup> Léon Degrelle (1906-1994), político e militar belga. Colaborou com os ocupantes nazistas, e fez parte da Divisão SS *Wallonia*, constituída com belgas flamengos. Com o fim da guerra, fugiu para a Espanha, onde obteve a cidadania e onde residiu pelo resto da vida.

vida bem conduzida. Elas aprenderam obediência, disciplina e cidadania, e seu sentido religioso também se desenvolveu. Os Pioneiros dividiram os garotos em Tropas e implantaram um sistema de Patrulhas. Esses acampamentos foram tão bem sucedidos em 1941, que em 1942 fez-se um esforço ainda maior. Mais de 350 escolas cederam suas instalações e seu pessoal para agosto e, naquele mês foi proporcionado a 21.000 crianças um feriado. Eram os piores casos de subnutrição. Os menos graves foram para as “bases de ar livre”. Equipar e aprovisionar os acampamentos era um grande problema, pois nenhum apelo podia ser feito aos alemães, que continuamente estavam “apertando o parafuso”. Por intermédio da Cruz Vermelha, celebrou-se um acordo entre o governo belga no exílio [em Londres] e os governos de Suíça e Portugal, pelo qual uma certa quantidade de alimentos para as crianças era remetida à Bélgica. Para possibilitar à carga atingir o destino, os Aliados suspenderam o bloqueio. O resultado dessa oportuna medida de assistência, com a qual os alemães não interferiram, foi o incremento do peso médio das crianças do campo em 2 a 3 kg.

Roupas eram outra dificuldade. 30% das 21.000 crianças frequentando os acampamentos em 1942 estavam calçadas apenas com chinelos. Foi-lhes fornecida uma espécie de galocha com solado de madeira. Sua disciplina era ruim, pois ou elas eram órfãs ou seus pais estavam ocupados demais lutando pela existência para dar-lhes os devidos cuidados e atenção. Os Escoteiros supriram isso, e naquele ano 34 acampamentos tiveram seu *staff* todo constituído por Escoteiros, mais notavelmente aqueles chamados pelo príncipe Balduino. Em 1943, mais acampamentos foram abertos. Alguns foram instalados com assentamento permanente, e o número de “bases de ar livre” também cresceu. Naquele ano, 50 acampamentos foram entregues aos Escoteiros, e em outros a proporção de Pioneiros encarregados era bastante alta. 1944 não mostrou queda nessas ações, e em geral pode-

se dizer que os esforços dos Escoteiros belgas para cuidar das crianças de seu país teve um efeito permanente e afetivamente marcante.

As crianças não foram o único segmento da população ajudado pelos Escoteiros belgas. A *Fédération des Scouts Catholiques* criou uma subseção especial de seu Ramo Pioneiro chamada *Route des Hommes*. Esta não era apenas uma associação de antigos Escoteiros, mas foi planejada para atrair homens de todas as idades para o Movimento, e dar-lhes o apoio e socorro moral do qual tanto necessitavam. A resposta foi inesperadamente grande, e muitos homens quarentões e acima dessa faixa etária começaram a adotar a Lei Escoteira como base para sua vida profissional e familiar. Eles também se empenharam em outras atividades Escoteiras, aprenderam a cozinhar em fogueiras e fizeram jornadas. “Eu mesmo vi um médico de 35 anos fazendo a Promessa Escoteira. Foi um momento impressionante”, relata um comissário. Uma Organização Escoteira Flamenga deu atenção particular aos jovens que entravam na puberdade, para quem montaram um programa especialmente adequado.

Não se deve imaginar que todo esse trabalho pôde ser levado adiante sem restrições ou obstáculos por parte dos alemães. Como já foi mencionado, eles mostraram a garra até então oculta antes que 1940 chegasse ao fim, e em 15 de outubro daquele ano eles prenderam todos os Chefes Escoteiros de Bruxelas, incluindo o capelão, e fecharam a sede. O capelão, Padre Schurman, foi considerado culpado de distribuir cópias de *Le Libre Belgique*, o primeiro dos jornais clandestinos, e foi condenado a dez anos de trabalhos forçados. Ele foi enviado para um campo de concentração, mas sobreviveu e retornou em 1945. Tendo mostrado a mão de ferro, os alemães voltaram a encobri-la com a luva de veludo e, por intermédio de Léon Degrelle, líder do Movimento Fascista Valão, buscaram conquistar os Escoteiros para seu lado. Em uma entrevista com o Padre Frencken, Capelão-Geral da *Fédération des Scouts Catholiques*, Degrelle declarou que tinha um afeto todo especial pelos Escoteiros, mas que eles deveriam conformar-se à Nova Ordem ou

ser suprimidos. Em nome dos Escoteiros, seu capelão escolheu a supressão. Daquele momento em diante, era guerra entre os alemães e rexistas de um lado, e os Escoteiros do outro. Em 1943, os alemães suprimiram totalmente o Escotismo. Eles proibiram vestir o uniforme, o uso de bússolas e mapas, a prática do código Morse, ou andar em grupos de três ou mais pessoas. Essas ordens foram desobedecidas sempre que possível, e geralmente os alemães pareciam estar de certo modo incertos quanto à linha de ação a adotar. Em uma cidade do sul da Bélgica, por exemplo, eles prenderam alguns jovens Escoteiros que carregavam um mastro totem, que confiscaram, mas devolveram alguns dias depois. Em Chimay, a despeito dos esforços do burgomestre rexista, os Escoteiros foram capazes de manter sua sede na casa que ocupava.

Os Escoteiros em Antuérpia sempre foram particularmente ativos. Em 1940, eles haviam coletado roupas, meias, roupas de baixo e sapatos para soldados belgas feitos prisioneiros de guerra. Seu método era percorrer a cidade em roupas comuns (os alemães suspeitavam do uniforme), pondo noticiários impressos nas caixas de correspondência avisando aos moradores que eles retornariam num certo dia da semana seguinte para buscar uma encomenda. No dia da coleta usaram-se carrinhos de mão, e “apesar do trabalho ter sido duro, foi uma bela faina de carga”. Algumas semanas depois, eles conduziram outra operação similar, desta vez em benefício dos prisioneiros de guerra britânicos. Por essa época, os Escoteiros de Antuérpia se haviam decidido a continuar praticando Escotismo quaisquer que fossem os obstáculos postos em seu caminho, e encaminharam ao Rei uma mensagem nesse sentido. Naquele Natal, doces e brinquedos foram coletados para crianças doentes no hospital, e foi durante aquele inverno que eles iniciaram uma sutil forma de resistência, que culminaria, antes do fim da guerra, em operações em larga escala com o *Maquis*<sup>188</sup>. Por algum motivo, os alemães aliviaram a pressão em 1941,

---

<sup>188</sup> Movimento de resistência francês.

e os Escoteiros foram autorizados a vestir seu uniforme uma vez mais. Vestindo-o, eles ganhavam novos adeptos, organizavam acampamentos, e, deitando-se de costas no escuro, sinalizavam “V” em Morse para os bombardeiros da Royal Air Force. “Nosso ânimo se elevava quando ouvíamos o ronco dos motores da RAF”. A Bandeira Nacional era apresentada em segredo – “Cheguei a ver mulheres chorando ao vê-la”. Naquele inverno, seus corações estavam em alta. Entretanto, logo os germânicos voltaram a agir com dureza, e a essa altura os *quislings* de Degrelle, apelidados “os Pretos”, mais detestados até mesmo que os alemães, estavam se tornando um aborrecimento. Estando proibidos de usar mapas ou bússolas, tudo que os Escoteiros de Antuérpia podiam fazer era “andar pela zona rural e estudar flores e plantas”, mas, ainda assim, quando, sob a maior dificuldade, a Associação organizou uma competição nacional perto de Bruxelas, uma de suas Patrulhas, a Andorinha, venceu a *Taça do Desafio*.

Pelo final de 1943, as Tropas já somavam mais de 500 membros, e haviam mandado algumas centenas de pacotes, cada um pesando cerca de 5 kg, para prisioneiros de guerra, a um custo de cerca de 10.000 francos, um esforço nada pequeno para Tropas compostas em grande parte pelos elementos mais pobres da população. Eles tiveram parte ativa nos acampamentos para crianças subnutridas, e em 1943 conduziram três deles, com 325 participantes.

No retorno de um desses acampamentos, duas Patrulhas de Escoteiros de Antuérpia foram presas pelos “Pretos”, apanharam e passaram algumas horas na prisão. Este foi o começo de uma forma intensificada de perseguição, e logo ficou difícil para os Escoteiros mostrar-se nas ruas, pois a *Hitler Jugend* reforçou os “Pretos” e manteve a vigilância. As prisões se tornaram mais frequentes e eram invariavelmente seguidas de uma surra brutal, porque “os Escoteiros se recusavam a dar os nomes dos seus oficiais”. Era-lhes oferecida também a escolha de integrar a Organização Rexista ou a *Hitler Jugend*, e mais de um Escoteiro foi mandado para um campo de concentração

por recusar-se a fazê-lo. O Assistente de Mestre Pioneiro da 1ª Tropa de Antuérpia foi especialmente corajoso e especialmente sortudo. Um dia, ele telefonou ao seu Chefe, dizendo que “ele tinha algo interessante para mostrar”. A tal coisa interessante era um enorme aeronauta norte-americano. “O Pioneiro havia encontrado três deles, cujo avião fora derrubado. Ele escondeu um dos aviadores por três dias, e os colocou todos em contato com a organização dedicada a contrabandear aviadores Aliados para fora do país. A pena para esse tipo de trabalho era a morte, e o Pioneiro foi subsequentemente aprisionado, mas escapou com uma sentença de prisão. Ele foi mandado para um campo de concentração e retornou em julho de 1945. Seu Chefe Escoteiro promoveu uma prática de “passear pelo campo para fazer levantamento de zonas de aterragem nas quais armas pudessem ser lançadas”. Ele ajudou sete aviadores anglo-americanos a alcançar lugar seguro, e seu irmão, Chefe Escoteiro da 5ª Tropa de Antuérpia, “um campeão e um herói”, teve 65 resgates similares a seu crédito. Ele teve menos sorte que os outros, pois os alemães ficaram sabendo de suas atividades, prenderam-no, e ele morreu num campo de concentração em dezembro de 1944. Seu filho, um Monitor, continuou o trabalho do pai e, na ocasião em que os Aliados chegaram, a maioria dos antigos Pioneiros da Tropa estava na Resistência, na qual “lutaram como demônios”.

Quando chegou o Dia V-E, os Escoteiros de Antuérpia tinham um efetivo de uns 700 membros, com dez Tropas. Sua história é típica do comportamento dos Escoteiros em geral, por toda a Bélgica durante os cinco anos de ocupação. Todos esperavam o dia da libertação, que, com uma fé cega e tocante, eles sabiam que iria raiar. Enquanto ele não vinha, havia trabalho a fazer e riscos a serem corridos. Geralmente, ninguém interferia com os Escoteiros que ajudavam na Defesa Civil, e eles atuaram como vigilantes do fogo, recolhiam os mortos e levavam mensagens. Nesse trabalho de ARP, eles eram uma especial fonte de conforto para a população comum, que, à medida que a guerra progredia, sofria crescentemente com os bombardeios aéreos dos

Aliados. “Do mesmo modo que conquistaram as crianças nos acampamentos, os Escoteiros conquistaram o público durante os bombardeios”. Liège e Antuérpia foram as duas cidades pior bombardeadas da Bélgica, e após a libertação Antuérpia sofreu terrivelmente com o bombardeamento por foguetes e bombas-voadoras (V-1). Por essa época, a Bélgica estava livre e os Escoteiros estavam mais ativos no que nunca. Eis o relato de uma testemunha sobre o comportamento de dois deles durante o segundo suplício de Antuérpia.

“Vi um Escoteiro de 12 anos aplicar um torniquete numa pessoa com uma artéria seccionada. Um foguete caíra a algumas ruas dali, e a explosão produziu uma chuva de cacos de vidro pela estrada. Uma mulher do outro lado da estrada caiu no chão sangrando profusamente no braço. Antes que eu pudesse alcançá-la, um Escoteiro correu do portal em que se abrigara, tirou o lenço e num instante preparara um torniquete, usando um lápis para dar o necessário aperto. Sabendo do perigo que poderia se apresentar se a pressão fosse mantida por um período muito longo, eu o questionei sobre isso. Ele certamente sabia o que fazia, aquele jovem Escoteiro<sup>189</sup>. Além do seu conhecimento de pronto-socorrismo, ele também tinha coragem. O ferimento não era uma visão agradável, e eu conhecia muitos adultos que não teriam sido capazes de executar a tarefa de maneira tão eficaz”. Essa mesma testemunha viu dois outros jovens Escoteiros resgatarem um bebê de uma edificação danificada por uma bomba voadora de tal maneira que “deixara o interior exposto como se fosse o de uma casinha de bonecas”.

No distrito de Liège, quatorze membros regulares de um Clã Pioneiro, com a média de 22 anos de idade, montaram uma das

---

<sup>189</sup> O torniquete, ou garrote, é um procedimento para estancar hemorragias nos membros que é contra-recomendado pelas modernas técnicas de pronto-socorrismo, justamente por causa do risco mencionado pela testemunha. Se a pressão for mantida por muito tempo, o membro afetado pode entrar em processo de gangrena e necrose, por falta de circulação sanguínea. O torniquete devia ser aplicado acima da articulação mais próxima do local da hemorragia, e afrouxado a intervalos de alguns minutos, para manter o fluxo sanguíneo no membro afetado. Ainda pode ser considerado válido como ação imediata nos casos de amputação traumática.

primeiras seções de informações. Sob a cobertura das atividades Escoteiras, eles espionavam o inimigo e enviavam frequentes relatórios por rádio para os Aliados. Com o progresso da guerra, eles se tornaram especialistas em apanhar e esconder suprimentos lançados de paraquedas para a Resistência. Todos esses Pioneiros, dos quais metade pagou com a vida pelo seu patriotismo, viveram “uma tremenda aventura”. Seis deles conseguiram evadir-se para a Inglaterra, e desses, cinco entraram para as tropas paraquedistas e o outro se tornou piloto de caça. Em um momento ou outro, dez deles estiveram nas mãos da Gestapo, e quatro nas da polícia espanhola. Incluindo os sete que foram executados, doze foram para campos de concentração. No fim da guerra, o Ministro da Defesa Nacional concedeu uma condecoração especial para ser costurada na bandeira desta esplêndida Tropa, uma distinção única, da qual os Escoteiros belgas, com justiça, se orgulham.

Ao longo de 1943 e do início de 1944, aumentou rapidamente o número de fugitivos do trabalho forçado. Eles eram escondidos nas florestas por grupos de Escoteiros, que gradualmente constituíram uma rede por todo o país. Essa rede, espalhada como estava por todo o pequeno mas povoado território belga, serviu não apenas para abrigar desertores, mas também tripulantes de aeronaves Aliadas, dos quais a quantidade crescia continuamente com a duração da guerra. Os Escoteiros fizeram tudo que puderam para ajudá-los. Pilotos e tripulantes da *Royal Air Force* e da *United States Army Air Force*, como seriam os primeiros a admitir, têm uma imensa dívida para com os Escoteiros da Bélgica, que os esconderam e os passaram de um ponto de parada para outro até que eles pudessem ser retirados do país na próxima etapa de sua longa jornada para a liberdade.

Finalmente, amanheceu o grande dia da libertação. Os blindados dos Guardas Galeses estavam em Bruxelas, e em 4 de setembro, tanques britânicos entraram em Antuérpia. “Ouvimos o som dos canhões”, escreveu um Chefe Escoteiro daquela cidade. “Eles estavam lá. Mal conseguíamos acreditar. Emiti ordens para todos que estavam

disponíveis, ‘Agora é para a luta aberta’. Fui para a rua e ouvi um grande ruído ao longe. Desci a estrada correndo e lá estava um enorme tanque Sherman. Corri para ele como um louco. Subi no blindado e perguntei: ‘Americano?’, e veio a resposta: ‘Não, britânico’”. Em pouco tempo as tropas britânicas estavam em toda parte em Bruxelas, em Antuérpia, em Ghent, em todas as adoráveis cidades de tijolos da Bélgica, que por cinco longos anos haviam ficado submetidas sob o tacão de um opressor odiado. Em Antuérpia, eles cantaram canções e beberam vinho. Naquela noite, “um sargento muito alegre e muito bêbado chegou à sede dos Escoteiros dizendo que precisava voltar à sua unidade, mas não fazia a menor ideia de onde ela pudesse estar”. Perguntado se conseguia lembrar em que distrito seria, ele disse: “Se vocês conseguirem me levar até onde há uma estátua de uma mulher com um bebê, eu saberei onde estou”. Os Escoteiros pensaram por um bom tempo, então eles se lembraram da estátua numa praça, de uma mulher negra com uma criança nos braços, representando a luta contra a escravatura no Congo. Então, dois jovens Escoteiros tomaram-no pelo braço e o puseram no bom caminho para casa. Em Liège, quarenta Escoteiros preocuparam-se com os volumes de valor inestimável da biblioteca da Universidade. Os alemães em retirada haviam posto fogo na central telefônica próxima e os bombeiros tinham acabado de laboriosamente extinguir o fogo. Era de se esperar que a água das mangueiras pudesse causar dano aos livros. Os Escoteiros foram até a Universidade, esvaziaram a biblioteca num trabalho que levou várias horas, e salvaram do túmulo, se não de dano grave, milhares de volumes valiosíssimos.

Mas apesar de a liberdade ter chegado, a guerra ainda não terminara, e pelos próximos oito meses os Escoteiros belgas, voltando a vestir seus uniformes, vários deles desgastados, e em muitos casos não se adequando ao tamanho do seu usuário, trabalharam abertamente e orgulhosamente ao lado de seus libertadores britânicos. Em Bruxelas, Pioneiros serviram regularmente como padioleiros nos hospitais por um

período de seis meses desde o meio de setembro, e estiveram encarregados de todas as movimentações de pacientes. Alguns ficaram adidos às equipes cirúrgicas e outros, ao departamento de raio-X. Eles também prestaram vários pequenos serviços aos feridos, tais como trazer-lhes bebida, ajudá-los a despir-se ou vestir-se, lavá-los e barbeá-los, e tentaram também “dar-lhes alguma distração”. Isto se deu por meio da organização de jogos e concertos. Ao todo, os Pioneiros trabalharam 37.000 horas nos hospitais, com os dias divididos em três turnos. Em março de 1945, esse serviço chegou ao fim, pois a essa altura a maior parte dos que o mantinham havia ingressado no Exército Belga como voluntários.

Além de ajudar nos hospitais em Bruxelas, a sede dos *Boy Scouts de Belgique* tornou-se um clube misto muito popular para Escoteiros e Guias de Bruxelas e para seus hóspedes Aliados. Havia entretenimento lá todas as noites, além de dança, canto coral, palestras e treinamento Escoteiro intensivo. Aqui se faziam bem-vindos Escoteiros e Pioneiros britânicos e Aliados, e uma atração especial do clube era o Fogo de Conselho de sábado à noite, quando se fazia a tradicional rodada de canções. Para seu assombro e encanto, os britânicos descobriram que seus amigos belgas usavam cancionários ingleses, e assim podiam cantar muitas das velhas canções favoritas tão bem ou até melhor que os anfitriões. Toda noite se encerrava com a *Canção da despedida*, cantada em francês.

Aqui, no grande salão, com bandeiras Aliadas penduradas no teto e revestindo as paredes com suas cores, deixemos os bravos e longamente sofridos Escoteiros da Bélgica cantando com seus amigos do outro lado do mar e que voltaram.

#### FRANÇA

“Frequentemente rezei a Nossa Senhora dos Escoteiros, mas minha gratidão também vai para Baden-Powell e seu Escotismo. Se eu não tivesse sido treinado desde bem cedo nas artes mateiras e técnicas Escoteiras, eu teria muito pouca chance de ser capaz de cumprir minha

missão, como tantos outros na mesma situação”. Estas palavras, escritas antes do fim da guerra por um *maquisard*<sup>190</sup> francês descrevem muito bem uma consequência importantíssima, ainda que inesperada, do Escotismo. Os Escoteiros, desde o primeiro momento em que ingressam no Movimento como Lobinhos, aprendem a desenvolver o senso de observação que é o mais antigo instinto do homem. Baden-Powell sabia bem disso, e deliberadamente arranjou as coisas de maneira a encorajar esse desenvolvimento, sabendo que isso poderia ser bem usado para construir o caráter, para a formação de um homem alerta, amigável e consciente de suas responsabilidades. A ênfase na arte mateira desde o início e a prática de jogos que exigissem observação tiveram uma consequência imprevista. Projetados para ajudar os jovens, tanto os felizes num bom lar quanto os míseros num ruim, para que se equipassem para a vitória na batalha da vida, esses métodos foram de grande, às vezes vital auxílio para milhares de Escoteiros e antigos Escoteiros quando se confrontaram com a mais difícil de todas as tarefas: manter a resistência contra um inimigo pesadamente armado, bem equipado e implacavelmente cruel.

O quanto o Escotismo contribuiu para o sucesso da Resistência em cada país não pode ser calculado com precisão, mas é seguro dizer que sem ele as baixas teriam sido muito maiores, e os resultados obtidos, muito menores. Segundo uma declaração num relatório geral sobre o Escotismo na França durante a guerra, “A participação dos Escoteiros nos Movimentos de Resistência, de acordo com grande número de testemunhas, deu-lhe sustento e facilitou sua expansão; seus integrantes atribuem o seu sucesso ao treinamento Escoteiro que tiveram”. Todo ramo do trabalho da Resistência beneficiou-se desse treinamento, pois sempre havia alguém entre aqueles que deveriam demarcar uma zona de lançamento, levar uma mensagem, atuar como instrutores no exército clandestino, forjar permissões ou ajudar

---

<sup>190</sup> Integrante do *maquis*; combatente da Resistência.

prisioneiros de guerra que era ou tinha sido Escoteiro. Em alguns setores, 75% dos membros da Resistência eram Escoteiros ou tinham recebido treinamento Escoteiro. A sombra do sigilo ainda envolve suas atividades, que podem nunca vir a ser contadas.

As linhas gerais, no entanto, são suficientemente claras. Em primeiro lugar, e mais importante, foi o apoio provido a prisioneiros buscando evadir-se – este trabalho continuou até o fim da guerra. Eles vinham, na maioria, de campos de trabalho forçado na Alemanha, se bem que alguns tivessem conseguido fugir quando a caminho da Alemanha no verão de 1940. Entre eles havia aqueles prisioneiros que os Lobinhos franceses, brincando perto de seu campo temporário na fronteira oriental da França, ajudavam ao deixar junto ao cercamento embrulhos contendo roupas, documentos de identidade e dinheiro. Mais tarde, com o intuito de trazer prisioneiros fugitivos atravessando o Reno, um casal alsaciano, ambos com treinamento Escoteiro, organizou um elaborado serviço de travessia, que transportou mais de um milhar de prisioneiros fugitivos. Um dos Escoteiros permanentemente empregados na sede francesa do Escotismo era o líder de uma organização que tinha o mesmo objetivo, e que trouxe prisioneiros por todo o caminho da Alemanha à França, onde eles podiam ingressar no Movimento de Resistência ou ser encaminhados à Inglaterra, onde poderiam alistar-se sob a Cruz de Lorena<sup>191</sup>. No decurso desse trabalho, um Chefe Escoteiro também pertencente a essa organização subterrânea chegou a ir a Königsberg, no Báltico, levando uma maleta cheia de permissões forjadas, que ele distribuiu entre prisioneiros de guerra franceses detidos naquela cidade, todos os quais, usando os documentos falsos, foram bem-sucedidos em retornar à França e juntar-se à Resistência. Estes são apenas alguns exemplos, quase triviais quando comparados com os grandes resultados obtidos, que

---

<sup>191</sup> A Cruz de Lorena era o emblema da França Livre, movimento liderado pelo General Charles de Gaulle (1890-1970), que se evadira para a Inglaterra durante a derrocada francesa e, em 18 de junho de 1940, emitiu pela BBC o apelo aos franceses para prosseguirem na luta.

mostram como o Escotismo, diretamente ou graças ao seu treinamento, permitiu que se retirassem muitos prisioneiros de guerra das mãos dos germânicos.

Tal como em outros países ocupados, a resistência cresceu lentamente, se bem que na França, como o país tinha sido dividido em duas partes desiguais<sup>192</sup>, desde o primeiro momento houve muitas infiltrações de pessoas e materiais através da linha de demarcação. Além da assistência prestada aos aeronautas Aliados, soldados de operações especiais e outros para escaparem da França, uma tarefa que começou quase junto com o armistício e continuou até que o inimigo fosse finalmente expulso do país, havia duas formas principais de resistência: uma, a imprensa subversiva, a outra, ações de combate. Em ambas, os Escoteiros franceses estiveram envolvidos até o pescoço. Jornais subversivos eram impressos em todo o país, mas naturalmente sua maior força estava em Paris, a capital. Aí, nos começos de 1943, quando os alemães haviam ocupado todo o país em resposta aos desembarques Aliados no norte da África, grande era o número de jornais que eram impressos e distribuídos secretamente. O primeiro entre eles era o *Défence de France*, que alcançou uma circulação de meio milhão de exemplares e era distribuído por Escoteiros de Paris, alguns dos quais pertencentes ao Clã Bayard, no *Chaussée d'Antin*. Este Clã, ou, como dizem no Reino Unido, Tropa, tinha a essa se tornado especialmente experimentado em trabalho subversivo. Eles havia furtado e distribuído literalmente milhares de documentos de identificação falsos, fornecidos a companheiros da Resistência. Outros Escoteiros noutros lugares estavam praticando feitos semelhantes.

No final de 1943 e início de 1944, começaram as operações de combate aberto. Por essa época, havia grupos da Resistência ativos em

---

<sup>192</sup> Com o armistício de junho de 1940, a França ficou dividida em duas partes: a Zona Ocupada, compreendendo a maior parte do território, incluindo Paris e todo o litoral da Mancha e do Atlântico, e a Zona Livre, compreendendo a parte sul, com capital em Vichy. Em novembro de 1942, quando os Aliados desembarcaram no Marrocos e Argélia, então colônias francesas (operação Torch), os alemães ocuparam todo o país.

toda a França, mas especialmente nos distritos montanhosos do Maciço Central, Savóia e Pireneus. Eles combateram com armas fornecidas pela Inglaterra, por meio da Royal Air Force, que os lançava em paraquedas. Era a guerra de guerrilhas em escala crescente, e os milhares de Escoteiros, Pioneiros em sua maioria, que estavam entre os que a conduziam, descobriram uma nova e rigorosa vocação. Que a carta de um jovem Pioneiro saboiano ao homem que lhe ensinou o Escotismo dê uma ideia desses dias austeros e gloriosos, quando os Escoteiros fizeram parte da elite de uma nação ressurgente.

“Aqui somos todos voluntários. Felizmente, uma boa amizade nos une. Muitos Pioneiros e trabalhadores manuais e estudantes, todos viveram no Maquis e viram seus amigos serem mortos ao seu lado. Em 8 de junho de 1944, chegou a ordem para desencadear a guerra de guerrilha. No dia 10, atacamos ‘milicianos’ em Uriage. Na verdade, foi meu batismo de fogo. Nossos ‘milicianos’ atiraram em mim à queimadura e imediatamente deram no pé. Até 15 de setembro, dia e noite, combatemos contra a Infantaria Alpina da SS e contra os tártaros, um regimento antiguerrilha especialmente selecionado<sup>193</sup>. Por toda parte no departamento de Isère, começaram os ataques às colunas de transporte com metralhadoras leves e granadas. As estradas foram minadas e nossos compatriotas olhavam para nós como se fôssemos lunáticos. Mas nós sabíamos pelo que lutávamos. Vimos nossos amigos feridos serem despachados pelas tropas alemãs, e nós conhecíamos as suas minas e armadilhas criminosas (um dos meus melhores amigos morreu numa explosão dessas; eu poderia trazer os restos em meu boné). No fim das contas, as colunas alemãs eram comboiadas por veículos blindados e canhões; mas, localizados sob a cobertura de rochedos ao longo das estradas, nós atirávamos nas viaturas das tropas alemãs em retirada. Frequentemente vimos a morte, tal qual na linha de frente. Assim é que um dia, na estrada Grenoble-Lyons, após nosso ataque, os

---

<sup>193</sup> Eram cossacos que haviam aceitado ingressar no Exército alemão após a invasão da URSS, em 1941.

alemães contra-atacaram com metralhadoras, morteiros e aviões voando rente ao solo. Eram talvez uma centena, e nós éramos doze. Ou quando atacamos Grenoble em plena luz do dia, e após termos atirado em alemães que estavam fazendo ordem-unida, esperamos pela noite para sair dali. Fomos atacados a uma distância de 15 metros, combate corpo-a-corpo por toda parte. Perguntamo-nos até agora como conseguimos voltar. Caro Chefe, você nos disse: ‘Entre dois caminhos, escolha sempre o mais difícil’. Eu me lembro disso até hoje”.

À medida que os Aliados se espalhavam pela França desde as praias da Normandia, a Resistência francesa tornou-se cada vez mais ativa. Em 15 de agosto, o exército clandestino em Paris saiu às ruas para libertar sua cidade. Os Escoteiros e Pioneiros entre eles entraram em ação. Os Clãs de São Francisco Xavier e Santo Estanislau serviram como unidades de reconhecimento para os veículos blindados da Divisão<sup>194</sup> de Leclerc<sup>195</sup>, e assinalaram para eles as posições dos canhões e tanques alemães que defendiam o Palácio do Luxemburgo, onde funcionara o Senado Francês. Os Clãs de São Nicolau e São Severino combateram nas barricadas e puseram a funcionar uma cantina que alimentou 800 combatentes e 600 pessoas idosas. Os Clãs de Sant’Ana e da *Maison Blanche* tripularam a barricada Danton, armando-se, para esse fim, com o que obtiveram de um depósito de armas alemão. Eles destruíram todos os veículos alemães que vieram contra eles e “deram um excelente exemplo de disciplina em ação no meio deste movimento popular, corajoso mas altamente bagunçado”.

Patrice, apesar de ser Pioneiro, era pequeno e não aparentava ter mais de 14 anos. Em 24 de agosto, ele estava em sua motocicleta

---

<sup>194</sup> 2ª Divisão Blindada, francesa, equipada com material norte-americano, que entrou em Paris em 24 de agosto de 1944, e que receberia a rendição das forças alemãs comandadas pelo General Von Choltitz.

<sup>195</sup> General Philippe de Hauteclocque (1902-1947), adotou o *nom de guerre* Leclerc para evitar represálias contra sua família que ficara na França. Um dos primeiros a aderir à França Livre, comandou o deslocamento de tropas da África Subsaariana através do Chade para encontrar-se com os Aliados que combatiam o Afrika Korps. Combateram na Líbia e na Tunísia em 1943. Após a batalha da Normandia, destacou-se a participação da 2ª Divisão Blindada na libertação de Paris e na de Estrasburgo.

escoltando um carro lotado de munição, quando deu de cara com um cordão de isolamento alemão perto da Avenida da Ópera e foi capturado, mas não sem conseguir sinalizar para o carro, que fez a volta e escapou. Com outros prisioneiros, ele aguardava ser revistado com certa ansiedade, pois em seus bolsos havia algumas ordens escritas, uma pistola e algumas braçadeiras das FFI<sup>196</sup>. Mas Patrice, sendo Escoteiro, era observador, e conseguiu dar jeito de esgueirar-se para o grupo dos que já haviam sido revistados. Eles foram levados para um posto policial alemão ali perto, e lá ele jogou a pistola e as braçadeiras atrás de um aquecedor e comeu os papéis silenciosamente. O esconderijo improvisado foi descoberto e, para evitar que os alemães cumprissem a ameaça de fuzilar todos os prisioneiros, Patrice confessou que os itens incriminadores lhe pertenciam. Levaram-no para o local de fuzilamento e ele ficou ali, junto à parede “por meia hora, em silêncio e rezando”. Então decidiram interrogá-lo, pois ele parecia tão jovem que os alemães evidentemente esperavam obter muitas informações dele. Sentindo isso, Patrice desatou a chorar, e disse que tinha ficado com aquele material apenas para salvar os outros. O oficial alemão no comando, mais compassivo ou menos resoluto que os outros – ou talvez tivesse percebido a inutilidade da causa alemã em Paris naquele momento – deu a Patrice a liberdade, dizendo-lhe para “voltar ao seu trabalho”. Esse conselho vindo de um inimigo Patrice seguiu estritamente até sua morte em combate alguns meses depois, combatendo no Exército Francês na Alsácia.

Naquele mesmo dia (24 de agosto), um antigo Comissário Escoteiro, pai de um Lobinho, capturou o Parque Monceau com uma força improvisada constituída por vinte transeuntes, dos quais, como se descobriu mais tarde, doze eram Pioneiros.

Os grupos da Resistência francesa do 7º *Arrondissement* de Paris consistiam, em sua maior parte, de Pioneiros. Eles combateram nas

---

<sup>196</sup> FFI: Forças Francesas do Interior, um dos grupos da Resistência francesa.

barricadas da Câmara dos Deputados e da Academia Militar. Um deles foi morto nesta última ação e dois outros feitos prisioneiros, escapando da morte por um milagre. O grande momento da vida desse Clã foi quando oito dos seus membros chegaram com os veículos blindados de Leclerc, tendo feito todo o caminho desde a Normandia, onde eles se juntaram à Divisão; para isso, tiveram de se infiltrar através das linhas alemãs em Caen. Antes de a guerra terminar, setenta e oito membros desse Clã estavam em armas, e apenas dois deles tinham mais de 25 anos de idade; ao mesmo tempo, os membros mais jovens haviam sido reorganizados e estavam sendo treinados em Paris. Quando a Alemanha depôs as armas, membros desse bravo Clã haviam recebido uma Legião de Honra, uma Medalha Militar – a mais alta condecoração militar francesa – e 37 Cruzes de Guerra. Nove deles morreram pela pátria.

O Movimento de Resistência, entretanto, apesar da grande, mesmo vital importância na vida do Escotismo francês durante a ocupação, foi apenas uma entre muitas formas de atividade que, durante esses cinco longos anos, foram buscadas pelos Escoteiros. Quando rompeu a guerra, mais de 10.000 Chefes Escoteiros alistaram-se nas Forças Armadas, e quando houve a capitulação em junho de 1940, a grande maioria deles, com a exceção daqueles que haviam caído em combate, tornaram-se prisioneiros de guerra, ficando, assim, impossibilitados de retornar às suas Tropas e continuar o treinamento dos jovens. Portanto, o primeiro passo, e o mais importante, era treinar novos Chefes, e estes foram recrutados entre os Pioneiros e os Monitores mais velhos. A essa altura dos acontecimentos, os Escoteiros haviam estabelecido sua boa reputação e eram muito populares entre os habitantes. Milhares de rapazes e garotas queriam ingressar no Movimento, e muitos jovens de 17 a 20 anos também se apresentavam. As várias Associações Escoteiras, como os *Scouts de France* (católicos), os *Éclaireurs Unionistes* (protestantes) e os *Éclaireurs de France* (livre confissão) foram submergidos por candidaturas. Em 1942, a quantidade de Escoteiros na zona não ocupada da França (usualmente

conhecida como França de Vichy) e no Norte da África havia triplicado. As atividades Escoteiras eram mantidas: rallies, acampamentos, jornadas, e todos os meios usuais de promover o Escotismo. De início, o governo de Vichy não via o Movimento com maus olhos, apesar de os uniformes terem sido proibidos. Na Zona Ocupada a situação era mais difícil. O Escotismo foi proibido em setembro de 1940, e as punições se tornaram cada vez mais severas à medida que a guerra prosseguia. Não obstante, o Movimento continuou a existir subterraneamente, e os Escoteiros usaram toda sua engenhosidade para manter sua organização intacta. Eles foram bem sucedidos, graças a um sistema de ligações próximas, que possibilitava a todos os Escoteiros manterem-se em contato uns com os outros, de Lille a Bayonne, e isso a despeito do fato de a sede principal em Paris ter sido fechada e toda sua equipe deportada.

Pode parecer estranho, mas houve um fenômeno que teve papel bastante útil na manutenção da unidade dos Escoteiros. Apesar de a França ter sido partida em duas, a conexão mais estreita existiu desde o início, e permaneceu sem ruptura até o fim, entre os Escoteiros sob domínio germânico e os sob o governo de Vichy. O Comissário Nacional de Lobinhos, por exemplo, foi infiltrado através da fronteira não menos de quatorze vezes em vinte e oito meses. Quando os alemães ocuparam toda a França, a situação se tornou mais difícil. Os Escoteiros de Vichy tiveram uma existência precária até então, mas agora passavam a estar sujeitos a vigilância mais cerrada, se bem que, curiosamente, não tenham chegado a ser suprimidos. Talvez os alemães tenham pensado que o Movimento viesse a morrer naturalmente, considerando que haviam prendido um número considerável de Comissários, Escotistas e Capelães. O próprio Escoteiro-Chefe, General Lafont, continuou a organizar o Movimento com grande habilidade e inteligência, e chegou mesmo a continuar usando o uniforme, até que, nos primeiros meses de 1944, isso não foi mais possível.

Ao longo dos anos de guerra, os Escoteiros estenderam ao máximo seu trabalho caritativo e social. A Associação Protestante, que no verão de 1940 congregava 500 Pioneiros, 5.200 Escoteiros e 3.600 Lobinhos sob a direção de 1.100 Chefes, adotou uma prática de recepcionar todos os trens do Exército e de evacuação nas estações, e, por fim, trabalhou sob as ordens do Comitê de Assistência Interna aos Deportados e Evacuados, para aliviar o sofrimento de pessoas da Alsácia e da Lorena que precisaram deixar suas casas quando se mandou guarnecer a Linha Maginot. Um escritório de recepção para crianças protestantes foi instalado em Tarn e trabalhou duro. Após o armistício, a Associação foi suprimida pelos alemães nos distritos do norte, mas foi encorajada nos do sul, onde várias associações foram constituídas, todas as quais integradas principalmente por Escoteiros. Eram, entre outras, os *Chantiers de La Jeunesse*, os *Compagnons de France* (que tinham de cuidar dos evacuados dos distritos do norte e do leste) e os *Chantiers des Jeunes Travailleurs*. Com o passar do tempo, entretanto, o governo de Vichy mostrou uma tendência a introduzir o partidarismo nesses movimentos. Isso foi mal visto pelos Escoteiros, que estavam continuamente atentos contra “a violação dos princípios essenciais de liberdade política, religiosa e intelectual”. Por essa época, 11.000 Escoteiros protestantes estavam trabalhando na França de Vichy, tocando cozinhas de sopa e cantinas, coletando papel velho e sucatas de todos os tipos. Eles também ajudavam na colheita de grãos e de uvas, cortavam madeira, faziam carvão (que em breve se tornou a principal fonte de combustível), e tiveram papel importante na tentativa de ajudar fugitivos e refugiados a reobter “um pouco da atmosfera de seus lares perdidos”. Um grande esforço foi feito também para dar treinamento Escoteiro aos novatos, e muitas lições sobre arte mateira e campismo foram dadas. O treinamento de Chefes Escoteiros acontecia no Campo-Escola Nacional, em Cappy.

Na Zona Ocupada, as dificuldades eram bem maiores, pois o Movimento, sem a ajuda de uniformes, equipamentos e das delícias da

vida ao ar livre, precisava “encontrar meios de inspirar o entusiasmo nos garotos”. Eles tiveram êxito, como em outros países ocupados, pela camuflagem das atividades Escoteiras. “Os Lobinhos eram transformados em ‘Pagens’, os Escoteiros em ‘Cavaleiros’”. Apesar de toda forma de restrição e de vil perseguição, havia mais de 5.000 Escoteiros protestantes registrados ao tempo da libertação.

Uma tarefa era comum aos Escoteiros de ambas as zonas, qualquer que fosse a Associação a que pertencessem. Era ajudar nas organizações de Prevenção de Ataques Aéreos (a já mencionada ARP), pois era parte do ingrato dever da RAF e da USAAF bombardear muitos alvos na França, e com isso causar muita ruína e devastação<sup>197</sup>. Que estes reides não tenham deixado ressentimentos por parte do povo francês é uma prova, se é que se necessita de alguma, do grande coração e da natureza generosa desse povo. As ARP eram dirigidas pelas *Equipes Nationales*, pró-alemãs ou tendentes a isso. Entretanto, havia vidas a serem salvas, e os Escoteiros não estavam preocupados com a visão política daqueles encarregados da tarefa de ajudar seus compatriotas durante o suplício dos bombardeios. As histórias de heroísmo discreto e devoção ao dever demonstrados pelos Escoteiros Franceses sob o estresse dos bombardeios são muito numerosas. Seguem-se quatro delas.

Crepin, com a idade de 14 anos e meio, trabalhava num centro de refugiados, e quando veio um reide aéreo, o pânico cresceu entre os refugiados, cujos nervos já estavam ao ponto de colapso como resultado de seus sofrimentos. O jovem deliberadamente saiu do abrigo para onde os conduzira “para descobrir o que estava acontecendo”, e continuou a encorajá-los enquanto as bombas caíam, só os deixando para auxiliar

---

<sup>197</sup> Ao longo da guerra, a aviação Aliada executou bombardeios não apenas na Alemanha e na Itália, mas também em países ocupados como a França. Os bombardeios estratégicos (sobre fábricas, portos e docas, depósitos e estrutura de transportes) visavam enfraquecer a capacidade produtiva do inimigo, e os bombardeios táticos (sobre concentrações de tropas, comboios, posições defensivas) visavam ao apoio direto às forças terrestres. Assim, durante a batalha em solo francês, os habitantes também ficaram expostos aos riscos e à destruição dos bombardeios.

no combate a incêndios. Noel, de 15 anos, arrastou quatro pessoas para fora de uma casa desmoronada e só desistiu de ajudá-las quando percebeu que estavam mortas. Ele então juntou-se a um grupo de soldados que passava, deu-lhes uma ajuda para carregar pessoas feridas de outra casa e, finalmente, assim que o reide terminou, ajudou a polícia a controlar o tráfego. Jacques tinha 15 anos. Ele retornava para casa ao ouvir a sirene, quando notou que a casa de seu vizinho estava em chamas. Ele arrastou para fora todos que lá estavam e lhes aplicou os primeiros socorros, então entrou lá de novo e resgatou documentos importantes e muito comprometedores. Uma bomba caiu noutra casa ali perto e desta vez a boa sorte de Jacques não foi tanta. Ele arrastou os ocupantes da casa para fora, mas eles estavam mortos. Lutran tinha 17 anos. Ele carregou corpos para fora de três casas, alguns vivos, alguns mortos, durante um ataque aéreo, e depois ficou em serviço de observador avançado durante seis horas, enquanto a ambulância e os bombeiros lidavam com os resultados do bombardeio. Depois, ele ajudou a rebocar bombas falhadas para lugar seguro, e terminou o dia auxiliando na evacuação das ambulâncias e em acalmar um pânico que começara a se instalar num grande porão cheio de mulheres e crianças. O comportamento desses quatro Escoteiros foi típico da bravura demonstrada por homens e mulheres pelo mundo todo nessa revoltante forma de guerra moderna, que é a incursão aérea dirigida contra civis.

A história dos *Éclaireurs Unionistes* é, *mutatis mutandis*, a mesma das outras Associações, *Scouts de France*, *Catholique* e os *Éclaireurs de France*. Assim que os alemães se instalaram na França, desencadeou-se a inevitável perseguição aos judeus. Os *Éclaireurs Unionistes* estavam determinados a ajudar essas vítimas do preconceito racial e logo se engajaram em contrabandear judeus pela fronteira com a Suíça, sendo o principal “contrabandista” um dos seus jovens Pioneiros, de 20 anos de idade. A quantidade de crianças judias privadas de seus pais pela ação dos alemães cresceu continuamente. Em 1943, um acampamento

de feriado foi instalado para elas, e lá lhes foram dados novos nomes e novos documentos de identidade. De início, não forma mais do que trinta as que foram por esse modo ajudadas, mas em 1944 o número já chegava a 130. Muitos dos pais foram ajudados por meio dos documentos falsos. As casas eram administradas por voluntários dentre os Chefes Escoteiros e as Chefes de Lobinhos. Recebiam também documentos falsos e dinheiro, fornecidos principalmente pelo prefeito de Aubervillers. Neste trabalho, um policial, que era também Escotista, prestou auxílio inestimável. Em 1942, representantes da Cruz Vermelha Francesa tiveram êxito em levar umas quarenta crianças judias para Lyons e escondê-las lá antes de passá-las pela fronteira para a Suíça. Os alemães ouviram falar desse plano e estavam resolvidos a apoderar-se das crianças e deportá-las para a Polônia para execução e cremação. Os Escoteiros ficaram sabendo dessa infame intenção bem a tempo, e cinco deles correram para chegar antes dos germânicos ao convento onde as crianças estavam escondidas, e as levaram para um lugar mais seguro. As freiras providenciaram rapidamente para que as camas fossem ocupadas por quarenta candidatas idosas ao asilo de indigentes.

Os judeus tinham também sua própria Associação Escoteira, os *Éclaireurs Israelites*. Antes da guerra, seus integrantes costumavam encontrar-se duas vezes por semana, e promover acampamentos nos feriados. Eles chegavam a ser uns 1.600. A princípio eles cumpriram a mesma parcela de prestação de serviço e de continuidade no trabalho Escoteiro que as outras Associações, mas com o armistício eles tiveram de retirar-se a toda pressa da França ocupada pelos alemães, pois bem sabiam qual seria seu destino se ficassem; assim, mudaram-se para o sul. Os líderes dos *Éclaireurs Israelites* estavam determinados a defender o judaísmo por todos os meios possíveis, e esta decisão foi comunicada à Associação, que cerrou fileiras e fez tudo que pôde para levar a bom termo essa incumbência. Judeus de todos os tipos deram-lhes ajuda, entre eles oficiais, servidores civis e professores. em junho de 1940, eles estavam instalados em apenas duas cidades na França de

Vichy. Em abril de 1941, estavam presentes em vinte e uma. Alguns deles ainda continuaram a trabalhar na Zona Ocupada a despeito do risco de prisão e deportação<sup>198</sup>. Na África do Norte o Movimento prosperou, e dois Comissários foram enviados para instalar escolas para treinamento. A Associação deu atenção particular à criação de círculos de estudo para o ensino da fé judaica. Entretanto, depois de algum tempo, sob pressão dos alemães, o governo de Vichy suprimiu o Movimento, fazendo-o ir para a clandestinidade, mas por volta de setembro de 1943 os centros foram fechados um por um. Os líderes juntaram-se à Resistência, mas os Escoteiros permaneceram e fizeram o que puderam. Acampamentos Escoteiros continuaram a ser organizados, mas as crescentes perseguições foram tornando as dificuldades cada vez maiores. Finalmente, a Associação, ou o que dela restara, concentrou-se em salvar crianças judias da deportação. Eles falsificavam cartões de identidade, cadernetas de racionamento, certidões de nascimento e documentos militares. Esse trabalho era perigoso, e dos 68 jovens judeus de ambos os sexos que executaram essas tarefas, 26 foram presos e 4 fuzilados.

Como se verá, o Escotismo na França durante a ocupação viveu situações muito semelhantes às de outros países afligidos pelos alemães, mas com a dificuldade adicional da divisão do país em duas zonas. O fato de esse obstáculo ter sido superado diz muito a favor da qualidade do Escotismo na França. Não há exemplo melhor que a história do jovem Jean Pierre Comboudon para ilustrar como os Escoteiros franceses auxiliaram seu país nos dias de grande tribulação.

Ele era um Sênior, com a idade de 16 anos em maio de 1944, e morava em Issy les Moulineaux, um subúrbio de Paris. Juntando-se à Cruz Vermelha, em breve ele se encontrou engajado no resgate das vítimas dos bombardeios Aliados. Estes foram sucedidos pelos combates em terra, durante os quais Issy foi isolada, seus moradores

---

<sup>198</sup> A deportação era para algum dos campos de concentração, nos quais se praticava o trabalho escravo e o extermínio de pessoas.

encarando a fome, e a desorganização geral de todos os serviços era completa. Jean Pierre conseguiu convencer o prefeito a dar-lhe mãos livres para agir. Equipado com dois caminhões, uma pequena quantia em dinheiro e uma motocicleta, ele percorreu os campos e fazendas e conseguiu juntar 12 toneladas de vegetais. Estes serviram para mitigar as dores de fome que seus concidadãos sofriam, mas não por muito tempo. A expedição seguinte de Jean Pierre foi mais longa. Ele entrou no distrito do Oise e conseguiu obter 30 toneladas de alimentos, deixando de notar um vivo engajamento ocorrendo entre as forças canadenses e as alemãs em retirada. No caminho de volta ele foi retardado por um pneu estourado e um ataque aéreo na cidade de Nanteuil. Com a ajuda de um companheiro, ele apagou o fogo em um dos seus caminhões, que fora atingido, e levou dois transeuntes, ambos feridos na incursão, para o hospital. Lá chegando, Jean Pierre encontrou o local deserto, sem equipes, ataduras nem material de qualquer espécie. Abandonando os caminhões, ele pôs-se a percorrer essa estranha cidade, conseguiu reunir uma equipe, encontrou suprimentos médicos e para leitos, e providenciou o transporte de todos os feridos para o hospital. Quando chegou a Issy naquela noite, não é de surpreender que ele estivesse cansadíssimo.

Poucos dias depois, a própria Issy se viu envolvida na luta, e a previsão de Jean Pierre trouxe bons frutos. Não fosse pelas trinta toneladas de alimentos que ele havia juntado, “todos teriam morrido de fome”. Na condição em que se estava, puderam ser fornecidas rações para 25.000 pessoas, o que permitiu manter uma condição estável até os americanos chegarem em 24 de agosto. A luta continuou nos dias 25 e 26, e enquanto isso Jean Pierre estava em toda parte em sua bicicleta motorizada, que a essa altura era bem conhecida nas ruas de Issy. Ele recolhia os feridos diretamente na linha de combate e agindo assim salvou a vida de um americano, dois combatentes das FFI e, considerando que a caridade não conhece nacionalidade, um alemão. Sua exploração final foi penetrar numa posição mantida por uns 400

combatentes da SS, selvagens e desesperados, convictos de que seriam massacrados se se rendessem. Jean Pierre conseguiu convencê-los à rendição, e assim evitou um combate sangrento, pois eles estavam prontos a vender caro a vida.

Desse material é que são feitos os Escoteiros. Em 24 de agosto de 1944, um deles se tornou um símbolo de liberdade. Foi no dia em que os alemães se retiraram de Paris e multidões apareceram percorrendo com aclamações as largas avenidas. No topo de um edifício alto na Champs Elysées, um rapaz vestindo um uniforme Escoteiro completo era visível, em pé. “Os bons tempos voltaram”, gritou a multidão. “Lá está um Escoteiro”.

#### GRÉCIA, IUGOSLÁVIA E HUNGRIA

Na Grécia, a Associação Escoteira sofreu o mesmo destino que na Alemanha por ocasião da chegada de Hitler ao poder. A Associação foi dissolvida pelo presidente Metaxas em maio de 1939, e “com lágrimas nos olhos, as mãos crispadas numa cadeia de fraternidade, os Escoteiros de cada Tropa cantaram a *Canção da despedida*”. A lei podia decretar sua dissolução, mas sua devoção aos ideais do Escotismo, particularmente aqueles que consagravam o amor fraterno e a amizade entre Escoteiros, não podia ser quebrada. Os rapazes continuaram a manter contato entre si, e os mais velhos entre eles puseram-se a estudar os escritos de Baden-Powell, na esperança de um dia poderem reconstituir a Associação.

As cosas continuaram intranquilas por mais de um ano, durante o qual o Escritório Internacional Escoteiro em Londres inevitavelmente perdeu contato com a antiga Associação. Então, em 28 de outubro de 1940, Mussolini lançou seu traiçoeiro ataque à Grécia. Imediatamente, cada Escoteiro grego se voluntariou para o serviço. Em breve, todos aqueles que ainda não estavam em idade para o serviço militar estavam trabalhando como padioleiros para a Cruz Vermelha, que rapidamente treinou vários deles para fazer transfusões de sangue, sendo eles mesmos, em muitos casos, os doadores. Em pouco tempo havia

Escoteiros em todos os teatros da guerra, nas montanhas da Albânia, nas movimentadas terras altas da Macedônia, e finalmente em Creta. Nessa breve e sangrenta campanha, que chegava a correr bem para os gregos até que o lobo alemão veio em socorro do chacal italiano<sup>199</sup>, muitos Escoteiros morreram, entre eles o Comissário Geral para a Trácia.

Quando tudo estava aparentemente perdido e os alemães ocupando plenamente seu país, os gregos, com notável coragem, aproveitaram o momento para refundar os Escoteiros. Eles o fizeram com a aprovação do governo no exílio [em Londres]. Velhos Lobinhos viraram Escoteiros, novos entraram, todo o Movimento funcionando baseado em Patrulhas, procurando driblar a proibição de uniformes, acampamentos e jornadas. Em pouco tempo os Escoteiros viram-se lutando uma batalha ainda mais árdua que aquela combatida tão galhardamente pelo exército de seu país alguns meses antes. No trágico inverno de 1941-42, milhares de pessoas passaram fome, e os Escoteiros e Guias engajaram-se numa severa luta para salvar ao menos as crianças. Com a comida que pôde ser suprida pela Cruz Vermelha Grega, eles abriram cozinhas nas quais alimentavam crianças dos bairros mais pobres de Atenas. Seguindo o invariável costume Escoteiro, eles não limitavam seus esforços a distribuir um prato de sopa, alguns biscoitos ou um pedaço de pão, mas procuravam fazer o ambiente em que se comiam as refeições tão atraentes quanto possível. As paredes das cozinhas eram decoradas com figuras contando em cores vivas os tradicionais mitos e contos de fadas da Grécia. As

---

<sup>199</sup> A invasão da Grécia pelos italianos, em fins de 1940, não correu bem para as tropas de Mussolini, mal equipadas, mal treinadas e pouco motivadas. Hitler, então, decidiu apoiar seu aliado e assegurar seu flanco sul. Invadiu a Iugoslávia e a Grécia continental em abril de 1941 e, em maio, a campanha estava concluída. Churchill havia mandado remover várias divisões da frente norte-africana para socorrer a Grécia. A medida foi ineficaz. Não impediu a conquista da Grécia, deixou alguns milhares de soldados britânicos prisioneiros e enfraqueceu as forças no Norte da África, que enfrentavam o Afrika Korps de Rommel. A invasão de Creta, iniciada em 20 de maio de 1941, foi a maior operação aeroterrestre montada pelos alemães. Apesar de terminar vitoriosa, foi tão grande o seu custo em vidas e em material, que Hitler nunca mais cogitou de montar outra grande operação aeroterrestre.

crianças aprendiam canções, brinquedos feitos em casa eram fornecidos, juntavam-se roupas para elas, e no Natal um Papai Noel maravilhosamente caracterizado dava-lhes presentes. As crianças eram tratadas como se elas mesmas fossem Escoteiros, e divididas em Patrulhas, e assim, em pouco tempo já havia vinte centros em Atenas, em cada um dos quais, todos os dias, 5.000 crianças eram alimentadas e recebiam duas a três horas de repouso e recreação. Em 25 de março de 1942, o Dia da Independência foi comemorado em todo lugar, mas em segredo, em porões e adegas mal iluminados e úmidos, em ruínas e cavernas, em pequenas grutas junto ao mar. Aí crianças semidesnutridas e mal vestidas saudaram a Bandeira Nacional e cantaram o Hino Nacional grego, se bem que num murmúrio tão baixo que não pudesse ser ouvido pelo inimigo. Naquele verão sua condição melhorou um pouquinho, pois a Cruz Vermelha Internacional foi capaz de enviar comida suficiente para alimentá-los nos acampamentos de verão. Estes eram organizados e controlados pelos Escoteiros e Guias, e conduzidos segundo as regras Escoteiras. Milhares de crianças gregas passaram um mês ou seis semanas em tais acampamentos. O sucesso levou bancos gregos e outras organizações comerciais sobreviventes a chamar os Escoteiros e Guias para organizarem acampamentos para os filhos de seus funcionários.

Como em qualquer outro país ocupado, o número de Escoteiros e Guias aumentou, tanto que na Grécia cada Tropa tinha fundado três ou quatro outras. Para treinar os Chefes Escoteiros e os Monitores, fundaram-se escolas, para as quais foi dado o esperançoso nome de Fênix. Em novembro de 1943, os livros contendo as provas para Escoteiros de 2<sup>a</sup> e 1<sup>a</sup> Classe, há tanto tempo proibidos, foram secretamente impressos. Cerca de quarenta reuniões de Chefes Escoteiros aconteceram em Atenas durante esse período, e no geral os padrões que a organização alcançou tornaram-se notavelmente elevados.

Todo esse tempo, o trabalho principal continuou. Os Escoteiros tinham de socorrer seus concidadãos, não apenas as crianças como também seus pais, pois pelo final de 1943 1.200 aldeias haviam sido queimadas e destruídas, ou em batalha ou em ações de represália, e seus habitantes deixados sem comida, abrigo ou roupa. A Cruz Vermelha Internacional cuidou dessas pessoas da melhor forma que pôde, e a organização alistou todo Escoteiro que pôde para esse propósito. Quando a Grécia finalmente foi libertada, só em Atenas existiam cinquenta unidades de pronto-socorro tripuladas por oito a dez Escoteiros cada, e trabalhavam duro.

Os Escoteiros das ilhas do Arquipélago Grego eram tão ativos quanto seus irmãos no continente. Em Creta, onde fortes forças inimigas mantiveram um reino de terror por mais de três anos, eles publicavam um jornal clandestino que continha informações obtidas nas transmissões da BBC de Londres e do Cairo. Isto foi de grande valor para encorajar os habitantes. Em Samos, três jovens Escoteiros entraram no quartel-general alemão, furtaram os mapas e os contrabandearam para os Aliados.

Não foram poucos os Escoteiros, tanto do continente quanto das ilhas, que obtiveram êxito em escapar e juntar-se aos Aliados. Prestaram muitos serviços, alguns na Real Marinha Helênica, outros com a Royal Air Force. Um destes, um piloto de caça, foi abatido atrás das linhas Aliadas em El Alamein. Outros tiveram menos sorte. George Zlatoglov, de Mitilene, foi apanhado quando tentava escapar e fuzilado, e seu camarada, Michael Karafilis, sofreu destino ainda pior, morrendo sob tortura na prisão. Ainda assim, outros executaram tarefas mais perigosas, retornando à Grécia como agentes de Inteligência para os Aliados. Tal como os pequenos Escoteiros de Samos, eles obtiveram muitas informações valiosas, com o risco, e por vezes à custa de suas vidas.

O Pioneiro Andrew Kalyvas, da 3ª Tropa de Escoteiros do Mar de Atenas, terminou por ser fuzilado pelos alemães em 8 de setembro de

1944, após ter sido submetido a seis meses de intermitente e excruciante tortura. Nos intervalos entre os suplícios, ele achou meio de se comunicar por Morse com seus amigos do lado de fora da prisão. O mesmo destino teve o Escoteiro George Mavroukakis, fuzilado por furtar panos de fortificações. O Pioneiro Persakis, da mesma Tropa de Kalyvas, foi preso pelos alemães após completar várias missões na ilha de Scyros. No caminho para o Pireu [o porto de Atenas] numa lancha com seus companheiros, eles atacaram seus guardas. Seguiu-se uma luta sangrenta, na qual todos os alemães, menos um, foram mortos. O problema é que o sobrevivente era o mais importante de todos, o operador da metralhadora e, apesar de ferido, ele continuou a usar a arma, ferindo Persakis, que caiu pela borda e tentou nadar até Andros, mas estava muito fraco para isso e se afogou. O barco foi posteriormente descoberto por um avião alemão, à deriva nas águas azuis, com os tripulantes e os prisioneiros mortos ou moribundos no convés.

A chegada de tropas gregas e Aliadas em setembro de 1943, após o colapso da Itália, foi um sinal para renovada atividade por parte dos Escoteiros, que se tornaram mensageiros, telefonistas e intérpretes. Por esses serviços, foi-lhes concedido um diploma de mérito assinado pelo Marechal Alexander<sup>200</sup>. Mas apesar da alegria reinante, pois a Grécia agora estava livre, o terror ainda espreitava. A Luftwaffe ainda estava ativa, e os Escoteiros tomaram precauções completas. Em Samos, por exemplo, eles instituíram uma vigilância 24 horas contra incursões aéreas, com sirenes operadas manualmente para dar o sinal de alerta. Dois meses depois, seu uso se fez muito necessário. Em 16 de novembro, uma incursão aérea pesada foi lançada contra a cidade de

---

<sup>200</sup> Marechal Sir Harold Alexander, Visconde de Túnis (1891-1969). Combateu na Primeira Guerra Mundial. Em 1940, comandou as etapas finais da evacuação de Dunquerque. Comandou as forças britânicas na Birmânia. Em agosto de 1942, assumiu a função de Comandante-em-Chefe britânico para o Oriente Médio. Na Sicília e Itália, Comandou o XV Grupo de Exércitos e, em dezembro de 1944, foi feito Comandante-em-Chefe Aliado no Teatro de Operações do Mediterrâneo. No pós-guerra, foi Governador-Geral do Canadá e, depois, Ministro da Defesa do Reino Unido. Aposentou-se em 1954.

Samos, em três ondas de aviões. Os Escoteiros socorreram os feridos pela primeira onda, mas foram apanhados em campo aberto pelas bombas dos aviões da segunda leva. Um Escoteiro foi morto e outro, gravemente ferido.

Desta e doutras maneiras os Escoteiros da Grécia e das ilhas serviram seu país com tanta constância e valor quanto aqueles que partiram para lutar pelos Aliados. Havia ainda uma terceira categoria, a daqueles que, quando a luta supostamente acabou após a conquista da Grécia pelos alemães, rumaram para as montanhas do norte e combateram nos grupos de guerrilha. Quando finalmente o opressor foi expulso, eles “fizeram sua primeira aparição oficial quando se descobriu que eles eram muito mais numerosos do que o número total de Escoteiros na Grécia antes da guerra”.

Estes Escoteiros e todos os outros que sobreviveram à guerra e fizeram grandes e bem-sucedidos esforços para preservar sua organização e seus ideais, continuaram na paz a sofrer as inevitáveis consequências da guerra, subnutrição, falta de roupas, falta de equipamento. Em 21 de maio de 1945, os Escoteiros de Andros escreveram para seus irmãos na Grã-Bretanha. Eles disseram que estavam “sem uniformes ou cantis, e sobrevivendo com alguns gramas de pão seco, como o fizeram durante a ocupação... qualquer resposta de vocês, mesmo a menor de todas, seria muitíssimo bem-vinda, e nós aqui junto com os restantes no continente, permaneceremos fiéis a vocês eternamente. Agradecemos antecipadamente por tudo”. O apelo não caiu em ouvidos surdos, e por volta de agosto de 1947 as condições haviam melhorado. Os laços unindo a Grécia à Grã-Bretanha têm mais de um século e, a despeito de um cenário político da maior confusão, ainda perduram<sup>201</sup>. As relações entre os Escoteiros britânicos e os gregos não são o mais fraco dos elos dessa cadeia.

---

<sup>201</sup> No imediato pós-guerra, a Grécia viveu uma guerra civil, que terminou em 1949 com a derrota dos comunistas.

Durante os primeiros dezoito meses da Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia<sup>202</sup> ainda era neutra e o Escotismo prosseguia normalmente, apesar de a Associação enfrentar dificuldades para comunicar-se com Londres e outros lugares. Quando também o seu país foi invadido, a sede em Belgrado imediatamente emitiu uma ordem a todos os Escoteiros para “prepararem-se para serviço Escoteiro altruísta”. Dentro de um mês, eles foram chamados a obedecer tal ordem. A destruição de Belgrado pelo ar custou milhares de vidas. Os sobreviventes eram socorridos pelos Escoteiros, que trabalhavam em seus Centros de Recuperação e como vigilantes do fogo. Foi um período austero, sucedido por um mais austero ainda, pois, como disse um poeta iugoslavo, “Mais escuros que o mundo subterrâneo são os dias de escravidão”. Milhares de Escoteiros partiram para as montanhas e florestas, e lá uniram-se aos grupos de guerrilha. Toda organização desapareceu e os Escoteiros atuaram individualmente. As poucas histórias que se conseguiu obter sobre eles mostra que a Lei Escoteira foi tão escrupulosamente seguida como em qualquer outro lugar.

Os Chefes das 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> Tropas, ambos treinados em Gilwell Park, deixando suas famílias, trabalharam como auxiliares de enfermagem para os bandos de guerrilheiros e salvaram muitas vidas. Uma Patrulha improvisada supriu um bando guerrilheiro operante nas vizinhanças de Fiume por três meses com água potável, transportando-a através de território em poder do inimigo. Um Assistente de um dos Comissários Distritais uniu-se a um grupo guerrilheiro, deixando sua noiva para trás. “Após muitos meses, eles se encontraram no bosque. Ela o seguiu. Eles se casaram regularmente no bosque”. Ambos foram posteriormente capturados; o Escotista escapou, mas acabou sendo recapturado e fuzilado na presença de sua esposa.

---

<sup>202</sup>Entre 1990 e 2015, a Iugoslávia desmembrou-se em Eslovênia (capital Ljubljana), Croácia (capital Zagreb), Bósnia-Herzegovina (capital Sarajevo), Sérvia (capital Belgrado), Montenegro (capital Podgorica) e a província separatista do Kosovo (capital Pristina).

Tal como aconteceu a Escoteiros em outros movimentos de resistência, seu treinamento manteve os Escoteiros iugoslavos em boas condições. “Reencontramos nosso filho”, escreveu uma senhora iugoslava que morava em Trieste. “Ele me contou que jamais teria conseguido passar por esse período de tanta dureza nas matas, se não tivesse antes sido Escoteiro”.

Um dia, talvez, toda a história dos Escoteiros da Iugoslávia virá à tona, mas sempre ficará muita coisa sem ser contada, pois “muitos não voltaram e os campos não falam”.

O Escotismo na Hungria começou bem cedo, com a formação da primeira Tropa em 1910. O primeiro acampamento, do qual participaram 105 garotos, aconteceu em 1913, e foi algo singular, porque consistiu de cabanas de toras construídas sobre seis jangadas, nas quais os rapazes navegaram descendo o rio Vag por dezessete dias. Desde o início, manifestou-se uma certa oposição ao Escotismo na Hungria, e os “garotos dos bastões”, como eram chamados, eram o alvo das piadas de cabaré. Entretanto, pelos começos de 1914 eles já eram 3.000, e quando a Grande Guerra [Primeira Guerra Mundial] terminou, eles continuaram a se desenvolver e a se expandir, especialmente a partir de 1922, quando o Conde Paul Teleki, um ex-Primeiro-Ministro da Hungria, se tornou Escoteiro-Chefe. Durante esses anos, o chapelão Escoteiro com o penacho, como era usado pelos Escoteiros húngaros, era visto em muitos lugares, da Finlândia aos Estados Unidos, e em 1938, perto de 50.000 rapazes o usavam.

Então, veio a Segunda Guerra Mundial. De janeiro de 1939 a 3 de abril de 1941, quando morreu o Conde Paul Teleki, os Escoteiros húngaros continuaram a praticar a maior parte de suas atividades sem serem molestados. Entretanto, os sucessos alemães durante aquele período inevitavelmente tiveram reflexos sobre a política húngara, e o elemento nazista no país se fortaleceu cada vez mais. Como parte de sua campanha contra o Conde Teleki e os elementos moderados, eles atacaram o Movimento Escoteiro, tanto na imprensa quanto no

Parlamento, acusando-o de ter caráter internacionalista [numa alusão aos comunistas, ou em contraposição ao ultranacionalismo fascista] e de tolerar judeus. E o Movimento tinha pleno orgulho em admitir isso, mas com o passar do tempo as dificuldades foram aumentando devido à implementação da lei conhecida como Lei do Equilíbrio Social, que foi emitida em 1939 e era dirigida contra os judeus. Era totalmente contrária, na letra e no espírito, ao 4º artigo da Lei Escoteira. O Movimento Escoteiro Húngaro jamais fizera qualquer tipo de distinção de raça ou religião, e abrigava em suas fileiras Tropas judaicas, católicas, calvinistas e outras. Mais da metade era religiosamente mista, e constituídas por garotos pertencendo a todas as raças e religiões presentes na Hungria.

Os Escoteiros foram vigorosamente defendidos pelo Conde Paul Teleki, mais notavelmente num discurso proferido no Parlamento húngaro em 22 de novembro de 1940. Entretanto, nem mesmo o Conde poderia evitar a perseguição aos judeus, pela qual a Hungria teve fama (ou infâmia) por tantos séculos. O Ministério da Educação, que era a instância pública com autoridade de supervisão sobre os Escoteiros, primeiro proibiu a formação de novas Tropas judaicas e, por meio de uma instrução especial, determinou a dissolução das existentes. “Mas os garotos judeus nunca deixaram de permanecer Escoteiros de corpo e alma, e a esmagadora maioria dos rapazes ‘arianos’ continuou a considerá-los como seus irmãos Escoteiros. Muitos exemplos maravilhosos dessa fraternidade foram notados durante os anos difíceis que se seguiram”.

A postura do Conde Teleki foi bem descrita por um polonês que o conheceu nessa época. “Ele me acolheu de braços abertos e com aquele sorriso franco de irmão Escoteiro, como eu já vira em tantos Jamborees. Na lapela ele trazia a flor de lis Escoteira. Em nossa conversa, ele se mostrou bem informado sobre a situação na Polônia e obviamente ficou feliz em conseguir a que o Comissário Geral Escoteiro da Polônia fosse libertado de um campo de concentração. Em poucos tempo, ele ficaria

ainda mais orgulhoso ao conseguir que se permitisse que o Escotismo polonês continuasse a funcionar em território húngaro.

Apesar de tudo que esse grande homem conseguiu, a situação aos poucos foi-se deteriorando, embora ele tenha podido, enquanto viveu, bloquear qualquer tentativa de transformar os Escoteiros Húngaros em uma organização militarizada. No entanto, em 3 de abril de 1941, ele morreu por suas próprias mãos, por não aguentar mais a pressão dos alemães.

Sua morte foi uma perda irreparável para o Movimento Escoteiro magiar<sup>203</sup>. Os ataques de imediato se renovaram, e em pouco tempo o Movimento Levente foi criado e oficialmente apoiado. Era uma organização partidária e militarizada, na qual todos os garotos entre 12 e 21 anos eram obrigados a ingressar. Seu chefe, o Tenente-General Boldy, percebeu que era de vital importância assegurar-se de que os 10.000 Chefes Escoteiros, Assistentes e Monitores membros da Associação Escoteira húngara viessem a tornar-se membros da nova organização. Como esse intento fracassou, fez-se um grande esforço para suprimir totalmente o Escotismo. Essa tentativa também foi mal sucedida, porque o Regente (Almirante Horthy) favorecia os Escoteiros, mas eles foram postos subordinados ao Ministério da Educação e a Associação foi dissolvida, com um “Escotismo próprio” instalado em seu lugar. O objetivo do governo era garantir que o “Escotismo Húngaro” tivesse caráter ultranacionalista, enfraquecendo os aspectos transnacionais do Escotismo.

Uma intervenção posterior do Regente, que nomeou o Major-General Francis Farkas como novo Escoteiro-Chefe, novamente frustrou os inimigos dos Escoteiros, pois ele tinha 22 anos de experiência em Escotismo, e era um Escoteiro sincero e devotado. Entretanto, ele foi forçado a ceder a pressões em certa medida, introduzindo alguns artigos adicionais na Lei Escoteira, um dos quais era “Um Escoteiro é

---

<sup>203</sup> Magiar é a mesma coisa que húngaro. Os magiares são a tribo que deu origem à nação húngara.

sempre e em qualquer lugar um soldado da Defesa Nacional”. Ele precisou fazer isso para apaziguar o Levente. As provas Escoteiras foram um pouco modificadas, recebendo um vago toque militar. Havia, por exemplo, as insígnias de progressão chamadas “Construtor de Barracas”, “Sapador”, “Explorador” e “Conquistador”.

Apesar de a essa altura quase todas as relações com o mundo exterior terem sido cortadas, os Escoteiros húngaros deram jeito de se manter em contato com o Presidente Honorário do Comitê Internacional, o falecido Príncipe Gustavo Adolfo da Suécia, mas esta tênue linha de comunicação desapareceu quando a Wehrmacht ocupou a Hungria, em 19 de março de 1944. Daí até o cerco de Budapeste, que começou naquele dezembro, os Escoteiros passaram pelo período de maiores dificuldades. O governo títere dos nazistas tentou transformá-los no que denominavam um “Movimento Magiarista Avançado”, mas o esforço novamente fracassou, e isso apesar do fato de não ser mais possível às Tropas conservarem seus locais de reunião, suas áreas de acampamento e seus uniformes. Mais ainda, muitos dos seus líderes haviam sido mortos ou aprisionados. Os demais integrantes, entretanto, tinham “inúmeras possibilidades de fazer a boa ação num país devastado e saqueado”. Nesse tempo, as cidades principais estavam sob pesado bombardeio aéreo dos Aliados, e os Escoteiros trabalhavam duro salvando vidas e propriedades. Às vezes, eles também salvavam as vidas de pilotos Aliados. Em 2 de julho de 1944, por exemplo, uma Fortaleza Voadora<sup>204</sup> norte-americana foi abatida na periferia de uma aldeia perto da cidade húngara de Győr. Andreas Borsody, da Tropa Escoteira local, arrastou o piloto para longe da aeronave destruída, tratou de seus

---

<sup>204</sup> Bombardeiro pesado Boeing B-17, aeronave que, voada pela 8ª Força Aérea (EUA), foi usada nas incursões diurnas de bombardeio sobre a Europa ocupada pelos alemães.

ferimentos e evitou que os alemães da área o matassem<sup>205</sup>. O piloto também era Escoteiro.

No outono de 1944, os alemães e os Nyilasok (nazistas húngaros) iniciaram a deportação em massa de jovens, o que foi uma das piores ações características da Segunda Guerra Mundial. Muitos Escoteiros foram removidos de suas casas. Entre eles havia um capelão Escoteiro, que teve “fartura de oportunidades de testemunhar seu esplêndido comportamento... às vezes trincando os dentes, às vezes com graça, eles em verdade viveram uma vida muito similar à de um campo de concentração. Eles se mantiveram fiéis aos princípios de Baden-Powell e Paul Teleki. Apesar de constantemente em perigo de vida por causa dos bombardeios, fome e epidemias... eles continuaram a cumprir o 3º artigo da Lei, a trazer fé aos que não a tinham e força aos fracos”.

Em 21 de janeiro de 1945, com a luta a prosseguir na outra margem do Danúbio, alguns membros do Comitê Executivo se reuniram e elegeram líderes nacionais provisórios, que deram início à tarefa de reorganizar os Escoteiros da Hungria. Os próprios Escoteiros ocuparam seu tempo, alguns milhares deles em Budapeste, na limpeza das ruas e dos prédios públicos, na arrumação dos livros na Biblioteca Pública, e trabalhando nas estações de trem. Reiniciaram-se os acampamentos de verão e milhares de Escoteiros participaram das colheitas e outros trabalhos de fazenda. As normas impostas aos Escoteiros húngaros concernentes à participação de judeus foram relaxadas.

A agitação política na Hungria não terminou com o fim da guerra, e ainda eram praticados ataques contra Escoteiros em 1945. Eles tinham exatamente a forma oposta à daqueles praticados contra eles em 1940. Nesse tempo, os Escoteiros eram pacifistas e apoiavam um credo internacionalista. Cinco anos depois eles eram descritos como reacionários e amantes do fascismo. Sem se deixar abalar, os Escoteiros

---

<sup>205</sup> A campanha de bombardeio anglo-americana suscitou o estímulo, pela propaganda de Goebbels, a que se matassem os aviadores dos bombardeiros, chamados de “terroristas aéreos”; alguns tripulantes de aviões abatidos, de fato, chegaram a ser mortos no solo, em lugar de aprisionados.

magiares seguiram seu caminho, e apesar das limitações de todo tipo, incluindo financeiras, seu número cresceu para 50.000 membros. A presença de um contingente de Escoteiros húngaros no Jamboree de 1947 provou que o Movimento estava pleno de vida e saúde<sup>206</sup>.

#### ILHAS DO CANAL<sup>207</sup> [DA MANCHA]

Por último, mas não menos importante neste relato sobre o Escotismo nos países europeus ocupados pelos alemães ou italianos, vem a história dos Escoteiros nas Ilhas do Canal<sup>208</sup>. Através da faixa de água entre as ilhas e a França, num dia de junho de 1940 chegou aos seus ouvidos o ribombo dos fogos de artilharia. O barulho continuou por algum tempo, até que “um dia o trovejar cessou e por algum tempo as Ilhas do Canal viveram uma estranha quietude”. Em 2 de julho de 1940, uma fila de navios cinza-escuros entrou pelos portos das ilhas. Por pranchas desembarcaram soldados nazistas, um após outro, arrogantes em seus uniformes cinza-esverdeados, suas botas polidas reluzindo ao sol. Assim começou a ocupação do primeiro pedaço de território britânico a cair em mãos inimigas desde a conquista normanda<sup>209</sup>. Ela duraria cinco anos.

Os alemães baniram o Escotismo e forçaram o desmantelamento das Tropas, mas o Escotismo sempre foi uma força muito viva nas

---

<sup>206</sup> Não por muito tempo. A Hungria logo cairia sob o tacão soviético, de forma mais dura a partir de 1956.

<sup>207</sup> As Ilhas do Canal da Mancha são divididas entre França e Inglaterra. Alderney, Sark, Jethoul, Brecqhou, Herm, Guernsey, Jersey são britânicas, e as Ilhas Chausey são francesas.

<sup>208</sup> Foram as únicas partes do território do Reino Unido que os alemães conseguiram ocupar. Ao longo da guerra, os Aliados não deram prioridade à sua retomada, porque representaria um desvio das forças que seriam necessárias para conduzir a campanha no Continente. Era, pelo contrário, mais interessante fazer que os alemães mantivessem ali guarnições que podiam ser facilmente isoladas e que não poderiam ser usadas em reforço da Frente Ocidental. As ilhas foram retomadas após o Dia da Vitória na Europa.

<sup>209</sup> A última invasão bem sucedida da Inglaterra foi a de Guilherme, o Conquistador, Duque da Normandia, em 1066. Os normandos desembarcaram em Pevensey (setembro), derrotaram as forças do rei Harold na batalha de Hastings (14 de outubro) e instalaram-se na Ilha, sendo Guilherme coroado no dia de Natal de 1066.

Ilhas, e os Escoteiros continuaram com suas atividades, mais que tudo preservando o ritual do Fogo de Conselho nos pequenos bosques e plantações de árvores onde era mais difícil serem detectados. A comida logo começou a escassear, e eles descobriram que algas de certo tipo, depois de lavadas, podiam ser cozidas e transformadas numa excelente gelatina. Eles passaram a colher grandes quantidades dessas algas.

Essa Tropa era apenas uma entre muitas, compreendendo cerca de 400 Escoteiros, cujo Presidente era o Governador das Ilhas. Durante a ocupação, a quantidade foi aumentada pela criação de uma Tropa que, sem a direção de Chefes Escoteiros, foi autodidata em Escotismo pela leitura de *Escotismo para rapazes*. Seus membros conseguiram persuadir os pais a fazerem camisas e lenços para eles, e no dia da libertação apareceram vestindo uniformes completos.

Os Escoteiros de Jersey têm uma grande dívida de gratidão com a 10ª Tropa Canadense de Toronto, que os adotou em agosto de 1943. Por volta de maio de 1945, eles já haviam por vários meios juntado 1.200 dólares canadenses, e essa quantia foi usada para ajudar os Escoteiros das Ilhas do Canal, especialmente de Jersey, a se firmarem nas finanças novamente.

#### PAÍSES OCUPADOS PELO JAPÃO

Antes que se conte a longa história da opressão de milhões de pessoas e do heroísmo que essa opressão provocou, é preciso definir brevemente as atividades dos Escoteiros naqueles países que caíram sob o jugo do Japão. Os aviões japoneses que espalharam destruição e confusão em Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, espalharam-nas de forma igualmente completa pelo Extremo Oriente. Após um breve período de combates, o Japão se tornou senhor de cada pedaço de terra entre as Filipinas e os Montes Naga, que separam a Birmânia [hoje Myanmar] da Índia. Por toda parte nessa enorme área as pessoas naturais de nações Aliadas foram removidas para campos de internação, e o desastre foi tão grande que não foi possível registrar histórias coerentes sobre como os Escoteiros continuaram a viver.

## BIRMÂNIA

Na Birmânia, o Escotismo organizado não sobreviveu à chegada dos japoneses. Antes e durante o período da invasão, “o Escotismo funcionava em ritmo firme, e nas grandes cidades os jovens eram treinados para auxiliar no trabalho da ARP”, assim escreveu um Escotista da Birmânia ao Escoteiro-Chefe no começo de 1940. “Se a guerra vier para o nosso lado, não podemos esperar por mais do que fazer nossa parte do mesmo modo que os melhores na mãe-pátria [Grã-Bretanha] estão fazendo a sua”. Quando chegou a ocasião, os Escoteiros tiveram muito pouca chance, apesar de terem feito o que podiam antes da guerra dispersá-los. Eles treinaram completamente, e bem, no trabalho de ARP, cada Escoteiro conhecendo sua área de responsabilidade intimamente. Eles foram tão úteis nisso que, tão logo os Escoteiros Birmaneses deixavam a escola, eram absorvidos pelo AFS (*Auxiliary Fire Service*), onde eram autorizados a usar lenços e insígnias Escoteiras sobre o uniforme da ARP.

O último encontro de Escoteiros, a maioria dos quais estava usando suas insígnias e lenços, aconteceu em 10 de janeiro de 1942, no bairro de Lanmadaw, em Rangum [hoje Yangon]. A essa altura, eles já haviam provado suas qualidades em dois grandes reides feitos pelos japoneses contra a cidade, em dezembro. De todas as Tropas de Rangum que ajudaram a mitigar os efeitos dos ataques, a 51ª Kandawgalay destacou-se orgulhosamente, não apenas pela quantidade de Escoteiros a ela pertencentes engajados no Serviço à Nação, mas também devido à sua grande devoção ao dever em situações de perigo. Quando o AFS deixou Rangum acompanhando o exército em retirada, os Escoteiros foram junto e deslocaram-se sucessivamente para Mandalay, Maymyo e Shwebo. Muitos deles foram ainda mais longe e, sob o comando de seus oficiais, marcharam pela longa estrada através dos Montes Naga até Imphal, e prosseguindo para o Assam e Índia. Lá, alguns deles juntaram-se à Marinha Birmanesa.

## ILHAS GILBERT

É das Ilhas Gilbert que vem a história contada a seguir, de Tuitonga Merang, que lá era Assistente de Chefe da 1ª Tropa.

“Quero contar-lhes sobre um amigo de quem gostávamos muito, A. L. Sadd, e a maneira pela qual ele, um Escoteiro, ajudou a nós, da 1ª Tropa Escoteira das Gilbert em Rongorongo. Quando o Sr. Sadd por primeiro chegou aqui, nós, os Escoteiros de Rongorongo, demos-lhe as boas-vindas com grande alegria, pois ele era o primeiro Escoteiro britânico a vir ajudar-nos e ser nosso amigo. Ele se tornou nosso capitão, o líder do Clã de Pioneiros de Rongorongo... Quando penso no Sr. Sadd e em sua vida entre nós, sinto como se ele tivesse vivenciado todos os 10 artigos da Lei Escoteira... Foi o que aconteceu quando os japoneses o levaram, e ele demonstrou seu elevado espírito Escoteiro. Cedo, numa manhã de setembro de 1942, dois vasos de guerra japoneses, além de um submarino, apareceram ao largo da ilha. As pessoas fugiram da aldeia e o Sr. Sadd ficou lá, sozinho. Então os canhões dos navios abriram fogo e um avião veio sobrevoando, bem baixo, e os soldados japoneses desembarcaram – mais de 300 deles – rumando para o prédio do governo. Somente o Comandante e alguns poucos homens haviam permanecido lá, os demais se espalharam em busca do radiotelegrafista, que fugira para se esconder. Um grupo de soldados veio para nossa escola para levar o Sr. Sadd, e nós ficamos surpresos porque ele simplesmente permaneceu em sua casa esperando que fossem até ele. Eles o levaram ao prédio do governo, e não vimos nele nenhum sinal de medo, apenas um rosto sereno e uma grande coragem. Quando ele chegou perante o Comandante, a *Union Jack* estava no chão à sua frente, de modo que ele pisasse nela; mas o Sr. Sadd inclinou-se, recolheu-a, dobrou-a e colocou-a na mesa diante do Comandante. Foi decidido que ele deveria ser levado embora. Foi-lhe permitido voltar à sua casa para apanhar coisas para a viagem, e ele despediu-se dos alunos enquanto era levado pelos soldados. Eu o acompanhei até o prédio do governo. Ao lá chegarmos, ele foi levado para fora para sentar-se numa pedra áspera por mais de uma hora.

Enquanto ele estava lá sentado esperando para ir, ele teve muita sede e fome, pois não havia comido nada desde manhã cedo, e já passava das três da tarde. Então ele me fez sinal para que fosse até ele, e sussurrando ele me perguntou se eu conseguiria trazer-lhe um coco verde para beber. Seria bem difícil, pois o lugar estava cheio de soldados japoneses e eles também gostavam de cocos. Quando eu estava juntando alguns e cortando-lhes a casca, alguns soldados vieram, mas não levaram os cocos embora. Talvez já estivessem saciados. Levei os cocos para o Sr. Sadd, mas seria empresa difícil, pois o Comandante estava examinando os pertences do Sr. Sadd a apenas alguns metros de distância. Então decidi ir primeiro até o Comandante, dar-lhe um coco para agradá-lo, e então talvez ele não ficasse bravo se eu desse um para o Sr. Sadd; e talvez os soldados japoneses não me maltratassem, pois havia muitos deles em volta, em pé e olhando para o Sr. Sadd. Meu plano funcionou, e o Sr. Sadd obteve seu coco, e ficou muito grato. Mas quando eu me afastava dele, feliz por ter conseguido ajudá-lo, ele me pediu para fazer algo ainda mais difícil. Ele estava muito intranquilo quando viu os pertences que ele tinha sido autorizado a trazer de casa serem dados pelo Comandante a diversos soldados para que os levassem ao cais, pois ele sabia que essas coisas seriam dispersadas e ele nunca as levaria consigo para o navio. Então ele perguntou se eu poderia tomar conta da sua mochila e escondê-la até que eu o visse ser levado para o cais. Então eu poderia entregar-lha, já que ele dependeria do conteúdo – um pouco de comida, algum dinheiro e algumas roupas quentes – para manter-se vivo se fosse levado para Tóquio. Então, tentei esconder a mochila, mas ela era grande e eu tinha de carregá-la nos braços, mas tive a sorte de nenhum soldado japonês ter tentado tomá-la de mim. Se algum deles viesse, talvez eu ficasse com medo de levá-la, por causa do fuzil e da baioneta. Finalmente, chegou a hora de ir, e o Sr. Sadd foi conduzido para o cais por dois soldados, e eu mais dois garotos os seguimos a uma certa distância. Mas ele foi mantido no cais por mais meia hora, esperando o

Comandante tomar a sua lancha, recebendo a continência de todos os soldados presentes no cais. Sabíamos que era muito perigoso ficar por ali entre os soldados, e comecei a ficar muito nervoso e preocupado com que eles pudessem nos levar também, por termos ficado por ali. Enquanto esperávamos, um soldado veio a mim e mandou-me ajudar a embarcar alguns porcos, que eles haviam abatido na aldeia e iam levar para o navio para serem comidos. Eu tinha de ir e fazer o trabalho, mas estava pensando naquela mochila. Eu não queria deixá-la, pois ela logo se perderia. Tentei segurá-la entre meus pés, mas não havia como trabalhar assim, então coloquei-a junto ao cais e fiquei muito satisfeito em ver que nenhum soldado japonês a pegou. Depois de uns dez minutos, o Comandante chegou, os soldados prestaram continência e lá se foi ele na lancha. Então o Sr. Sadd foi levado para o bote. Eu e um dos garotos que estavam com as coisas do Sr. Sadd queríamos ir e entregá-las a ele, como ele me havia pedido. Mas tínhamos muito medo, porque o bote estava cheio de soldados, então colocamos as coisas na parte do bote que estava mais próxima. Então eu pensei no pedido do pobre Sr. Sadd, e Deus me ajudou. Pulei para dentro do bote, peguei as coisas do Sr. Sadd, levei-as até a extremidade mais distante do bote e pus nas mãos dele. Ele as pegou e disse: 'Muitíssimo obrigado, Tuitonga'. Voltei ao cais, feliz por ter sido bem sucedido com a ajuda de Deus, a Quem o Sr. Sadd servia e em Cujo nome estava sofrendo. Eu fiz isso pelo grande amor que Deus pôs em meu coração pelo Sr. Sadd e porque Ele me deu uma coragem que não era a minha. O bote desatracou e o Sr. Sadd começou sua solitária jornada. Eu e os outros dois garotos ficamos em pé na ponta do cais, acenamos para ele e gritamos 'Adeus, Sr. Sadd'. Ele não respondeu, porque estava muito triste por ter de deixar todos os seus garotos gilberteses, mas ele não tinha medo, e acenou para nós com seu chapéu. Ficamos lá e assistimos até que o bote chegou ao navio, umas duas milhas distante, para lá dos recifes. Então, partimos da aldeia do governo, pois eram quase seis da tarde, e retornamos a nossa aldeia de Rongorongo. Tudo

estava muito quieto – sem ruídos, nem brincadeiras, nem cantos. Todos estavam muito infelizes porque o Sr. Sadd fora levado embora. O navio levou-o para a ilha de Tarawa, e ele permaneceu por lá mais ou menos um mês, antes de ser morto. Eu gostaria muito de contar-lhes da coragem do Sr. Sadd quando foi executado, mas ouvimos tantas versões diferentes que ainda não sabemos a verdade. Ouvimos que ele estava sempre animado, e ajudava os outros homens brancos com ele quando os japoneses os ameaçavam e os faziam trabalhar duro. Ele estava ‘sempre alerta’, mesmo para o perigo que o levou à morte”.

### FILIPINAS

As notícias das Filipinas vieram bem devagar, depois da guerra. Lá os Escoteiros sofreram grandes privações e muitos sofrimentos. Quando eclodiu a guerra, a maioria dos Escoteiros filipinos havia passado por algum treinamento para serviços de emergência, que eles logo puseram em bom uso. Em Bataan, por exemplo, eles assumiram a tarefa de dirigir o tráfego, e em 27 de dezembro o Escoteiro Joson, permanecendo em seu posto, foi morto numa incursão aérea. Outro Escoteiro, chamado Montilla, da 3ª Tropa da Associação Cristã de Moços em Manila, perdera sua vida uma quinzena antes, quando fazia mulheres e crianças entrarem num abrigo durante um reide sobre Cavite.

Geralmente, a tarefa mais urgente dos Escoteiros, e que eles executaram com maior êxito foi ajudar uma população aterrorizada a evitar chegar ao extremo do pânico, e dar socorro especial a cerca de 50 mulheres e 120 crianças, esposas e dependentes de soldados filipinos convocados às pressas. Escoteiros de Dansalan auxiliaram essas infelizes mulheres e crianças em seu árduo caminho, de suas casas às montanhas do norte. Eles se deslocaram apenas algumas horas antes dos japoneses, e terminaram por chegar a Liang após atravessar florestas infestadas pela malária e córregos pululando de répteis, sanguessugas e mosquitos. Seu refúgio ficava no sopé de uma montanha rodeada por florestas em três lados e no quarto por um rio

cheio de crocodilos. Os Escoteiros construíram abrigos para as mulheres e crianças e limparam o terreno para plantar alimentos. Em poucas semanas eles haviam transformado esse pedaço de selva numa aldeia de cabanas indescritíveis, onde esses refugiados viveram por vários meses, apoiados e cuidados por seus jovens protetores. Gradualmente, à medida que a vida foi se normalizando, ainda que sob a ocupação, eles foram encontrando o caminho de volta para suas próprias casas. Mas “naquela aldeia agora deserta podem-se encontrar colheres, pratos e utensílios de cozinha feitos com cascas de coco, chinelos e bolsas feitos de fibra de cânhamo, fileiras e fileiras de canteiros agora invadidos pelo mato, e poços cavados fundo na terra... tudo resultado das habilidades que os garotos aprenderam no Escotismo”. Assim escreveu um filipino. Ele prossegue, dizendo que de maneiras nada espetaculares mas importantes os Escoteiros nas Filipinas auxiliaram os vários movimentos de resistência alimentando guerrilheiros, levando mensagens, recebendo e distribuindo suprimentos desembarcados de submarinos americanos. Quem se fez mais notável nesse trabalho foi um jovem Pioneiro de 19 anos, Jorge Fajardo, da Tropa 61 de Manila, um sinaleiro traquejado que mantinha comunicações em Morse com os submarinos e assim evitou que muitas toneladas de suprimentos essenciais caíssem em mãos inimigas.

Após a libertação, os Escoteiros das Filipinas fizeram o mesmo que seus irmãos estavam fazendo em toda parte pelo mundo afora. Eles juntaram alimentos, roupas e medicamentos para civis que perderam seus bens, e foram usados pelas Unidades de Assuntos Civis do Exército dos Estados Unidos para a distribuição organizada do material. Eles também coletaram revistas, livros e jornais para as tropas militares, e, pela manufatura e venda de bolsas e cintos de fibra de cânhamo, ajudaram a tornar as carteiras dos militares mais leves, aplicando o dinheiro em obras assistenciais.

De longe, o feito mais significativo praticado por um Escoteiro filipino foi o de Valerino Abello, membro da Tropa 11 de Leyte. Como

Escoteiro, ele aprendera sinalização, e no dia do ataque a Leyte, esse aprendizado o manteria em boa interação com as forças invasoras americanas. Os japoneses haviam congregado suas mais formidáveis defesas ao longo da costa oriental da ilha, estendendo-se das montanhas Ambao até o Estreito de San Juanico, que separa Leyte de Samar. As defesas incluíam armadilhas para tanques, *pillboxes*, posições para atiradores, tocas e arame farpado, e eram guarnecidas por uma Divisão japonesa completa. No litoral e em certos pontos nas montanhas à retaguarda, baterias de canhões e morteiros haviam sido instaladas.

Tendo trabalhado como capataz dos trabalhadores filipinos que foram forçados a construir esse sistema defensivo, Abello tinha conhecimento detalhado de sua disposição geral, e dos vários pontos-fortes ali contidos. Em 20 de outubro de 1944, ele estava na localidade de Telegrafo, perto de Toloso, quando, olhando para o mar, viu uma longa fila de navios de guerra em movimento para posicionar-se. Um momento depois, projéteis de grosso calibre começaram a explodir perto dele; imediatamente ele correu para a praia, onde se lhe juntaram dois camaradas, Anterio Junua e Vicente Cononigo. Agora o bombardeamento estava no auge, e granadas de grosso e médio calibre caíam ao longo das defesas. Era óbvio que este era o bombardeio preliminar não de uma mera incursão, mas de um desembarque em força.

Abello começou a sinalizar, repetindo várias vezes: “Por favor, deixem-me dirigir os fogos”. Finalmente, as bandeirolas que agitava foram vistas, e um contratorpedeiro que estava mais próximo da costa que os grandes navios respondeu pelo heliógrafo: “Venha imediatamente. Estamos esperando”. Os três homens pularam para dentro de uma canoa e remaram para o contratorpedeiro. Eles já estavam perto, quando projéteis disparados de uma bateria japonesa próxima explodiram perto, na água, e fizeram a canoa virar. Eles caíram na água, continuaram a nadar até o destróier e foram puxados para

bordo, exaustos e ensopados. Abello foi levado imediatamente à ponte de comando, onde, fazendo a saudação Escoteira, disse: “Sei onde se encontram todas as principais posições defensivas na costa, pois ajudei a construí-las”. O contratorpedeiro emitiu sinais para o navio-capitânia<sup>210</sup>, e logo Abello, da sua ponte de comando, dirigia o bombardeio. Novos alvos foram assinalados para os artilheiros, e, mais importante que tudo do ponto de vista de Abello, Toloso e as outras aldeias e cidades compreendidas na área das defesas foram poupadas da chuva de fogo que caiu sobre as praias. Cada ponto-forte foi bombardeado por sua vez, e duas horas depois as tropas de assalto, encabeçadas pelos Fuzileiros Navais, atravessaram em suas embarcações de desembarque e puseram os pés em terra.

Com a batalha rugindo, seu ruído ecoando entre as palmeiras e abafando o som da ressaca nas praias de Leyte, deixemos esta história de sofrimento e heroísmo impostos pela guerra sobre metade dos povos do mundo. Por cinco longos anos, e até mais, sua sina foi dura, seu suplício severo, suas vidas uma dor crônica que às vezes era substituída por momentos agudos de agonia. O alívio era pequeno, o consolo, ínfimo. Para aqueles submetidos à servidão, os males inevitáveis da vida ficaram mais agudos e mais difíceis de suportar porque faltavam as contrapartidas alegres. Entretanto, seu destino poderia ter sido mais duro, seu sacrifício mais oneroso, suas vidas mais desprovidas de esperança se os Escoteiros não tivessem vindo em seu auxílio. Uma pequena parte da história direta e sem retoques do que eles fizeram foi apresentada aqui. Mais acabará sendo contado à medida que venham à luz mais evidências do que os Escoteiros conseguiram nesses países devastados. Entretanto, a história completa jamais será contada. Muitos, dos que sofreram e receberam conforto, estão já mortos, e seu testemunho desceu com eles à sepultura. Mas ainda resta suficiente material coligido para possibilitar que se

---

<sup>210</sup> Navio no qual fica o Comandante de uma força naval.

assegure, sem medo de contradição, que, quando chegou o tempo da provação, os Escoteiros e Escotistas de Baden-Powell mostraram ser mais que as “crianças felizes de cuca fresca” ou as figuras estereotípicas “só de casca” que seus inimigos pretendiam fazê-los; mostraram ser rapazes de verdadeiro e sólido valor, jovens paladinos com espíritos de aço e corações revestidos de devoção altruísta.

Quase vinte e três séculos já se passaram desde que alguns cidadãos idosos em um anfiteatro em Atenas declararam que o amor era invencível em batalha. Escoteiros no mundo todo, ao longo de seis anos das maiores tribulações, forneceram a prova final e mais clara da verdade dessas palavras.

## **CAPÍTULO V**

### **RESISTÊNCIA**

#### *O Escotismo no cativo*

Num escritório no primeiro andar do prédio do Tribunal de Justiça em Nuremberg, Monsieur Raymond, um francês baixinho, de meia-idade, com a pele do rosto bem enrugada junto aos olhos, trabalhou diariamente durante o julgamento dos criminosos de guerra alemães. Ele estava encarregado de muitos dos documentos e arquivos que constituíam o grosso das evidências apresentadas contra esses homens. Seu principal objeto de atenção era o material relativo aos campos de concentração, que ele guardava em armários-arquivo de aço, alternando com mesas diante das quais sentavam-se laboriosas datilógrafas; os registros e imagens davam mostras de tal horror que, quando foram apresentadas à corte, até os prisioneiros no cercadinho foram vistos mostrando sinais de desconforto. Assustadoras de ver, as fotos eram o exemplo mais cru do extremo de loucura sádica que é uma das mais desagradáveis marcas do caráter alemão.

Dentre essas lúgubres relíquias da nova Idade das Trevas<sup>211</sup>, uma houve que de início suscitou poucos comentários. Era um mapa com o contorno dos países bálticos, desenhado com precisão em preto, mostrando – seu único detalhe – uma bem-feita inscrição em tinta vermelha no centro de cada país. No cabeçalho do mapa estava escrito “Mapa de Extermínio dos Judeus do Báltico”, e as inscrições representavam, com dolorosa precisão, a quantidade de judeus levados à morte naquela parte do mundo, até a última criança agarrada ao seio da mãe. Esse mapa era um entre vários outros, mostrando por meio de símbolos convencionados as localizações dos campos de internamento e concentração, bem como de prisioneiros de guerra, na área controlada pelo Reich alemão. Monsieur Raymond, que fora um interno de Buchenwald, estava pronto para mostrá-los.

---

<sup>211</sup> Como aludira Churchill em seu discurso de 18 de junho de 1940.

Em quase todos, descobriu-se existir algum elemento do Escotismo, e onde foi encontrado, notou-se que a vontade de sobreviver não havia sido totalmente extinta, não importa quão terríveis, indescritíveis de fato, as condições de vida pudessem ser. Este é o primeiro e mais importante fato a ter em mente quando se examina o papel do Escotismo nesses lugares de horror e desespero. Além do espírito que os Escoteiros criaram, os ideais e a esperança que eles mantiveram vivos, seus feitos reais foram de pequena conta. O que contou foi o fato de eles serem Escoteiros e não se terem esquecido disso.

Com isso em mente, examinemos as condições em alguns campos de internamento e concentração, essas escuras nódoas na crosta de nossa civilização. O que aconteceu na Itália e na Alemanha antes de 1939 não precisa ser mencionado, pois a chegada ao poder de Mussolini e, depois, de Hitler pôs fim ao Escotismo naqueles dois países de forma tão completa<sup>212</sup>, que é duvidoso haver restado algum traço, mesmo nos campos de concentração ou ilhas-prisão para onde aqueles dois ditadores mandavam todos que deles discordassem. Talvez nos primeiros tempos de Dachau ou das ilhas Lipari, algumas das primeiras vítimas do fascismo tenham encontrado ajuda e conforto na Lei Escoteira ou no exemplo de Escoteiros. Não há registros para informar sobre isso.

A história começa com o advento da guerra, não nas amplas planícies cinzentas da Polônia, nem nas florestas da Alemanha ocidental, nem nos rochedos crestados pelo sol da costa italiana, mas para lá dos Pireneus, nas margens do Ebro espanhol. Ali, encolhido como um animal tocando uma presa, esperando para engolir aqueles escapos de Hitler, ficava o campo de Miranda<sup>213</sup>. Foi implantado por

---

<sup>212</sup> Nem tanto no caso da Itália. O Escotismo italiano foi seriamente restrito, mas não pôde ser extinto porque era apoiado pelo Papa.

<sup>213</sup> Os campos de isolamento remontam, no mínimo, à Idade Média, quando, em Veneza, os judeus eram segregados na ilha de Ghetto. Mas os modernos campos de concentração e internamento têm seu marco inicial com os britânicos durante a Guerra dos *Boers* (1899-1902), que instalaram campos para

Franco para prisão dos inimigos de seus amigos fascistas; foi lá que em 1942 um Pioneiro belga, membro do Clã Pioneiro de Liège, do qual metade dos integrantes foi morta pelos alemães, fundou o Clã de l'Etape. Ele fez isso para atender a uma necessidade que lhe pareceu vital. Miranda era, tecnicamente, um campo de trânsito, no qual homens capturados após cruzar os Pireneus eram retidos, até que se decidisse o destino a dar-lhes. Os mais afortunados, especialmente os britânicos e canadenses que podiam pedir socorro e assistência à embaixada em Madrid e ao consulado em Barcelona, não ficavam lá por muito tempo. Outros permaneceram por meses, ou mesmo anos, num lugar onde os homens lutavam à faca por uma ração extra de sopa, e onde a fome e o ócio eram os visitantes da prisão.

Foi para combater essas duas insidiosas doenças, uma física, outra moral, que o Clã de l'Etape foi fundado, único entre as Seções Escoteiras, não tanto por sua situação – pois muitas outras Tropas foram fundadas em campos de concentração e de internamento –, mas pela alta rotatividade dos seus membros. Alguns dos que a ele pertenceram mal haviam passado pelas etapas introdutórias quando se viram a caminho do próximo estágio de seu destino. Outros, como um que tinha o pseudônimo de Áries, permaneceram ali durante a maior parte do tempo da guerra. Numa ou noutra ocasião, até dez nacionalidades diferentes se faziam representar no Clã. Quatro dos fundadores eram franceses fazendo-se passar por canadenses, e a eles acabaram juntando-se dois belgas, um que se denominava Lobo Conversador, e o outro o já mencionado Áries. O Lobo Conversador logo foi mandado para outro lugar, e a Seção por um longo tempo foi composta por apenas três pessoas, mas gradualmente cresceu até que a primeira reunião plena ocorreu em 26 de novembro de 1942, quando nove novos membros foram admitidos.

---

reunir as famílias suspeitas de apoiarem os guerrilheiros *boers*, com o objetivo de cortar o apoio logístico dos *commandos*. Mas quem levou isso à sua máxima expressão foram os nazistas, com guetos em várias cidades e com os campos de concentração e de extermínio.

Foi nesta reunião que a Seção recebeu seu nome. Seus membros reuniam-se às quintas-feiras, e por fim dividiram-se em subseções, cada uma das quais estudava um grupo particular de temas [áreas de interesse]. Havia o centro de palestras, um grupo de atores, uma seção de confecção de distintivos, outros constituindo um coral, outros estudando as estrelas e um sexto estudando todas as rotas possíveis vindas da França rumo a Gibraltar através da Espanha. A sétima subseção dedicava-se ao treinamento físico. Assim era, que tudo sob o sol, de política a esporte, de religião a ciência, era discutido num esforço sustentado para impedir que suas mentes definhassem até o nível de seus corpos enfraquecidos. Destes corpos também eles cuidavam tão bem quanto podiam, a despeito da alimentação miseravelmente inadequada – a ração era sopa de repolho duas vezes ao dia e cinco onças de uma substância que era denominada pão. Eles praticavam judô por duas horas diariamente, coordenados pela 7ª subseção.

Para ingressar na Seção, o candidato precisava passar por algumas provas de considerável rigor e fora dos testes Escoteiros de rotina. Por exemplo, se ele chegasse a Miranda no inverno, precisava banhar-se no que era conhecido como a fonte do campo, a uma temperatura de cinco graus abaixo do ponto de congelamento. Ele tinha de dormir três noites no chão com o centro do corpo apoiado na lateral de tábuas, apesar de ter um colchão relativamente confortável, livre e convidativo, bem ao lado. A Seção dava especial atenção aos recém-chegados e fazia o máximo para ajudá-los a superar o choque do que era, para muitos, a primeira experiência de prisão. Coragem e esperança estavam em baixa no campo, mas nas fileiras desta Seção elas sempre estavam em alta, e seu espírito de corpo era tal que até mesmo os displicentes guardas espanhóis os olhavam com respeito. Mais ainda, confiavam neles para pôr fim às violentas disputas e brigas que volta e meia irrompiam entre os prisioneiros.

Como a Seção era composta, em sua maioria, por membros temporários, eles instituíram desde o início o hábito de manter um livro de registro (“diário de bordo”), no qual cada um registrava aquilo que se sentisse propenso a escrever: uma canção, uma anedota, um registro de suas experiências até o momento de entrada no campo. É um dos mais notáveis livros deste tipo já escritos. Caprichosamente encapado com madeira, com a insígnia Escoteira da flor de lis entalhada, copiosamente e maravilhosamente ilustrado em linhas e em cores, o livro agora repousa nos arquivos do centro de treinamento em Gilwell Park, ao qual foi presenteado durante o Jamboree de 1947. Suas páginas registram com precisão, e da forma mais vívida devido às restrições impostas aos seus múltiplos autores, suas aventuras e suas esperanças.

Tomemos como exemplo a história do Escoteiro Carombelle, belga. Tendo fugido do Exército Belga após a capitulação, ele chegou à sua casa em Liège para descobrir que seu irmão tinha sido morto. Carombelle determinou-se a continuar na luta. Levou seis meses para que ele conseguisse encontrar meios de deixar a Bélgica. Então ele fugiu para o sul, via Lille, Abbeville, Paris e Bordeaux, até chegar a Tarbes, onde foi preso. A essa altura ele havia arranjado um companheiro e, mediante o consentimento de ambos para trabalhar, foram liberados. Após haverem trabalhado alguns meses e juntado todo o dinheiro que puderam poupar, eles partiram rumo à Espanha, subindo os Pireneus sem um guia e tendo apenas uma bússola para ajudá-los. Conseguiram transpor a fronteira, mas vieram a ser presos pela polícia espanhola, que os passou de volta para a França pela fronteira. Ali, eles novamente obtiveram trabalho como carpinteiros, e então, quando haviam acumulado fundos suficientes, fizeram uma segunda tentativa. Desta vez conseguiram chegar até Figueras, onde foram presos pela terceira vez e, por fim, enviados para Miranda. Aqui a história termina. Ninguém sabe o que foi feito deles depois que deixaram o campo.

Alguns dos Escoteiros cujos nomes e escritos aparecem no livro eram bem jovens, chegando a ter 15 anos de idade. Um destes escreveu: “Não me arrependo por ter fugido de casa, nem pelas dificuldades por que passamos, nem pelas que nos esperam, pois todas elas podem ser suportadas com espírito Escoteiro. O Escotismo nos ensina a lutar contra o Nazismo e qualquer sistema que eduque homens para serem meros autômatos. Considero minha vida em Miranda como parte de minha educação, como algo que, sendo vivenciado, incrementará minha capacidade de servir”. Seu nome era Michael Elias. Dele, também, nunca mais se teve notícias.

O livro dá um retrato maravilhoso da estranha e magnética unidade do Escotismo. Nele há uma canção judaica que começa com uma citação do Salmo 150: “Louvai-O com címbalos e danças; louvai-O com saltérios e gaitas”...

“Cantamos com aqueles que deixamos para trás;  
Cantamos hoje com aqueles que partiram;

Cantaremos com mais alegria amanhã, quando retornaremos livres ao nosso país livre”.

Na primeira página foi escrita uma conclamação a todos aqueles que o lessem ou que o assinassem para “reunião no Obelisco na Praça da Concórdia<sup>214</sup> em 1º de agosto do ano seguinte àquele em que a guerra acabasse”. O encontro seria precisamente às 11 horas da manhã, e aqueles que comparecessem deveriam comer juntos e tomar parte em *moultes festivités*. Quando chegou o dia, em 1º de agosto de 1946, os remanescentes do Clã de l’Etape, em número de onze, compareceram ao encontro. O céu estava azul com grandes nuvens brancas e, ao pé do Obelisco, o pequeno grupo de Escoteiros cresceu de minuto a minuto. Estavam vestidos das mais diversas formas, e muitos deles tinham fileiras de condecorações no peito. Quando bateu meio-

---

<sup>214</sup> Place de La Concorde, a maior praça da cidade de Paris, instalada ao tempo de Luís XV e que recebeu seu nome definitivo em 1830.

dia, eles compararam suas anotações. Lá estava Delsemme, que saltara de paraquedas na França em dezembro de 1944 e era o Secretário Federal da Federação Francesa de Escotismo na Grã-Bretanha. Lá estava Chauvet, que fora membro do Grupamento de *Commandos* nº 4 e depois entrara para o 11º Grupamento Aliado de *Commandos*. Lá estava Demot, piloto de caça da RAF num esquadrão belga; Bourdens, piloto de caça dum esquadrão de Franceses Livres na RAF. Lá estava Brochon, radioperador da Marinha da França Livre. Lá estava Rousseau, condutor de tanque na Divisão Blindada de Leclerc. Lá estava Dickert, dos Fuzileiros Argelinos. Lá estava Putscher, que fora seriamente ferido quando servia na Brigada Blindada do 1º Exército de De Lattre de Tassigny, e com ele estava Cesarsky, operador de metralhadora no mesmo regimento. Finalmente, lá estava Weist, um soldado francês dos *Commandos* que servira com a Divisão de Leclerc. Em adição aos onze, deram-se notícias de oito outros. De cerca de vinte não há nenhum rastro.

O mesmo espírito que se encontraria entre os Escoteiros no notório campo de Miranda de Ebro era igualmente forte a meio mundo de distância, nos campos de internamento criados pelos selvagens japoneses no Extremo Oriente. O ataque de surpresa a Pearl Harbor foi o primeiro de uma série de golpes dados com grande perícia e rapidez contra o Império Britânico e os Estados Unidos, que levaram à criação, por breve tempo, da Nova Ásia dos sonhos dos japoneses. Xangai, Hong Kong e a Ilha de Wake estavam em suas mãos antes que 1941 findasse, e suas legiões estavam atravessando a Tailândia e na rota para a Estrada da Birmânia. Então, em rápida sucessão, caíram Bornéu e Sarawak, as Ilhas Salomão, Gilbert e Marshall, e a Nova Guiné. Em 15 de fevereiro de 1942, com a queda da “fortaleza inexpugnável” de Cingapura, toda a Malásia caiu em seu poder. Menos de um mês se passou e completou-se a conquista de Java, Sumatra e Filipinas. Em meados de maio, todas as forças britânicas tinham sido repelidas da Birmânia, e pela terceira semana de julho a Papua também caiu. Em

toda essa vasta área, a quantidade de homens brancos, distintos da população local, não era grande. Tal como estava, no entanto, tornou-se uma população escravizada empenhada na ferrovia da morte, aquela terrível linha de comunicação entre Bangkok e Moulmein, da qual se diz que cada dormente custou uma vida, ou na construção de aeródromos nas cento e uma ilhas do Oceano Oriental, ou simplesmente posta a enlanguescer atrás do arame farpado.

#### XANGAI

Os campos de internamento mais antigos situavam-se na China, pois aquela nação estava em guerra com o Japão desde 1935. Xangai foi a primeira cidade chinesa a estabelecer uma organização conhecida como Serviço Escoteiro de Guerra, que nasceu durante os ataques japoneses àquela cidade. Os Escoteiros pertencentes a essa organização ajudavam a todos os investidos de autoridade, civil ou militar, e tiveram treze membros mortos, incluindo uma garota que levava a bandeira chinesa para um batalhão de uma guarnição que fora isolada do restante, um feito de bravo patriotismo que lhe custou a vida. Antes que o Japão finalmente assumisse o poder, os Escoteiros e Guias chineses chegavam a ser mais de 15.000.

Após a queda de Hong Kong e o colapso geral da resistência aos japoneses ao longo da costa da China, Xangai tornou-se virtualmente um enorme campo de internamento, no qual, pelo menos no início, os habitantes foram deixados mais ou menos por sua própria conta, sendo seus maiores apertos a falta de comida e de aquecimento. Somente em 1943 a área de Xangai foi dividida em campos. Os Escoteiros de Xangai tiveram a sorte de ficar com um lugar admirável, o Campo Millington, nº 340 da Estrada Hungjao. Aqui e em outros lugares eles continuaram a praticar Escotismo, com dificuldades, é verdade, mas mais ou menos sem serem molestados. Por todo o período da dominação japonesa eles foram encorajados e estimulados pelo exemplo daquele homem esforçado que era o Comissário em exercício, A. R. Gordon, que no tempo de paz fizera muitos amigos entre oficiais da Marinha, do

Exército e do Serviço Consular. Estas ligações com o inimigo mostraram-se úteis, pois deram-lhe uma garantia, que foi mantida por um tempo considerável, de que as atividades do Escotismo em Xangai não seriam suprimidas, desde que os Escoteiros não exibissem seus uniformes.

Um Comitê Consultivo foi nomeado para organizar os Escoteiros numa base internacional, e as Tropas foram concitadas a continuar com o treinamento e enfatizar, a todo tempo, que não havia nada de político-partidário ou militar nele. O primeiro passo foi transformar o Campo Millington numa fazenda na qual se criava gado e cultivava hortaliças, de modo a aliviar as necessidades dos britânicos, norteamericanos e europeus, que tinham perdido seus meios de vida. A fazenda funcionava pela ação de pessoas capacitadas vindas das fileiras dos Escoteiros e submetidas a rigoroso exame médico para garantir que estavam fisicamente aptos para o trabalho. Eles viviam no campo sob uma disciplina quase militar, com Ordens Permanentes dando, entre outras determinações, a de nenhum alimento poder ser consumido senão em horas determinadas, a proibição de beber água que não tivesse sido fervida, e a de aproveitar toda oportunidade de boa condição climática para que o trabalho na terra pudesse ser feito do alvorecer ao pôr do sol, com um período de repouso obrigatório durante a hora do almoço, e a de que “a Lei Escoteira é a lei do campo”. Em breve a fazenda, autossustentável desde o início, tornou-se um grande sucesso. O trabalho começou em 7 de fevereiro de 1942, em meio à neve e ao frio. Os trabalhadores imediatamente adotaram como lema a lacônica expressão “Pode ser feito”, e por ela se guiaram. Dentro de um mês, podia-se comer espinafre e rabanetes, e Kate, a cabra principal, e Susan, a ovelha principal, estavam prenhes. Tiveram problemas por causa dos ladrões locais, apelidados “formigas amarelas”, o que levou os Escoteiros a manter vigilância dia e noite; chegaram a prender dois desses gatunos e conduzi-los à delegacia de polícia mais próxima. Outros intrusos eram grandes ouriços que, por suas depredações nos

canteiros, pagaram com suas vidas e seus corpos – sua carne foi um bem-vindo reforço nas refeições. Em maio, Kate teve cria, e Agnes, uma cabra recentemente adquirida presenteou a fazenda com trigêmeos, enquanto os coelhos “estavam se multiplicando satisfatoriamente”. Em junho, Susan deu dois cordeiros, e nessa altura a fazenda era gerida na estrita observância dos preceitos Escoteiros. Uma Corte de Honra se reunia quinzenalmente, na qual “os chefes de campo faziam a crítica e recebiam orientações sobre a forma como se deveriam conduzir”.

Além da administração do campo, também se faziam atividades Escoteiras comuns. O treinamento continuou, faziam-se reuniões de Patrulha, e *O Totem*, publicação Escoteira local, era emitido regularmente. Uma característica distinguia os Escoteiros de Xangai: suas topas, contendo jovens com nomes como Novgorodoff, Argentelli, Rosoven, Sayle e Robertson, tinham um caráter bem internacionalista.

Lá pelo final de 1942, a atitude japonesa mudou para pior, mas nunca chegou a ser intolerável. As reuniões de Tropa nunca foram proibidas, e a principal dificuldade sob a qual todos viviam era a sensação de isolamento e a consciência de que não podiam tomar parte na conformação dos tremendos eventos que aconteciam noutros lugares do mundo, e dos quais seu próprio destino dependia. Inevitavelmente, eles acharam difícil permanecer sempre “em alta rotação”, e por vezes faziam-se necessárias exortações. “Você é desprovido de orgulho?”, dizia uma carta aberta numa das edições de *O Totem*. “Por que você não relata que este ou aquele Escoteiro conquistou um novo distintivo ou venceu uma competição?... Não devemos perder contato uns com os outros por causa do calor”. Às vezes, era necessário falar francamente com os Escoteiros mais velhos, os Pioneiros. “Reunimo-nos e percebemos”, diz o relatório de um dos encontros de uma Equipe Pioneira, “quando Koshman expôs a necessidade de cada Pioneiro ter uma ambição. Ele nos perguntou o que estávamos fazendo para nos aperfeiçoarmos na nossa unidade, e sugeriu que cada um de nós se

focasse em uma tarefa útil e nos engajássemos firmemente pelo seu cumprimento por um ano. Isso fez muita gente coçar a cabeça”.

Mas no geral os Escoteiros de Xangai parecem ter sido suficientemente ativos e bem dispostos, mantendo o moral elevado com frequentes reuniões e cantorias. “A reunião foi bem arrematada com uma cantoria junto ao piano, com o Maestro Boehler no teclado. Não tínhamos tenores, mas tínhamos uma coleção de bons pulmões. Era interessante notar as expressões faciais durante a execução da *Canção da despedida*. Com o pensamento em casa, eu imaginava o que passava pelas cabeças dos companheiros. Eu, por exemplo, tinha encantadoras recordações de acampamentos de Páscoa em Hanchow, de estradas poeirentas, frigideiras chiantes, e crepúsculos de tirar o fôlego. Koshman conversou comigo. Eu lhe perguntei o que havia sentido e disse que tinha notado uma expressão muito peculiar em seu rosto. Ele chutou uma pedra da calçada e respondeu: ‘Muitas coisa’, mas eu sempre fico assim quando canto”.

Com todas as suas limitações, continuava-se a tocar a vida em Xangai até à uma da tarde de 17 de julho de 1945, quando uma incursão de bombardeiros norte-americanos causou grandes danos, especialmente no distrito de leste e na área segregada dos judeus, e custou as vidas de alguns milhares de chineses e estrangeiros. Os Escoteiros deram o auxílio que puderam, entre eles dois garotos russos de 16 e 17 anos, que trabalharam das duas da tarde até as seis e meia da noite do dia seguinte sem pausa ou interrupção, primeiro nas ruas e depois no hospital policial de Ward Road, onde “os chineses feridos e moribundos literalmente se derramavam pelas instalações. A visão punha no chinelo qualquer tentativa de descrição. Milhares ficavam lá deitados, mortos ou morrendo. O fedor era horrível. Milhões de moscas revoavam. Os gemidos dos moribundos eram de cortar o coração. Um solitário estudante de Medicina estava fazendo tudo que podia”.

Três semanas depois, o sacrifício chegou ao fim. Os japoneses se renderam e os internos de Xangai reencontraram a liberdade.

## POOTUNG

Outros campos de internamento na China, a princípio, não tinham Escoteiros. Em Pootung, por exemplo, levou até janeiro de 1944 para uma tropa ser constituída. Seu núcleo consistia de alguns garotos que haviam sido Escoteiros em Xangai. Todos os garotos em idade de serem Escoteiros, exceto dois, acorreram para juntar-se à tropa e aqui, como em Xangai a Tropa mostrou um caráter marcadamente internacional, com garotos ingleses, escoceses, judeus, chineses e até mesmo japoneses. O uniforme não era dificuldade, pois todo menino tinha uma camisa cáqui e uma bermuda, trocados no inverno por calças de golfe fornecidas pela Cruz Vermelha. Coletou-se tecido suficiente para fazer lenços, que foram tingidos de azul pelas Guias.

O Comandante japonês não fez objeção às atividades Escoteiras, e em pouco tempo a Tropa tinha reuniões semanais, ao ar livre ou “numa velha sala de máquinas”. Aí eles eram treinados para as etapas de Pata-tenra, 2ª e 1ª Classes, e na aquisição de insígnias de especialidades eles se descobriram como particularmente sortudos, pois entre os internos, que chegavam a mais de um milhar, havia homens de praticamente toda profissão, negócio ou *hobby*. Estes, de muito boa vontade, prestaram serviços como instrutores e um curso “para insígnias” se manteve sem interrupção. Um membro do Corpo de Bombeiros de Xangai, os médicos do campo, alguns marinheiros, alguns especialistas em treinamento físico e eletricitas experimentados, membros da Companhia de Energia Elétrica de Xangai estavam entre os instrutores. As especialidades conquistadas foram 7 Combatentes do Fogo, 11 Faz-Tudo, 7 Socorristas, 5 eletricitas, 5 Sanitaristas, 2 Artesãos em Couro e 1 Musicista.

Praticando uma boa ação coletiva, os Escoteiros se fizeram responsáveis por resultados regulares em tarefas menos entusiasmantes, tais como a coleta de papelão e garrafas de vidro; o recebimento, separação e entrega de pacotes da Cruz Vermelha; o serviço de mensageiro para os médicos, o cultivo de hortaliças para o hospital do

campo, e auxílio como assistentes de palco quando havia entretenimento. O primeiro obstáculo para que houvesse Escotismo verdadeiro era o continuado e inevitável confinamento, que impedia as jornadas e acampamentos, e uma grande falta de equipamento. Entretanto, as reuniões Escoteiras “eram sempre ansiosamente esperadas, e muito apreciadas pelos garotos, que nelas obtinham muita diversão e adquiriam muito conhecimento útil graças à sua participação... Provavelmente o fato mais notável foi o aprimoramento dos padrões morais e de comportamento dos garotos, individualmente. No todo, o Escotismo em Pootung foi uma jogada que valeu a pena”. Além dos Escoteiros, o campo de Pootung tinha também um Clã Pioneiro que chegou a ter 22 membros. Apesar da impossibilidade de cumprir o programa Pioneiro de jornadas e acampamentos, eles se reuniam quinzenalmente e prestaram um serviço de grande utilidade. Cada Pioneiro tornou-se um especialista em trabalho de resgate e pronto-socorrismo, e dois terços deles concluíram com êxito o curso de Ambulatório do Hospital São João.

#### CHEFOO

Em Chefoo, no norte da China, houve um dia em que aqueles que compareceram à “escola para os filhos dos missionários e homens de negócios” receberam ordens do Comandante japonês para deixar as instalações dentro de uma hora. “Fizemos as malas a toda pressa e então, sob os olhares de esguelha dos japoneses armados até os dentes, deixamos as edificações e campos de jogo para encarar um futuro desconhecido”. Logo transpirou que a intenção era levá-los a viver por tempo indeterminado num acampamento do outro lado da cidade, onde três casas foram designadas para 167 pessoas. Ali começou uma intensa vida comunal, e ali a Capitã das Guias – uma companhia de Guias existira lá por alguns anos – treinou secretamente seis garotos em Escotismo até eles passarem pelas provas de 2ª Classe. Enquanto ela fazia isso, outro dos internados, Stanley Houghton, que ainda tinha o jeito para ser Chefe Escoteiro mesmo tendo largado as atividades

quase vinte anos antes, organizou uma Alcateia. “Foi espantoso o que ele foi capaz de fazer naquele espaço confinado. Felizmente havia árvores, arbustos e prédios que davam boa cobertura no interior do muro que nos rodeava... Tivemos grandes jogos Escoteiros usando todo o conhecimento necessário às etapas até 1ª Classe... Transformamos banheiros externos em refúgios de tropa... Realizamos Fogos de Conselho e cantorias, e cumprimos as provas diante dos olhos do próprio Capitão Cosaka, o oficial japonês em comando... Depois de dez meses, fomos espremidos como sardinhas num pequeno navio a vapor, levados ao porto costeiro de Tsingtao e de lá, de trem para Weihsien”.

#### WEIHSIEN

Aqui, os Escoteiros de Chefoo fizeram contato com o Reverendo Chesney Clark, que fora bem sucedido ao organizar o Escotismo entre os 1.700 internados, dos quais mais de cem eram crianças em idade escolar. Quando um Escoteiro passava em seus testes de 2ª Classe, uma estrela era bordada em sua camisa, e quando passava nos de 1ª Classe, recebia a “Ordem do Mérito”, que era a Insígnia Escoteira de Weihsien sobre um fundo azul com caracteres e símbolos chineses. Escolheu-se a forma de octógono “... por causa do seu significado para aqueles que conhecem e amam a China”. Uma Alcateia logo foi posta em operação, com as crianças levando água, carvão e alimentos para os doentes, dando banho nos bebês e ajudando na cozinha. A chegada dos Escoteiros de Chefoo levou a “uma salutar competição entre Chefoo e Weihsien”.

Tal como em Pootung, um Clã Pioneiro foi fundado com os garotos mais velhos da Tropa Escoteira de Chefoo. Ao longo desses anos de internamento, os japoneses não tentaram interferir com a prática do Escotismo, exceto em uma ocasião, para proibir um Fogo de Conselho. Quando veio a libertação, o Grupo de Weihsien consistia de trinta Escoteiros e trinta e quatro Lobinhos, e o Grupo de Chefoo podia contar sete Pioneiros, vinte Escoteiros e doze Lobinhos.

#### HONG KONG

Em Hong Kong, os Escoteiros estavam muito bem organizados, e quando rompeu a guerra eles se tornaram o Corpo de Mensageiros Escoteiros. No exercício de suas funções, que consistiam em levar mensagens ou transmiti-las por telefone, eles logo ficaram sob fogo inimigo e sofreram bombardeios que os fizeram deixar a sede logo nas primeiras vinte e quatro horas. Reinstalando-se no salão da Catedral de São João, eles se fizeram responsáveis pela distribuição de suprimentos do governo e pela transmissão de ordens do Diretor de Comunicações para os Subdiretores. A confusão aumentou à medida que os japoneses se aproximavam, mas os garotos continuaram “muito bem dispostos e fizeram todo o possível para manter a ordem... O trabalho continuou até altas horas da noite à luz de lampiões de querosene. Do dia 17 [de dezembro de 1941] em diante, relatórios diários eram recebidos das sedes distritais e fazia-se uma inspeção diária”.

Havia, de fato, muito a fazer, e os Escoteiros trabalharam um bocado, juntamente com alguns chineses dedicados, entre eles o Sr. Tso e o Sr. Chung King Pak. Dividindo-se em turnos, eles lidaram com comida, com o fornecimento e distribuição de bicicletas, com distribuição de rações de arroz cru, com o registro de novatos, e o assentamento de garotos fugidos de distritos ocupados pelos japoneses, que cresciam em número e extensão a cada hora passada. Havia trabalho para todos e, mais que trabalho, havia perigo, mas eles não davam atenção a isso. Em 17 de março, o Sr Pao, que estava encarregado de todo o Corpo de Mensageiros, uma vez que era o Chefe do 7º Grupo Escoteiro do Kings'College, estava inspecionando um posto de ARP tripulado em sua maioria por Escoteiros, quando os japoneses “subitamente varreram o distrito e ocuparam posições lá após atirar em todo ser humano que vissem”. Ao fim de duas horas, Pao, seu motorista e outro Escoteiro saíram dali de fininho, mas voltaram mais tarde para ajudar a transportar dois vigilantes feridos para duvidosa segurança.

Mesmo com a situação se tornando desesperadora em Hong Kong, os Escoteiros continuaram a trabalhar e novos candidatos continuaram

a se oferecer, muitos deles vindo de distritos ocupados pelo inimigo, Por volta do dia de Natal, um “silêncio frágil” caiu sobre os distritos central e ocidental da cidade, e daí por diante o Corpo de Mensageiros ficou virtualmente incapaz de cumprir seus deveres. Um ou dois dias antes de tudo se acabar, o Chefe Escoteiro Wong Chai Chung, um assistente de faroleiro, e um dos pioneiros do Escotismo do Mar em Hong Kong, resgatou de forma intrépida um pescador chinês cujo barco pesqueiro fora atacado e afundado pelos japoneses. Chung nadou por um mar infestado de tubarões, agarrou o homem que se afogava e então foi puxado para bordo.

Quatro longos anos depois, os Escoteiros de Hong Kong viram-se internados, não raro em condições bem ruins. Como eram essas condições no Acampamento Stanley, por exemplo, pode ser julgado a partir do relatório feito pelo Monitor Ronald Whitfield, que após o fim da guerra acabou chegando à Escócia e forneceu as provas necessárias de que havia passado nos testes Escoteiros naquele acampamento. Ele o fez “a despeito dos estapeamentos e espancamentos pelos japoneses, dos ataques aéreos, de uma operação de apendicite e das aulas dadas por dois professores da Universidade de Hong Kong”. A especialidade de Faz-Tudo que ele tinha fora merecidamente conquistada, pois ele trabalhara como assistente de um ferreiro norueguês, ajudara os médicos no hospital do campo, tornara-se por um tempo aprendiz de carpinteiro, “enterrou todo tipo de lixo e ajudou na cozinha”. Além dessa especialidade, Whitfield conquistou as de Nadador, Auxiliar de Ambulância, Sanitarista e Missionário. Ao chegar à Escócia ele começou imediatamente a preparar-se para conquistar a especialidade de Rastreador, e tendo-a conquistado tornou-se King’s Scout (Escoteiro da Pátria).

#### MALÁSIA

“Todas as atividades estavam sendo realizadas a plena força quando aconteceu a “*Blitz* do Duplo 10 (10 de outubro de 1943)”, quando a Kempeitai (o equivalente japonês da Gestapo) assaltou o

acampamento. Segundo Herdslet, que foi chamado à sua cela para abrir uma bolsa trancada, um dos revistadores em nosso andar da prisão era um antigo Escoteiro<sup>215</sup>, pois reconheceu o Lobo de Prata<sup>216</sup> de Herdslet, e é provável que esse mesmo camarada tenha também revistado minha cela, pois apesar de quase tudo ter sido revirado pelo avesso e muita coisa ter sido saqueada, minhas medalhas de guerra e o meu Lobo de Prata foram postos de volta em minha valise. Uma *Union Jack*, junto com suas bandeiras componentes<sup>217</sup>, que eu me arriscara a pintar para instrução dos Lobinhos, haviam sido apenas jogadas ao chão; se um revistador não-Escoteiro as tivesse encontrado, muito provavelmente isso me teria levado à sede da Associação Cristã de Moços, transformada em quartel-general da Kempeitai, da qual boa parte das cinquenta e uma pessoas detidas naquele dia e nos subsequentes não retornou viva, ou em tão má condição por causa das torturas que sobreviveram apenas umas poucas horas”. Assim escreveu o Chefe Escoteiro A. S. Westrop, D.S.O., agora [1949] vivendo na Rodésia do Sul<sup>218</sup>, e que fora internado em Karikai, na Malásia; seu relato mostra que as condições naquela parte do mundo foram bem mais severas que as dos campos de internamento da China.

Por uns poucos dias após a deflagração da guerra, parecia que nada ia acontecer à Malásia, pois esperava-se confiantemente que o ataque japonês fosse contido. Em apenas seis semanas essa esperança mostrou-se vã. Em 8 de dezembro de 1941, quando os japoneses

---

<sup>215</sup> O Escotismo japonês foi fundado em 1909, e B-P visitou Tropas no país em 1912. Nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial e nos anos de guerra, o Movimento encolheu, e nos primeiros anos do pós-guerra continuou sobrevivendo com dificuldade, pois muitos de seus quadros eram militares e olhados com suspeita pelas autoridades de ocupação. Em 1950, a Associação Escoteira Japonesa voltou a ser admitida na Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

<sup>216</sup> Mais alta condecoração Escoteira britânica, corresponde ao Tapir de Prata no Brasil.

<sup>217</sup> A *Union Jack* reúne a Cruz de São Jorge da Inglaterra (ângulo reto, vermelha sobre fundo branco), a Cruz de São Patrício da Irlanda (diagonal, vermelha sobre fundo branco) e a Cruz de Santo André da Escócia (diagonal, branca sobre fundo azul).

<sup>218</sup> Zimbábue.

desembarcaram em Khota Baru e deram início à campanha, havia cerca de 2.000 Escoteiros na Malásia em 62 Tropas. Além deles, havia grande quantidade de Escotistas e Pioneiros servindo com as Forças Voluntárias dos Assentamentos dos Estreitos, com o corpo de defesa local, com a Força Especial de Policiamento, a ARP ou o AFS. Os próprios Escoteiros, emulando seus maiores, voluntariaram-se, cada garoto, para servirem de mensageiros. Muitos falsificaram sua idade, alegando ter 14 anos para poderem ser alistados. Em bicicletas próprias ou emprestadas, eles levavam mensagens pela cidade durante pesadas incursões aéreas, e a despeito do perigo, aumentaram sua prestação deste serviço durante “aquela terrível semana que precedeu a capitulação”. Muitos deles estavam vestindo o uniforme em seus postos quando as forças japonesas entraram.

Além de servirem como mensageiros, eles também trabalharam como auxiliares de enfermagem, prestaram primeiros socorros e serviram em cantinas, enquanto os Escoteiros do Mar constituíram um corpo de alerta de minas, com o que prestaram um valioso serviço nas águas ao redor do porto. Trabalharam em turnos de doze horas e os passavam na vigilância de aviões lança-minas japoneses. Ao avistar minas, eles tomavam as referências para localizá-las por meio de um instrumento especificamente construído que, “apesar de iluminado, não era visível do ar”. Seis locações eram tomadas de seis pontos de estação diferentes. Eles também serviram no Escritório de Defesa de Kuala Loyang, localizado no galpão perto do iate clube, e nas centrais telefônicas.

Enquanto os Escoteiros em Cingapura estavam tão completamente atarefados, aqueles em Georgetown, em Penang, não o estavam menos. Eles foram os primeiros a sentir todo o peso do ataque inimigo. A cidade foi pesadamente bombardeada e, não dispondo de meios de defesa, as baixas e danos causados foram grandes. O Subchefe da Vigilância contra Ataques Aéreos, Koo Sin Teang, que era também Comissário Distrital Assistente dos Escoteiros, encorajou-os

tanto quanto possível a ingressarem na ARP. Quando veio a prova, sua coragem foi notável. Dois deles, Hooi Seng Tuck e OOi Boon Ewe, estavam atuando como observadores no telhado da Penang Free School, quando mais de oitenta aviões japoneses atacaram a cidade. O prédio foi atingido por bombas de alto explosivo e incendiárias; ambos os Escoteiros sofreram queimaduras e ferimentos, mas permaneceram em seus postos até receberem ordem para deixá-los, mas mesmo esta eles se recusaram a cumprir até que se encontrassem outros para ficar em seu lugar.

Estes rapazes e seus companheiros merecem especial louvor, pois atuaram com sangue-frio e dedicação num período em que a máxima confusão prevalecia e quando quase todo europeu tinha fugido, deixando os chineses e os nativos para aguentarem seu destino. Em tais circunstâncias, o comportamento dos Escoteiros é peculiarmente meritório, e foi mais que merecida a homenagem prestada pelo Sr. M. Hall, Diretor da ARP, que cinco anos depois emitiu um relatório oficial sobre a conduta deles.

À queda de Penang seguiu-se, dois meses depois, a de Cingapura. Após a captura da cidade, o Escotismo oficialmente foi encerrado, pois os administradores militares japoneses o proibiram. Mas apesar do desaparecimento de sua “panóplia exterior”, o seu espírito não podia ser extinto. A reunião de Tropas e Patrulhas podia ser impossível, mas dois ou três Escoteiros sempre davam jeito de se encontrar e “entre informantes e espões eles mantiveram viva a chama do Escotismo. Livros históricos de Tropa e de Patrulha foram cuidadosamente guardados durante a ocupação... A Tropa que tinha sob sua guarda as bandeiras do Distrito enfrentou um desafio difícil para mantê-las intactas, mas a despeito do perigo que a posse de uma *Union Jack* trazia, essas bandeiras foram preservadas em segurança”. Os Escoteiros malaios breve teriam uma medida de seu inimigo. “Quando as autoridades japonesas tomaram posse das instalações nas quais a loja Escoteira local funcionava, uma certa Tropa, como resultado da

coleta de fundos de todos os seus membros, deu jeito de subornar o japonês encarregado e assim obter todos os distintivos em estoque, que foram apresentados à Associação Escoteira local quando a guerra acabou”. Os Escoteiros do Mar de Cingapura não tiveram tanta sorte. Os japoneses demoliram sua sede e sujeitaram-nos a várias formas de perseguição.

Em geral, os Escoteiros na cidade de Cingapura mantiveram-se numa precária liberdade. Houve outros, entretanto, não tão sortudos que ainda deram jeito de manter o Escotismo na temida prisão de Changi. Terem eles conseguido isso deveu-se, em grande medida, ao ex-Subcomissário para o Estado de Victoria, Reverendo A. Rowan McNeil, um capelão que servia com as forças australianas. No primeiro dia de seu internamento em Changi, ele convocou os Escoteiros, colocando notas nas ordens do campo conclamando todos os interessados em Escotismo a entrarem em contato com ele. Uma campanha “traga um amigo” resultou na formação da primeira Tropa. Proeminente entre seus membros era Bob, uma espécie de inventor, que fez “uma bandeira a partir de tecido azul obtido do forro de um terno tropical”. Na realidade, quando foi tratado com acriflavina, o tecido ficou verde, mas era a intenção que valia, e “o mesmo tingimento usado em tiras de lençóis brancos deu um material amarelo bastante bom para distintivos e escritos”. Distintivos de pulso eram cortados de pedaços soltos de alumínio usando-se uma broca dentária quebrada, e o desenho era cuidadosamente adaptado do caractere chinês que significava “prisioneiro de guerra”. Desta maneira os guardas japoneses foram ludibriados.

Entretanto, McNeil percebeu que somente falar sobre Escotismo não era suficiente, e assim ele constituiu uma Equipe Pioneira. “Ao desmembrar nossa organização de uma Tropa para uma Equipe com Patrulhas praticamente autônomas, entramos num novo ritmo de vida e, incidentalmente, provamos que o Sistema de Patrulhas do Escotismo é, realmente, a mola-mestra... Nossa experiência mostrou até o fundo

da percepção a sabedoria de trabalhar em pequenos grupos. Equipes e Patrulhas tocavam suas próprias programações”. McNeil trabalhou incessantemente, e foi mais que recompensado pelo espírito que prevaleceu em Changi, que a despeito dos problemas e privações manteve-se como de inabalável coragem. Com a saúde enfraquecida e desobedecendo francamente as determinações médicas, ele se deslocava diariamente por toda a prisão, dando inspiração a todos aqueles com quem entrava em contato. A homenagem que lhe foi feita por sete Escoteiros dá ideia do tipo de homem que ele era. “Ele interpretava o verdadeiro espírito da Lei Escoteira”, escreveram eles, “e nós que pertencíamos a diferentes igrejas, cada uma diferente da do Padre McNeil, somos profundamente gratos pelo conselho espiritual e material com que ele por tanto tempo nos encorajou”.

As condições em outros campos de internamento, como Karikal, perto de Kuala Lumpur, eram praticamente as mesmas. Lá, por alguns meses os Escoteiros foram autorizados a frequentar uma escola na prisão, “na qual havia quase mais professores que alunos”, e um pouco de treinamento Escoteiro estava disponível graças aos esforços de alguns antigos Escotistas. Exigiu-se, entretanto, inventividade para disfarçar isso descrevendo como treinamento recreacional para crianças. A chegada do Padre Eric Scott, Chefe de Lobinhos da Malásia, trouxe incremento às atividades Escoteiras. Com sua personalidade forte, ele logo organizou uma Alcateia, com ele mesmo como Akela, Westrop como Bagheera e um Chefe de Lobinhos judeu chamado Silberman como Baloo. “Nosso campo de reuniões era uma pequena área de terra que, por súplica nossa foi mantida sem cultivar” – hortaliças cobriam cada metro quadrado de espaço que houvesse. “Não nos arriscávamos a nada em termos de uniformes”.

As coisas continuaram assim até outubro de 1943, quando se instaurou um período de severa repressão. As rações foram reduzidas, guardas aumentados, e embargos impostos sobre palestras, concertos e diversões. Mais trabalho com menos comida trouxe efeitos inevitáveis

sobre a saúde dos internados, que rapidamente se cansavam, mas prosseguiram com suas atividades Escoteiras. Em maio de 1944, eles foram movimentados e uma série de azares aconteceu. Os Escoteiros, que congregavam muçulmanos, tâmeis, cingaleses, malaios e chineses, desenvolveram uma marcante antipatia com relação aos judeus, e a inclusão de gente dessa raça “levou à renúncia de praticamente todos os garotos restantes”. Foi um golpe duro para aqueles que haviam organizado o Escotismo, particularmente para Eric Scott, mas ele não desanimou e formou uma Alcateia totalmente composta por judeus, que ao tempo em que a guerra acabou tinha 70 membros. Durante todo o período de internamento, os Escoteiros de Karikal se apoiaram num exemplar do *Escotismo para rapazes*, com base no qual todas as provas e treinamentos eram elaborados.

Por fim, em agosto de 1945, o tormento terminou. Como noutros lugares, os Escoteiros libertos da prisão saíram das sombras e retomaram o uso dos seus amados uniformes. Em Cingapura, “Em 6 de setembro, onze de nós usando uniforme completo foram de bicicleta até a gruta e hastearam a *Union Jack* e a Insígnia Escoteira num mastro improvisado”, enquanto em Changi “houve uma grande reunião e usaram-se tantos uniformes e distintivos quantos havia disponíveis”. O período de dificuldade fora longo e árduo. Tal como noutros lugares de reclusão, o espírito Escoteiro sustentou tanto aqueles que, como Escoteiros, estavam naturalmente imbuídos dele, quanto os seus companheiros que foram animados e fortalecidos pelo seu exemplo.

Nem todos puderam estar presentes no grande dia da libertação. Aquele espírito que os abrasava a todos tornou alguns – como o Chefe G. M. Pamadasa, e os Escotistas e Pioneiros de Karikal, vítimas do reide da Kempeitai no “Duplo 10” – capazes de aguentar até o fim com fortaleza de ânimo inquebrantável, mesmo na agonia de serem vítimas das fabulosamente contadas torturas do Oriente, que se mostraram uma revoltante realidade. A sua foi a mais brilhante forma de coragem, e seu exemplo é e sempre será uma inspiração duradoura.

## ÍNDIAS ORIENTAIS HOLANDESAS [ATUAL INDONÉSIA]

Nas Índias Orientais Holandesas, prevaleceram praticamente as mesmas condições que no outro lado dos Estreitos de Banka. Após a capitulação de Java e Sumatra, uma das primeiras medidas dos japoneses foi proibir qualquer forma de organização juvenil. Todos os locais de reunião de Tropa foram fechados, e todo o dinheiro das entidades Escoteiras foi confiscado. Os Escoteiros holandeses estavam numa situação de grande perigo, pois reunir-se em segredo era correr o grave risco de ser denunciado pelos indonésios que, em geral, preferiram os japoneses aos holandeses. Em julho de 1942, todos os europeus foram reunidos e concentrados em vinte campos espalhados por Java. Os Escoteiros de Surabaya e Malang, cujo tratamento foi típico daquele imposto a todos, foram enviados para um “assim chamado local de colonização consistindo de quinze quilômetros quadrados de matos não cultivados. Aqui havia belas atividades Escoteiras para fazer; nós mesmos cozinhávamos, cortávamos árvores e tínhamos fartura de pioneirias para fazer, desta vez não por prazer ou treinamento, mas simplesmente para continuar a viver. Em todos esses campos, no começo era quase impossível aplicar jogos ou programar reuniões noturnas, pois estávamos rodeados por espiões da polícia japonesa. Mais tarde, esses espiões foram caindo em desgraça com seus chefes e nós terminamos por conhecê-los também. Por fim, uma Equipe Pioneira pôde ser constituída no campo de Bandoeng, para o qual todos fomos transferidos no fim”.

Os holandeses se esforçaram muito para se tornarem Pioneiros, e no fim das contas trinta deles se qualificaram, metade como Pioneiros e a outra metade como Escoteiros do Mar. O efetivo aumentou e outras Tropas foram formadas, tudo isso muito secretamente, suas atividades sendo mantidas sob disfarce, inclusive para as outras pessoas internadas no campo. Sua maior limitação era a subnutrição, que os reduzia a uma condição na qual “não éramos suficientemente fortes para fazer muito trabalho físico prático”.

Os Escoteiros e Pioneiros eram conhecidos como “Pais”, cada qual tendo controle sobre doze garotos com os quais moravam, comiam e dormiam. Ensinavam primeiros socorros e sinalização, e “organizavam jogos à noite, bem como encenações”. Muito ousadamente, eles decidiram celebrar o Dia de São Jorge<sup>219</sup>, e estavam no meio das competições de Patrulhas quando os policiais japoneses chegaram ao local, agarraram dois dos Pioneiros e espancaram-nos severamente “diante da Tropa. Após isso, houve um momento de impasse, mas logo reiniciamos”.

Assim os Escoteiros holandeses de Java viveram e sofreram, como seus irmãos na China e na Malásia, até que afinal “o dia da libertação chegou... e dois Escoteiros hastearam a bandeira holandesa, o maior momento de nossas vidas”.

#### FORMOSA [TAIWAN]

No campo de prisioneiros de guerra de Shirakawa, onde a comida era escassa e as condições severas, um oficial prisioneiro, Major I. C. Pedley, da Artilharia Real, formou uma Equipe Pioneira consistindo de prisioneiros americanos, australianos, britânicos e holandeses. A despeito das extremas dificuldades das circunstâncias sob a mão amarela dos japoneses, algumas outras Equipes acabaram sendo criadas, e cerca de 100 dos 450 prisioneiros faziam parte delas. O oficial prisioneiro mais antigo escreveu: “Não posso expressar suficientemente minha admiração e gratidão ao Major Pedley e seus Pioneiros pelo trabalho que fizeram e pelo exemplo que estabeleceram”.

#### TAILÂNDIA (SIÃO)

Os mais notórios campos de prisioneiros de guerra do mundo foram os instalados na Tailândia<sup>220</sup>. Desde o início, todas as atividades Escoteiras foram neles estritamente proibidas, e os japoneses deixaram

---

<sup>219</sup> 23 de abril, Dia Mundial do Escoteiro.

<sup>220</sup> A “Ferrovia da Morte” foi construída ligando Bangcoc a Rangum, e recebeu esse apelido pelos muitos prisioneiros Aliados que pereceram devido a doenças e maus-tratos durante sua construção e manutenção. Um pouco de sua história é retratado no filme *A ponte do rio Kwai*.

claro que praticar Escotismo seria uma ofensa contra o Imperador, punível com a morte. Qualquer tipo de reunião foi proibido, e isto provou ser uma séria limitação. Não obstante, Equipes Pioneiras foram gradualmente se formando no maior segredo, e uma delas, a Menam Qua Noi, nomeada em homenagem ao rio em cujas margens ficava o campo, cresceu tanto que acabaram sendo constituídas três Patrulhas. Os Pioneiros assumiram como sua tarefa especial cuidar dos doentes. Por fim, os prisioneiros foram removidos para outros campos e a Equipe Pioneira, em consequência, se dispersou. Membros individuais deram início a outras Equipes em seus novos lugares de cativeiro, e em pelo menos cinco campos diferentes o Escotismo se organizara de tal forma que os 12 Pioneiros originais chegaram a ser 200. Em todos esses campos, eles recebiam ordens do oficial britânico mais antigo, que em alguns casos tornou-se Chefe Escoteiro honorário.

Nesses recantos do horror, descobriu-se que o exemplo dos Escoteiros, empenhando-se ao máximo para estarem tão bem apresentados quanto possível e manterem-se saudáveis, limpos e animados, teve um efeito marcante sobre o espírito dos demais. “Reuniões de Patrulha ocorriam sob a forma de debates... e o item que se mostrou de maior interesse era o tema ‘Minha Alcateia, Tropa ou Clã, e como era conduzida’, que cada membro tinha de apresentar quando ingressava na Equipe... Com gente de uma dezena de países diferentes na Equipe, dá para imaginar a quantidade de ideias diferentes que vinham à luz”.

#### ALEMANHA

Assim eram, em geral, as condições de vida nos campos de internamento e de prisioneiros de guerra no Extremo Oriente. Na Europa elas foram diferentes, mas o espírito demonstrado pelos Escoteiros foi o mesmo em ambos os casos. Os alemães, talvez porque tantos dos seus próprios homens também se tenham tornado prisioneiros de guerra até que por fim todo seu exército passou ao cativeiro, mantiveram, pelo menos em alguns campos, um certo padrão,

mostrando-se diferentes dos japoneses, cujos campos de internamento para civis eram, no todo, ligeiramente menos vis que os que congregavam prisioneiros de guerra.

A prática do Escotismo nos campos de prisioneiros de guerra na Alemanha limitou-se à vivência do Ramo Pioneiro, pois os internados eram, na sua maioria, homens jovens, e os resultados obtidos, ainda que não tenham sido espetaculares, foram sólidos e duradouros. Que a história de três desses campos sirva para retratar todos.

Em maio de 1940, Rousseau, um Escoteiro belga, viu-se prisioneiro de guerra num campo na Alemanha. Em 31 de julho, ele e 14 outros Escoteiros celebraram o Dia Nacional da Bélgica, e nessa ocasião decidiram reunir-se com mais frequência para continuar a praticar o Escotismo. Em dezembro, o número de participantes já crescera para 40, e a eles juntaram-se outros que, apesar de não terem sido Escoteiros, estavam sós e necessitados da camaradagem que o Escotismo provê. No começo de 1941, o campo foi dividido em dois, mas os Pioneiros continuaram o trabalho em ambos, e cinco anos depois, quando a guerra acabou, seus membros haviam crescido dos 14 iniciais para 350, cada um dos quais havia feito/renovado sua Promessa como Pioneiro. Não foi uma realização pequena, e um dos seus resultados foi fornecer ao Exército regular belga um núcleo de Escoteiros que a instituição ainda tem [em 1949].

Os Pioneiros atuaram da forma padrão. Foram escolhidos Chefes e elaborou-se um programa de treinamento. Clãs foram constituídos, e 12 existiam no final da guerra. Eles receberam nomes tais como Arco-íris, Cotovia, Chama, cada um personificando um ideal buscado pelos seus membros, trancafiados em seu campo e isolados de casa e das alegrias. Além do treinamento, eles se ocupavam de muitas atividades que normalmente eram feitas pela Cruz Vermelha, e em suas fileiras puderam-se encontrar cerca de cem que eram ex-motoristas de ambulância. Durante uma severa epidemia de gripe, à qual 3.000

homens sucumbiram, os Pioneiros foram os braços direitos dos três assoberbados médicos do campo.

E havia ainda outra faceta do seu trabalho. É dever de todo prisioneiro de guerra escapar, se puder, e os Pioneiros estavam decididos a levar isso a efeito tanto quanto pudessem. Muitos planos, alguns bastante elaborados, foram feitos, obtiveram-se roupas civis, poupou-se comida, cavaram-se túneis. Os Pioneiros organizaram os prisioneiros em grupos para fins de fuga, mas a tarefa era extremamente difícil. Das muitas tentativas de fuga, apenas uma em cada cinco obteve êxito.

O sucesso desses Pioneiros belgas não veio com facilidade. Desde o início, foi mais que uma pequena dificuldade despertar o interesse pelo Escotismo, pois muitos dos prisioneiros tinham a noção de ser apenas uma ocupação prazerosa para manter as crianças longe das más ações. Foi o trabalho de Cruz Vermelha dos Pioneiros e seu cuidado com os doentes durante a epidemia de gripe que estabeleceu a reputação do Escotismo no campo. A devoção ao dever e à prática do Escotismo, vivenciada durante todo o período de aprisionamento, teve sua recompensa nos dias finais da guerra, quando o campo, que ficava perto do rio Oder, foi desativado diante da ameaça do avanço dos russos, e os prisioneiros foram obrigados a deslocar-se mais para dentro da Alemanha. As condições do caminho eram ruins. A essa altura dos acontecimentos, todos estavam gravemente subnutridos, por não terem recebido pacotes da Cruz Vermelha desde a invasão da Normandia pelos Aliados, quase um ano antes. À medida que seguiam o caminho, eram os Pioneiros entre eles que procuravam manter o moral elevado e ajudar os mais fracos. Finalmente, os soviéticos os alcançaram e libertaram, entendendo-se por este termo que os guardas alemães foram aprisionados ou desapareceram. Durante o mês seguinte, até que fossem encaminhados para casa, as condições continuaram bastante duras. Eles se viram num novo campo instalado num campo de batalha, cercados por cadáveres de alemães. Eles

havam sido deixado insepultos, pois os soviéticos só deram sepultura aos seus próprios mortos. Os Pioneiros organizaram o sepultamento dos alemães, e assim evitaram uma provável grave disseminação de doenças.

O Escotismo nos campos de prisioneiros de guerra britânicos foi muito semelhante ao praticado por Rousseau e seus Pioneiros nas proximidades do Oder, o que não é de se estranhar, pois jamais se enfatizará suficientemente o caráter internacional e a ausência de fronteiras físicas ou espirituais do Escotismo. No Oflag<sup>221</sup> 3C, a Tropa “Ricardo Coração de Leão” se constituiu sob a liderança de um suboficial australiano, acabou por incluir Escoteiros dos Stalags. Por volta de novembro de 1942, o efetivo já era de mais de 40 membros, e o Clã foi devidamente registrado na Sede Imperial Escoteira [do Império Britânico]. Um ano depois, eles haviam conseguido remeter mais de £100 como contribuição para o Fundo do Memorial de Baden-Powell, obtidos do que pouparam de seu magro pagamento como prisioneiros de guerra.

Nos campos franceses, também havia muitos Pioneiros dispostos a praticar o Escotismo. Em um campo, o efetivo cresceu de 50 para 350, e aqui, tal como com os belgas, os Escoteiros assumiram um papel de liderança no planejamento de fugas, uma das quais ajudando não menos de 140 homens a se evadir. As malfadadas divisões de opinião, que foram das principais causas da queda da França, continuaram a existir nos campos franceses, onde houve muitas brigas por questões político-partidárias. Aqui, o Movimento Escoteiro foi singularmente valoroso, pois uniu homens das mais divergentes posições ideológicas, de modo que os comunistas conseguiram conviver em paz com os socialistas radicais, e tudo porque eles eram Escoteiros, o que os lembrava que eram franceses em primeiro lugar, antes que adeptos de qualquer credo político.

---

<sup>221</sup> Oflag: *Offizier Lager*, campo de prisioneiros destinado a oficiais. Os que recebiam praças, ou oficiais e praças, eram os Stalag (*Stamm Lager*).

Em adição aos homens que foram capturados no Exército francês, os alemães removeram muitos franceses para a Alemanha, para trabalhos forçados. Entre eles, havia Escotistas e Pioneiros, que continuaram a praticar o Escotismo em condições bem mais difíceis que aquelas vividas nos campos. Os alemães desconfiavam dos Escoteiros, porque sabiam que eles professavam e pregavam ideais totalmente opostos às doutrinas do fascismo. Mais ainda, eles estavam convictos – e não se pode dizer que nisso estivessem errados – de que os Escoteiros franceses trabalhando nas fábricas de armamento e outros produtos na Alemanha se esforçavam ao máximo para descumprir ordens, buscavam auxiliar o General De Gaulle<sup>222</sup>, e por toda parte eram causadores de problemas. Eles e os belgas eram muito ativos na organização de grupos de Pioneiros onde quer que houvesse compatriotas enviados para trabalhos forçados na Alemanha. “Onde quer que houvesse Escoteiros na Alemanha, eles espontaneamente se reconheciam”, diz um relato. “Eles organizaram vários serviços que tornaram o longo cativeiro mais fácil de suportar. Suas habilidades, seu moral elevado, seu bom temperamento e seu amor pela vida, tudo isso eles trouxeram para aliviar a miséria de seus irmãos abalados. Antes do fim da guerra, mais de 4.000 Pioneiros e Chefes Escoteiros trabalhavam na Alemanha, onde eles chegaram a formar Clãs distritais em grandes cidades como Berlim e Breslau”.

A Gestapo moveu-lhes guerra incessante e, ocasionalmente, como forma de restringir a ação dos demais, escolhia um ou mais dos seus para execução. Tal foi o destino de Joel Angles d’Auriac. Chegando à Alemanha, ele foi enviado para uma fábrica de armamentos em Bodenbach e foi alojado com outros trabalhadores civis franceses num hotel nas proximidades. Ele soube usar o tempo e, em 6 de dezembro de 1943, formou um Clã Pioneiro, colocando-o sob a proteção de Nossa Senhora da Boa Esperança. No começo de março de 1944, ele fez uma

---

<sup>222</sup> Em 18 de junho de 1940, De Gaulle conclamou os franceses a continuar a luta, arvorando-se em líder da França Livre.

breve visita a Dresden, onde fundou outro Clã, e ao retornar para Bodenbach foi quase imediatamente preso; em 20 de outubro, foi levado a julgamento por alta traição, sendo acusado de sabotagem, incitação à sabotagem e atividades Escoteiras. Condenado, encarou a morte em Dresden em 9 de dezembro. “Não me lamentem”, escreveu ele na última mensagem para o Clã que fundara. “Morro sorrindo, pois o Senhor está comigo. Sigam pelo caminho que lhes mostrei. Ele é, por certo, o de melhor êxito e o que leva à vida mais plena. Adeus, irmãos Pioneiros. Minhas últimas palavras são: ‘Não deixem o Movimento Escoteiro’”. Foram homens assim, capazes de dar testemunho com suas próprias vidas, que colocaram o Escotismo entre os maiores movimentos do mundo.

Os campos de internamento e de prisioneiros de guerra, durante a Segunda Guerra Mundial, já eram ruins o suficiente, mas os níveis mais baixos de crueldade humana do lado de fora, e de miséria humana do lado de dentro, seriam encontrados nos campos de concentração. Aqui havia milhares de milhares de seres humanos sob condições tão revoltantes que é difícil conceber que foram causadas por homens. Alguns situavam-se em prisões, outros foram construídos especificamente para isso, mas em todos eles havia um descaso insensível, muito frequentemente aliado à crueldade sádica, manifestados com vigor teutônico até que os exércitos Aliados viessem libertar os poucos emaciados ocupantes que ainda estavam vivos.

Os homens e mulheres que sofreram nesses campos ou que foram condenados ao destino ligeiramente menos severo do trabalho forçado, são muito relutantes em contar suas experiências. É um grande esforço recordar aqueles anos de horror, e entre aqueles dias e os de hoje eles se esforçam duramente para erigir um muro de reticências que não é fácil penetrar. Estas poucas histórias do seu sofrimento devem, portanto, ser tomadas como exemplo apenas do que um ser humano consegue aguentar e ainda assim não se deixar morrer, nem física nem moralmente. Muito longe de ser a verdade completa, elas foram

escolhidas para ilustrar não apenas a coragem e resistência na adversidade, mas também a mola-mestra dessa coragem e resistência. Essa mola-mestra foi, simplesmente, o espírito Escoteiro. Cada um desses sobreviventes, apesar de quebrados fisicamente, ainda tinha um coração firme, e eles atestaram que permaneceram firmes porque haviam recebido treinamento Escoteiro. Eles aprenderam a dominar suas mentes tão bem quanto seus corpos, e assim se fizeram capazes de suportar uma tensão sob a qual outros sem o mesmo espírito e treinamento frequentemente esmoreciam e morriam. Eles eram de todas as nacionalidades, pois a coragem, tal como o Escotismo, é internacional, e eles são uma luz para o mundo menos por suas ações do que pela sua constância.

Em 22 de agosto de 1944, 40 belgas, cujo líder era Jean François Nothomb, foram aprisionados em Zuchthaus, perto de Bayreuth. Por essa época, eles já estavam bem habituados ao cativeiro e estavam aguardando pela morte, à qual haviam sido condenados. Em vez disso, eles se viram trancafiados por seis meses em celas estreitas, pequenas demais para uma pessoa, em cada uma das quais três foram enfiados. Lá eles viveram cobertos de parasitas, com ar viciado e no escuro, exceto por uma hora ou duas quando o sol estava a pino lá fora, sem trabalho para fazer, sem livros para ler e quase sem comida. E no entanto, os Pioneiros e Escotistas entre eles, incluindo seu líder, obraram de tal modo que todos terminaram por adotar a Lei Escoteira e dela obter conforto suficiente para dar-lhes a força para aguentar. Eles descobriram formas de enviar mensagens uns para os outros, e Nothomb lançava temas para reflexões, de modo a fazê-los manter suas mentes sob controle durante as longas horas de escuridão.

E houve aquela Patrulha de Escoteiros belgas, com idades entre 15 e 18 anos, os quais foram presos por operar uma estação rádio ilegal. Eles foram postos em confinamento solitário na prisão de St. Giles, em condições bastante semelhantes às de Zuchthaus, exceto que nas suas celas havia radiadores. Em pouco tempo, cada Escoteiro

estava batucando em Morse nos dutos para comunicar-se com os amigos, e eles acabaram ensinando esse código a todos os habitantes da prisão, cujo uso dessa nova habilidade chegou ao ponto de se distribuir horários fixos para a comunicação. Dois desses rapazes saíram da prisão para o cemitério.

O Padre Schoorman, da Bélgica, é um belo exemplo de resistência. Ao todo, ele gastou cinco anos e meio em várias prisões, tendo sido preso em Bruxelas, segundo se relata, por imprimir jornais clandestinos. Após um longo período de confinamento solitário em cinco prisões diferentes – nas quais, graças ao batuque em Morse como o fizeram os rapazes de St. Giles, ele conseguiu manter contato com vários Escoteiros franceses –, ele chegou a Siegburg, entre Colônia e Bonn. Lá, fechado sozinho em sua cela, ele começou a cantar baixinho uma canção Escoteira, e logo Escoteiros noutras celas começaram a acompanhar. Durante os pouco frequentes períodos de exercício, ele fazia discretos gestos de saudação, com os dedos não sendo levantados acima da coxa. “Outros Escoteiros faziam o mesmo; isso lhes dava conforto”. Em Siegburg, quando suas condições de confinamento foram ligeiramente relaxadas, ele conheceu Josy Wengler, de Luxemburgo, um rapaz de 19 anos cuja história logo mais será contada.

O Padre Schoorman recebeu a tarefa de consertar meias e calças para os prisioneiros e lavar-lhes as roupas. Por fim, ele juntou-se ao grupo “Klok”, que passava as noites na prisão e o dia em várias fábricas úteis ao esforço de guerra situadas na vizinhança. Aí, eles se tornaram sabotadores experimentados, e descobriram meio de enviar à Inglaterra informações sobre vários assuntos, a qualidade dos materiais que eles estavam fazendo, detalhes sobre novas ligas metálicas, novos desenhos de aeronaves, novos detonadores. Após os reides da RAF, os alemães os usavam na difícil e perigosa tarefa de remover bombas falhadas. Sempre que possível, eles remetiam à Inglaterra as razões técnicas pelas quais a bomba não explodira. A caminho do trabalho, eles tinham de viajar uns 50 km. Eles registravam cuidadosamente os efetivos de

quaisquer tropas germânicas pelas quais passassem, e presenteavam Whitehall com as fofocas dos seus guardas teutônicos. As mensagens eram remetidas à Inglaterra por três luxemburgueses que, desde que a Alemanha absorvera seu país, não eram tratados como prisioneiros, mas como guardas, e era-lhes permitido visitar a família uma vez por semana.

Em todas essas atividades, o Padre Schoorman teve papel de liderança. Ele ouvia a BBC diariamente, pois o guarda em cujo cômodo ele fazia faxina tinha um equipamento rádio. Durante seu último ano como prisioneiro, ele se tornou o bibliotecário do campo, e nessa condição era-lhe possível visitar as celas de outros prisioneiros, e desse modo passar-lhes notícias. O líder do grupo, Klok, era um homem cheio de recursos, um artífice habilidoso com perfeito conhecimento de alemão. Descobrimo que ele era capaz de consertar armas leves, os alemães o puseram para fazer esse trabalho, e tendo feito uma chave falsa ele pôde informar aos seus camaradas prisioneiros, por intermédio do Padre Schoorman, que 200 fuzis e 50.000 cartuchos de munição estariam à sua disposição quando chegasse a hora. Klok decidira que tão logo os Aliados se aproximassem, ele armaria todos que tivessem disposição para lutar e, dessa forma, criaria uma ação diversionária oportuna. Entretanto, o plano falhou, pois quando chegou a hora, todo o campo foi atingido pelo tifo.

O Padre Schoorman, que durante todo o seu cativeiro “não cessava de pensar nos Escoteiros e no Escotismo”, foi posto em liberdade no 25º aniversário de sua ordenação, e pôde officiar a missa pela primeira vez desde seu aprisionamento, cinco anos e meio antes. De acordo com sua avaliação, durante todo esse período ele não bebeu mais que dez copos de água ao dia, e conseguiu sobreviver a uma dieta diária de sopa rala e cinco pedacinhos de pão.

O Padre Schoorman sobreviveu, assim como Robert Schaffner, um luxemburguês que, após o seu retorno, tornou-se um ministro do Gabinete. A Gestapo interrogou-o pela primeira vez em 14 de agosto de

1940, pois seus agentes sabiam que ele era um Escotista, e suspeitavam, com razão, que ele trabalhara para os serviços de Inteligência Aliados. Por essa vez, liberaram-no, e ele continuou a trabalhar para os Aliados em condições de dificuldade e perigo crescentes, até a Páscoa de 1943, quando ele foi denunciado por um informante e conduzido ao seu primeiro campo de concentração, Hinzert, logo após a fronteira alemã. Ele fora avisado de que sua prisão era iminente, mas ele não tinha como escapar, pois quebrara a perna e estava deitado, desamparado, na cama. Ele ficou em Hinzert por sete meses, vivendo à base de sopa de urtigas, perdendo 11 kg e ficando muito fraco. Ao longo desse período, ele obteve grande consolo espiritual recitando para si próprio o poema *If*, de Rudyard Kipling.

As condições em Hinzert eram bastante ruins, mas eram muito piores em Buchenwald, para onde ele foi mandado em junho de 1943. Sendo por profissão eletricitista e decorador, ele se virava melhor que a maioria, e foi mandado decorar as salas de estar dos guardas da SS. Foi em Buchenwald, o mais notório dos campos de concentração, que Robert Schaffner organizou uma Patrulha de Escoteiros. Além de decorar cômodos, ele também trabalhava na garagem, e assim conseguia furtar pão e outras comidas, que distribuía pelos garotos que constituíam sua Tropa. No final, o número de Escoteiros em Buchenwald chegou a 24. Para o Fogo de Conselho, eles usavam uma vela, e ao redor dela cantavam em voz baixa. Entre eles havia dois tchecos e um austríaco. Naquele Natal os alemães autorizaram a distribuição dos pacotes da Cruz Vermelha, e eles tiveram sua primeira refeição decente em meses. Depois disso, os pacotes começaram a vir regularmente, e do seu conteúdo eles ajudavam a alimentar muitos prisioneiros. Por fim, como Buchenwald se localizava num bosque, eles escolheram um lugar tão afastado dos guardas quanto possível, e ali faziam reuniões, nas quais discutiam o que fariam quando começasse a

invasão da Europa, e cantavam *Smile, smile, smile*<sup>223</sup> em alemão. Os procedimentos nunca duravam mais que meia hora, por temor à Gestapo de Buchenwald, que “era severíssima, e se você fosse chamado ao escritório da Gestapo, muitas vezes era para ser morto. Tive de ir lá uma vez, mas, por sorte, foi apenas para ser interrogado”.

Assim, lentamente escoaram-se os dias, e Schaffner acabou sendo transferido através da Alemanha para o não menos notório campo de Lublin<sup>224</sup>. “Esse era o mais tenebroso dos campos, um campo de extermínio, e tão sujo que moscas e piolhos apreciam aos milhões nos alojamentos... dava para passar mal só de olhar. Em Hinzert e Buchenwald você tinha seu próprio prato e caneco, mas em Lublin não... Lá nós éramos quatro por leito, com cobertores tão sujos e cheios de insetos que você podia senti-los com os dedos. Doentes e sãos dormiam juntos. Havia muitos prisioneiros doentes, cheios de feridas abertas. Eles usavam os mesmos canecos dos sadios, e não eram lavados. Nos primeiros três dias eu não repousei. Não fui para o leito e nem comi, porque eu não podia, mas então eu desmaiei e acabei tendo de fazer como os outros. Às vezes, quando você se deitava e acordava no daí seguinte, você descobria que seu vizinho estava morto.

As roupas de Schaffner foram-lhe tomadas em Lublin, e quando ele protestou: “eles me espancaram e um guarda da SS quebrou-me o ombro com uma pancada dada com a metralhadora. Então eu perdi a consciência e eles me levaram, nu, para a neve lá fora. Quando voltei a mim, os outros na cabana me deram algumas roupas tão sujas e tão mal ajustadas que de fato eu parecia um tanto cômico”.

Para sua sorte, Schaffner, tendo conhecimento, entre outras habilidades, do trabalho de ferreiro, recebeu a tarefa de ferrar cavalos, e com esse objetivo foi transferido para um subcampo. Entretanto, não fazia muito tempo que ele estava lá, quando 18 poloneses escaparam por

---

<sup>223</sup> A velha *Pack up your troubles in your old kit bag and smile*. Em português, “Põe tuas mágoas no bernal e vamos rir, rir, rir”.

<sup>224</sup> Na Polônia.

meio de um túnel sob a cerca de arame. Os prisioneiros restantes, entre eles Schaffner, foram duramente espancados. Aqui, como em Buchenwald, Schaffner organizou uma Tropa Escoteira, constituída de jovens holandeses, franceses e tchecos. Entretanto, a libertação estava no ar, pois os soviéticos avançavam. Em 22 de julho de 1944, o campo foi bombardeado, e quando o reide terminou os alemães posicionaram metralhadoras e anunciaram que iam massacrar todos os ocupantes. Entretanto, mudaram de ideia e levaram-nos embora durante um bombardeio pela artilharia russa.

A marcha para oeste foi uma longa série de cenas de horror. Todos que caíam, saindo da coluna de marcha, eram mortos, em sua maioria mulheres e crianças. “Havia uma criança que não aguentava mais prosseguir, nós a tomamos nos braços e a levamos até a próxima aldeia... O guarda da SS autorizou-nos a colocá-la numa casa, e eu jamais esquecerei os olhos agradecidos daquela criança... quando o fazendeiro disse que a manteria consigo”. A amarga jornada continuou. Guardas montados com cães policiais percorriam a coluna para lá e para cá, e ao tempo em que os prisioneiros passaram o Vístula, não havia mais nem um par de botas entre eles. Por fim, chegaram a uma estação ferroviária junto a uma lagoa, e ali o comandante dos guardas da SS decidiu embarcá-los num trem. Enquanto esperavam, os prisioneiros, liderados por Schaffner e pelos Escoteiros, “tiramos nossas roupas, lavamo-nos e nos barbeamos”. Os guardas, que estavam quase tão exaustos quanto os prisioneiros, sequer procuraram fazer o mesmo, e “quando o comandante viu aquilo, ficou furioso e disse que não conseguia entender como eles, guardas da SS podiam apresentar-se tão cansados, sujos e desmazelados e os prisioneiros, tão limpos”.

Este pequeno incidente reavivou-lhes o ânimo, mas voltaram ao zero quando o trem no qual foram embarcados parou no campo de extermínio de Auschwitz. Nesse lugar terrível, onde permaneceram por meses, os Escoteiros, particularmente aqueles de Luxemburgo, mantiveram-se juntos. Os horrores que eles testemunharam variaram

do fuzilamento indiscriminado de prisioneiros até o assassinato de crianças de um a cinco anos de idade. “Eles as pegavam pelas pernas, davam com suas cabeças contra um muro ou contra uma viatura. As que morriam, eles largavam. As que ainda estavam vivas eram também levadas ao crematório. Eram majoritariamente crianças judias”.

Um dos Escoteiros era açougueiro por profissão, e achou jeito de matar reses furtadas. “Desse modo, tínhamos oportunidade de recobrar nossa força, e foi muito bom que tivéssemos essa chance”. De fato, pois poucos dias depois começou a última e a pior de suas marchas, de Auschwitz<sup>225</sup> para Gros Rosen. Às vezes a pé, às vezes amontoados num caminhão, eles seguiram para oeste até finalmente alcançarem esse campo. A rotina em Gros Rosen era a mesma de Auschwitz. Uma vez por semana os prisioneiros faziam formatura, nus, e os incapazes de marchar eram levados para a câmara de gás, pois “todo aquele que estivesse muito fraco para o trabalho não tinha serventia e só consumia comida”.

De Gros Rosen, Schaffner foi transferido para Litmeritz, um campo ainda inacabado. Ali, com alguns jovens russos, franceses e tchecos, ele formou sua última Tropa Escoteira, organizando reuniões e cantorias, e furtando comida da cozinha. Empregado na fundição anexa ao campo, Schaffner tinha de atravessar alguns campos que estavam sendo semeados. Pouco a pouco, ele conseguiu juntar um saco de sementes, construiu um pequeno moinho, fez farinha e conseguiu fazer pão. Isso bastou para mantê-los vivos, e “então chegamos ao fim. Em 8 de maio, os guardas da SS nos reuniram, dizendo que eles, também, eram apenas soldados. Nós também éramos soldados e agora deveríamos ser livres, então eles deram a cada um de nós um papel com as palavras: ‘O portador deste deve retornar a seu país tão breve quanto possível’”.

---

<sup>225</sup> Ante a aproximação das tropas soviéticas, o campo de Auschwitz foi evacuado e desativado entre 17 e 22 de janeiro de 1945.

Mais umas poucas semanas e, com o auxílio dos norte-americanos e da Cruz Vermelha, Schaffner uma vez mais chegou à Bélgica, onde reencontrou sua esposa e familiares, que também passaram uma longa temporada em campos de concentração. Ao longo de todos esses anos de miséria, ele nunca esqueceu o que o Escotismo pretendia e, quando voltou a casa e retomou os fios da civilização, ele constatou que “foi a Lei Escoteira, e viver segundo a Lei Escoteira que nos deu a coragem de suportar todas as coisas ruins por que tivemos de passar, porque nada faz você tão feliz quanto fazer algo bom para alguém todos os dias”.

Schaffner não foi o único Escotista a organizar o Escotismo em Buchenwald. Outro de seus internos, o Escoteiro-Chefe Professor Slava Rehak, da Tchecoslováquia, também foi ativo, e durante seu período de detenção, que durou alguns anos, não apenas manteve contato com todos os Comissários e Chefes Escoteiros no campo, mas também com seu auxílio trabalhou nos programas de reconstrução do Escotismo na Tchecoslováquia, e preparou um manual para o treinamento de Escotistas. “De fato, um triunfo do espírito sobre a matéria”.

Josy Wengler, o amigo do Padre Schoorman, era um jovem Pioneiro de 19 anos, que saía diariamente do campo em Siegburg para trabalhar. Por fim, ele se tornou líder de um bando de sabotadores, chamado o “grupo Kodak”. Eles se especializaram na produção de projéteis “inertes”, e dizem ter feito entre 100.000 e 150.000 por mês. Josy induziu o inspetor de Siegburg a empregá-lo como seu secretário. Nesta condição, ele conseguiu comprar muito mais alimentos do que o especificado nos regulamentos, falsificando os registros, e assim melhorando as rações dos prisioneiros. Josy também era encarregado do índice de fichas dos prisioneiros e, falsificando algumas fichas e destruindo outras, conseguiu salvar cerca de 200 homens de serem enviados para Auschwitz e outros lugares de extermínio. Mas ele não pôde salvar todos, em especial três Escoteiros luxemburgueses que foram fuzilados em 23 de agosto de 1944. Entretanto, Josy preservou os

detalhes de sua execução, juntamente com os nomes daqueles que os condenaram. Ele teve melhor sucesso com vinte outros prisioneiros, dos quais dois eram oficiais alemães ligados ao complô para matar Hitler. Eles fugiram para os bosques próximos e por algum tempo foram alimentados por Josy.

As condições de Auschwitz foram reproduzidas em Grini, na Noruega, e foi neste campo que Per Gullbransen, que tinha 17 anos em 1943, viveu por dezesseis meses. Oito deles foram passados em confinamento solitário, alternado com surtos de tortura dos quais ele traz as marcas até hoje em seus pulsos. Um dia, ele foi posto frente a frente com seu pai, líder de uma organização da Resistência, que também tinha sido preso e torturado. Nenhum dos dois falou. As pernas do velho Gullbransen foram quebradas, e nessa condição ele foi posto a bordo de um navio com 38 outros prisioneiros que seriam levados à Alemanha. No caminho, o navio foi torpedeado e todos eles se afogaram.

Depois desses oito meses de confinamento solitário, foi permitido a Per juntar-se aos outros prisioneiros, e logo, apesar de ter perdido muito peso na cela e estar tão exausto que levava algum tempo para conseguir falar, ele formou uma Tropa Escoteira. A 1ª Tropa de Grini seguia uma programação, e “jornadeava na fantasia e fazia Fogos de Conselho”. Quando Per foi libertado, retornou para junto de sua mãe, que, apesar de estar com quarenta e poucos anos tinha ficado com os cabelos completamente brancos.

Hans Morch foi um membro da Tropa de Grini, que se reunia aos domingos às cinco da tarde. Birger Groom, de Trondheim, que fora treinado em Gilwell, foi eleito Chefe Escoteiro, e além de “jornadear na fantasia” eles jogavam o jogo de Kim, ouviam palestras e discutiam sobre elas. Eles também praticavam nós, amarras, emendas e falças. Por fim, a Tropa foi dividida em duas Patrulhas e realizavam Fogos de Conselho constituídos de uma pilha de toras sob a qual se acendia uma lâmpada recoberta de papel vermelho. Eles ainda deram jeito de publicar um jornalzinho. Morch recorda: “Preferiríamos esquecer a

maior parte de nossa vida em Grini, mas as reuniões de Tropa e de Patrulha viverão longamente em nossas lembranças”.

Em julho de 1940, treze homens jovens, dez dos quais Escoteiros, foram lançados à prisão em Bergen. Os alemães os haviam apanhado enviando mensagens a uma das organizações do Serviço Secreto em Londres, relatando movimentos de tropas e embarcações. Foram todos condenados à morte por um tribunal composto de dois almirantes e um general alemães, que prestaram homenagem ao comportamento e à bravura dos noruegueses. A sentença foi subseqüentemente comutada para prisão perpétua, e enquanto eles a cumpriam, foi-lhes perguntado se poderiam neutralizar algumas minas que tinham ido dar à praia. Todos eles se voluntariaram, com a condição de que nenhum relato de sua ação seria publicado na imprensa. Sua atitude impressionou de tal modo o comandante alemão da prisão, que ele abandonou seus métodos rudes, e por dois anos tratou os prisioneiros “de maneira especialmente boa”. Ele se sentava para conversar com eles até dez ou onze da noite, e certa feita, presumivelmente com a intenção de fazer-lhes um cumprimento, disse: “Eu gostaria muito que todos vocês fossem jovens alemães”. Em 1942, dez prisioneiros, dos quais três Escoteiros, foram mortos. Um deles tinha 22 anos de idade, e antes da execução fora interrogado pela Gestapo por 63 dias num lugar conhecido em Bergen como “Inferno”. Quando, finalmente, ele foi retirado de lá e lhe disseram que ia deixar o Inferno, ele respondeu: “Alguns podem chamá-lo assim, mas eu não, pois encontrei Deus nesse lugar”. Seu rosto brilhava e estava cheio de alegria, e ele gritava aos outros palavras de encorajamento enquanto os fuzis disparavam.

França, Alemanha, Polônia, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia, Noruega, todas tiveram seus campos de horror e de miséria, e a horrenda história da agonia e do heroísmo dos seus internados é longa. De todos os tipos de coragem, este é o mais difícil de manter, especialmente quando o corpo está fraco pela fome e ferimentos. Não há nada dramático nisso. Não há rugido dos canhões nem espadas

brandidas, nem reluzentes baionetas a acompanhá-las, mas sim trapos e parasitas, comida embolorada e assaduras, vida dura, e uma monotonia mortal e destruidora da alma. Esse é o cenário nada romântico, e manter força de ânimo nele sem esmorecimento é o mais elevado teste da natureza humana. Passar por ele como milhares passaram, é assumir lugar entre os mais duramente provados de todos os Escoteiros, e demonstrar além de qualquer questionamento o que é acreditar e viver a Lei Escoteira.

## **CAPÍTULO VI**

### **CAMARADAGEM**

#### *O Escotismo no Império Britânico e nos Estados Unidos*

Manter o argumento de que a Grã-Bretanha lutou sozinha por um ano inteiro [1940-41] é uma meia verdade. Na Europa, até a entrada da Grécia na guerra, ela de fato não tinha aliados, mas do primeiro ao último dia ela teve por trás de si toda a força do Império, que os Domínios e Colônias despejaram prodigamente sobre ela. No que concerne ao Escotismo, eles foram particularmente generosos, e suas atividades foram em grande parte semelhantes às executadas pelos Escoteiros na mãe-pátria. Para alguns, carregados que foram pelo estresse da guerra, às vezes pode ter parecido que estavam sozinhos, mas se parassem para pensar, não deixariam de perceber que eram parte de uma organização muito maior que aquela conhecida como Associação Escoteira da Grã-Bretanha. Os Escoteiros fizeram sua Promessa, jogaram seus jogos, fizeram boas ações por toda parte onde flutuasse a bandeira britânica, não apenas nos grandes Domínios, onde os havia aos milhares, mas também em pequenas ilhas de difícil acesso como Santa Helena<sup>226</sup>, Tristão da Cunha, remotos atóis no Pacífico ou longínquas estações nas selvas da Malásia e do Assam. Quando veio a guerra, todos esses Escoteiros, onde quer que se encontrassem, demonstraram a mesma disposição para ajudar no esforço comum. Em todo lugar, o retrato pintado pelos relatórios é o mesmo: um ligeiro sentimento de frustração por estar longe do conflito, com a exceção daqueles que viviam em Malta, Gibraltar, Índia e Ceilão, sentimento logo superado pela determinação de não permitir que nada os impedisse de ajudar os que estavam nas áreas de conflito, com todos os meios que estivessem ao seu alcance.

---

<sup>226</sup> Onde morreu Napoleão Bonaparte, em 1821.

Desses meios, dinheiro era a necessidade mais óbvia. Felizmente, havia um objetivo admirável e tangível pelo qual juntá-lo. Logo que a guerra irrompeu, a Associação Escoteira criou em Londres um Fundo Especial de Assistência para Escoteiros afetados pela guerra. A ideia teve um forte apelo e a resposta foi grandiosa, abrangendo das £3 juntadas por Escoteiros e Lobinhos numa colônia de leprosos no Uganda até as £322 enviadas pelos Escoteiros da Austrália, principalmente através do Grupo de Apoio da *Blitz*. Escoteiros da África do Sul, Rodésia, Nigéria e Canadá, onde a contribuição média era de 53 centavos por cabeça, todos se organizaram para levantar dinheiro para o Fundo. Eles o fizeram por meio daquilo que pode ser chamado “o clássico processo Escoteiro”, a coleta de sobras de todo tipo, principalmente papel e metal, e sua venda ao Governo. Logo o Fundo, construído dessa maneira e também com a contribuição dos Escoteiros britânicos, alcançou um total de £26.141. Essa quantia foi usada para propósitos tais como a assistência a Escoteiros britânicos em Londres, Portsmouth, Hull, Manchester e ao Condado de Middlesex, ou para a reabilitação geral do Escotismo na Polônia, ou para a compra de distintivos Escoteiros e equipamento para os irmãos da Holanda, Noruega e Malta. O dinheiro foi gasto durante a guerra, e mais generosamente depois do seu fim, quando se pôde saber das necessidades dos Escoteiros nos países do continente europeu. Os administradores do Fundo fizeram o melhor que puderam para ajudar Escoteiros em dificuldades onde quer que eles estivessem. Apenas no que se refere à Bélgica esse esforço foi frustrado, porque o Tesouro recusou-se a transferir um donativo de £1.000 para os Escoteiros daquele país. Eles usaram parte das quantias levantadas pelos Escoteiros dos Domínios e Colônias para ajudar a custear seu próprio equipamento ou para ajudar entidades assistenciais locais.

Os Escoteiros do Canadá foram os primeiros dos Domínios a coletar dinheiro para ajudar a Grã-Bretanha, e subsequentemente os países da Europa ocupada. Bem cedo eles estabeleceram um “Fundo do

Queixo Erguido”, que forneceu dinheiro para vários fins, particularmente para a publicação de livros Escoteiros em diversos idiomas europeus. As doações para esse Fundo foram estimuladas por uma visita feita ao Canadá, durante a guerra, por Escoteiros oriundos de áreas da Grã-Bretanha que foram alvos da *Blitz*.

Outra forma de auxílio que os Escoteiros achavam atraente – especialmente na África, Austrália, Canadá e Índia – era a instalação de clubes para serem usados pelos integrantes das Forças Armadas de passagem pelo país ou lá estacionados. Em Bulawayo<sup>227</sup>, por exemplo, fundou-se um clube para a RAF, cujo equipamento, mobília, livros e cigarros foram pagos pelos próprios Escoteiros. Em Nairóbi<sup>228</sup>, uma cantina para tropas nativas africanas foi aberta pelos Escoteiros, que enviaram os Pioneiros “para atrair a soldadesca suspeitosa para experimentar as instalações oferecidas”. Esses métodos foram tão bem-sucedidos que a timidez cedeu lugar à confiança, e o clube correu certo perigo de não dar conta da demanda. Na Austrália, um Clube das Forças Armadas foi aberto em Sydney, e foi mantido por contribuições voluntárias dos Grupos Escoteiros, que também forneceram voluntários para mantê-los em funcionamento. Na Nova Escócia, a Sala Tweedsmir foi instalada em Halifax como local de descanso para antigos Escoteiros, independentemente do posto<sup>229</sup>. Em quatro anos, mais de 18.000 cartas foram escritas por visitantes para o clube, que vinham de lugares tão distantes quanto a Grã-Bretanha e a Martinica. O Clube Escoteiro de Bengala<sup>230</sup>, instalado em 1942, destinado a congregar tantos Pioneiros, Escotistas e Comissários do ultramar quanto possível, mais que cumpriu essa missão. Antes que a guerra acabasse, ele foi visitado por

---

<sup>227</sup> No atual Zimbábwe.

<sup>228</sup> No Quênia.

<sup>229</sup> Usualmente, nas corporações militares, há instalações separadas para os diferentes círculos hierárquicos (Oficiais, Suboficiais e Sargentos, Cabos e Soldados).

<sup>230</sup> Atual Bangladesh.

cerca de 7.000 Escoteiros e Escotistas de várias partes do globo. Um resultado direto da fundação desse clube foi a constituição de doze Clãs Pioneiros das Forças Armadas, em diferentes distritos de Bengala, cujos serviços durante o que ficou conhecido (talvez de forma meio eufemística) como a crise de alimentos do fim da guerra foram particularmente dignos de destaque.

Um clube importante e bem-sucedido foi iniciado em Alexandria por um Clã Pioneiro Internacional, constituído por onze gregos, três judeus, um egípcio, três sudaneses e quatro britânicos. Esse clube se tornou um lugar de reunião tão popular para seus visitantes de diversos países, que em maio de 1943 decidiu-se publicar uma revista trimestral para informar aos membros do clube sobre suas atividades.

Como já se disse, a coleta de papel descartado, metal e todo tipo de sobras foi feita por Escoteiros por todo o Império. Na África do Sul, tubos de dentifrício, latas e garrafas eram os itens preferidos para coleta, e na Austrália, roupas e alumínio, do qual se reuniram 13.000 kg em um ano. Na Nova Zelândia, a preferência era por borracha, pequenos frascos para óleo, trapos e cereais; no Canadá, ferro-velho, calçados e garrafas. Livros e periódicos para uso dos marinheiros mercantes também eram coletados por toda parte. Os Escoteiros da Nigéria e da Rodésia do Norte<sup>231</sup> mostraram-se particularmente eficazes em prover os marinheiros mercantes com material de leitura. Da Jamaica vieram 328 binóculos e telescópios, adjuntos indispensáveis para a guerra, reunidos pelos Escoteiros das Índias Ocidentais. Na Dominica, “era um dia muito quente”, mas os Escoteiros estavam atarefados recolhendo sucata e em um dia registraram mais de 500 kg; o mesmo aconteceu em Santa Lúcia, Barbados, ilhas Cayman, as Windwards<sup>232</sup>, Trinidad e Tobago.

---

<sup>231</sup> Atual Zâmbia.

<sup>232</sup> Ilhas de Barlavento, arquipélago de Curaçao.

Outro serviço universalmente prestado pelos Escoteiros do Império foi o de mensageiros. Uma das tribulações da guerra parece ser uma avassaladora urgência daqueles investidos de autoridade para enviar tantas mensagens quanto possível para tanta gente quanto possível. Os Escoteiros fizeram tudo que puderam para satisfazer a essa estranha paixão dos adultos, e por toda parte constituíram o núcleo do serviço de mensageiros da ARP estabelecido em lugares como Bombaim, Colombo, Kandy e cidades da Austrália e Nova Zelândia. Os Escoteiros do Ceilão [Sri Lanka] foram particularmente eficientes nesse serviço, e mais de um milhar deles tomaram parte. Algumas Tropas em alguns países foram além, e encorajaram seus membros para aprender e usar processos de sinalização. No Quênia, por exemplo, vários Escoteiros aprenderam telegrafia na agência postal de Mombaça. No Transvaal, mais de cinquenta Pioneiros constituíram uma companhia rádio da Força Aérea Sul-Africana. Nos Camarões, os Escoteiros serviram como sinaleiros para as forças de defesa locais. Em Trinidad, os Escoteiros foram agregados às unidades militares locais com o mesmo objetivo, e em Zanzibar<sup>233</sup>, um Escoteiro, que terminou por ser aprovado nos testes para Sinaleiro das Milícias, organizou postos de vigilância contra submarinos. Os postos comunicavam-se entre si por meio de heliógrafos.

Os Escoteiros do Mar ganharam grande popularidade e suas fileiras engrossaram grandemente. No estado de Cochin, os Escoteiros do Mar indianos tomaram parte em operações de varredura de minas. Em Serra Leoa, os “Escoteiros de alto-mar ajudaram a conduzir Tropas e treinar Escotistas, forneceram livros, apostilas e panfletos, reuniram-se em acampamentos, fogos de conselho, ralis e shows, e no geral deram um belo exemplo do espírito Escoteiro”. Na Austrália, os Escoteiros do Mar ajudaram os hidroaviões a manobrar no rio Swan. A 5ª Tropa Escoteira do Mar de Gibraltar foi responsável pelo serviço de

---

<sup>233</sup> Na Tanzânia.

mensageiros especiais das docas, de grande relevância naquele bastião do Império, e sua prontidão era tal que eles mereceram uma menção elogiosa especial por parte do almirante que estava no comando da guarnição.

Essas foram algumas das maneiras mais comuns pelas quais os Escoteiros do ultramar procuraram ser úteis em tempo de guerra, mas elas representam apenas uma fração das tarefas executadas pelos animados rapazes do Império, do Círculo Ártico à Tasmânia. Na Nigéria, por exemplo, um esforço especial foi feito no sentido de difundir as informações oficiais à população nativa, e isso foi possível ao reunir multidões ao redor de um Fogo de Conselho. Nessas ocasiões, os Escoteiros cantavam canções feitas por um dos seus, nas quais se exaltava a bravura dos soldados da África Ocidental na campanha abissínia e se condenavam os vícios de Hitler e seus sequazes. Peças curtas com esses temas<sup>234</sup> provaram-se bastante populares, especialmente aquelas em que um ator escuro e determinado fazia o papel de Mr. Churchill proclamando a justiça da nossa causa.

Os Escoteiros da Nigéria parecem ter sido chamados para prestar formas pouco usuais de serviço. Os de Lagos, por exemplo, entregaram seus apitos porque a polícia não tinha como obtê-los para fornecimento aos agentes, e a campanha “Cavando para a Vitória” incluiu o trabalho em fazendas de amendoim. Em Uganda, oitenta Escoteiros foram empregados continuamente na vigilância de estacionamentos de caminhões e na orientação do tráfego em Kampala, e receberam agradecimentos do Governador pela excelência do serviço. Na Costa do Ouro<sup>235</sup>, o treinamento Escoteiro foi cuidadosamente cultivado, tendo 160 sido submetidos às provas para a insígnia de King’s Scout num grande acampamento em Kumasi.

---

<sup>234</sup> Semelhantes aos “autos” ou “entremeses”, formas teatrais muito populares nos séculos XVI e XVII, consistindo de peças de pequena duração com foco em ensinamentos morais ou crítica de costumes.

<sup>235</sup> Hoje Gana.

Em Nova Gales do Sul, do outro lado do oceano, os Escoteiros passaram longo tempo em aeródromos construindo “hangares de sombra (simulacros)” e fazendo vários outros trabalhos de camuflagem, e na Nova Zelândia, a Associação Escoteira fez frente à demanda por redes de camuflagem feitas de cordões pesados, tendo de 80 a 90 Escoteiros dedicando-se a essa tarefa por meses; estimou-se que, se ela fosse executada por um homem sozinho, teria ocupado um quarto de século de tempo para ser cumprida.

Em Bombaim, produziam-se grandes quantidades de cunhetes de munição, mas havia falta de trabalhadores especializados para emendar as empunhaduras (alças) de corda. Foi feito um apelo aos Escoteiros, e em menos de 24 horas, 12 Tropas somando mais de 500 jovens estavam emendando cordões a uma taxa de 1.000 alças por semana. Ainda em Bombaim, os Seniores agregaram-se aos hospitais e aos postos da ARP. No Ceilão, os Pioneiros das aldeias organizaram coletas de alimento locais, enquanto os Pioneiros das cidades cuidaram do trabalho de ARP, tendo-se mostrado muito úteis por ocasião dos reides sobre Colombo. Os Pioneiros daquela ilha adorável foram excelentes na organização de festivais durante 1940 e 1941, que resultaram na obtenção de centenas de milhares de rupias. Os Escoteiros das ilhas Bermudas tomaram a si a oportunidade de entreter refugiados da Europa embarcados em navios destinados a terras distantes.

Uma parte do Império merece menção especial. Os Escoteiros de Malta aguentaram uma provação mais pesada que quaisquer outros<sup>236</sup>. Como seus camaradas noutros lugares, eles foram empregados como vigilantes da costa, mensageiros, telefonistas, fizeram parte das equipes

---

<sup>236</sup> De 1940 até que os alemães perdessem suas bases na Itália e no sul da França, Malta e os comboios que vinham abastecê-la foram alvo de constantes surtidas de bombardeiros do Eixo. A resistência da ilha, assim como as ações de interceptação executada pelos aviões de caça nela baseados, tiveram grande peso na derrota ítalo-germânica no norte da África. Se os alemães tivessem invadido a ilha numa operação aeroterrestre, os Aliados corriam o risco de perder o controle do Mediterrâneo.

dos centros de ARP, trabalharam no escritório do censor<sup>237</sup> e nos hospitais, e aqueles que tinham idade suficiente fizeram parte da Força Voluntária de Defesa. Uma das suas tarefas mais importantes era servir de operadores de telefone quando os comboios eram descarregados. Os navios – ou, ao menos, aqueles afortunados o suficiente para sobreviver a uma viagem cheia de submarinos e aviões inimigos – tinham de ser esvaziados de sua carga com a maior rapidez e quase sempre sob bombardeio. Equipamentos telefônicos eram instalados a intervalos nos pontos de descarga ao longo dos cais, e os Escoteiros ficavam responsáveis por obter e retransmitir as informações necessárias. A bravura dos Escoteiros durante as frequentes incursões aéreas tornou-se usual entre a população. Desde cedo na guerra eles adotaram como lema: “Com cicatrizes, mas sem medo<sup>238</sup>”. Sua sede foi destruída com todos os registros, mas dois relatos que sobreviveram mostram sua qualidade. Um é o do Escoteiro David John Archer, do Grupo de Pembroke, que recebeu a Medalha do Império Britânico por notável sangue-frio durante pesado ataque aéreo e por constantemente transmitir informações “inestimáveis para a defesa da ilha” quando em serviço de vigilante da costa. O outro refere-se a um anônimo Escoteiro de 17 anos que “segurou uma lâmpada a noite inteira” para que os homens desvencilhando pessoas soterradas nos escombros de uma casa bombardeada pudessem ver seu caminho, e foi morto um mês depois por uma bomba que destruiu o salão que ele estava decorando para uma festa de crianças.

A conduta dos Escoteiros de Malta fez que eles fossem especialmente lembrados por Lord Baden-Powell, à época em seu último ano de vida. O velho Fundador do Escotismo enviou-lhes

---

<sup>237</sup> Em tempo de guerra, instaura-se a censura aos meios de comunicação e às comunicações pessoais. O intuito é não permitir o trânsito de informações que impactem negativamente a frente doméstica e, principalmente, de informações que possam ser úteis ao inimigo.

<sup>238</sup> Jogo de palavras: “Scarred but not scared”.

congratulações especiais pela forma como eles haviam suportado “o bombardeio infernal”.

A despeito dos ferozes ataques, acampamentos e outras atividades Escoteiras continuaram a ocorrer como de costume, e somente no Dia de São Jorge de 1942 o bombardeio foi severo a ponto de impedir a costumeira grande reunião. Mas na próxima celebração da data, a Cruz de Bronze, conferida aos Escoteiros de Malta, foi solenemente apresentada, com a participação de 800 daqueles que tão valentemente haviam contribuído para a sua conquista. Quando o Rei Jorge VI visitou Malta, em junho de 1943, os Escoteiros romperam o cordão policial e deram-lhe “ruidosas boas-vindas”, correndo ao lado do carro, de modo que ele chegou ao palácio escoltado por “Escoteiros e bandeiras”. A Cruz do Rei Jorge conferida a Malta por sua tenaz resistência foi tão merecida pelos Escoteiros quanto pelos seus demais habitantes. Todos eles, desde os membros da Companhia C do 3º Regimento Real de Malta (cada um deles um Pioneiro), até os garotos que ajudaram o Sr. Spiro Giudice “a levar a farinha para baixo”, devem ser vistos como um exemplo lapidar para os Escoteiros de toda parte, por tanto tempo quanto o Movimento exista.

Destas e de muitas outras formas os Escoteiros do Império apoiaram a causa comum e, como aqueles na metrópole, quando atingiam idade suficiente, ingressaram em grandes quantidades nas Forças Armadas. Nas suas novas e mais perigosas ocupações, seu treinamento Escoteiro ao manteve em boas condições. O Segundo-Tenente Keith Elliott, da Tropa Fielding da Nova Zelândia, conquistou uma *Victoria Cross* na crista de Ruweisat em julho de 1942, liderando uma carga de baionetas mesmo com quatro ferimentos no corpo. O Major C. F. Hoey, do 1º Grupo de Quamichan, Colúmbia Britânica [Canadá], recebeu a mesma condecoração postumamente, por sua heroica luta no Passo Ngakyedank, na Birmânia. O Sargento A. G. Hume, do Grupo Lower Hutt, de Wellington, Nova Zelândia, mereceu a sua *Victoria Cross* num aeródromo em Creta, e um capelão, o Major J.

W. Foote, da Tropa de Madoc, Ontario [Canadá], conquistou a sua nas praias empapadas de sangue de Dieppe<sup>239</sup>. Estes são exemplos notáveis de vários atos de bravura, registrados e não registrados, praticados por Escoteiros do Império, dos quais o Escotismo no mundo todo pode, com justiça, se orgulhar.

Enquanto eles sustentavam a causa da democracia no campo de batalha, seus companheiros americanos estavam muito longe de estarem ociosos. Seus esforços, tanto antes quanto depois da entrada dos Estados Unidos na guerra foram, de fato, do mais alto grau.

O Escotismo nos Estados Unidos começou formalmente em 8 de fevereiro de 1910, e recebeu Reconhecimento Federal pelo Congresso em 15 de junho de 1916. Desde 1910, alguns milhões de garotos foram Escoteiros, ou ainda o são, e a quantidade de membros ativos no fim de 1945 era pouco menor que dois milhões, incluindo Escotistas e Pioneiros. Os Estados Unidos têm, portanto, a maior população Escoteira em um único país.

Antes do ataque japonês a Pearl Harbour, que transformou os Estados Unidos de beligerante passivo em ativo, os Escoteiros, cujo lema era o simples e eficaz “Também temos um trabalho a fazer”, estavam engajados em vários projetos iniciados por agências governamentais. Seguem-se alguns exemplos. Por demanda do Secretário do Tesouro<sup>240</sup>, eles instalaram em lojas 1.607.000 cartazes convocando o público a comprar Selos e Bônus de Defesa. 266.400 circulares contendo o mesmo apelo foram distribuídas ao público que foi assistir a jogos de *baseball* por 3.784 Escoteiros uniformizados, em 28 de agosto. Após esse esforço, deve ter sido impossível a qualquer cidadão americano não perceber que o governo queria que ele poupasse. Com os olhos na situação internacional e na grave ameaça que a Alemanha representava para o mundo como resultado de suas vitórias

---

<sup>239</sup> Na fracassada incursão anfíbia ocorrida em 19 de agosto de 1942. Dos 6.086 homens da força de desembarque, 3.367 foram mortos, feridos ou aprisionados.

<sup>240</sup> Ministro da Fazenda.

em 1940, os Escritórios de Administração de Preços e de Defesa Civil convocaram os Escoteiros, em 18 de junho de 1941, para juntar todo o alumínio que pudessem encontrar. A resposta foi bastante satisfatória. Antes do fim daquele ano, mais de 5.000 toneladas haviam sido juntadas em 11.369 comunidades. Como o total recolhido foi cerca de 6.000 toneladas, pode-se ver que os Escoteiros foram responsáveis por mais de 5/6 dessa quantidade impressionante.

Em 7 de novembro, um mês antes de a América entrar na guerra, a Divisão do Consumidor, do Escritório de Administração de Preços, lançou uma campanha cujo objetivo era induzir os consumidores americanos a comprometer-se com a redução do consumo. Dez milhões de convocações desse tipo foram distribuídas a donas-de-casa pelos Escoteiros, e os compromissos dos próprios Escoteiros atingiram o total de alguns milhões. Um mês antes, outro departamento do mesmo Escritório lançara uma campanha para coleta de papel descartado, e os Escoteiros americanos responderam com a obtenção de 150.000 toneladas entre 12 de setembro de 1941 e 1º de maio de 1942, uma coleta média mensal de 25.000. Estes grandes números foram possíveis graças a esforços individuais, como o de Robert Siersted, que percorreu o distrito onde morava em Nova Iorque com uma carretinha feita improvisadamente e “um papo de vendedor bem informado”. Sua coleta média diária ficou entre 50 e 60 kg de papel. Esse resultado granjeou aos Escoteiros o louvor incondicional do General Eisenhower, que nesse tempo tinha como uma de suas muitas atribuições chefiar a Campanha de Coleta de Papel. Uma medalha especial contendo sua efigie foi entregue a quem conseguisse juntar 500 kg ou mais de papel. 220.000 Escoteiros a conquistaram, membros de 41.000 Alcateias e Tropas. Eles se mostraram tão eficientes que o Comitê de Produção de Guerra concitou-os a dar atenção a outros tipos de sucata, uma vez que, graças aos seus esforços, não haveria falta de papel. Assim, atendendo ao apelo do Comitê de Conservação Industrial do Comitê de Produção de Guerra, os Escoteiros deram início a uma contínua coleta de sucatas,

indo atrás de borracha, metais não ferrosos, ferro e aço, interruptores e, talvez meio estranhamente, cabides. Em resposta à conclamação do Presidente Roosevelt de junho de 1942, um “redemoinho de coleta de borracha” aconteceu de 15 de junho a 10 de julho. Só na primeira quinzena os escoteiros reuniram quase 11.500 toneladas.

Por essa época, os Estados Unidos já estavam em guerra havia seis meses, e aprimorando sua prontidão. A essa altura, também, os Escoteiros, por determinação do Presidente, haviam se tornado oficialmente portadores de despachos para o Escritório de Informações de Guerra, que, considerando haver quase um milhão e seiscentos mil deles, deve ter tido o maior serviço de mensageiros do mundo. No fim, esse corpo foi reduzido em cerca de meio milhão, que, saindo do Escritório de Informações de Guerra, juntaram-se aos Serviços de Defesa Civil; ainda assim, 424.000 permaneceram no serviço para transportar os volumosos despachos.

Agora que a América estava na guerra, a Poupança de Guerra tornou-se altamente relevante, e antes do Dia da Vitória sobre o Japão [2 de setembro de 1945], os Escoteiros haviam conseguido vender a enorme soma de US\$1.800.000.000 em bônus. A esse tempo, sua coleta de papel, apesar de diminuída pelo Comitê de Produção de Guerra, alcançou a marca de mais de 240.000 toneladas, quantidade suficiente para fazer, entre outras coisas, 3.500.000 folhas protetoras para bombas de 500 kg, mais de 5.000.000 de folhas similares para bombas de 250 kg, mais de 16.000.000 de estojos para projéteis de 75mm, cerca de 64.000.000 de contentores para plasma sanguíneo, e 95.593.075 embalagens contendo cada uma 10 cartuchos para inflar salva-vidas. Quantidades assim, que põem fogo na imaginação, são uma homenagem à energia e pertinácia da juventude.

As coletas, entretanto, não eram de forma alguma todo o esforço dos *Boy Scouts of America*. Longe disso. Seu treinamento de sinalização foi reconhecido pelos comandantes das Guardas Nacionais da América, que fizeram grande uso dele e designaram Escoteiros como instrutores

para sua Escola Tática. Os resultados do treinamento que os Escoteiros deram às embrionárias Guardas Nacionais foram extremamente encorajadores. Os Escoteiros baseavam sua instrução num processo de “aprender fazendo”, tratando os recrutas de forma muito semelhante à usada com Lobinhos e Escoteiros. O Major-General Sherman Miles, comandando a área do 1º Corpo do Exército dos Estados Unidos, disse: “Não se surpreendam se nós francamente lhes ensinarmos a Lei Escoteira. Nós, adultos e soldados, podemos ter pensado estar acima desses jogos elementares. Estávamos enganados”. Os “jogos” a que o General Miles se referiu eram adaptações do velho jogo de Kim, tocaiar, esconder-se, e camuflagem individual. Havia também um percurso de obstáculos no qual as barreiras construídas eram “*canyons* sem fundo” e cercas elétricas. O percurso era encerrado com instruções sobre rastreamento, baseadas no trabalho original de Baden-Powell sobre o tema.

Como na Grã-Bretanha e em outros lugares, os Escoteiros norte-americanos “cavaram para a vitória”. Em 1945, mais de 67.000 Escoteiros cultivavam “hortas da vitória”, e mais de 20.000 possuíam hortas com mais de 400 pés quadrados. Para estes, “Certificados de Dedo Verde” e medalhas MacArthur foram outorgados. O Serviço Florestal da América também recebeu auxílio, com os Escoteiros plantando 142.103 árvores. Bancos de sangue se estabeleceram por todo o país, e receberam o sangue de Escoteiros que, em grande quantidade, também trabalhavam nos hospitais. Dava-se atenção às Forças Armadas provendo entretenimento, juntando-se mais de três milhões de instrumentos musicais, discos para gramofone e mobília para os hospitais militares.

Alguns Escoteiros prestaram serviço individual de grande importância. Os alemães tentaram organizar uma quinta-coluna<sup>241</sup> nos

---

<sup>241</sup> Esse termo nasceu na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando se dizia que a queda de Madrid para as forças de Franco deveu-se, mais do que às quatro colunas de tropas que a cercaram, à “quinta coluna” formada por elementos infiltrados, que cometiam ações de sabotagem e de propaganda para

Estados Unidos, e para esse fim enviaram agentes que foram desembarcados de submarinos. O Escoteiro Marvard Hodgkins, de Hancock Point, no Maine, estava voltando para casa tarde, numa noite de inverno de 1943, quando viu duas figuras deslocando-se na neve. “O que me chamou a atenção”, ele relatou, “foi que eles estavam usando sobretudos leves. Ninguém por aqui usa casacos assim, menos ainda numa noite gelada de inverno. Eu vi seus rastros na neve e reparei que eles *vinham* da praia, onde as ondas batiam com força”. Sua observação estava correta e precisa. Os dois homens tinham acabado de ser desembarcados de um submarino. Um comunicado telefônico pelo pai do garoto, um Xerife<sup>242</sup> Auxiliar, garantiu que eles fossem imediatamente capturados.

Como noutras partes, a quantidade de antigos Escoteiros, Pioneiros e Chefes que conquistaram distinções em combate quando servindo nas Forças Armadas americanas foi grande. Os registros mostram quão variado foi o seu serviço, em qualidade e em localização. 17 antigos Escoteiros fizeram parte do intrépido bando que bombardeou Tóquio sob o comando do General Doolittle<sup>243</sup>. Noel A. M. Gayler, um Escoteiro de Bremerton, Washington, foi o primeiro Tenente naval a receber três Cruzes Navais. Ele era piloto de um dos aviões do porta-aviões *USS Lexington*, e entre outros feitos, abateu oito caças japoneses, e bombardeou dois destróieres japoneses, colocando-os em chamas. Colin P. Kelly, da Tropa 601, de Madison, Flórida, da Força Aérea do Exército dos EUA (USAAF)<sup>244</sup>, destruiu o couraçado japonês *Haruna*, de

---

minar a disposição dos defensores para resistir. Assim, a expressão “quinta-coluna” generalizou-se para designar aquela pessoa ou grupo que mina uma estrutura a partir do seu interior.

<sup>242</sup> Nos EUA, o Xerife é o agente legal responsável pelo serviço policial da comarca (*county*).

<sup>243</sup> O primeiro reide sobre Tóquio ocorreu em 18 de abril de 1942, quando 16 bombardeiros B-25 decolaram do porta-aviões *USS Hornet*. A incursão teve poucos resultados materiais, mas foi um tônico para o moral dos Aliados. A maior parte dos aviões pousou na China Continental.

<sup>244</sup> A Força Aérea dos Estados Unidos só se constituiu como Força independente no pós-guerra, em 1947.

29.000 toneladas. No retorno, seu bombardeiro foi atacado e pegou fogo, mas ele conseguiu mantê-lo reto e nivelado por tempo suficiente para que a tripulação saltasse. Ele próprio morreu. Edward F. Cheney, da Tropa 85 de Yeadon, Pensilvânia, conquistou a primeira Medalha de Serviços Distintos da Marinha Mercante por resgatar não-nadadores em um mar coberto por óleo incendiado que se derramava de seu navio-tanque torpedeado. O Guarda-Costeiro Douglas A. Munro, Escoteiro da Tropa 84, de South Cle Elum, Washington, pôs uma equipe de Fuzileiros Navais em terra em Guadalcanal<sup>245</sup> e depois retirou-os sob pesado fogo, sendo morto na ação.

As histórias desses bravos Escoteiros americanos são exemplos escolhidos pelo método de simplesmente fechar os olhos e espetar um alfinete em algum ponto entre os numerosos relatos de seu valor. Elas servem para mostrar que na guerra, assim como na paz, o Escotismo foi de valor inestimável, dando aos seus praticantes não apenas inventividade e inteligência treinada acima das possuídas pelos não-Escoteiros, mas também aquele último escrúpulo de coragem que os capacitou a aguentar até o fim.

Quando a guerra foi vencida, os Escoteiros americanos concentraram-se em levantar o Fundo Mundial da Fraternidade (*World Friendship Fund*) lançado pelo seu Conselho Nacional, cujo objetivo era ajudar na reorganização do Escotismo nos países Aliados devastados pela guerra. O sucesso já alcançado foi grande, e seu empenho foi reforçado pelo forte encorajamento do Presidente Truman, que os concitou a continuar “construindo juntos”. Por volta de fevereiro de 1946, 2 milhões de Escoteiros haviam atendido ao chamado presidencial e estavam ajudando neste inestimável trabalho.

---

<sup>245</sup> As embarcações de desembarque de tropas dos EUA eram geralmente tripuladas por homens da Guarda Costeira.

## CAPÍTULO VII

### CERTEZA

#### *O Escotismo nos campos de refugiados e de pessoas deslocadas*

As guerras, como outros flagelos, produzem uma linguagem que lhes é própria. Aqueles que nelas lutam ou que sofrem suas consequências usam-na para descrever novas armas, novos desenvolvimentos, novos processos. As palavras desaparecem com elas ou incorporam-se à linguagem se algum gênio contemporâneo as coloca numa obra-prima. A gíria usada em Crécy ou Agincourt<sup>246</sup> não pode mais ser recordada, mas Pistol, Bardolph e Nym<sup>247</sup> preservaram a linguagem da era elisabetana; o Tio Toby fez gerações sucessivas familiarizarem-se com a maneira de falar dos veteranos de Marlborough, Napier dos de Wellington<sup>248</sup>; Kipling o fez com os quartéis vitorianos; Blunden, Allington e Sassoon, com os *Old Contemptibles* dos campos franceses da Grande Guerra<sup>249</sup>. Mas nenhum personagem retratado por um dramaturgo, romancista ou historiador do passado usou uma palavra ou expressão que pudesse descrever os mais infelizes seres da espécie humana, que, por causa da guerra, perderam não apenas seus lares, mas também seu país. Coube ao século XX cunhar a expressão “pessoas deslocadas”. Quanto tempo ela subsistirá somente o futuro pode dizer<sup>250</sup>. Mas de todas as expressões que nasceram na Segunda Guerra Mundial, esta parece ser a que terá mais longa

---

<sup>246</sup> Batalhas da Guerra dos Cem Anos vencidas pelos ingleses: Crécy em 1346, Agincourt em 1415; a batalha de Agincourt inspirou a Shakespeare o discurso do Dia de São Crispim (*Henrique V*, ato IV, cena III), uma das mais belas e arrebatadoras páginas da língua inglesa.

<sup>247</sup> Personagens das peças *Henrique IV* e *Henrique V*, de Shakespeare.

<sup>248</sup> Grandes generais ingleses. O Duque de Marlborough, vencedor das batalhas de Blenheim (1704), Ramillies (1706), Oudenarde (1708) e Malplaquet (1709), era ancestral de Sir Winston Churchill. Arthur Wellesley, Duque de Wellington, foi o vencedor da batalha de Waterloo, derrota final de Napoleão Bonaparte.

<sup>249</sup> Como era chamada a Primeira Guerra Mundial, até que fosse suplantada pela Segunda.

<sup>250</sup> Lastimavelmente, ainda subsiste com muita força no primeiro quartel do século XXI.

duração. Com algumas poucas e inexpressivas exceções todo país na Europa perdeu grande quantidade de sua própria população ou recebeu parte de outra, e isso aconteceu em circunstâncias que, para os povos considerados, foram invariavelmente de abandono, miseráveis e, com excessiva frequência, desastrosas. Durante os tenebrosos anos da guerra e nos que os seguiram, homens, mulheres e crianças foram arrancados de seus lares numa escala que teria abalado o próprio Tamerlão<sup>251</sup> e enchido seus olhos d'água. Eles foram movimentados para lá e para cá pelo tabuleiro da Europa, peões num jogo de xadrez internacional tão amargo e inconclusivo como qualquer ditador jamais possa ter jogado.

Eles eram, e são, de todas as raças, idades e classes sociais, sem nada em comum a não ser privação, miséria, fome e o termo genérico “pessoas deslocadas”. O patético verbete que passaram a constituir na história europeia e a sua continuada presença ali são um incômodo lembrete diário de que os padrões de nossa civilização não foram necessariamente elevados pela invenção do veículo a motor e da geladeira, e de que um avião capaz de atravessar o Atlântico sem piloto é um pobre substitutivo para a comida que, por toda parte, está “com suprimento limitado”, para usar outra expressão moderna. Esses milhões de miseráveis são os órfãos do mundo, sem casa, sem país, possuindo apenas uns poucos metros de terra poeirenta ou barrenta num desagradável campo, ou um precário esconderijo em alguma floresta estrangeira, da qual, de quando em quando, são caçados como os animais a cujo nível foram empurrados. Com toda probabilidade, a maioria deles jamais poderá exclamar: “Esta é minha própria terra, meu solo natal”, e essa é o mais permanente e amargo de seus infortúnios, mas outros, dos quais a incerteza quanto ao futuro é o pior, amontoaram-se sobre eles. Pobreza, subnutrição, confinamento, de todos estes eles padeceram, e ainda padecem em 1948, e permanecem

---

<sup>251</sup> Conquistador mongol (1336-1405).

precisando depender, não para os confortos da vida mas para a sua própria preservação, da caridade daquelas nações que têm a impressão de ter vencido a guerra.

Os Escoteiros estão comprometidos com sua Lei, cujos 3º e 4º artigos não lhes permitem passar para o outro lado da rua quando sabem que há pessoas em dificuldades e precisando de auxílio. Com isso em mente, o Serviço Escoteiro Internacional de Assistência foi fundado na Grã-Bretanha já em 1942. A ampla miséria e desolação que se seguiria à guerra era muito facilmente previsível. Seus remédios eram mais difíceis de projetar, e a Sede dos Escoteiros tinha consciência de que as mais permanentes dessas soluções não estariam ao seu alcance para prover. No entanto, ações de assistência temporária podiam e deviam ser desencadeadas. O Escotismo tinha de fazer alguma coisa, mesmo que não pudesse fazer tudo. A nova organização resultou de uma expansão do Fundo Escoteiro para os Afetados pela Guerra implantado em 1939. Seu objetivo era prover assistência geral aos civis como distintos dos Escoteiros, assim fazendo para cumprir na letra e no espírito o mandamento de jamais deixar de praticar uma boa ação.

Os Escoteiros não estavam sozinhos nesse intento caritativo. Outras organizações religiosas e filantrópicas estavam em ação. Por isso, o governo fez estabelecer-se um Conselho que, esperava-se, coordenaria os esforços de todas essas entidades e os direcionaria por um canal comum. Tinham lugar nele dois representantes da Associação Escoteira, que tinham de “suportar longas e exaustivas horas participando de reuniões de comitê ao longo do ano de 1943”. Por vezes eles chegaram próximo ao desespero, pois parecia que o Conselho jamais alcançaria algum resultado concreto. Enquanto esperavam por isso, obteve-se um cadastro de voluntários e finalmente veio uma solicitação para que Pioneiros fossem para o Oriente Médio. Três deles, escolhidos do cadastro, foram enviados na primavera de 1944, e seguiram-se outros. A próxima solicitação veio da Cruz Vermelha, para

enviar equipes ao noroeste da Europa. A primeira delas desembarcou na Normandia<sup>252</sup> no começo de setembro, e ao longo dos próximos doze meses três outras a seguiram. Alguns Pioneiros foram incluídos numa unidade hospitalar das *Girl Guides*, e outros trabalharam não em equipes, mas individualmente. Ao todo, 93 Pioneiros participaram desse trabalho, dos quais 26 eram mulheres.

O custeio desses trabalhadores foi um problema que a Associação Escoteira encarou tão logo começou a elaborar seu planejamento. Este tipo de serviço governamental não é dos mais generosamente remunerados, e aqueles a isso dedicados geralmente não são abonados financeiramente. Assim, foi feito um apelo para que todo Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro fizesse algum tipo de trabalho entre o nascer e o pôr do sol do sábado, 20 de maio de 1944, pelo qual deveria receber pelo menos 1 *shilling*. O dinheiro assim obtido viria a constituir o Fundo *Bob-a-job*, e seus organizadores esperavam amearhar umas £10.000. Quando chegou a noite daquele dia, haviam sido coletadas £26.000, e na segunda-feira seguinte o total chegara a £32.000. O problema do custeio estava resolvido.

Lado a lado com a Unidade de Ambulância dos Amigos, o Fundo Salvem as Crianças e outras organizações voluntárias, o Serviço Escoteiro Internacional de Assistência, com suas dificuldades financeiras sanadas, entrou em campo. Logo estava em ação em campos de refugiados e de pessoas deslocadas no noroeste da Europa, Itália, Áustria, Iugoslávia, Grécia, Chipre, Síria, Palestina, Egito e Hong Kong. Depois que foi criada a Administração das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação (UNRRA)<sup>253</sup>, os Escoteiros continuaram a servir sob sua égide por algum tempo. O trabalho era exaustivo e difícil,

---

<sup>252</sup> Conforme mencionado no capítulo I desta obra, a partir de junho de 1944 e antes de os Aliados capturarem e assegurarem o estuário do Scheldt com os acessos ao porto de Antuérpia, tudo que fosse para a Frente Ocidental desembarcava no continente pela Normandia

<sup>253</sup> Durou até 1947, quando suas atividades foram transferidas para a Organização Mundial da Saúde e a Organização Internacional para Refugiados (hoje UNHCR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados).

demandando em sua plenitude qualidades de tato, resistência e acima de tudo, mostras de temperamento sereno.

Em nenhum outro lugar essas qualidades se mostraram tão necessárias como na Grécia, devastada pela guerra. Aí, uma equipe de Pioneiros e cinco mulheres chegou em novembro de 1944, quando os opressores haviam sido postos para fora, mas antes de terem encontrado a destruição final. A equipe se separou e trabalhou em diferentes partes do país, com seus membros fazendo longas e dificultosas jornadas pelas montanhas até vales remotos e terras altas onde o estado de necessidade era mais profundo. “Quando cheguei à cidade com três toneladas de suprimentos médicos e perguntei onde ficava o hospital, as pessoas olhavam para mim com desconfiança até que eu lhes disse que tinha suprimentos”, relata um Pioneiro. “Então começou a diversão: fui escoltado como um rei, e creio que a cidade inteira apareceu para me dar as boas-vindas. O velho médico encarregado saiu para ver se a guerra havia recomeçado, e quando percebeu o que na realidade estava acontecendo, ele dançou de alegria. Daí por diante não me era permitido fazer um nada. Quando comecei a abrir os caixotes para conferir o conteúdo, quase toda a equipe do hospital estava no local para ajudar, e poderia ter sido engraçado, se não fosse trágico, ver, por exemplo, o cozinheiro abraçando carinhosamente uma panela, e os faxineiros sorrindo à vista de baldes, escovas e esfregões. Mas a melhor parte foi quando o médico e as enfermeiras me levaram a percorrer o local para ver a condição a que haviam sido reduzidos. Eles puseram os novos instrumentos junto aos velhos, e um deles disse: ‘Como fomos capazes de fazer operações com esses cacarecos? Nosso velho cirurgião deve ter sido um verdadeiro mágico!’ Concordei plenamente com aquilo. A jornada para essa cidade foi uma viagem de volta por 600 milhas<sup>254</sup> pelas piores estradas que eu já vira, e posso dizer, honestamente, que todas as dificuldades foram muito bem pagas pela sincera gratidão do povo daquela cidade”.

---

<sup>254</sup> 960 km.

Em Salônica, onde um Centro de Saúde Infantil foi instalado, os Escoteiros fizeram o papel de “irmãos mais velhos” para as pequenas e subnutridas crianças. “Queria que você tivesse visto a cena na ceia da noite passada”, escreveu um trabalhador da UNRRA. “Encontramos Escoteiros com uma espécie de concertina, e eles tocavam enquanto os meninos comiam, e nesta manhã todos eles se deslocaram com tudo que havia de música para o desjejum, e depois engajaram-se numa instrução sobre leitões ao som de música popular. Os Escoteiros britânicos estão sendo de grande ajuda, e alguns dos seus agora estão saindo e trazendo carrinhos de mão com areia para as crianças brincarem nela”.

Na Iugoslávia foi a mesma coisa. Um Escotista escreveu de Cetinje: “A 1.400 m de altitude, em estradas serpenteantes cobertas de neve nas montanhas, sentimos que se fôssemos capazes de concluir essa viagem nada mais nos deteria... Toda a equipe do hospital parecia estar assistindo o descarregamento das caixas dos caminhões, perguntando sobre o conteúdo desta e daquela. Quando foram abertas e desembaladas, a equipe, acariciando cada garrafa ou embrulho, sentia que um milagre havia acontecido... Outra viagem foi para Plevje. Nada senão subir montanhas assombrosas, descer para gargantas profundas e estreitas, negociar um trecho serpenteante após outro, confiando a si próprio a aos caminhões pesadamente carregados a pontes construídas para tráfego de veículos de tração animal”. Outro, fazendo uma viagem em jipe, relatou que seu motorista iugoslavo subitamente parou numa estrada solitária e correu para uma velhinha sentada à beira da estrada. Os cumprimentos entre eles foram comoventes, pois a velhinha era mãe dele e eles não se viam havia três anos. “Há muitas crianças aqui que estão sem mãos e cegas, como resultado de *booby-traps*<sup>255</sup> deixadas pelos alemães”, ele adicionou.

---

<sup>255</sup> Armadilhas, geralmente com uso de explosivos, que podem matar ou aleijar pessoas. Seus acionadores podem ser de tração (por cordéis de tropeço ou presos a algo que seja puxado), de pressão (ao se pisar neles) ou de descompressão (ao se tirar o peso de cima deles). Uma porta ou janela que se abra, um *souvenir* que se tente apanhar, um cadáver que se tente remover, uma tábuia num piso, várias

A cidade de Dubrovnic foi ferozmente atacada pelo tifo. Improvisou-se rapidamente um hospital, e por seis semanas dois membros de uma das equipes de Pioneiros trabalharam dia e noite para desinfetar vestimentas e roupa de cama, operar ambulatórios, lavar e limpar corpos dos piolhos e cortar cabelos. “Meu tempo livre foi passado na padaria, fazendo pão para nós, e divertimos as crianças fazendo figuras de homens e bichos de pão de gengibre”. Estes foram alguns dos primeiros brinquedos que elas alguma vez tiveram, e por fim os Escoteiros puseram-nas a jogar jogos de equipe, como futebol, críquete e handebol. Quando o tempo esquentou, adicionou-se a natação aos passatempos, mas aqui surgiu uma dificuldade: os garotos mais velhos tinham vergonha de aparecer nus, apesar de os menores não se importarem com isso. Um Escoteiro é engenhoso, e o Escotista encarregado estava à altura da ocasião. Com a ajuda de alguns dos garotos, ele fez cinquenta pares de calções de banho em cáqui e azul, doze pares de bermudas e algumas camisas. A essa altura, “meu belo estoque de roupas já tinha sido todo distribuído, e dei meus sapatos e botas de reserva aos garotos mais velhos que me haviam ajudado”.

Os adultos na Iugoslávia jogam também, mas parece que neles entra um elemento de paixão que não se mostra em países mais sofisticados. Esse mesmo Escotista que esbanjara tanto cuidado com as crianças viu-se, num domingo, chamado a fornecer transporte para um grupo de soldados. “Tendo cumprido essa missão, descobrimos que eles eram um time de futebol indo para uma partida. O jogo começou, e tudo correu bem até que a bola estourou. Pediram-nos para remendar o furo com nosso equipamento de reparo. Isso significava uma caminhada de 800 m até nosso caminhão, mas lá fomos nós e pusemo-nos ao trabalho em cima da bola. Pessoas começaram a passar por nós correndo, mas não dávamos atenção e seguimos de volta com a bola. Então, descobrimos que irrompera uma agitação entre os jogadores. Um

---

são as formas de disfarçar os acionadores nessa maneira traiçoeira de causar baixas e semear a insegurança no inimigo.

deles havia chamado o capitão do time de um nome que para eles é um insulto mortal, e ele respondeu sacando uma arma para seu companheiro de jogo. A ordem só foi restaurada com a instalação de uma metralhadora num canto do campo, numa posição que cobria todos os jogadores. Depois, as pessoas nos disseram que lamentavam por termos visto um ataque de raiva desses”.

Esses Escotistas faziam parte da equipe que fora enviada ao Oriente Médio em setembro e novembro de 1944, e que havia sido precedida por sete Escoteiros que atuavam individualmente. Eles e as equipes depois deles trabalharam entre meninos em campos de refugiados no Egito, Palestina e Síria, ajudaram a repatriar gregos da Terra Santa para as ilhas do Egeu e do Dodecaneso, e encontraram muito que fazer em Chipre.

O restante das equipes Escoteiras escolheu o noroeste da Europa como cenário para seu trabalho, que se dividiu em três fases principais: primeiro socorro, assistência emergencial e reabilitação. Em setembro de 1944, a primeira equipe do Serviço Escoteiro Internacional de Assistência desembarcou nas praias em Arromanches e seguiu o Exército Canadense através do nordeste da Europa. Eles ajudaram na evacuação de civis de Calais e Dunquerque, e dos doentes e feridos dos hospitais durante as operações de “limpeza” no estuário do Scheldt e da ilha de Walcheren. Eles ficaram encarregados de um campo de trânsito em Nijmegen, pelo qual passaram milhares de civis holandeses forçados a deixar suas fazendas, campos e cidades que se haviam transformado em campo de batalha. Em março e abril de 1945, a guerra estava se aproximando do fim e a natureza do trabalho passou por uma mudança. Todas as equipes de assistência concentraram seus esforços nos “Presos ao Oeste”. Essa não era uma descrição esnobe do seu nascimento ou maneiras, mas o nome oficialmente dado aos nativos de países Aliados cujo objetivo era voltar para casa assim que pudessem após anos de trabalhos forçados na Alemanha. A missão das equipes de assistência era alimentar, vestir e desinsetizar essas pessoas jubilosas

mas necessitadas, e responder às inumeráveis questões que elas faziam.

A fase de reabilitação começou imediatamente antes da rendição alemã no noroeste da Europa. As equipes de assistência obtiveram ou forneceram os itens essenciais de comida e vestuário necessários aos nativos de países Aliados cujas casas ficaram na retaguarda dos exércitos que avançavam. A maior parte desse trabalho foi feita no norte e oeste da Holanda, e três equipes de Pioneiros estiveram lá para ajudar, duas delas trabalhando de março a junho de 1946, quando seguiram para a Alemanha. A terceira equipe, de quatro Pioneiros, ficou adida a uma seção de hospital das *Girl Guides* como auxiliares de enfermagem. Suas atividades e as das de outras organizações assistenciais foram conduzidas sob a coordenação dos Oficiais de Assuntos Civis do Exército Britânico, de um dos quais soube-se ter suspirado de alívio quando descobriu que os Pioneiros eram adultos. Haviam-lhe dito que ele seria ajudado por Escoteiros, e com essa informação ele ficara quebrando a cabeça sobre como deveria ser sua atitude perante um bando de garotinhos ansiosos por participar da ação.

Ao longo desse período, e de fato por todo o caminho através da França, Bélgica e Holanda, as equipes Escoteiras, nas quais todos eram identificáveis por usar o distintivo Escoteiro, despertaram a encantada camaradagem de seus irmãos Escoteiros que, nos longos anos da ocupação, deram jeito de manter o Movimento vivo. Quando finalmente chegaram à Alemanha, uma tarefa gigantesca os esperava. O país estava pontilhado de campos de todo tipo: de prisioneiros de guerra, de internamento, de concentração, de pessoas deslocadas. Neles, havia centenas de milhares de pessoas desmoralizadas, famintas, sujas, doentes. As autoridades militares atuaram com resolução e presteza, mas mesmo depois de muitos terem sido encaminhados para casa, ou ao menos para o país onde haviam residido, ainda restava um vasto número de pessoas cujo destino não tinha como ser determinado

permanentemente, e que em 1948 ainda eram pessoas deslocadas, com tendência a assim permanecerem por um longo tempo. Só na Zona Britânica de ocupação da Alemanha, antes que 1945 findasse, havia mais de meio milhão de pessoas habitando ali, fosse por se mostrar impossível repatriá-las, fosse por elas se recusarem a retornar à sua terra natal, por estar sob o tacão de outro conquistador<sup>256</sup>. A maior parte deles foi e continua a ser polacos, naturais dos Estados Bálticos, rutenos<sup>257</sup> e ucranianos. Nas Zonas Francesa e Americana, as quantidades também eram bem grandes. Eram estas pessoas infelizes que constituíam, e continuam a constituir o problema mais difícil. Tudo que as equipes Escoteiras de assistência e as outras organizações podiam fazer para ajudá-las era pouquíssimo em comparação com a enormidade de suas misérias. Amontoadas em campos fedorentos onde cozinha, aquecimento e saneamento eram mais primitivos do que os que se poderia encontrar entre os povos mais selvagens do mais escuro da África, essas pessoas não tinham a quem apelar para comida e vestimenta a não ser aos Aliados. Os Pioneiros, entre outros trabalhadores assistenciais, eram convocados para distribuir o que houvesse disponível desses materiais e para supervisionar a administração geral dos campos.

Os Escotistas e Pioneiros, já agora experientes nessa forma massiva de caridade, assumiram a tarefa com toda a energia. Um membro do Serviço Escoteiro Internacional de Assistência escreveu:

“... As equipes Escoteiras estão dirigindo campos por todo o inverno, campos pelos quais elas ficaram diretamente responsáveis perante o Governo Militar Aliado. Administrar um campo é mais ou menos como pertencer a um Conselho Municipal. Uma equipe Escoteira

---

<sup>256</sup> Foi o caso dos países da Europa Central e Oriental, como Polônia, Tchecoslováquia, Hungria... Na Polônia, por exemplo, muitos que combateram ao lado dos Aliados Ocidentais, ao retornarem, foram processados e condenados como “inimigos do povo”, “fascistas” ou “traidores”, por não se alinharem com os comunistas. Por isso, boa parte dos que combateram na Frente Ocidental não pôde retornar aos seus países natais, tendo de refazer a vida fora da Cortina de Ferro.

<sup>257</sup> Rutênia: região da Hungria ao sul dos montes Cárpatos.

tem de supervisionar a organização e distribuição das rações, roupas, suprimentos especiais para mães e bebês, carvão (do qual há muito pouco) e madeira (que equipes de poloneses cortam para seu uso nas florestas próximas). Então, alguém tem de lidar com queixas e responder questões sobre todo tema que se possa imaginar. Uma Escotista – possivelmente uma das Chefes de Lobinhos que agora estão trabalhando com as equipes – será responsável pelo hospital do campo, que frequentemente tem que funcionar sem nenhum médico de tempo integral disponível. Outra cuidará de manter os caminhões e ambulâncias em condições de pegar a estrada dia e noite, com qualquer tempo e em estradas terríveis. Outra, ainda, está encarregada da limpeza e saneamento. Uma vai manter uma escola em funcionamento para as crianças, e algumas dedicarão uma ou duas horas por dia para dar lições de trabalhos manuais ou de inglês, tanto para crianças quanto para adultos. Não: não conheço ninguém no Serviço Escoteiro Internacional de Assistência que saiba o idioma polonês, mas conseguimos fazer o trabalho com uma mistura de alemão, inglês e boa sorte, e quando as dificuldades se apresentam, o velho ‘sorrir e assobiar’ do 8º artigo da Lei ajuda a ir longe”.

Assim que uma equipe chegava a um campo – que podia chegar a conter 30.000 pessoas – ela tentava perceber o clima lá dentro. Fazia contato com os líderes do campo (era fácil, consideravam as equipes, identificar os personagens que se destacavam no campo e que seriam os líderes); então, a equipe se dividia e um Escotista ficava a cargo de cada uma das seguintes tarefas: alimentação; saneamento; anotação e manutenção dos registros; acomodações; transporte; ligações entre as pessoas deslocadas, o quartel-general da Divisão de Assuntos Cívicos, etc. Os demais se encaixariam onde fossem mais necessários.

O Escotismo nunca foi fundado oficialmente nesses campos, mas em muitos os próprios internados começaram por sua própria iniciativa, ou os membros da equipe Escoteira de assistência deram jeito de melhorar a moral e a disciplina de centenas de crianças sem regras, por

meio da aplicação de alguma forma de trabalho Escoteiro. Um diretor de equipe da UNRRA em Lübeck deu início às atividades de Escotismo imediatamente, e escreveu para a Inglaterra pedindo livros para dar aos garotos. Ele também relatou que 45 poloneses num campo em Lübeck juntaram-se para constituir um Grupo Escoteiro e designaram um comitê provisório para organizar o Escotismo para todos os garotos poloneses na Alemanha, exceto os que estivessem na Zona Soviética. Havia, eles pensavam, uns 4.000 garotos na vizinhança mais próxima de Lübeck. Esses Escotistas estavam cheios de entusiasmo. “Não se tratava, diziam eles, de fogo de palha, fácil de acender e fácil de se extinguir” Não se tratava de capricho ou moda passageira. Eles eram “homens dos seus 40 anos de idade, que pensavam com sobriedade e fundamento”, e desejavam elevar o tom moral dos jovens poloneses, porque a moral sofrera terrivelmente nos anos de guerra devido à falta de educação e às chocantes condições materiais, psicológicas e morais em que essas crianças haviam crescido.

Uma das primeiras preocupações de uma equipe de assistência quando entrava num campo era o problema das crianças. “22 garotos (poloneses) vivem neste estábulo que transformaram em moradia, e os outros garotos do campo (que vivem com suas famílias), reúnem-se com eles aqui em algo que se transformou num florescente Clube de Jovens... Logo ao lado fica o teatro, construído do nada pelos polacos com material recolhido de toda parte... Há frequentes concertos, dados pelos talentos locais... Damos um passo para o lado por um momento para chegar à capela, onde a missa é oficiada regularmente por um padre polonês que esteve em Dachau. Somente quem viu o estábulo sujo e deteriorado como estava seis meses atrás pode realmente reconhecer o que foi feito para trazer tal atmosfera para esta capela do campo; e rendemos homenagem ao artista polonês que pintou afrescos tão maravilhosos... Assim, uma vida ordeira se construiu no meio de uma multidão de pessoas ‘largadas’ num campo alemão”.

E prossegue: “Não chamamos a isso maravilha, mas é algo típico do trabalho, às vezes lento, mas sempre firme, que se desenvolve nesses campos; quando uma equipe permanece com um grupo de pessoas deslocadas tempo suficiente para estabelecer amizade, ela pode mostrar-lhes que a vida pode ser boa... e fazer um pouco que fosse para suplementar a assistência física com o intangível, mas igualmente necessário bem-estar psicológico e moral. Sentimos ter feito algo útil, pelo que se mostra na atitude dos poloneses, que, após uma rebelião inicial, permaneceram calmos perante a ameaça de uma remoção para outro campo. ‘Nós só iremos se os Escoteiros britânicos puderem ir conosco’, disse por fim o líder dos poloneses”.

Os Escotistas poloneses em Lübeck não foram, de forma alguma, as únicas pessoas deslocadas que se voltaram para o Escotismo como forma de dar solução aos seus problemas. O relatório do americano Harry K. Eby sobre o trabalho do Escotismo nos campos de pessoas deslocadas na Zona Americana mostra que, por volta de 1946, sete das maiores nacionalidades representadas haviam estabelecido Comitês Escoteiros, e estavam fazendo o máximo para supervisionar o trabalho de seus grupos na sua zona e lugares além dela. O programa que eles elaboraram, consistindo de cursos de treinamento, palestras, coleção de literatura, publicação de revistas Escoteiras e o cumprimento de provas para insígnias, era, ressalta, abrangente e de alta qualidade. No Campo Esslingen, por exemplo, ele descobriu que 165 Escoteiros letões haviam construído um programa muito bem planejado para treinar Chefes Escoteiros, Pioneiros e Comissários, enquanto em Augsburg, os Escoteiros ucranianos, que chegavam a 728 celebraram o 35º aniversário de fundação do Escotismo em seu país. Escoteiros russos da Igreja Ortodoxa Grega haviam construído uma organização “grande e duradoura”, e os poloneses e rutenos brancos<sup>258</sup> na região eram igualmente ativos. Essas várias organizações tiveram sorte suficiente para receber um suprimento de literatura do Fundo Mundial da

---

<sup>258</sup> Da Bielorrússia.

Amizade, que, entre outros livros, remeteu algumas centenas de exemplares do *Guia do Chefe Escoteiro*, que foram muito bem recebidos.

“Caro amigo,

Hoje recebemos os livros enviados. Foi realmente uma boa surpresa. Esses livros nos colocamos na biblioteca da Associação Internacional Escoteira para que desse lugar todo Escoteiro e Chefe possa ter acesso. Os livros são muito necessários para a amizade Escoteira para você e outros irmãos Escoteiros na América sempre seja tão duro e real como nosso maior sucesso. Sempre Alerta! A. ZEMGALS, Chefe Escoteiro Distrital”.

A gramática e a soletração podem ser meio capengas, mas a gratidão é evidente.

A coleção de revistas e periódicos Escoteiros feita pelo Sr. Eby durante sua longa comissão revelou que “muitas delas eram incríveis na composição, *layout* e trabalho artístico, e é difícil apenas de entender como isso foi possível, a não ser pelo zelo e engenhosidade daqueles envolvidos”. As salas de reunião de Tropa, das quais alguns campos tinham mais de uma, “foram decoradas à maneira Escoteira com muito bom gosto, e muitas eram verdadeiras obras de arte com trabalhos rústicos em madeira... e condecorações”. O Sr. Eby sentiu-se gratificado, como todas as pessoas assim devem ficar, ao descobrir que havia forte evidência em cada grupo nacional do desejo, e até da determinação, de pôr-se em contato com outros grupos, tanto que uma Associação Escoteira Internacional fora constituída, e ela foi responsável, no outono de 1946, por um Grande Jogo Internacional em Augsburg. Mais notável que tudo foi o desejo expresso pelos Grupos Escoteiros de Pessoas Deslocadas de reunir-se com Grupos Escoteiros alemães assim que eles se formassem. Algumas dessas reuniões aconteceram, com bons resultados.

Os uniformes Escoteiros foram, na sua maioria, feitos nas oficinas de trabalho dos campos ou nas cabanas, a partir de uniformes do exército alemão e da *Hitlerjugend*. Cada grupo nacional desenvolveu

um conjunto de insígnias, distribuídas pelo devido comitê. O Sr. Eby conclui o relatório com alguns números notáveis. Na Zona Americana, pelos começos de 1947, havia de 12.000 a 15.000 Escoteiros e Chefes Escoteiros. Desses, os polacos, letões e lituanos contribuíram com o maior efetivo, e os rutenos brancos com o menor. Apenas as pessoas deslocadas judaicas permaneceram à parte. O último parágrafo de seu relatório diz: “Mais que tudo me impressionou a vitalidade de um programa que envolve estas pessoas como o Escotismo, e a vitalidade de um povo que, enquanto encarava dificuldades e durezas, às vezes com muito pouca esperança, deu irrestrita devoção à sua juventude. O Escotismo está alcançando uma grande percentagem de seus jovens, em alguns lugares 70 a 80%. Veio a ser uma parte natural e costumeira de suas vidas. À medida que vão constituindo suas escolas, jardins de infância, igrejas e oficinas de trabalho, eles automaticamente montam o seu programa Escoteiro”.

O Escotismo continua entre as pessoas deslocadas nas Zonas Francesa e Britânica na Alemanha, tendo seguido as mesmas linhas de ação que se mostraram tão bem sucedidas na Zona Americana. “Nosso melhor esforço veio meio que sem intenção”, relata o governador britânico de uma colônia de 15.000 poloneses alojados em oito aldeias perto de Minden. “Algumas semanas atrás, eu descobri uns poucos Escoteiros e consegui que eles se reunissem. Temos agora 800 Escoteiros e umas 400 Moças Guias, com uma lista de espera com praticamente o mesmo tanto. Eles são ávidos e interessados. Quando fui para uma confecção alemã e fiz o pedido de um milhar de uniformes Escoteiros, o dono achou que eu estava maluco, mas fez os uniformes”.

Comuns às três zonas de ocupação eram as reuniões gerais entre os líderes, que ocorreram em Augsburg (Baviera), Em Gesslingen (Wurttemberg), e noutros lugares por todo o comprimento e largura da Alemanha, exceto nas partes do país que estavam sob a administração da Rússia Soviética. O solo fora bem preparado, a sementeira feita, e o campo está verde de promessas.

Dentre todas as pessoas deslocadas, as de origem polonesa talvez tenham sido as mais amplamente dispersas. Refugiados polacos fugiram para a Hungria, Romênia, Iugoslávia, até mesmo para a Pérsia (Irã). Eles chegaram lá em 1942, vindos da Rússia<sup>259</sup>, onde haviam sido internados desde a bipartição de seu país dois anos antes. Alguns deles encontraram trabalho naquela notável ferrovia ligando o Golfo Pérsico ao Mar Cáspio, que veio a ser a principal linha de suprimento do mundo exterior para a Rússia; outros sobreviveram miseravelmente em campos que eram “apenas lugares no deserto”, pois os iranianos estavam despreparados para receber essa horda de homens, mulheres e crianças pertencentes a uma raça da qual poucos entre eles sequer tinham ouvido falar. No elevado e desnudo platô da Pérsia Central, gélido no inverno e quente como uma fornalha no verão, eles levaram uma vida de grande dureza, especialmente as crianças e os jovens. “Eles não tinham roupas, nem comida, nem instalações escolares, nem moralidade. Eles eram selvagens, desmazelados, pequenos ciganos”. Mas aqui também o Escotismo mostrou a cara. Alguns jovens Escotistas organizaram um acampamento para crianças, no qual elas podiam jogar, aprender lições, e aquelas que eram atingidas por febre tifóide, disenteria, malária e outras doenças – e eram muitos casos – podiam receber alguma espécie de tratamento hospitalar. Os Escoteiros que se tornaram professores tinham a limitação de uma total falta de livros, papel, canetas ou tinta de escrever. Eles ensinavam de memória, usando uma varinha pontuda na areia do deserto para fazer as vezes de quadro-negro. Por fim, Fogos de Conselho foram acesos, números teatrais representados, e como as crianças agora estavam felizes, o

---

<sup>259</sup> Isso aconteceu não só aos civis, mas também a milhares de militares poloneses, entre os quais o General Wladyslaw Anders, que comandou o Corpo Polonês, que combateu em Monte Cassino (Itália): ficaram internados na Rússia desde 1939, em condições de penúria (sem contar os milhares de militares massacrados na floresta de Katyn) e, quando os exércitos alemães atacaram a União Soviética, em junho de 1941, esta passou para o lado dos Aliados. Então, libertou boa parte dos depauperados poloneses internados para saírem do país pelo Irã. De lá, via Oriente Médio, chegaram à Grã-Bretanha, onde puderam integrar-se às forças Aliadas.

moral dos adultos se elevou. “Muitas pessoas disseram depois que, se não fosse pelo Escotismo, a situação teria sido muito mais séria”, registra modestamente o relatório.

Os mais afortunados dos poloneses achavam-se, em meados de 1942, bem longe da Europa, na Rodésia do Sul<sup>260</sup>. Sua chegada causou certa agitação, Mas o Sr. H. F. Cartmel-Robinson, o Comissário, estava à altura do desafio. Segundo ele fora informado, havia Escoteiros entre os garotos e meninas, e um deles havia sido Líder de Tropa. Ele foi convocado imediatamente para constituir uma Tropa, o que foi feito em Livingstone, onde os Escoteiros polacos se adestravam lado a lado com seus irmãos britânicos mais jovens. Um Grande Acampamento foi realizado, e eles compareceram, e se tornaram “extremamente populares por todo o acampamento... eles cantavam muito bem. Eles aprenderam as palavras em inglês para as letras das canções e assim ensinaram canções polonesas aos Escoteiros britânicos... Eu fiquei profundamente impressionado com o belo espírito de camaradagem entre ambas as partes, a despeito das dificuldades de idioma. Foi um maravilhoso exemplo de fraternidade”. Essa foi a primeira Tropa, e outras foram formadas à medida que mais garotos e meninas poloneses chegavam, com o Comissário cheio de boa vontade incitando todos a “estender a mão em boas-vindas a essas pessoas desafortunadas que sofreram desastres tão terríveis”. E prosseguia: “Eu conclamo todos os Escoteiros e Escotistas a ajudá-los de todas as formas”. O apelo não foi em vão. Em pouco tempo, havia em Lusaka 88 Escoteiros poloneses e 102 Guias (*Girl Guides*) e *Brownies* [equivalente feminino ao Ramo Lobinho]. Os Comissários poloneses em Londres ansiavam por que eles se tornassem bons Escoteiros, e com isso em vista sentiram que o apoio dado pelos Escoteiros britânicos no seu treinamento seria inestimável. Eles não tinham motivo para se preocupar. Ambas as nações se entenderam com facilidade e rapidamente, e a história do Escotismo Polonês na Rodésia foi um conto feliz em sua totalidade.

---

<sup>260</sup> Província Sul de Zâmbia.

Outras crianças polacas foram ainda mais longe, para as montanhas azuis e céus mais azuis ainda da Nova Zelândia, onde foram calorosamente recebidas pelos Escoteiros nativos, que ficaram chocados com sua aparência. “Dava pena ver as expressões envelhecidas e ansiosas em alguns dos rostos muito jovens, e também ver como a carência alimentar e o tratamento impróprio lhes haviam reduzido consideravelmente a vitalidade”. A hospitalidade que lhes foi dada foi tal, que essas marcas de privação logo desapareceram. Eles foram instalados “num velho aquartelamento militar especialmente adaptado para seu uso, em terreno amplo, com fatura de árvores por um lado e uma bela paisagem de colinas azuis do outro. Aqui, também, tudo correu bem, e uma boa sorte semelhante tiveram as pessoas deslocadas judias que chegaram às Ilhas Maurício no começo de 1941. Em pouco tempo, Patrulhas entre elas foram constituídas, e a cada um desses Escoteiros foi fornecida uma camisa branca, um lenço azul, uma bermuda azul e um boné azul enquanto se esperava a chegada de chapéus Escoteiros”.

Relatos como esses lançam um raio brilhante de esperança através de uma Europa que duas grandes guerras em uma geração reduziram a uma condição de escravidão e destituição desconhecida desde a Idade das Trevas. Foi nesses tempos que a influência da religião e a lenta ascensão do cavalheirismo com seu fundamento moral foram aos poucos se fazendo sentidas e conduzindo, por fim, a dias mais felizes. Não seria sábio conjeturar sobre o que poderá nos dias atuais ocupar o lugar dessas influências, mas pode-se dizer com segurança que o Escotismo, com tudo que significa e tudo a que se propõe, com todas as alegrias e responsabilidades que traz aos jovens na idade em que são mais impressionáveis, deve ser, e há de permanecer, um fator principal na recuperação física e moral que a Europa deve alcançar para sobreviver. É uma forma sólida de “certeza” que as nações fariam bem em adotar com tanta rapidez e generosidade quanto possível.

## **CAPÍTULO VIII**

### **REABILITAÇÃO**

#### *O Escotismo nos países derrotados*

Sem dúvida, está cada vez mais próximo o momento em que precisamos preparar-nos para cumprir a mais importante tarefa que temos pela frente: a de restaurar a amizade e a boa vontade em um mundo dividido por inimizade e ódio. Há Escoteiros de ambos os lados no último conflito. Aqueles de nós que estão no lado das Nações Unidas preponderam em número. Acreditamos na justiça de nossa causa. Acreditamos na liberdade dos povos, e particularmente na liberdade do indivíduo. Aqueles que lutaram por seus países no lado do Eixo não devem ser condenados. Muitos deles foram forçados a fazê-lo. Muitos acreditaram na justiça de sua causa. Por isso, eles não merecem perder o direito à nossa consideração e à nossa futura amizade.

“Quando a guerra terminar nosso primeiro sentimento deve ser o de infinita gratidão. Nosso trabalho não estará findo. Na verdade, o trabalho que podemos fazer como Escoteiros vai apenas recomeçar. A primeira pergunta, ‘O que podemos fazer para ajudar nossos aliados que sofreram mais do que nós próprios?’, já está exigindo nossa atenção... Quando estivermos prontos para respondê-la, vamos confrontar-nos com outra questão: ‘O que podemos fazer para ajudar aqueles contra quem combatemos, de modo que a paz e a boa vontade entre os homens possam ser melhor asseguradas?’”.

Assim diz parte de um editorial publicado na edição de novembro de 1942 de *Jamboree*, a publicação da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. Essa opinião está estritamente de acordo com a prédica e a prática do próprio Baden-Powell, que morreu pouco mais de um ano antes de ela ser escrita. É simplesmente correto e apropriado que esta história do Escotismo e dos Escoteiros na guerra se concentre principalmente nas vantagens, durezas, triunfos e lealdades dos Escoteiros britânicos e dos Domínios e dos seus fiéis camaradas nos

países Aliados. Entretanto, retratá-los, e somente a eles, em sua longa, árdua e afinal bem-sucedida luta para preservar os princípios deixados pelo Fundador é dar uma figura incompleta. Havia Escoteiros nos países do Eixo também, e todos ali que buscaram seguir a Lei Escoteira sempre foram reconhecidos e encorajados por seus irmãos em terras mais afortunadas. Pois o Escotismo, sendo internacional, não pode tomar em conta raça ou credo, cor ou fronteira, direita ou esquerda. Aqueles que o professam e o praticam não conhecem barreira intransponível que isole os vencedores dos vencidos, as ovelhas das cabras. Cassetetes de borracha não fazem parte do equipamento de um Escoteiro, e cortinas de ferro não têm lugar em seu acampamento. Mesmo antes da guerra, descobrir e manter contato com alguma forma de Movimento Escoteiro na Alemanha não era coisa fácil. O Escotismo, conforme pregado e praticado pelo Fundador, parece não ter tido muito apelo ao temperamento teutônico, talvez porque desse grande destaque à liberdade pessoal e à iniciativa individual. Não obstante, continuados esforços foram feitos entre 1920 e 1933 para implantar na Alemanha um Movimento Escoteiro que pudesse ser considerado uma organização nacional com objetivos, princípios e métodos num padrão que permitisse sua admissão como membro da Conferência Escoteira Internacional, sob cuja égide se realizam todas as atividades do Escotismo internacional. Membros representativos dos vários grupos alemães de *Pfadfinder* foram convidados para o 2º Jamboree Mundial, na Dinamarca, em 1924, mas eles ainda estavam muito divididos para poderem ser reconhecidos como uma associação alemã do Movimento Escoteiro. Essas divisões e subdivisões continuaram, a despeito dos esforços de muitos alemães individualmente, da participação de vários líderes de *Pfadfinder* em cursos Escoteiros no centro internacional de treinamento em Gilwell Park e da presença de representantes de dois dos mais fortes Grupos de *Pfadfinder* no Jamboree da Maioridade, em Arrowe Park, em 1929.

Em 1933, com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, todos os movimentos juvenis alemães foram compulsoriamente fechados ou absorvidos pela Juventude Hitlerista. Sabe-se, entretanto, que muitos dos Grupos de *Pfadfinder* mais orientados para o Escotismo continuaram a reunir-se em segredo, e que alguns de seus membros sofreram perseguição e aprisionamento. Apesar da Gestapo, um fermento Escoteiro secreto continuou a existir.

Quando os exércitos Aliados ocuparam a Alemanha em 1945, um dos problemas que de imediato tiveram de encarar foi o controle dos bandos de garotos que percorriam o país, uma ameaça à manutenção da disciplina e da ordem pública. Uma contramedida sugerida foi a formação de Grupos Escoteiros, e o Escotismo tornou-se parte integrante da política das autoridades de ocupação<sup>261</sup>. Essa solução foi firmemente rejeitada pelas autoridades Escoteiras, que a consideraram fatal para o objetivo de desenvolver um Movimento Escoteiro autóctone e espontâneo na Alemanha, sob a liderança dos próprios alemães. Tal Movimento poderia vir a servir à Alemanha e ao mundo num prazo de cinco a sete anos.

Entretanto, as dificuldades para se promover e encorajar esse surgimento mostraram-se bem grandes. Não era apenas o passado pré-nazista que permanecia no caminho, com seu registro de divisões e incertezas, mas a Alemanha conquistada fora dividida em quatro zonas de ocupação, sob quatro administradores diferentes, que logo, sob as pressões do tempo de paz, perderam a unidade que haviam mantido durante a guerra. Na Zona Oriental, sob o domínio da Rússia Soviética, nenhuma forma de Escotismo, conforme entendida pelos seguidores de Baden-Powell, era possível. A organização denominada Juventude Alemã Livre era politicamente orientada desde o início, e assim permaneceu<sup>262</sup>. Na Zona Francesa, foi dada autorização para constituir

---

<sup>261</sup> Do lado ocidental (zonas ocupadas por França, Grã-Bretanha e Estados Unidos).

<sup>262</sup> De 1945 a 1990, a Alemanha permaneceu dividida. A República Democrática Alemã, ou Alemanha Oriental, com capital em Berlim, ficou sob o domínio da União Soviética. A República Federal Alemã, ou

Grupos Escoteiros nativos, mas os garotos ainda não foram autorizados [1948] a usar uniforme, e “apenas num estágio mais avançado poderá ser iniciada a formação de uma organização federal”. Na Zona Britânica, as autoridades decidiram que, por ora, o Escotismo deveria ser deixado de fora dos programas educacionais e de reabilitação, sendo o principal argumento o medo de que os alemães pudessem usar o Escotismo como cobertura para a perpetuação da Juventude Hitlerista.

Apenas na Zona Americana o Escotismo foi encorajado desde o início, mas sob supervisão americana. Aqui, como foi na Alemanha antes de 1933, as divisões começaram a aparecer e ainda continuam a existir. Em geral, as perspectivas atuais para o Escotismo na Alemanha, com os jovens alemães, em contraposição ao que ocorre com as pessoas deslocadas, não são lá muito brilhantes<sup>263</sup>. Não obstante, no verão de 1947, tomou-se a decisão de autorizar o treinamento de Chefes Escoteiros alemães na Zona Britânica. As Associações Escoteiras Nacionais das Potências Ocupantes e Comissões de Controle nas três Zonas Ocidentais começaram a dar toda assistência ao seu alcance aos Escoteiros alemães, que, a despeito de dissensões internas e discussões externas, continuam a crescer em número. A ajuda consiste no provimento de instalações para treinamento, em assessoria às Agências de Controle da Educação e Atividades Juvenis, e no fornecimento de literatura e de quantidades limitadas de equipamento. Após um interregno de 14 anos, há, naturalmente, grande carência de equipamento Escoteiro, como barracas, utensílios de cozinha, etc.

Há muito ainda por fazer quanto à ressurreição e reabilitação do Escotismo na Alemanha. No passado, ele certamente abriu um caminho de fraternidade para a juventude germânica, e não foi por culpa dos

---

Alemanha Ocidental, com capital em Bonn, ficou sob a influência dos Aliados Ocidentais, e poucos anos depois veio a fazer parte da OTAN e dos blocos econômicos da Europa Ocidental. Em 1990, ocorreu a reunificação, com a capital da nova República Federal Alemã instalando-se em Berlim.

<sup>263</sup> O tempo foi o remédio para o que aqui se afirmou, e a Associação Escoteira alemã-ocidental cresceu e se tornou forte e sadia, expandindo-se para o leste após a reunificação.

Escoteiros noutros países que esse caminho foi barrado: o Escotismo Mundial anseia pela ocasião em que será possível assegurar a existência de alguma Associação Escoteira Alemã reconhecida e registrada. Ainda é cedo para conceber a forma que uma tal Associação tomaria, federativa ou outra. Mas intenção é de criá-la. Esse é o objetivo, o plano.

As duas Associações Escoteiras italianas, o *Corpo Nazionale Giovani Esploratori Italiani* e a *Associazione Scoutistica Cattolica Italiana*, eram Membros Fundadores da Conferência Escoteira Internacional em 1920. O Escotismo italiano continuou a desenvolver-se e a ser um importante fator no desenvolvimento do caráter individual dos garotos italianos até 1928, quando Benito Mussolini fundou a *Opera Nazionale Balilla* e “aboliu<sup>264</sup> todas as outras organizações juvenis exceto esse Movimento estatal”. Algumas ferramentas do treinamento Escoteiro foram adotadas ou adaptadas para o programa *Balilla*, mas todas as oportunidades para expressão individual foram suprimidas. Entretanto, o Escotismo continuou a existir secretamente. Chega a haver evidências que mostram que reuniões Escoteiras ocorriam na sala acima da famosa sacada que comanda a *Piazza Venezia*<sup>265</sup>. Um Clã Pioneiro forte foi mantido em Milão; antigos Escoteiros continuaram a se reunir como se fizessem simples encontros de amigos; padres italianos partindo como missionários para a África haviam passado por cursos de treinamento em Gilwell Park. Como era natural e possível, os Escoteiros continuaram a reunir-se na Cidade do Vaticano, e mais de uma Assembleia Escoteira se realizou ali, proibidos que eram tais eventos em outros lugares nos países do Eixo.

Assim, o espírito do Escotismo nunca morreu na Itália. Foi passado de amigo para amigo, de pai para filho, de irmão mais velho

---

<sup>264</sup> Como dito anteriormente, na Itália o Escotismo não foi suprimido devido ao seu apoio pelo Papa, mas foi grandemente enfraquecido e desestimulado. Similarmente ocorreu no Japão.

<sup>265</sup> O *Palazzo Venezia*, em Roma, foi o local de onde Mussolini proferiu seus mais famosos discursos para a multidão amontoada na praça em frente.

para irmão mais novo. Os Escoteiros italianos se fizeram presentes, novamente de maneira dissimulada, em duplas e trios, nos sucessivos Jamborees Mundiais em Arrowe Park, em 1929, em Gödöllő, Hungria, em 1933, e em Vogelensang, Holanda, em 1937. O Escoteiro-Chefe Mundial, Baden-Powell, foi apresentado a um desses rapazes em Vogelensang, o qual veio a ser o líder dos *Aquila Randaggia* em Milão, um grupo que teve importante papel na luta dos *partigiani* no norte da Itália e que foi um grande auxílio para muitos soldados e aviadores Aliados fugirem para a Suíça. Esse grupo de homens era quase inteiramente constituído por antigos Escoteiros, que, com o risco e por vezes a perda da própria vida, mantiveram vivo o espírito do Escotismo e da liberdade.

Na Sicília, o Escotismo rebrotou assim que os Aliados libertaram a ilha. Dos escuros recessos das criptas de igrejas onde haviam dormido por 15 anos, flâmulas Escoteiras foram novamente trazidas às ruas, e insígnias Escoteiras, algumas vestidas pelos seus detentores, outras pelos filhos de seus falecidos detentores, faiscavam sob o sol brilhante. Tais cenas se repetiram por toda parte na Itália continental, à medida que campo a campo, cidade a cidade, a Liberdade caminhava lentamente rumo ao norte. Quando Roma foi libertada e Conselhos Escoteiros voltaram a poder ser realizados, foi enviado requerimento ao Escritório Internacional Escoteiro para renovar o registro das duas Associações, que nesse ínterim haviam concordado em constituir uma federação unida. Em 1944, os Escoteiros Italianos foram readmitidos na Fraternidade Mundial sob a *Federazione Esploratori Italiani*, e em 1947 seu efetivo subira para 65.000. Em maio daquele ano, o Diretor do Escritório Internacional Escoteiro fez uma visita de dez dias à Itália, durante a qual ele se encontrou com quantidades consideráveis de Escoteiros em Vicenza, Veneza, Milão, Brumate, Como, Bolonha, Florença, Nápoles, Pompeia, Castellamare, Bari e Roma.

Ele descobriu, como esperava, que os padrões do Escotismo diferiam de um lugar para outro, e em grau menor, entre os membros

das duas Associações. Foi em Roma e sua vizinhança que o desenvolvimento foi mais completo, com Milão pouco atrás, seguida de perto por Bari e Veneza. A popularidade do Escotismo em Bari deveu muito às atividades e ao encorajamento dados pelo Clã de Pioneiros das Forças Armadas Britânicas, ainda recordado com gratidão, cujos trabalhos manuais ainda aparecem nas sedes de várias Tropas. O Papa expressou ao Diretor do Escritório Internacional seu grande reconhecimento pelo Escotismo e sua influência sobre o caráter e fibra moral dos jovens. Isso foi da maior importância, particularmente no momento atual, quando toda força direcionada para o bem deve ser sustentada e fortalecida. Ele autorizou que essa mensagem de reconhecimento fosse dirigida a todos os Escoteiros ao redor do mundo, independentemente de suas crenças religiosas, e deu sua bênção ao Escotismo Mundial. O Movimento não poderia pedir mais elevado louvor ou encorajamento.

Há sempre o perigo de um sistema compulsório de educação juvenil seja atraído pelo método Escoteiro. Mussolini fez isso no movimento *Balilla*, e é uma arma óbvia no arsenal de um ditador. Contra esse perigo, Baden-Powell continuamente emitia um sinal de alerta: “O Escotismo é contraído, não ensinado (*Scouting is caught, not taught*)”, dizia ele. “O Escotismo vem de dentro – não pode ser imposto de fora”. O Escotismo cresceu e se espalhou com uma espontaneidade natural que não fora prevista pelo Fundador. Nenhum esforço foi jamais feito para forçar o seu crescimento, não se lançou nenhuma campanha de propaganda. Em nenhum lugar mais que na Itália foi mais contundentemente ilustrada a veracidade desse fenômeno. Em todo lugar no país, assim que o fascismo foi destruído, o Escotismo levantou a cabeça e provou que era capaz de reerguer-se por sua própria livre escolha e que não havia necessidade de forçar o seu crescimento.

A Áustria, tal como a Itália, também foi Membro Fundador da Conferência Escoteira Internacional. Escoteiros austríacos das duas Associações reconhecidas – *Österreichischer Pfadfinder* e

*Österreichisches Pfadfinderkorps St. Georg* – participaram em todas as atividades internacionais e conferências. Então, em 1938, veio o *Anschluss* (anexação pela Alemanha), para pôr fim ao Escotismo na Áustria. Um ataque resoluto foi feito sobre os membros e propriedades de ambas as Associações: sedes foram depredadas, Escotistas foram aprisionados e mandados para campos de confinamento onde muitos pereceram. Entretanto, alguns conseguiram escapar e continuaram a praticar o Escotismo em outros países, dos quais mais de um deve os atuais padrões e a permanência de seu Escotismo aos refugiados Escoteiros austríacos. Como resultado da perseguição, apenas se podia encontrar um punhado de antigos Chefes Escoteiros na Áustria quando ela foi libertada em 1945, mas eles começaram imediatamente a planejar o renascimento do Escotismo austríaco. Primeiro, eles decidiram que era contrário ao espírito do Escotismo ter duas Associações Nacionais separadas, e assim constituíram uma única Associação Escoteira unida. Apesar do encorajamento sustentado pela opinião pública, que de todo coração apoiava o ressurgimento de uma organização Escoteira nacional, levou um ano antes que quaisquer passos pudessem ser dados para assegurar a readmissão na Organização Escoteira Internacional, pois a divisão do país em quatro zonas de ocupação separadas atrapalhou esse desenvolvimento. As organizações educacionais das três Comissões de Controle Ocidentais foram encorajadoras e colaborativas, mas reuniões e conferências se mostraram coisas difíceis de montar. Apesar de tudo, realizou-se uma Conferência Nacional em Viena, no primeiro fim de semana de novembro de 1946, e nela veio a boa notícia de que os Escoteiros da Áustria haviam sido novamente admitidos como membros plenos da Conferência Escoteira Internacional. Pela primavera de 1947, já havia uns 5.000 Escoteiros nas três Zonas Ocidentais da Áustria, e grandes cuidados estavam sendo tomados para que sua liderança fosse consistente. O conselho de Baden-Powell – “Devagarinho, devagarinho é

que se apanha o macaquinho<sup>266</sup> - é o guia para as autoridades Escoteiras.

Na Áustria, como na Itália, provou-se o valor dos velhos Escoteiros, e eles deram uma sólida fundação sobre a qual o edifício do Escotismo pode ser reconstruído. Muitos dos atuais Escotistas austríacos foram prisioneiros de guerra em países Aliados. Um contingente austríaco, pequeno mas muito bom, participou do Jamboree da Paz, na França, em agosto de 1947, e o Escoteiro-Chefe da Áustria foi eleito como membro do novo Comitê Internacional Escoteiro. A Áustria e a Itália foram, ambas, ajudadas pelo conhecimento de que elas têm precisamente a mesma postura que qualquer outro país com relação ao Escotismo Mundial. Em tal mundo, não há grandes potências, nem pequenas potências. Cada “país Escoteiro”, qualquer que seja seu tamanho, tem o mesmo número de representantes, com os mesmos poderes de qualquer outro “país Escoteiro”, e nos círculos Escoteiros Liechtenstein e os Estados Unidos estão no mesmo patamar.

A Hungria juntou-se à Fraternidade Escoteira Mundial antes do 2º Jamboree Mundial, de 1924. Naquela ocasião, a Tropa húngara obteve o 4º lugar na Competição Internacional, que foi uma característica única daquele Jamboree. Os Escoteiros da Hungria começaram bem, e vinham num crescendo até que irrompesse a Segunda Guerra Mundial. O Conde Paul Teleki, Escoteiro-Chefe Honorário e Chefe de Campo no Jamboree de Gödölö em 1933, que foi por muitos anos membro do Comitê Internacional, foi seu maior personagem. As dificuldades que ele teve de combater foram mencionadas no Capítulo III, e ele lidou com elas à maneira de um homem criado numa tradição que é dificilmente compreensível para uma geração que duas guerras ensinaram a odiar seus inimigos e a usar todo e qualquer meio para superá-los.

---

<sup>266</sup> Apreendido com os ashantis, já mencionado no capítulo II.

Em 1940, os Escoteiros da Hungria tiveram muita oportunidade de praticar o 4º artigo da Lei Escoteira: “O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros, sem importar a que país, classe ou credo o outro pertença”. Muitos Escoteiros húngaros disseram: “Como poderiam eles considerar os inimigos de seu país como seus irmãos?”. O Conde Teleki ensinou-lhes como. Ele contou que “em 1914, eu entrei em Macsava com o Exército de Kraus. Eu estava junto à primeira ponte militar lançada sobre o rio Sava. Atrás de mim estavam alguns velhos Hussardos, homens da Guarda de Fronteira. Ouvi um deles dizer aos camaradas, com o cachimbo entre os dentes: ‘Esses sérvios são realmente inimigos bravos. Dá gosto combatê-los’. Assim é, que quando encontro um homem que está combatendo por seu país honesta e conscienciosamente, eu sinto que há alguma espécie de vínculo espiritual entre nós. Eu olho para ele, curiosamente, como meu camarada e meu irmão. Da mesma forma que o velho Hussardo falou, do fundo de sua alma húngara, sobre o inimigo valoroso. Quando dizemos que todo outro Escoteiro é nosso irmão, pressupomos que aqueles que hoje são nossos inimigos estão servindo fielmente seu país, com toda honra, como seu dever Escoteiro. Aquele que não serve não é Escoteiro nem nosso irmão. Eu estimo tanto como a mim mesmo aquele que honestamente serve às necessidades de seu país. De todo coração, assino embaixo desse artigo da Lei Escoteira”. Qualquer que seja o ponto de vista sobre esses sentimentos, eram os de um homem honesto e honrado.

Após a morte de Paul Teleki, a Organização Escoteira Húngara continuou a existir, mas sua liderança havia mudado e adquirido um ligeiro toque de fascismo. Entretanto, a Associação ainda estava devidamente registrada no Escritório Internacional, mesmo que fosse difícil chegar informação sobre ela. No verão de 1946, a Associação foi dissolvida por decreto do governo húngaro, mas após um curto intervalo foi autorizada a recomeçar. Essa pausa tornou necessário que o Comitê Internacional conduzisse algumas investigações difíceis, mas finalmente

houve a resolução, em março de 1947, de considerar a atual organização Escoteira na Hungria – a *Magyar Cserkészfink Szövetsége* – como herdeira da antiga Associação reconhecida, e de convidar os Escoteiros Húngaros para comparecerem ao Jamboree da Paz e à 11ª Conferência Internacional Escoteira, em agosto seguinte. Um contingente húngaro e uma delegação fizeram-se devidamente presentes em Moisson, e a Conferência confirmou unanimemente a decisão do Comitê. O censo atual de Escoteiros na Hungria é de 30.000, contra cerca de 60.000 que eram em 1939.

A quantidade de Escoteiros que havia na Bulgária em 1939 era ligeiramente maior que 6.000 membros. Também eles existiam desde antes de 1920, mas o Movimento foi extinto naquele país durante a guerra, ainda não foi reativado, e nenhuma informação foi recebida de qualquer dos antigos líderes. Mas em fins de 1947, dois contatos separados haviam sido feitos com antigos Escoteiros.

A Associação Escoteira Romena foi das primeiras a se registrarem junto ao Escritório Internacional. Ela foi incentivada pelo ex-Rei Carol; o ex-Rei Miguel, seu herdeiro, era um membro e, enquanto era educado na Inglaterra, tomou parte em vários encontros Escoteiros. Entretanto, em 1937 o Rei Carol fundou a *Starja Tarii* (Guardiões da Pátria) como movimento juvenil romeno, baseado nas mesmas ideias e sistema usados pelo Movimento Escoteiro. A *Straja Tarii* coordenava todas as organizações juvenis no país, inclusive os Escoteiros; mas, mesmo reconhecendo sua dívida de gratidão para com o Escoteiro-Chefe e o Escotismo, percebeu-se por fim como inapta a permanecer como uma Associação registrada junto ao escritório Internacional Escoteiro. Entretanto, um acordo de reciprocidade foi assinado em 1938, e um delegado representando a *Starja Tarii* se fez presente à 10ª Conferência Bienal Internacional em Edinburgh, em julho de 1939. Subsequentemente, a Romênia foi induzida a aderir ao Eixo, e as comunicações foram cortadas. Desde o fim das hostilidades, foram recebidas uma ou duas mensagens de antigos Escoteiros romenos

expressando a resolução de reativar o Escotismo, mas, assim como a Bulgária, a Romênia permanece à parte e isolada atrás da Cortina de Ferro<sup>267</sup>.

O Movimento Escoteiro foi reconhecido no Japão sob o nome *Dai Nippon Syonendan Renmei*. Sabe-se comparativamente pouco sobre seu verdadeiro caráter, mas contingentes japoneses com muito jeito de Escoteiros compareceram aos sucessivos Jamborees Mundiais. Um de seus líderes foi por alguns anos membro do Comitê Escoteiro Internacional. Em 1937, o número de Escoteiros japoneses foi dado como sendo 36.000, mas por volta de 1939 eles evidentemente sofreram uma brusca queda no efetivo, pois apenas uns 3.000 Escoteiros foram relatados como estando ativos. A essa altura, como em todo país que abraçou ideais totalitários, um movimento juvenil estatal tinha sido constituído, e os Escoteiros, gradualmente ou compulsoriamente foram se incorporando a ele. Sabe-se que alguns Chefes Escoteiros isolados sobreviveram ao banimento, e notícias recentes informam que eles estão dispostos a reativar o Escotismo no Japão. O Escotismo na Coreia mostrou sinais de renascimento, mas ainda é muito cedo para determinar se esse renascimento será verdadeiramente segundo as linhas Escoteiras. No próprio Japão, alguns Grupos foram formados, e espera-se que a permissão para formar mais seja dada no devido tempo. Os Escoteiros japoneses, garotos e homens, mostraram-se muito adaptados aos métodos e práticas do Escotismo, e nos dias pretéritos deram prova de que muitos deles pegaram o seu espírito.

O renascimento desse espírito é tão necessário para o futuro bem-estar do Japão quanto o é para os outros países derrotados onde o vírus do fascismo trouxe tantos danos. O Escotismo, com sua ênfase na liberdade do indivíduo, em treinar os garotos para ver, pensar e agir por

---

<sup>267</sup> Bulgária e Romênia, tendo ficado na órbita soviética desde o imediato pós-guerra, tiveram instalados regimes autoritários que perduraram até o final dos anos 1980. Emblemático foi o caso do ditador da Romênia, Nicolae Ceausescu, instalado no poder em 1965, deposto em fins de 1989 e fuzilado na noite de Natal daquele ano.

si próprios, é incompatível com a ideia de ser o indivíduo um servo do Estado e de o Estado ser tudo. Era lógico, portanto, que um Estado governado segundo linhas totalitárias tivesse que inevitavelmente proibir o cumprimento dos propósitos do Escotismo e a prática de seus princípios e métodos. Agora que a doença do fascismo foi debelada, o Escotismo parece ser uma medida profilática óbvia contra uma eventual recidiva.

## CAPÍTULO IX

### ENTUSIASMO

#### *O Movimento e seu significado*

Platão afirmava ser “uma educação em virtude desde a juventude que faz um homem desejar ser o cidadão perfeito, e ensina-lhe como governar com justiça e como obedecer”.

Então, o que é esse Movimento que, com toda a *coragem* da juventude, guiado pelo *empreendedorismo* do seu Fundador, organizou-se quase sem perceber para conquistar o mundo? Que poder e *propósito* há no Escotismo, que pôde sustentar seus praticantes durante anos de prisão, tortura e opressão por um povo estrangeiro, e deu-lhes *resolução* para lutar e *resistência* para aguentar até o fim? Por que ele conseguiu estabelecer uma *parceria* entre pessoas cuja felicidade repousa na *certeza* de poder e de fato apoiar e sustentar uns aos outros? Por que é o Escotismo considerado um fator importante na educação e *reabilitação* da juventude anteriormente fascista e nazista? Por que ele se destaca entre tanto *entusiasmo* e *devoção*?

Cada uma das questões feitas aqui contém um ou mais dos títulos usados nos capítulos deste livro. Nenhum deles está fora de lugar. Eles denotam os ideais que o Escotismo defende ou o serviço que ele presta. Talvez seja na feliz combinação de ambos que resida a força do Escotismo.

O Escotismo é um jogo para os rapazes, um trabalho para os adultos – “uma escola de cidadania por meio da vida mateira”, como o descreveu B-P – e, apesar de não aparentar isso exteriormente, as apostas pelas quais se joga são altas, nada menos que treinar um garoto para tomar, não um lugar, mas *seu* lugar numa civilização das mais complexas que o mundo já viu. Os desejos naturais de um jovem ganham uma válvula de escape prática e atraente, e por essa forma imprime-se nele uma solidez de caráter que, como este livro procurou demonstrar, é de uma qualidade feita para durar. Via de regra, ele não

tem consciência do que está por trás de seu treinamento; para ele, é um jogo praticado entre amigos, às vezes excitante, às vezes desconcertantes, mas a todo o tempo absorvente, cativante. Só quando ele cresce é que pode perceber que seus mestres estavam buscando facilitar-lhe “tornar-se uma pessoa de bem”, *Kalos Kagathos* do ideal grego, o possuidor da “virtude”, qualidade que os antigos romanos reputavam essencial, “um homem honrado, com autodisciplina, autoconfiante, com vontade e capacidade para servir à comunidade”.

Desde o início é apresentado ao garoto um padrão de conduta que, quando foi pela primeira vez trazido a público, provocou o riso de alguns, o louvor de muitos, e, agora que foi testado literalmente no fogo da tortura, a admiração de todos. Trata-se da Lei Escoteira<sup>268</sup>:

- 1) A honra para o Escoteiro é ser digno de confiança.
- 2) O Escoteiro é leal ao seu Rei, à sua Pátria, aos seus Chefes, pais, empregadores e subordinados.
- 3) É dever do Escoteiro ser útil e ajudar o próximo.
- 4) O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros, independentemente de nação, classe ou credo.
- 5) O Escoteiro é cortês.
- 6) O Escoteiro é amigo dos animais.
- 7) O Escoteiro é obediente aos seus pais, líderes e Chefes.
- 8) O Escoteiro sorri e assobia na adversidade.
- 9) O Escoteiro é econômico.
- 10) O Escoteiro é limpo no pensamento, na palavra e na ação.

E segue-se a Promessa Escoteira, que o jovem faz ao ingressar na Fraternidade Mundial:

“Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível: para cumprir meu dever para com Deus e o Rei; ajudar o próximo em qualquer ocasião; obedecer à Lei Escoteira”.

---

<sup>268</sup>Tradução acompanhando o texto britânico.

A ordem desses itens da Promessa é importante. “Dever para com Deus” é a base da religiosidade, e apesar de o Movimento Escoteiro não ser vinculado a nenhum credo, os jovens são encorajados a cumprir suas obrigações com a igreja ou crença a que pertencem. “Dever para com o Rei [para com a Pátria]” sintetiza o senso de responsabilidade perante a comunidade, que é o principal objetivo educacional do Escotismo [e a obediência à Lei Escoteira, a observância de regras de boa convivência social]. O texto dessa promessa é diferente em países que não são monarquias<sup>269</sup>, mas a ideia essencial de lealdade aos poderes constituídos permanece. A boa ação diária – provavelmente a mais conhecida característica do Movimento Escoteiro – é o primeiro passo para aprender como “ajudar o próximo”, como praticar a virtude chamada altruísmo, tão louvada e tão raramente encontrada.

A Lei e a Promessa não são aprendidas por *decoreba*, mecanicamente, mas sim pela prática. Os jovens e muitos adultos aprendem mais fazendo coisas do que meramente escutando. É um princípio fundamental do Escotismo que o garoto, esforçando-se por alcançar o ideal que se lhe apresenta, aprenda a disciplinar a si mesmo.

Tendo o jovem feito a Promessa, presume-se que ele fará o seu melhor esforço para viver de acordo com ela, e essa presunção é um grande fator de fortalecimento da resolução. Mais ainda, o Sistema de Patrulhas, pelo qual os jovens de uma Tropa são divididos em pequenas unidades de seis a oito integrantes, tendo como encarregado um Monitor, traz reforço eficaz àqueles que até então eram acostumados a não levar promessas muito a sério [passam a receber a pressão dos pares]. O Monitor recebe responsabilidade considerável quanto ao treinamento dos membros de sua Patrulha e, com os outros Monitores, quanto à organização da Tropa. Os Monitores constituem uma Corte de

---

<sup>269</sup> Na Grã-Bretanha, como em outras monarquias, o monarca é a personificação da unidade nacional e da constituição do Estado. Não mais na visão do poder personalista, como no tempo do absolutismo, mas sim como símbolo da nação.

Honra que se reúne regularmente para planejar e discutir as atividades da Tropa. Nas etapas iniciais do treinamento, o Chefe Escoteiro faz grande parte do trabalho, mas à medida que a Tropa vai-se tornando mais experiente, ele deve passar as incumbências para os Monitores. O sucesso desse método se demonstrou durante a guerra, quando as Tropas não tiveram grande dificuldade em continuar suas atividades sob a liderança dos Monitores, uma vez que os Chefes haviam deixado as Tropas para ingressar nas Forças Armadas. O Sistema de Patrulhas satisfaz o instinto dos garotos para se juntarem num bandinho ou “sociedade secreta”, inofensiva ou danosa conforme seu ambiente e suas condições de vida familiar. O Escotismo direciona esse instinto para bons propósitos, oferecendo sem timidez à Patrulha, romance e aventura, um uniforme, expedições aventureiras, o mundo de Mercúcio<sup>270</sup> de “brechas, emboscadas, lâminas espanholas” transformado em um “faz-de-conta” recheado com experiência e que nutre a autoconfiança, a coragem e a engenhosidade.

O primeiro trabalho de um Chefe Escoteiro é verificar que essa natural busca por romance e aventura seja satisfeita. Isso pode parecer tarefa impossível nas estreitas ruas de uma cidade, mas a experiência já provou que um Chefe criativo pode satisfazer essa necessidade no arcabouço das atividades sugeridas em *Escotismo para rapazes*, qualquer que seja o ambiente em que a Tropa exista. Ninguém pode realmente entender o Movimento se não ler atentamente esse livro. Uma olhada aos títulos das “Conversas de Fogo de Conselho” indica a natureza geral do treinamento vivencial: Vida ao Ar Livre; Pioneirias; Campismo; Observação; Tocaia de Animais; Plantas; Hábitos Saudáveis...

O Escoteiro não aprende esses temas por meio de aulas ou palestras. Todos eles são parte de um grande jogo, com toda a alegria trazida pela sua prática em ambientes fechados ou de ar livre, e toda a

---

<sup>270</sup> Personagem de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, dado a brigas e duelos.

camaradagem [do convívio com os demais]. O Escotismo é primordialmente um jogo de ar livre, e nas tardes de sábado, ou nas noites de verão, ou nos fins de semana e no acampamento anual, o garoto se transforma num verdadeiro Escoteiro, habilitado para cuidar de si mesmo, atento às histórias que os bosques e campos contam, onde aprende cada vez mais a cada nova expedição, um caçador tão poderoso quanto Nimrod<sup>271</sup>, e no inverno, quando os jogos têm de ser praticados em recintos fechados, um inventor tão engenhoso quanto Ulisses<sup>272</sup>.

Um sistema de distintivos e insígnias leva um Escoteiro de uma conquista prática à outra. Os distintivos são de dois tipos: os concedidos por eficiência [progressão] e os concedidos por proficiência [especialidades]. São numerosos, e muito cobiçados. Os do primeiro tipo são conquistados gradativamente, pelo Pata-Terra, cuja idade mínima é de 11 anos, depois pelo Escoteiro de 2ª Classe, e finalmente pelo Escoteiro de 1ª Classe. É preciso ser aprovado nas provas de eficiência [etapas de progressão] para qualificar-se para esses vários níveis., mas o Escoteiro pode também conquistar distintivos de proficiência [especialidades] à sua própria escolha. Alguns destes são conhecidos como Especialidades de Escoteiro da Pátria, pois referem-se à habilitação em vários tipos de serviço público; dessas, as mais importantes são: Socorrista, Combatente do Fogo, Faz-Tudo, Guia, Sanitarista e Resgatador. Outro grupo de distintivos, como Explorador, Tocaia, Rastreador, Mateiro, Naturalista, Pioneiria, Astrônomo e Meteorologista, estimulam o Escoteiro a especializar-se em atividades de ar livre peculiares ao Escotismo<sup>273</sup>. Para certificar a sua conquista, pode ser concedida a Correia de Mateiro. Há, ainda, especialidades que intentam encorajar os garotos a desenvolverem uma habilidade ou

---

<sup>271</sup> Personagem bíblico descendente de Cam. Grande caçador e governante poderoso (Gênesis, capítulo 10).

<sup>272</sup> Personagem da guerra de Tróia, famoso pela sua sagacidade.

<sup>273</sup> Não obstante sua muitas vezes inesperada utilidade em outros ambientes.

hobby, que podem ou não ajudá-lo a escolher seu ganha-pão, mas que certamente lhe darão passatempos bem agradáveis para suas horas livres. Entre elas, pode-se mencionar: Artista, Encadernador, Acampador, Carpinteiro, Cozinheiro, eletricista, Engenheiro, Horticultor, Músico, Fotógrafo e Radioperador.

Ao longo do treinamento, dá-se grande ênfase à saúde, e cada Escoteiro é pessoalmente responsável pela preservação de sua boa saúde e desenvolvimento físico. O objetivo desta regra é menos o de prover treinamento físico formal que o de inculcar hábitos salutarres. Não se encoraja o desenvolvimento de grandes músculos ou da execução de exercícios complicados, mas sim a percepção de que a saúde se mantém por seguir bons hábitos corporais, praticar exercícios, ter alimentação simples e equilibrada e ter boas noites de sono.

O Escotismo não se preocupa apenas com os garotos normais; ele se interessa também por aquele que pode ser cego, aleijado ou portador de alguma deficiência que lhe impeça ingressar na vida ativa do garoto normal. Um programa para Escoteiros Deficientes [Escotismo de Extensão] mostrou-se bem-sucedido. Graças a esse tipo de ação, esses garotos tornam-se hábeis a ocupar lugar – frequentemente um lugar destacado – junto a seus camaradas mais afortunados.

Conquanto o cuidado e treinamento dos garotos de 11 a 18 anos tenha sido e sempre será a primeira preocupação do Movimento, houve alguns desenvolvimentos derivados de demandas especiais. Meninos mais novos desejavam tornar-se Escoteiros, então constituiu-se para eles o Ramo Lobinho, para as crianças entre 8 e 11 anos. Suas atividades foram estruturadas dentro das imaginativas histórias de Mowgli no *Livro da jãngal*, de Kipling. Os rapazes mais velhos queriam continuar no Movimento como jovens adultos, então criou-se o Ramo Pioneiro, destinado àqueles com idade a partir de 17 anos. Suas atividades são as dos Escoteiros, com nível maior de exigência – jornadas, escaladas, pioneirias, e por aí vai. O treinamento teórico que recebem é fundado nas demandas de cidadania, e é dada ênfase

especial à responsabilidade pessoal como membro da comunidade [tendo como livro orientador *Caminho para o sucesso*, publicado por B-P em 1922]. Os Escoteiros do Mar dedicam muito de sua atividade à marinharia e navegação; os Escoteiros do Ar especializam-se em tudo que se liga ao voo [além da Aviação, da Aeronavegação, da Meteorologia e da Ornitologia, o Escotismo do Ar trabalha com atividades ligadas à Astronomia, à Astronáutica e às Radiocomunicações].

Por este pequeno resumo percebe-se que, a persistir-se no treinamento Escoteiro, ele é uma grande influência na vida de um rapaz, desde os 8 anos de idade até o início de sua vida adulta, com uma etapa de treinamento levando à próxima. Há dois pontos de mudança que são reconhecidos como psicologicamente importantes, aos 11 e aos 18 anos<sup>274</sup>. Os garotos, é claro, entram e saem do Movimento em idades variadas, mas pode-se dizer com bastante segurança que qualquer garoto que tenha passado cinco ou seis anos como Lobinho e Escoteiro obteve benefício considerável do Escotismo, mesmo se ele sai antes de alcançar a idade de Pioneiro. A progressividade do treinamento, se o jovem responder a ele – e se não o faz, o interesse esmorece e ele deixa o Movimento – faz dele um indivíduo cada vez mais habilitado para cuidar de si próprio e possibilita-lhe descobrir capacidades que nunca suspeitou ter, e interesses que doutra forma teriam passado despercebidos. Além e acima de tudo está o fato de que, não importa quão longa ou breve tenha sido sua vida Escoteira, ele foi treinado para prestar atenção às necessidades e aspirações dos seus companheiros, e aprendeu algo sobre a felicidade de servir.

No papel, a organização do Movimento Escoteiro parece formidável: na prática, ela é simples e baseada no princípio da

---

<sup>274</sup> Psicologicamente, é importante estabelecer marcos identificáveis relativos às etapas pelas quais o ser humano vai passar, com seus correspondentes níveis de capacidade cognitiva e responsabilidade. A divisão nas faixas etárias (Ramos), com a passagem de uma etapa para outra, busca dar à pessoa essa clareza quanto a saber “em que lugar se encontra e quais as formas de agir compatíveis com essa fase da vida”.

descentralização. O Grupo é a unidade mais importante. Há-os de dois tipos: o vinculado, que se forma em associação direta com uma igreja, escola ou outra instituição e que prioriza o atendimento aos jovens que a ela pertençam; e o Grupo “aberto”, que não tem tais afiliações. Um Grupo consiste de uma Alcateia (8 a 11 anos), uma Tropa Escoteira (11 a 15 anos), que tem ainda a opção de ser no todo ou em parte de Escoteiros do Mar ou do Ar, uma Tropa Sênior (15 a 18 anos) e um Clã Pioneiro (18 a 25 anos). Alguns Grupos constituem uma Associação Local – a área compreendida depende da conveniência local; um Distrito, coordenado por um Comissário, pode conter uma ou mais Associações Locais. Cada Distrito é parte da Organização Regional, sob a coordenação do Comissário Regional e do Conselho Regional, que são os representantes do Escoteiro-Chefe e respondem perante ele e a Sede Imperial, em Londres. Cada unidade, da Sede Imperial ao Grupo, deve financiar suas próprias atividades, seguindo o princípio geral de que cada unidade deve ser autossustentável.

O Escritório Internacional<sup>275</sup>, constituído em 1920, promove a cooperação e o entendimento entre as Associações Escoteiras de todos os países. Em 1939, havia 47 Associações Escoteiras registradas, com um total de mais de 3.250.000 membros. Em 1946, o número de Associações aumentou para 49, e o total de filiados foi acrescido de perto de 800.000, chegando a 4.404.927 Escoteiros.

Em Gilwell Park, perto da Floresta de Epping, os líderes, conhecidos como Escotistas, com idades a partir de 22 anos, oriundos de todas as partes do mundo, são treinados no método que B-P estabeleceu no *Escotismo para rapazes*. Deste campo de treinamento, centenas de Escotistas selecionados partiram para organizar cursos similares de treinamento em seus próprios países ou outros países, e muitas outras centenas ainda hão de o fazer.

---

<sup>275</sup> Depois conhecido como Escritório Mundial, ou Bureau Mundial, e atualmente como Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM, da sigla em inglês).

O lugar do Escotista no programa Escoteiro é da maior importância. Ninguém o soube melhor do que o Fundador, que, de sua casa no Quênia, mandou a seguinte mensagem aos Chefes Escoteiros em 1939:

“Ao treinar nossos Escoteiros, devemos priorizar os mais altos objetivos, e não nos devemos absorver demais nas etapas. Que o técnico não seja mais considerado que o moral. Eficiência em campo, técnica mateira, campismo, jornadas, boas ações, o companheirismo dos Jamborees são meios, não o fim. O fim é o *caráter* – caráter com um propósito. E o propósito, que a nova geração seja sã num mundo insano... Que a nova geração seja sã... essas são, certamente, as palavras-chave”.

Antes da guerra, o Escotismo era geralmente visto como não mais que outra forma de acompanhamento para a vida normal de um garoto, complementando a influência de sua família, escola, amigos e o ambiente geral. É verdade que havia muitos garotos a quem faltava esse *background* normal, e sobre os quais o Escotista fazia um esforço especial. Mas, em geral, o Escotismo ainda era um jogo – a ser jogado a partir da segura base do lar, apoiado por pais que aprovavam o Escotismo por manter seus filhos fora do mau caminho, ou os tornava mais limpos, mais bem-comportados, ou mais interessados em coisas interessantes. Com a Segunda Guerra Mundial, entretanto, veio o teste. O Escotismo conseguiria sobreviver à proibição, à propaganda, à perseguição? A Europa Ocupada, os campos de concentração alemães, as prisões do Extremo Oriente deram a resposta. Nesses lugares tenebrosos, homens, mulheres, meninos e meninas, durante esses anos de horror, mantiveram sua fé no Escotismo e sacaram dos seus ideais e tradições a força mental e de propósito para aguentar. A Promessa e a Lei deram-lhes coragem e perseverança, o treinamento Escoteiro deu-lhes capacidade para resistir. O Escotismo não apenas sobreviveu, mas seus praticantes aumentaram grandemente em sua quantidade. Seguem-se alguns números.

<b>País/ano</b>	<b>1939</b>	<b>1946</b>
Bélgica	16.924	53.495
Tchecoslováquia	20.000	67.200
Dinamarca	18.116	36.675
França	93.985	211.727
Luxemburgo	2.192	4.864
Países Baixos	36.212	116.000
Noruega	14.934	22.534
Polônia	130.541	Desconhecido (ao redor de 150.000)

Estes números são conclusivos, e ao tomá-los em consideração é preciso lembrar, e este é um ponto importante, que o Movimento Escoteiro não foi um Movimento de Resistência. Os objetivos do Escotismo referem-se à paz e boa vontade, e as Associações Escoteiras em todos os países fizeram o máximo que puderam para prosseguir no trabalho de treinar os garotos como Escoteiros. Em muitos países, esse trabalho teve de ser feito clandestinamente, e todo esforço, nem sempre com o bom sucesso planejado, foi feito para garantir que os garotos não corriam perigo em serem Escoteiros. Foi deixado à consciência do indivíduo decidir por que ele maneira serviria sua pátria do melhor modo, e se o fato de ele ser Escoteiro ajudou-o a servir bem, não há necessidade de outra justificativa para a insistência de Baden-Powell quanto a precisar o Escoteiro ser treinado no dever para com Deus, a pátria e o próximo.

O principal motivo para o crescimento do número de Escoteiros durante a ocupação da Europa foi o fato de, nos anos entre os dois conflitos mundiais, tanto a população jovem quanto a adulta dos países envolvidos havia desenvolvido respeito pelos Escoteiros. Os adultos podem não ter sido entusiastas – apesar de muitos entre eles, especialmente pais, terem sido; os rapazes podem não ter sido Escoteiros – não obstante muitos terem sido –, mas quando ambos os

grupos descobriram que as organizações Escoteiras de seu país estavam entre os primeiros alvos de supressão, quando viram que a despeito da supressão o Escotismo continuou a ser praticado, e que aqueles que pertenciam ao Movimento atingiram os mais elevados padrões de serviço, a urgência para entrar nele tornou-se grande e, com o avanço da guerra, avassaladora. A importância atribuída por seus conquistadores totalitários aos movimentos juvenis cujo único propósito era criar tantos jovens nazistas e fascistas quanto possível, mostrou quão necessário era dispor de um modelo diferente de educação, baseado nos princípios de justiça e caridade.

Dos pais, portanto, veio o encorajamento. Proteger a vida doméstica era tão difícil quanto educar as crianças segundo os padrões aos quais os pais haviam sido acostumados e que consideravam corretos. Para os belgas, tchecos e outros homens e mulheres oprimidos de razão sóbria e entendimento claro, era óbvio que as tentações e confusões com que as crianças se defrontavam em seus países precisavam de um contraponto. No lar e na escola não havia como suprir isso, então os Escoteiros poderiam fazê-lo. A vida que as crianças na Europa entre 1940 e 1945 foram forçadas a viver foi um dos maiores crimes que a Alemanha cometeu contra a humanidade, apesar de não ter constado nos autos do processo de Nuremberg<sup>276</sup>. Lares e escolas foram destruídos aos milhares, e pais e mestres desapareceram – para a prisão, para o campo de concentração, para a Resistência, ou simplesmente escondendo-se. Muitas crianças experimentaram o choque de ver seu pai ou irmão mais velho no desjejum, e na hora do jantar descobrir que ele se fora, para talvez voltar em um ano ou dois, ou talvez para nunca mais. Outras conheceram a agonia de terem pais colaboracionistas, cuja conduta fez dos filhos alvo de apupos e reprovação perante seus camaradas que viviam em lares com corações mais fortes ou com menor egoísmo. Em sua solidão e confusão, o que

---

<sup>276</sup> Julgamento dos criminosos de guerra nazistas, em 1945-46

seria mais natural para garotos do que seguir o instinto gregário inerente aos jovens e juntar-se a uma Patrulha Escoteira, mesmo que ela só se reunisse ocasionalmente? Havia companheirismo para ser vivido, e por vezes até mesmo um acampamento proibido num bosque, sob a perene luz das estrelas.

Armadilhas mais insidiosas que as cavadas pelos alemães foram semeadas em seu caminho. As crianças dos países ocupados tiveram de aprender a mentir, a enganar, a furtar. As regras morais, que elas haviam aprendido em casa e na escola, haviam subitamente se tornado inválidas, não se devendo obedecê-las. Pais, professores, Chefes Escoteiros fizeram do engano uma virtude. Uma mentira podia salvar uma vida ou entregar um inimigo. As crianças tinham de aprender a não repetir o que ouviam em casa, ou, pior ainda, a não repetir em casa o que ouviram fora. Para viver era necessário enganar. Negociar no mercado negro era frequentemente o único meio de obter as mais básicas necessidades. Os rapazes eram ensinados a usar sua inteligência para obter os produtos essenciais para suas famílias, e apreciavam exercitar sua engenhosidade para fins que em tempos normais os poriam na cadeia.

Na escola, tinham de aprender novos assuntos: a língua alemã, a história do nazismo, o dever da criança para com o Estado. Em casa, se seus pais fossem “bons” – noutras palavras, se eles não fossem *quislings* (e quão mais difícil e confusas eram as coisas para as crianças cujos pais eram) –, elas eram encorajadas a cabular aula e não fazer o “para casa”. Se o professor fosse “bom”, ele encorajava as crianças a negligenciarem as tarefas escolares, pois estudar nos livros do inimigo era impatriótico. Via-se a sabotagem positivamente. Trabalhar fazendo corpo mole e negligentemente era uma forma fácil e segura; empregar erradamente ferramentas, destruir máquinas e fazer um mau trabalho era mais perigoso. Entretanto, ambos os sistemas eram patrióticos e como tal encorajados, assim como o era, quando possível, a

desobediência às ordens: razoáveis ou não, tinham sido emitidas pela potência ocupante.

Ao estender e dar continuidade à camaradagem entre seus membros, o Escotismo pôde dar uma contribuição importantíssima para remover ou aliviar os perigos causados por essa maneira de viver. O espírito de aventura atraiu os rapazes para o Escotismo; com o passar dos anos, ele se pareceu mais com um “movimento de resistência”. Eles curtiam a prática do disfarce, os sinais secretos, o acampamento escondido, a jornada camuflada, o uso do lenço proibido. Eles eram atraídos pelo Escotismo porque era clandestino, e ao aderir ao Movimento eles podiam aderir à luta contra o invasor. Eles foram bem e sabiamente empregados, pois seus líderes evitavam tanto quanto fosse possível arriscar suas vidas. Era Escotismo na sua melhor forma, porque destinava a bons fins as perversas condições da época; muito tempo livre, muito pouco controle; muitas tentações, muito pouca disciplina; sem possibilidade de viagem, nada de mudança de ambiente; tudo isso foi neutralizado pelo compartilhamento do trabalho real de resistência que os adultos realizaram com risco à sua própria vida e liberdade. Mais de um – muitos mais, na verdade – que era um Escoteiro de 13 ou 14 anos quando a guerra começou tornou-se um confiável líder da Resistência. Apesar de não haver treinamento militar no Escotismo, os Escoteiros aprendem a observar, identificar e lidar com os mais variados tipos de situações. Frequentemente foi observado que *maquisards* vindos das cidades não eram tão eficientes quanto os nativos da região, a menos que fossem, ou tivessem sido, Escoteiros.

Muito antes do fim da guerra, era uma profecia geral que o Escotismo “se ergueria novamente de sua própria livre vontade e concordância. Não há necessidade de forçar o crescimento. A planta é endêmica em quase todos os países do mundo. Aqui e ali ela poderá precisar – e precisará – de cultivo e fortalecimento”. Com o avanço dos exércitos libertadores pela Europa, a veracidade dessas palavras se mostrou cada vez mais patente. “A cortina escura da opressão foi

levantada em muitas partes da Europa”, grita um libertador. “A cena que se expõe é como esperávamos. O Escotismo vive e foi revitalizado. Ele continuou a florescer a despeito – ou talvez, por causa – da oposição”.

Assim que a guerra terminou, a Associação Escoteira [do Reino Unido] buscou estabelecer e manter contato com várias organizações mundiais. O grau de ligação variou de uma organização para outra, e era necessário muito cuidado para que não se associasse o Escotismo a qualquer corpo com motivação político-partidária. O Escotismo trabalhou com a UNRRA em muitos países diferentes em missões de assistência e reabilitação; mas sempre procurou fazê-lo diretamente e não por intermédio de algum dos numerosos corpos de coordenação, voluntários ou oficiais. Mensagens de amizade foram trocadas entre o Escritório Internacional e a Organização das Nações Unidas, e a *Boy Scouts of America* concordou em assumir qualquer ligação direta com as sedes da ONU. O Escritório Internacional designou o Comissário Internacional do *Scoutisme Français* para ser o oficial de ligação junto à sede da UNESCO em Paris. Ao tempo em que este livro é escrito, há 49 Associações Escoteiras reconhecidas como membros da Conferência Internacional e registradas junto ao Escritório Internacional Escoteiro. Elas representam 42 diferentes países, seis a menos que em 1939.

A força do Escotismo Mundial é mostrada na tabela apresentada no Apêndice II, na qual se pode ver o número total de membros ativos da Fraternidade Escoteira Mundial. Os números estão incompletos, pois não há menção a Escoteiros das Pessoas Deslocadas, nem de Escoteiros em países nos quais as Associações ainda não foram registradas, mas eles são significativos, pois mostram que o Movimento cresceu. O grande aumento no número de Escoteiros durante a guerra trouxe à frente o problema de encontrar líderes adequados e fornecê-les treinamento. Levará tempo para resolver, mas existem os recursos humanos e a vontade para fazer. Um parágrafo no *The Times*<sup>277</sup> diz:

---

<sup>277</sup> Grande jornal inglês.

“Numa emergência, frequentemente se descobre que há recursos físicos, mentais ou espirituais que vêm à tona, de cuja existência sequer se suspeitava. O que é preciso é ter certeza de que esses recursos internos estão sempre aí e sempre disponíveis, tanto para as necessidades do dia a dia quanto para os testes críticos de uma emergência”. Essa certeza, como o Jamboree de 1947 deu prova, não falta.

## **CAPÍTULO X**

### **DEVOÇÃO**

#### *O Jamboree da Paz.*

Ele parou, de pé, fora de sua barraca, uma silhueta dourada contra o céu de agosto. Entre seus dentes brancos estava uma maçã verde que, de tempos em tempos, era tirada para abocanhar um pedaço grande e satisfatório. Então, ele levantou a cabeça e, fitando os paredões de calcário além do rio, sorriu. Era a juventude sorrindo ao sol, e ele percorrera 10.000 milhas desde as Filipinas para participar do Jamboree da Paz.

A atividade foi aberta em 10 de agosto de 1947, em Moisson, a meio caminho entre Paris e Rouen, e era o 6º Jamboree desde a fundação do Escotismo. Os anfitriões eram os Escoteiros Franceses, mais de 10.000 deles. O pedido que lhes fora feito pelo Escritório Internacional em 1937, para que assumissem essa onerosa, porém honrosa tarefa, foi renovado em 1943, numa época em que não eram poucos os que estavam na prisão ou nas fileiras da Resistência, e todos vivendo numa atmosfera de terror e repressão selvagem. Tudo isso estava agora esquecido. O mundo revivera, e o verão se prolongou para saudar 40.000 seres cuja juventude, radiante e serena, poderia proclamar o nascimento de uma nova era, desde que o homem aprendesse as lições de duas guerras devastadoras. Naquele anoitecer de sábado, exatamente 40 anos após o primeiro acampamento Escoteiro na ilha de Brownsea, ao cair o crepúsculo, a vanguarda invadiu a arena onde os mastros das bandeiras apontavam delgados dedos para as primeiras estrelas luzentes. Eles vieram dos quinze subcampos, cada um com o nome de uma província da França, despejando-se pelas rampas de madeira das arquibancadas, saudando e gritando em vinte idiomas, cada nação desfilando com todos juntos, de braços dados. Os Escoteiros escoceses seguindo suas gaitas-de-fole, os tchecos atrás de sua banda entusiasticamente aplaudida. Os Escoteiros norte-

americanos vinham atrás de dois peles-vermelhas com cocares esplêndidos. Escoteiros com turbantes verdes e brancos da Índia, Hindustão e Paquistão, que cinco dias antes haviam celebrado em tocante e feliz harmonia a independência de seus dois países. Austríacos e italianos, um tanto tímidos e constrangidos pela acolhida que receberam, húngaros com seus ornamentos plumares, egípcios usando fez, suíços com seus bonés em formato de crânio, mexicanos em todo o esplendor dos serapés, gregos com saiotas amplos, filipinos com chapéus de palha, mouros de pele escura. Por três quartos de hora, enquanto o dia morria com esplendor por sobre os pinheiros e carvalhos da floresta, uma nação seguia a outra até que o grande espaço estava todo ocupado e fez-se silêncio para que o General Lafont, Escoteiro-Chefe da França, falasse.

Ele deu as boas-vindas aos garotos e rapazes que vieram de 42 países para provar que a fraternidade – essa palavra tão exaustivamente usada e tão valorizada – podia, em Moisson como em qualquer outro lugar no mundo Escoteiro, ser definida com precisão como a expressão da camaradagem e da comunhão de sentimentos. Ele terminou sua alocução e por fim, quando terminaram os discursos dos líderes vivos e a voz do Escoteiro-Chefe Mundial [B-P], parecendo vir do além-túmulo (pois suas palavras haviam sido gravadas quatro anos antes de sua morte), se esvaneceu, “todo mundo de repente começou a cantar”. As velhas canções rolaram pela arena enquanto eram trazidas para dentro dela relíquias de encontros passados, entre carvões do Fogo de Conselho aceso em Vogelenzang, Holanda, que sediara o último Jamboree em 1937. Agora, dez anos depois, eles se acenderam novamente, e da sua chama 5.000 tochas foram acesas e mantidas no ar na noite que envolvia. O Jamboree da Paz começara, e durante dez dias os sorrisos e apertos de canhoto dos Escoteiros “transpuseram todas as barreiras de classe, cor e credo”.

O cenário era uma bacia rasa de areia, banhada por um lado pela rápida corrente do Sena, no meio do qual, numa ilha, os Escoteiros do

Mar se instalaram; do outro lado, uma linha de paredões de calcário cobertos por árvores de pequeno porte. No topo de uma das elevações ficava um castelo em ruínas, a lembrar aos Escoteiros do passado histórico, e a seus pés um prédio moderno onde, em tempos menos cavaleirosos, Erwin Rommel estava quando lhe trouxeram notícias de que Montgomery havia desembarcado em Arromanches. Neste cercamento natural, metade bosque, metade espaço aberto, instalou-se o acampamento, uma verdadeira cidade feita de barracas, colorida como uma colcha de retalhos – levava mais de uma hora para atravessá-lo a pé de um lado ao outro. Verdes, brancas, azuis, vermelhas, alaranjadas, verde-oliva, as barracas ficavam “bem alinhadas” em fileiras bem espaçadas e abertas ao sol e ao ar, e também à poeira. O solo dos bosque de Moisson é arenoso e a água da chuva se drena rapidamente sobre ele; mas no tempo seco, como o que predominou no Jamboree, ele se esfacela facilmente, e sua presença logo era universal. Mas naquele brilhante agosto de esperanças, quem se importava? Os corpos morenos brilhavam na luz forte; as bandeiras, ainda mais multicoloridas que as barracas, tremulavam ou pendiam nos mastros; a ferrovia leve, que havia sido construída para o Jamboree e fazia um círculo ao redor do campo usando veículos trazidos da Linha Maginot<sup>278</sup>, transportou mais passageiros por metro quadrado que qualquer outra no mundo.

Cada subcampo tinha suas próprias características, que eram as dos seus habitantes. Os Escoteiros Judeus e o contingente francês da Borgonha instalaram suas barracas em plataformas, fazendo um campo de dois andares; os italianos ficavam em barracas com sobreteto; os Escoteiros neozelandeses decoraram as suas com motivos Maoris; os Escoteiros do Marrocos estenderam tapetes sobre o chão; os da Holanda

---

<sup>278</sup> Linha de fortificações erigida no período entre as duas guerras mundiais, na fronteira franco-alemã, com o intuito de impedir uma invasão da França pelos germânicos. Em 1940, porém, os teutônicos simplesmente desbordaram a Linha Maginot pelos lados – atacando na Bélgica e nas Ardenas – e por cima – com a aviação.

decoraram o campo com a cor nacional, o alaranjado, e os do Egito, com o amarelo-claro do deserto. Na entrada das instalações de cada representação nacional, havia sido construído um portal, ou um emblema construído com bastões ou tecidos engenhosamente dispostos de maneira a evocar algum monumento ou figura legendária do país. O Gigante de Lille, com a Insígnia Escoteira em seu poderoso peito, sustentava-se sobre o campo de Flandres, e bem próximo ficava a silhueta de uma fábrica de tecidos. A Catedral de São Paulo, construída com galhos e ornamentada, surpreendentemente mas de forma muito alegre, com os brasões dos distritos londrinos, presidia as instalações dos Escoteiros de Londres; um alto portão quadrado dava acesso ao campo marroquino; um grande tamanco feito de lona denunciava onde estavam os holandeses; um touro indicava o lugar dos Escoteiros do Languedoc; uma esfinge guardava as barracas dos egípcios; *wigwams*<sup>279</sup> pontilhavam o campo norte-americano. Os Escoteiros da Lorena usaram 10 m<sup>3</sup> de madeira de pinheiro, três quilômetros de cordões, 450 m<sup>2</sup> de velas e 100 de bandeirolas para construir uma réplica em tamanho real do *Porquoi-Pas*, o navio do explorador Charcot<sup>280</sup>, e os Escoteiros da Bretanha instalaram uma representação da Crucifixão esculpida por eles mesmos.

O centro de tudo era o grande estádio com o mundo, um grande globo verde, ancorado no final da avenida que a ele conduzia, e por perto ficavam as lojinhas com mercadorias. Ali a comida era distribuída para que cada Tropa a pegasse e cozinhasse à maneira de seu país, e bem à mão ficavam os locais de oração, onde Escoteiros de todas as crenças podiam adorar seu Deus conforme sua consciência.

A principal regra do Jamboree era que não haveria regras. Dentro dos limites de uma tal disciplina comum, como é necessário para viver em comunidade, todos eram livres para fazer o que lhes interessasse,

---

<sup>279</sup> Tendias de forma cônica dos índios norte-americanos.

<sup>280</sup> Jean-Baptiste Charcot (1867-1936), navegador francês. Não confundir com seu pai, o médico e psiquiatra Jean-Martin Charcot (1825-1893).

das 10 da manhã às 10 da noite. Nessa atmosfera de liberdade, a exata e planejada antítese dos severos eventos da *Hitler Jugend* e *Balilla*, passaram-se os dias de agosto. Passaram-se em apresentações nacionais encenadas perante plateias internacionais, em competições de Patrulhas e explorações, em oficinas técnicas, na escalada do “Mont Blanc”, uma perigosa montanha de bastões e lona, ou em saltar de uma torre de paraquedismo, verdadeiros testes de coragem, ou em nadar perto de onde o famoso *Minotaur* do resgate de Dunquerque estava fundeado, em visitar as cidades de Paris e Rouen, mas além e acima de tudo em fazer amizades. Esse foi, de fato, o primeiro e final objetivo do Jamboree de 1947, como foi o dos outros. Ao velho adágio “Conhece-te a ti mesmo”, Baden-Powell adicionou o corolário: “Conhece outras pessoas”, e em Moisson 30.000 dispuseram-se com alegria a essa tarefa. Eles trocaram ou negociaram pertences – distintivos eram os principais itens –, ensinaram uns aos outros seus jogos e idiomas; à noite, eles cantaram juntos as canções Escoteiras enquanto as chamas dos fogos de campo uivavam e estalavam, e a fumaça fazia as estrelas piscarem, e certamente os fantasmas de seus companheiros mortos, cujo espírito não pôde ser morto, riram com eles desde as sombras.

Em pouco tempo, a fácil intimidade da juventude se estabeleceu, e piadas de acampamento e lorotas foram vindo à tona. Foi dito que os Escoteiros americanos tinham trazido refrigeradores infláveis de borracha, abridores de lata automáticos e marretas jatopropelidas para bater os espeques. Os Escoteiros suíços instalaram grandes velas em seu campo para dar aos passantes oportunidade de fazer alguma gracinha a respeito da Marinha Suíça; de temperamento mais macabro, os Escoteiros escoceses enforcaram um esqueleto com uma tabuleta: “Ele deixou queimar o mingau”. Como em outros Jamborees, os Escoteiros descobriram muitas coisas de seus irmãos de outras raças. Deixemos um Escoteiro de 1ª Classe de Southend falar por todos: “Os noruegueses são mais espertos que nós, os franceses nos mostraram que não somos tão bons em escalada como eles, e eu gostaria muito que

conseguíssemos cantar tão harmonicamente quanto eles quando num coro. Os belgas nos mostraram como se fazem ornamentos e insígnias escoteiras muito melhores do que os nossos, e eles ensinam camaradas que não manjam nada de música a tocar qualquer instrumento musical com muita facilidade”. Esse garoto de Essex fez soar uma nota modesta, mas inquiridora, e que foi repetida *da capo*<sup>281</sup> por todo o acampamento, em toda língua e sotaque. Pois esses rapazes estavam tão ansiosos por aprender quanto por ensinar, e ao fazer ambas as coisas eles descobriram que as palavras “fraternidade” e “camaradagem”, banalizadas pela repetição e frequentemente ineficazes pelo mau uso, tinham para eles um significado literal do mais feliz augúrio para o futuro. Em Moisson eles aprenderam em uns poucos dias uma lição que os seus maiores ainda estão lentos em aprender, e fazendo isso deram um exemplo que o mundo faria muito bem em seguir.

Assim, os Escoteiros que participaram do 6º Jamboree Mundial passaram o tempo despreocupadamente como o fizeram no mundo dourado dos sonhos, e com seu bem merecido regozijo levemos ao fim esta breve história de um período, amargo, prolongado, porém transitório da história do Escotismo. Durante seis anos de guerra, no tormento das prisões e câmaras de tortura, em meio à lenta inanição dos campos de concentração, mesmo na asfixiante morte das câmaras de gás, seu espírito chamejou indômito e teve êxito sobre mais males que qualquer ser tenha recebido desde que Átila, o huno, devastou a Europa e Gênghis Khan construiu sua pirâmide de crânios às portas de Samarkand. B-P, aquele velho e gentil guerreiro, que não viveu para ver em Moisson a feliz colheita daquilo em que pôs fé, plantou uma semente fecunda e forte. A seca precoce do cinismo ou da indiferença não pôde sufocá-la, e duas guerras em vinte anos acabaram servindo para estimular seu crescimento. Será demais esperar que amanheça o dia

---

<sup>281</sup> Expressão da linguagem musical que significa repetir completamente um trecho musical.

quando, tal como a árvore da semente de mostarda, a árvore Escoteira poderá espalhar seus ramos e cobrir o mundo inteiro?

## **APÊNDICE I**

### **SERVIÇOS PRESTADOS**

**ARP** (*Air Raid Precaution*): vigilantes, mensageiros, equipes de descontaminação, telefonistas, várias tarefas auxiliares internas em Prefeituras, Centros de Controle, etc.; entrega de mensagens de convocação para pessoal da ARP; mensageiros para pessoal da ARP; motoristas e transportadores de pessoal da ARP; policiamento em abrigos antiaéreos, trincheiras, muretas de sacos de areia, etc.; preenchimento e escoramento de sacos de areia; camuflagem de prédios; escurecimento e disfarce dos focos de luz de prédios públicos e privados; missões de escolta para pessoal feminino da ARP dos turnos da noite; montagem, ajuste, distribuição, reparo e desinfecção de máscaras contra gases; confecção, distribuição e reparos em contentores de máscaras contra gases; confecção de chocalhos para alerta; construção de abrigos para os velhos e fracos; auxílio a moradores para cavar trincheiras; provimento de mensageiros para avisar aos surdos dos alertas de ataque aéreo e de “tudo limpo”; serviço de guia para velhos, fracos, mães, crianças e recém-chegados durante *black-out*; patrulhamento durante o *black-out* e coordenação do trânsito; pintura e escrita em capacetes de metal; treinamento de equipes civis de padioleiros; extração de água por bombeamento de abrigos Anderson; auxílio no trabalho de resgate; serviço de entrega de água; tripulação de postos da ARP; guia de mães e bebês para abrigos; vigilância de incêndios; caiação de meios-fios e canteiros das ruas; guarneamento de cruzamentos de estradas durante *black-out*; montagem de camas de criança em abrigos; entretenimento nos abrigos; guia de equipes de substituição para os postos; construção de abrigos internos [abrigos Morrison].

**AFS** (*Auxiliary Fire Service*): bombeiros, mensageiros, guias, operadores de telefone.

**Serviço de Emergências do rio Tâmisia:** operadores de telefone, padioleiros, sinaleiros.

**Polícia:** agentes especiais; serviço policial reserva de guerra; mensageiros; guias; direção do tráfego; distribuição de avisos; reforço à guarnição de postos policiais.

**Hospitais e postos de primeiros socorros:** doação de sangue; enfermeiros; auxiliares qualificados para primeiros socorros; examinadores; padioleiros; mensageiros para os hospitalários de São João e da Cruz Vermelha; mensageiros e serviços de hospitais; mensageiros e solicitadores de doadores de sangue; postos de primeiros socorros e clínicas em áreas rurais; pacientes para treinamento de enfermeiros e figurações para treinamento da ARP; guarda aos portões dos hospitais; assistentes de raio-X; colata de revistas e livros para hospitais; barracas-enfermaria montadas, equipadas e tripuladas; sedes de Tropa preparadas como estações emergenciais de primeiros socorros; coleta de musgos esfagno<sup>282</sup>; coleta de papel alumínio para a Cruz Vermelha; coleta de açafraão, ovos, urtigas, raízes de dente-de-leão.

**Evacuação:** escoltas e guias em pontos de reunião; auxílio nos procedimentos de embarque em trens; acompanhamento de grupos de crianças; auxílio com as bagagens; construção de latrinas temporárias; escoltas e guias entre a estação e o alojamento; listagem e mapeamento de alojamentos; identificação com etiquetas dos pertences dos evacuados; distribuição de roupas; empréstimo de cobertores; enchimento de colchões; embalagem e distribuição de rações; secagem de vestuário e roupas de cama; provimento de equipes temporárias de serviços domésticos nos alojamentos; limpeza e reparos em casas vazias para servirem de alojamento; mensageiros para variados serviços; provimento de equipes de cozinha e de serviço à mesa nos Centros de Alimentação Comunitária; provimento de acomodações temporárias;

---

<sup>282</sup> Serve de substrato para plantas e como emplastro para auxiliar na cicatrização de ferimentos.

limpeza de celeiros para alojar evacuados; aluguel de equipamento de cozinha.

**Forças Armadas:** Corpo de Observadores [vigilantes do ar]; serviço nos postos de escuta [de aviões]; auxiliares no serviço dos balões de barragem; mensageiros; vigilantes da costa; sinaleiros e auxiliares em algumas instalações específicas; mensageiros e sinaleiros para as autoridades navais; mensageiros para o Ministério do Ar e algumas repartições do Ministério da Guerra; abertura de estradas para unidades militares; limpeza de rotas para a Guarda Costeira; guarnição de peças de artilharia antiaérea por Pioneiros; auxílio na evacuação de Dunquerque; guias para cantinas destinadas às Forças Armadas de Sua Majestade; instalação de clubes para as Forças Armadas; guarnição de postos de escuta.

**Agricultura:** preparação de feno; colheita; conserto de cercas vivas; cultivo de hortas de homens servindo nas Forças Armadas; ordenha de vacas de homens servindo nas Forças Armadas; cultivo de hortas em escolas; coleta de flores de lúpulo; preparação de lotes para cultivo; coleta de frutas; trabalho em terrenos (lotes) de homens servindo nas Forças Armadas; avicultura; cultivo de árvores; coleta de lavagem para porcos; conservação de frutas.

**Serviço Doméstico de Defesa, Guarda Territorial** (*Home Guard*): membros; mensageiros; guias e identificadores de caminhos; instrutores (tocaia, rastreamento, etc.).

**Refugiados:** auxílio nos centros de distribuição; cozinheiros; guardas noturnos; mensageiros; guias; auxiliares diversos; empréstimo de equipamento; organização e condução de horas de lazer e reuniões de instrução.

**Diversos:** coleta de papel; cessão de sedes para vários Serviços Nacionais, para fins diversos; mensageiros para bancos e firmas; pessoal para operar as Agências de Orientação ao Cidadão; auxílio ao Registro Nacional; mistura de pasta alvejante em depósito técnico, fazendo subir a taxa diária de fornecimento de 150 para 2.000 unidades

até a tarefa ser completada; distribuição de avisos e diretrizes urgentes para os municípios; manutenção da limpeza das ruas; coleta de lixo; abate de árvores e corte de madeira; assistência em turnos de entrega de leite devido à falta de trabalhadores; compras para os cegos; obtenção de água para mulheres sem homens para auxiliar; pintura de esquinas, postes de iluminação, etc.; ligação de aldeias na zona rural por meio de Patrulhas de mensageiros ciclistas Escoteiros; confecção de baterias de lanternas artesanais; cultivo de linho; busca e tratamento de animais após reides aéreos.

**APÊNDICE II**  
**CENSO DE ASSOCIAÇÕES ESCOTEIRAS, COM NÚMERO TOTAL DE**  
**FILIADOS EM 1939 E 1947, RESPECTIVAMENTE.**

<b>ASSOCIAÇÃO</b>	<b>TOTAL 1939</b>	<b>TOTAL 1947</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
Afeganistão	352	-	Atualmente não registrada
América (EUA)	1.271.900	2.063.397	
Argentina	5.500	10.300	
Escoteiros Armênios	884	2.335	
Áustria	-	5.260	Inexistente em 1939
Bélgica	16.924	53.495	
Brasil	10.689	10.689	
Bulgária*	6.206	-	Atualmente não registrada
Canadá	-	98.794	Quantidades de 1939 incluídas sob Grã-Bretanha
Chile	7.606	16.568	
China**	315.776	315.776	
Colômbia	966	966	
Costa Rica	316	950	
Cuba**	3.590	1.854	
Tchecoslováquia*	20.000	67.200	
Dinamarca	18.116	36.675	
República Dominicana	1.227	600	
Equador	450	450	
Egito	10.134	8.000	
El Salvador	-	536	Inexistente em 1939
Estônia*	7.249	-	Atualmente não registrada

			registrada
Finlândia	12.358	17.389	
França	93.985	211.727	
Grã-Bretanha (Império Britânico)	698.885	604.249	1939 inclui Canadá, agora registrado separadamente
Grécia	12.000	41.722	
Guatemala	150	709	
Haiti	-	709	Antes não registrada
Hungria**	59.500	30.000	
Islândia	1.164	2.112	
Índia	285.502	414.649	Total inclui 24.830 de Madras
Irã	10.483	-	Atualmente não registrada
Iraque	33.481	-	Atualmente não registrada
Itália	-	64.220	
Japão	3.100	-	Atualmente não registrada
Latvia (Letônia)*	8.174	-	Atualmente não registrada
Líbano	-	2.196	Registrado junto com a Síria em 1939
Liechtenstein	416	422	
Lituânia*	8.881	-	Atualmente não registrada
Luxemburgo	2.192	4.864	
México	1.105	4.721	
Países Baixos (Holanda)	36.212	116.000	

Nicarágua	-	740	Antes registrada junto com os EUA
Noruega	14.934	22.534	
Peru	1.225	1.855	
Filipinas	-	61.379	Antes registrada junto com os EUA
Polônia*	130.451	-	Atualmente não registrada
Portugal	3.009	2.638	
Escoteiros Russos (Associação Nacional)*	1.121	-	Atualmente não registrada
Sião (Tailândia)	98.747	-	Atualmente não registrada
África do Sul	25.284	25.168	
Espanha	-	-	Dados não disponíveis
Suécia	23.786	51.135	
Suíça	19.724	25.010	
Síria	11.787	-	Dados de 1939 referem-se a Síria e Líbano juntos
Venezuela	4.690	4.853	
Iugoslávia*	4.828	-	Atualmente não registrada
TOTAL GERAL	3.305.149	4.404.927	

\*Comunismo implantado logo após a guerra. Sem Escotismo até a mudança de regime.

\*\* Comunismo implantado nos anos da Guerra Fria. Com a mudança de regime, reativaram o Escotismo.

## POSFÁCIO

Chegamos ao fim desta jornada de leitura. O prezado leitor, ao acompanhar esta história feita de pequenas histórias, certamente riu com os estratagemas usados para tapear o ocupante; deve ter arrepiado os cabelos com certos relatos, especialmente dos campos de prisioneiros e de concentração; possivelmente, veio-lhe um ligeiro ardor nos olhos em algumas passagens tocantes desta narrativa. Para a maioria dos nossos contemporâneos aqui no Brasil, felizmente, muito do que aqui se contou pode ser, no máximo, imaginado: a simples amostra pode ser chocante<sup>283</sup>.

Comentei, na introdução, que a mortandade na Segunda Guerra Mundial, além de numericamente maior, se deu de maneira mais perversa que na Primeira. Basicamente, a Primeira Guerra foi uma disputa de base territorial e econômica, de certa forma ainda restrita ao campo de batalha, aos exércitos e aos governos. A Segunda foi desencadeada por uma ambição territorial e econômica baseada numa hipótese de “supremacia racial” transformada em artigo de fé e materializada na “guerra total”. Quando se trata de uma “guerra santa”, fundamentada em crença e na anulação do indivíduo, o respeito ao ser humano é soterrado. Assim, não apenas os dissidentes políticos foram isolados, neutralizados e mesmo mortos. As pessoas comuns e não empenhadas em combate, se pertencentes a grupos vistos como “sub-humanos”, tiveram negados seus direitos fundamentais e foram submetidas a condições inomináveis, e só sobreviveram a elas por razões que às vezes beiram o maravilhoso – um benfeitor, sorte, resistência física, resistência psíquica, senso de propósito, apoio grupal mútuo, fé. Exemplar é o caso do não-Escoteiro Viktor Frankl<sup>284</sup>, que

---

<sup>283</sup> Tive essa experiência de proximidade fazendo parte, por seis meses, da Força de Paz da ONU em Angola – UNAVEM III, em 1996. O país vivia uma guerra civil.

<sup>284</sup> Psiquiatra austríaco (1905-1997), fundador da escola da logoterapia, que se baseia na atribuição de sentido à existência pelo indivíduo.

sobreviveu ao gueto e ao campo de extermínio (Auschwitz) por ter mantido sua resistência psíquica; estabeleceu um propósito, e isso lhe deu motivo para manter-se fisicamente forte e mentalmente alerta para produzir material que auxiliaria outras pessoas por via do trabalho psiquiátrico; nas agruras de Auschwitz, fortaleceu sua tese do valor do significado na preservação da saúde psíquica. Assim foi com os Escoteiros. O serviço ao próximo, o companheirismo, o “não deixar o camarada na mão”, a própria resistência contra uma concepção sórdida de uma humanidade escalonada e contra a supressão da liberdade de pensar e se expressar; tudo isso, formas de significado, que motivaram os Escoteiros a continuar a luta – combatendo nas Forças Armadas, atrapalhando o inimigo nos países ocupados ou mantendo-se vivos nos locais de prisão (deixar-se morrer seria dar razão ao opressor). Numa guerra por valores, aqueles fundados na liberdade, igualdade e fraternidade terminaram por se mostrar mais desejáveis para os seres humanos que os de controle, supremacia e extermínio. Como disse Shakespeare pela boca do rei Henrique<sup>285</sup>: “Quando doçura e crueldade disputam um reino, o mais humano dos jogadores é o que ganha mais depressa”.

Prova de têmpera, sim, foi a Segunda Guerra Mundial, por isso: o combate, mais que no campo de luta, se deu nos corações e mentes das pessoas; o sofrimento estendeu-se não apenas aos guerreiros, mas às populações civis bombardeadas, privadas de alimentos, privadas de liberdade, proibidas de ter fé. E a vivência, por jovens de todas as idades, da lealdade, do serviço, da bondade, da alegria, da criatividade foi, em cada lugar, uma pequena lâmpada para ajudar a levantar as trevas da ignorância, da intolerância e da opressão.

Em pleno século XXI, mais de setenta anos decorridos do fim do grande conflito, não conseguimos ainda nos livrar desses fantasmas. Ignorância, intolerância e opressão de várias cores continuam a nos

---

<sup>285</sup> *Henrique V*, ato III, cena VI.

assombrar, a um ponto em que podemos duvidar do que acreditamos. Mas então, vem não uma resposta, mas duas perguntas: todos podemos ter acesso ao conhecimento, escolher em que acreditar, escolher em que trabalhar, brincar juntos, comer juntos, ser respeitados pelo que somos? É mais prazeroso tratar os outros de formas como gostaríamos de ser tratados ou fazer o contrário, sujeitando-se ao risco de estar na ponta recebedora dos maus tratos? Essa é a mensagem de esperança que este livro traz: que esse sistema educativo apresentado por um homem de grande visão nos ajude a encontrar o melhor caminho para responder a essas perguntas.

## OBRAS COMPLEMENTARES

- BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **The Matabele campaign, 1896**. London: Methuen & Co., 1897 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).
- \_\_\_\_\_. **The Downfall of Prempeh**. London: Methuen & Co., 1900 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).
- \_\_\_\_\_. **The adventures of a spy**. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).
- BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BELMONTE (Benedito Bastos Barreto). **Caricatura dos tempos**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália**, 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRONIEWSKI, Stanislaw. **Heróis Escoteiros**: a saga dos Escoteiros poloneses durante a ocupação nazista e comunista. São Paulo: Sociedade Paulista para Desenvolvimento do Escotismo, 2002.
- FERNANDES, Fernando Lourenço. **A estrada para Forno**: a FEB-Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944-45. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- GARDNER, Howard. **Leading minds**: an anatomy of leadership. New York: Basic Books, 1995.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2.174 dias que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- HASTINGS, Max. **Inferno**: o mundo em guerra, 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- KLEMPERER, Victor. **LTI**: a linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

- KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LARIGAUDIE, Guy de. **Estrela de alto-mar**, 7.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- LIMA, Rui Moreira. **Senta a pua!** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- LORD, Walter. **O milagre de Dunquerque**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- LUKACS, John. **O duelo**: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ROBERTS, Andrew. **A tempestade da guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- RYAN, Cornelius. **Uma ponte longe demais**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.
- SHAKESPEARE, William. **Henrique V**. Porto: Lello & Irmão, 1955.
- SPEER, Albert. **Por dentro do III Reich**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- ZIEMER, Gregor. **Educando para a morte**. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1943.

## FILMES

- Uma ponte longe demais (*A bridge too far* – 1977), dirigido por Richard Attenborough.
- Império do Sol (*Empire of the Sun* – 1987), dirigido por Steven Spielberg.
- Educando para a morte (*Education for death* – 1943), filme de animação da Walt Disney Productions, dirigido por Clyde Geronimi, disponível no YouTube.
- Fugindo do inferno (*The great escape* – 1963), dirigido por John Sturges.
- A ponte do rio Kwai (*The bridge on the river Kwai* – 1957), dirigido por David Lean.
- O resgate do soldado Ryan (*Saving Private Ryan* – 1998), dirigido por Steven Spielberg.
- Esperança e glória (*Hope and glory* – 1987), dirigido por John Boorman.
- A menina que roubava livros (*The book thief* – 2013), dirigido por Brian Percival.
- Os heróis de Telemark (*The heroes of Telemark* – 1965), dirigido por Anthony Mann.
- Filhos da guerra (*Europa, Europa* – 1990), dirigido por Agnieszka Holland.
- Rosa da esperança (*Mrs. Miniver* – 1942), dirigido por William Wyler.
- Zulu (*Zulu* – 1964), dirigido por Cy Endfield.
- O paciente inglês (*The English patient* – 1996), dirigido por Anthony Minghella.